

na
Pegada *do*
XERIFE

Trilogia na Pegada - Livro 2

AGATHA SANTOS



na *Pegada* *do* **XERIFE**

Trilogia na Pegada - Livro 2

Agatha Santos

2021

Copyright © Agatha Santos

Capa e Diagramação: **Criativa TI**

Revisão: **Bah Pinheiro**

Leitura Final: **Aldria Cristina**

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Sumário

[Sinopse](#)

[Dedicatória](#)

[Agradecimentos](#)

[Nota da Autora](#)

[Prólogo](#)

[Xerife](#)

[Capítulo 1](#)

[Tetê](#)

[Capítulo 2](#)

[Tetê](#)

[Capítulo 3](#)

[Xerife](#)

[Capítulo 4](#)

[Xerife](#)

[Capítulo 5](#)

[Xerife](#)

[Capítulo 6](#)

[Xerife](#)

[Capítulo 7](#)

[Xerife](#)

[Capítulo 8](#)

Tetê

Capítulo 9

Tetê

Capítulo 10

Tetê

Capítulo 11

Tetê

Capítulo 12

Tetê

Capítulo 13

Xerife

Capítulo 14

Xerife

Capítulo 15

Xerife

Capítulo 16

Tetê

Capítulo 17

Tetê

Capítulo 18

Xerife

Capítulo 19

Tetê

[Capítulo 20](#)

[Xerife](#)

[Capítulo 21](#)

[Tetê](#)

[Capítulo 22](#)

[Xerife](#)

[Capítulo 23](#)

[Tetê](#)

[Capítulo 24](#)

[Xerife](#)

[Capítulo 25](#)

[Xerife](#)

[Capítulo 26](#)

[Tetê](#)

[Capítulo 27](#)

[Tetê](#)

[Capítulo 28](#)

[Xerife](#)

[Capítulo 29](#)

[Tetê](#)

[Capítulo 30](#)

[Xerife](#)

[Capítulo 31](#)

[Tetê](#)

[Capítulo 32](#)

[Tetê](#)

[Epílogo](#)

[Tetê](#)

[FIM](#)

[Sobre a Autora](#)

[Outras Obras](#)

Sinopse

Uma breve passagem por um hotel rendeu a eles um momento inesquecível, mesmo que para ele parecesse um sonho quente e molhado.

O delegado de Santino vive sua vida de forma tranquila, cuida da cidade e mora em uma casa afastada, longe o suficiente de qualquer contato mais íntimo com as pessoas.

Marcado por um passado vergonhoso, o xerife, assim chamado por todos, não procura um envolvimento mais profundo do que uma noite quente ocasional.

Tetê, a mulher que espanta e contradiz todos em ações, sai de Palomino às pressas e desembarca em Santino, envolvida em confusões.

Dona de atitudes tempestuosas, sem trava na língua e um pudor nada convencional, ela enfrentará vários embates para se encaixar na cidade e, principalmente, na cama do delegado.

Eles não querem compromisso, fogem de um relacionamento, mas não resistem ao fogo que os cerca quando estão próximos.

O apelido de diaba tem um motivo e você vai querer ser uma até o final desta história.

Dedicatória

Ela merece este livro todo, obrigada pelo apoio e empolgação com os personagens, a você, Jess Bidoia.

Agradecimentos

A benção divina de estar viva e por compartilhar o meu mundo com vocês nunca terá preço.

Gratidão à minha família, que apoia meu sonho e entende meus limites.

Ao meio literário, pela acolhida e carinho comigo e meus universos criados.

E obrigada à Ágatha criança, que sonhava tanto, mas que aprendeu na caminhada da vida a traçar seus planos e metas e, claro, arriscou quando foi necessário.

Nota da Autora

Este livro contém uma história única e independente. Apesar de compor a trilogia “Na Pegada”, o enredo é focado por completo no novo casal, com alguns personagens já conhecidos e outros novos.

Respeitando o cenário e a forma regionalista proposta, a trama traz a personagem Tetê, que participou da série “Homens de Palomino” e agora tem a oportunidade de contar sua forma ver e viver a vida.

A linguagem abordada retrata o cotidiano interiorano, inspirado nos costumes e dialetos da região de Goiás, apesar de ser ambientado em cenário fictício.

Espero que curtam a história e se apaixonem pelo casal avesso que é Matias e Tetê.



Prólogo

“À noite todos os gatos são pardos”

A chuva torrencial cai destemida do lado de fora, quando Matias passa pela portinhola do Bar da Dulce, bate as botas no chão e sacode o corpo para dispersar as gotículas de água que caem da sua jaqueta de couro marrom.

Caminha determinado até o canto mais escuro do balcão, o salão, parcialmente vazio em um dia de semana, o garante sossego, pois ainda não se sente sociável o bastante para interagir com um estranho.

Sua confiança no ser humano está perdida, cada vez que repassa a cena de meses atrás na mente, sente o amargor invadir seu palato, os dedos se espremem em punho cerrado e a mandíbula dói com o aperto involuntário.

— Boa noite, senhor. — Ele ergue os olhos para a voz feminina firme e encontra uma morena linda lhe encarando.

Seus cabelos presos em um coque displicente no topo da cabeça, camisa xadrez vermelha, olhos maquiados, lábios cheios e um semblante determinado.

— Boa noite. Quero algo forte.

— Dia difícil?

— Meses difíceis... — O homem desvia os olhos quando a dor que carrega se manifesta no olhar.

A atendente lhe serve uma dose e tem o cuidado de deixar a garrafa ao lado do copo, antes que se afaste, ambos trocam um olhar significativo e,

com um acenar de cabeça, ela se afasta ao ouvir um homem chamar do outro lado do balcão.

Encara sua figura se afastar, o homem que a chamou está nitidamente encantado por ela, já que seu sorriso se alargou a ponto de fazê-lo parecer um idiota perante todos. Os olhos tão reluzentes que seriam capazes de iluminar uma rua escura.

— *Puff...* — Matias solta, sem conseguir conter sua indignação.

Sorve a dose servida pela morena bonita, torna a encher o copo americano e quando o alça, pronto para virar outra, um cheiro diferenciado invade seus sentidos e o desperta da amargura que estava se afundando a cada gole de álcool.

— Pelo jeito, o amor te incomoda tanto quanto a mim. — Seu olhar corre para o lado que a voz aveludada lhe chama.

O cheiro se torna ainda mais presente e uma leve tontura o toma, que é atribuído à quantidade de álcool ingerida hoje, mas talvez, o cheiro de laranjas frescas que o tenham jogado para uma lembrança infantil.

Quando corria descalço pela plantação nas terras do seu pai, brincando com os filhos dos funcionários, um tempo feliz, o qual podia acreditar e ter fé no caráter humano.

— Pior...

A mulher tem uma beleza excêntrica e exagerada, quase lembra um desenho pintado à mão e pela vestimenta faz jus aos sonhos eróticos de qualquer homem.

Cabelos dourados e compridos, olhos esfumaçados de preto, a íris escura e carregada, parece ocultar alguma coisa que o sorriso escrachado não deixa transparecer. Boca grande, pintada de vermelho, que combina

perfeitamente com o vestido colado pelo corpo violão.

— Não vai me oferecer uma bebida?

— *Tô sozinho, dona.* — Apesar de atraído por seu cheiro e beleza, Matias prefere se resguardar.

— Pode me chamar de Tetê e fico feliz de saber que está sozinho, peão.

— Não sou peão.

— Então, qual seu nome? — A mulher inclina o corpo para frente e invade o espaço pessoal de Matias.

Seus sentidos se alarmam, um calorão se alastra de suas entranhas e desperta o desejo que há algum tempo havia perdido. A sensação desperta o interesse dele, já que jurava não conseguir mais desejar mulher alguma.

— Pode me chamar de xerife.

— Humm... um homem da lei. Gostei disso.

— E eu gostei de *tu*. Vai ficar só me alugando^[1] ou quer ação?

— Nunca fui uma pessoa pacata, xerife.

— *Então somos dois.*

As mãos de Matias enredam sua cintura, colando ambos os corpos, o fogo consumindo cada toque físico, as línguas duelam em um beijo escaldante, deixando-o ainda mais pronto e excitado.

Desde o primeiro beijo no bar, a ânsia aumentou, a cada avanço ele se sentia mais louco, desesperado e consumido por uma dose a mais, por um momento a mais, desta vez ele precisava de tudo, queria chegar ao fim e exorcizar todo o desejo recém-desperto.

Talvez aquela mulher fosse sua cura, um anjo enviado por Deus para

provar que ainda era um homem viril e disposto a dar prazer para sua parceira, mesmo que fosse algo de uma noite.

Afinal, jamais quebraria o juramento feito naquela noite fatídica e que transformou toda sua vida em uma grande bagunça vazia e sem emoção. Nunca mais desposaria uma mulher, quiçá um relacionamento, não era uma escolha, mas sim uma necessidade.

Resguardar seu coração machucado está acima de qualquer questão e não seria uma boa foda que o faria mudar de ideia.

Seus dentes cravam nos lábios cheios da mulher, que geme de prazer e dor, o corpo é empurrado para a cama, o olhar surpreso dela faz os lábios do homem curvarem parcialmente ao mostrar sua alegria.

— Arranca o vestido. — Matias sinaliza com o queixo, seu tom naturalmente grave se torna ainda mais grosso, quase o faz pigarrear.

Ele desafivela o cinturão, decorado com uma estrela, presente da sua mãe quando se formou delegado de polícia. Ao baixar a calça, sua excitação fica evidente através da boxer branca que usa.

A camiseta preta é a próxima peça retirada, seus olhos cravados na mulher que parece estática diante do escrutínio do seu corpo. O riso cresce e mostram seus dentes brancos e reluzentes, coça a barba malfeita, um total desleixo que faria seu pai lhe cobrar postura, se ainda fosse vivo.

— Já disse *pra* arrancar o vestido. — Sua boca forma uma linha fina, enquanto a necessidade toma suas ações.

Matias avança sobre a mulher, segura o decote com dois dedos e esgarça, partindo o tecido ao meio.

— Ah! — Tetê grita, surpresa. — O que é isso, xerife?

— Tenho pressa, mulher. — Ele arreganha as pernas dela e se detém

ao ver sua lingerie.

— Acabou a pressa, xerife? — Um tom jocoso escorre pela pergunta.

— Que nada. *Tô* só me perguntando se rasgo tua calcinha com os dedos ou os dentes.

— Decisão difícil, vamos ver se eu consigo te ajudar a decidir.

Com um movimento rápido, a loira puxa o braço do homem em sua direção, que cai encaixado com perfeição ao seu corpo, pesando e moldando todas as suas curvas.

Seus lábios se conectam mais uma vez e o fogo em brasa entorpece a ambos, que rapidamente se tornam fluidos de desejo se derramando sobre os lençóis daquele hotel à beira da estrada.

A claridade incomoda suas pálpebras que trepidam e logo a primeira pontada lateja dentro da cabeça, o fazendo gemer em protesto. Matias vira o corpo para o lado e sente o frio lençol sob seu braço.

Ergue a cabeça do travesseiro, um olho aberto e o outro fechado, poupando a claridade que entra pela pequena janela, o ambiente vazio o faz enrugar as sobrancelhas, incomodado.

Com dificuldade, consegue se levantar, nu em pelo, caminha para o banheiro e entra sob a ducha de água fria. Nunca gostou de banho quente, para despertar da *manguaça*^[2] de ontem, o choque é ainda mais bem-vindo.

Ao retornar para o quarto, o cheiro de laranjas peculiar invade suas narinas, os cabelos pingam gotículas de água pelos ombros e escorrem pelo tórax já enxuto.

Cenas da noite anterior pipocam na sua mente, mãos, pernas, uma boca carnuda, estocadas firmes e ritmadas, um gemido aveludado, um arrepio percorre sua espinha de imediato, o que faz seu corpo tremular.

— *Eita!* Que diacho tá acontecendo?

Matias veste sua roupa, mas dá falta da camiseta, procura por ela e não encontra. Chegou tão bêbado ontem, que atribuiu a perda da peça nos feitos da cabeça tomada de álcool.

Na sua caminhonete, a mochila de roupa ao lado, segue caminho para seu destino. Assumir a delegacia de Santino será o recomeço da sua vida, que finalmente entrará nos trilhos.

Cidade nova, nenhum conhecido, oportunidade perfeita de viver pacatamente, sem amarras ou compromissos desnecessários.



Capítulo 1

"A corda sempre arrebenta do lado mais fraco"

Tetê

Espero a senhora sentada ao meu lado se levantar, com certa dificuldade, depois de uma viagem de quatro horas até Santino, meu novo destino. Assim que a passagem está livre, me levanto e pesco a mochila no bagageiro superior do baú^[3].

Apoio uma alça no ombro e caminho, vagarosa, no corredor, enquanto a fila de passageiros deixa seus lugares e rumam para a saída. Ajeito o cabelo atrás da orelha, não devo estar na minha melhor versão, saí tão rápido de Palomino, ainda na madrugada, mal tive tempo de pensar direito sobre meu destino.

— Dia, moça — a voz masculina chama, assim que passo pela cabine e desço o primeiro degrau.

— Dia, moço. — Olho sobre o ombro e pisco um olho.

Recebo um sorriso satisfeito do motorista, que não é de todo ruim, animado demais com a atenção dada, o que faz a minha empolgação murchar. Adoro brincar com o sexo oposto, confesso, mas é frustrante não encontrar um desafio à altura.

Encerro qualquer possibilidade de contato e vou até o bagageiro recolher uma mala grande, vermelha, que coube tudo que consegui juntar na pressa.

— Essa é minha. — Reconheço minha bagagem e levo a mão até ela.

— Oxe. Tira a mão daí, moça. — Escuto uma voz estridente ao lado.

— Uai. É minha mala.

— É nada. Essa mala é do meu marido. — A mulher aponta para o

homem encabulado ao seu lado.

Pudera, o tom fino e incômodo chama a atenção de todos à nossa volta, a mulher, morena, mais baixa que eu, apoia as mãos na cintura, nitidamente incomodada.

— Pode conferir o nome, moço. — Aponto para o carregador que aguarda o desenrolar da conversa — *Vê se num tá escrito Tetê, aí.*

— Eu conheço a mala do meu marido. Tenho certeza de que é essa — a mulher solta, irritada.

Rolo os olhos, entediada, e aponto para a mala, já o carregador continua parado, encarando a mulher e a mim, sem qualquer reação.

— Aqui diz: Tetê — o rapaz confere a etiqueta e informa, com a voz vacilante.

— Pode ter errado o nome, uai. Do meu marido é Teteu.

— Pelo amor de Deus, dona, é meu nome, é minha mala. — Junto a alça do objeto com brusquidão e a tomo do rapaz.

— E quem garante? Diacho, *tu* quer roubar a nossa mala. — A mulher avança e segura meu pulso. — Faz alguma coisa, Teteu, seu *mocorongo*^[4]

— Solta minha mala, dona. — Puxo de volta e a mulher *trupica*^[5] para frente.

A confusão se arma aí, a maluca resolve partir para a ignorância e acerta um tapa estalado no meu braço, o marido finalmente sai da lerdice e a segura quando eu empurro seu corpo com força.

— Lacou-se. — Ouço o carregador soltar.

— *Me* solta, Teteu, que eu vou dar uma *coça* nessa ladra.

— Vem que *pra tu* tem, dona. — Ergo o punho, pronta para me

defender.

— Posso saber que balburdia é essa aqui? — uma voz grossa esbraveja logo atrás de mim.

Os pelos da minha nuca arrepiam e o tremor que se formou ali alastra por toda a coluna. O calafrio percorre o corpo, observo as pessoas em volta, até a maluca que resolveu me atacar, todos estão perdidos em algo atrás de mim.

Giro o corpo devagar, logo encontro a íris dura e custosa, uma expressão severa, sobrancelhas juntas, a boca apertada em uma linha fina. Meu escrutínio continua, estou embasbacada com o tamanho de homem tão próximo, baixo o olhar, a camisa xadrez em vermelho e azul, os três primeiros botões abertos, uma camiseta branca por baixo que destaca uma corrente prata com um crucifixo pequeno.

O cinturão preso à calça jeans clara, ajustada nas pernas e botas marrons no pé. Um típico *cowboy*, do jeito que eu gosto, as mãos descansam no quadril, grandes, observo as veias salientadas pelo antebraço, contornando o aumento dos músculos à medida que ergo o olhar.

— Xerife, ainda bem que chegou. — Volto a cabeça para a mulher e retorno à minha frente.

O canto da boca sobe involuntário, meu corpo o reconheceu antes mesmo de mim, aquela noite permeou meus pensamentos por um longo tempo, sabia que o conhecia, mas o apelido incomum trouxe a confirmação.

— Tem base^[6] uma cena dessas? — ele olha por cima do meu ombro e questiona a mulher.

— Essa aí quer roubar nossa bagagem.

— Mentira! Essa *catilanga*^[7] é maluca. — Desperto das lembranças, a

tempo de responder a afronta.

— *Vô sovar as fuça* dela. — A mulher avança sobre mim e eu salto para o lado do xerife, colando meu corpo ao seu.

— *Ow*. — O homem truculento dá um passo à frente e se coloca entre mim e a maluca. — Ninguém vai agredir ninguém. Ou eu levo todo mundo *pra delegacia*.

— Se *tu* quiser me levar, até deixo — solto em sussurro, dando voz aos meus pensamentos.

Depois de vê-lo, descartei minha raiva da confusão, preciso é agradecer a maluca pela oportunidade de reencontrar o homem da lei. Os olhos dele voltam rápido demais para mim, deixando claro que ouviu o que eu disse.

Solto um riso baixo e mordo o lábio inferior, seus olhos se apertam, mas a feição permanece intransponível.

— A mala tem cadeado? — ele questiona o funcionário, que entrega as bagagens.

— É por senha.

— *Bão* também. Vai *tu* lá, dona, tenta colocar o segredo. — Ele aponta com a cabeça na minha direção.

— Uai, por que ela? — a mulher grasna em seguida.

— *Tá* questionando uma autoridade, dona Marieta?

— Claro que não, xerife. — Ela se encolhe com a reprimenda.

Solto um riso contido, mas cheio de malícia, vou até a mala, que estava no meio caminho entre mim e a criadora de encrenca, curvo o corpo, estrategicamente com o traseiro virado para o lado do homem da lei.

Não sou boba nem me faço de rogada, reencontrá-lo foi um bônus muito bem-vindo, depois de sair às pressas de Palomino. Nunca fui a favor de repetir encontros, principalmente os furtivos, dos forasteiros que estavam de passagem na cidade, mas confesso que ele me enlouqueceu tanto na cama, que fiquei arrependida quando saí do quarto antes de ele acordar.

Giro as três pequenas roletas, insiro o código e as travas da mala se soltam no mesmo instante. Empertigo o corpo, olho sobre o ombro, diretamente para a encenqueira e sorrio, genuína.

— *Tá vendo. Eu disse que é minha.*

— Uai...

— Problema resolvido. A dona pode seguir seu caminho. — O xerife sinaliza com a cabeça para mim.

Cruzo os braços logo abaixo dos seios, ajusto o aperto para que eles fiquem mais evidentes no decote da minha regata branca. O homem não move um milímetro dos olhos, nada parece realmente afetá-lo e isso começa a me irritar.

Será que é casado? Mas não tem ferradura^[8] no dedo.

— Pega logo essa mala, Teteu. Isso é tudo culpa sua. — A voz estridente da mulher sobressai. — *Discurpa* a confusão, xerife. — A tal Marieta abrande a voz ao falar com ele, mas lança um olhar ameaçador em minha direção.

O homem da lei nada diz, acena com a cabeça e volta sua atenção a mim, uma sobrancelha erguida, questionando o motivo de eu ainda continuar parada à sua frente com os braços cruzados.

— Preciso de uma carona até o centro — solto a primeira ideia que me vem à mente.

— Não sou motorista particular, moça.

— Mas é o delegado. Pode muito bem fazer essa gentileza *pra* uma moça sozinha, que não conhece ninguém aqui.

Ele move os lábios para frente e para trás, até estalar e comprimi-los juntos, seu semblante é tranquilo, ele avança um passo discreto, mira meus olhos e um pequeno ar risonho transparece.

— E o que uma moça sozinha faz em uma cidade estranha, onde não conhece ninguém?

— Tô de mudança.

— Vindo de onde?

— Palomino.

— Conheço. Da fazenda Queiroz.

— Isso mesmo.

— E por que Santino?

— Porque eu quis. *Tá* me interrogando, xerife?

— Não. Acredito que ainda não tenho motivos *pra* isso.

Não perco a ênfase no ainda, minha vontade é responder que ele pode me trancar em uma sala e fazer qualquer coisa que quiser, mas acho melhor fechar o bico. Ele parece não me reconhecer, ou está disfarçando muito bem, mas eu darei meu jeito de descobrir.

— E a carona?

— *Te vira*, moça.

— Oxe! Um pouco de cordialidade não mata.

— Não tô aqui *pra* ser bonzinho — ele solta e se afasta, dando as costas e parte.

Só consigo me mover depois de vê-lo sumir entre as pessoas, relembrando o sexo gostoso que fizemos naquele quarto, de fato, bondade é algo que não compõe seu vocabulário, muito menos suas atitudes.

Uma semana com o traseiro marcado pela sua mão, provou que o homem é bruto e intenso, do jeito que eu gosto.

Desço do carro alugado em frente a uma casa branca, com uma grade meio-corpo no tom azul, um jardim florido enfeita os dois lados do pequeno portão social da entrada.

Mochila nas costas, a mala ao meu lado, bato palmas e chamo pelo nome da mulher que me indicaram.

Parei em um bar da cidade, com um nome bem interessante, Pau Dentro, perguntei sobre hospedaria e trabalho, Heitor, o proprietário, disse que precisa de alguém para auxiliar no balcão e indicou esta casa.

Parece que a dona não fica muito aqui e tem uma casinha nos fundos que pretende alugar para que alguém cuide, enquanto ela está fora.

— Tem ninguém aí não. — Olho sobre o ombro e vejo um homem de farda.

— Tarde, seu guarda. Me chamo Tetê, tô procurando a dona Dolores.

— Sou o guarda Josias. Ela tá na fazenda Águas Claras. É uma boa caminhada daqui.

— Diacho! E eu nem tenho onde ficar *pra* esperar por ela.

— *Tu* pode procurar no casarão da cidade. Eles são os patrões dela. Alguém lá pode ligar *pra* fazenda.

— Será que *tu* pode me ajudar com isso? Nunca estive aqui e não conheço ninguém.

— Claro. Vem comigo. — O rapaz se aproxima e pesca a mala, puxando-a pela rua.

Quase um garoto, bonitinho, simpático e solícito, fazer amizade com ele provavelmente irá me favorecer e muito por aqui. Sigo seus passos pela calçada e assim que atravessamos a rua, lado a lado, uma fredda brusca me faz saltar para cima do guarda.

— Diacho! Mas o que... — Josias para de falar, provavelmente sem voz, assim como eu, quando encaramos o motorista da caminhonete. — Xerife!

Ele é o primeiro a se manifestar, contorna meu corpo e caminha até o delegado, que está ao volante e continua me encarando de forma séria.

— Precisa de alguma coisa? *Tô* ajudando a moça a...

— Entra no carro, Josias. Tem ocorrência *pra* atender.

Sua voz é elevada, provavelmente quer que eu ouça a conversa.

— Mas, e a moça... — Seus olhos, antes pousados em mim, chicoteiam em direção ao subordinado.

— *Tá* questionando uma ordem direta, guarda Josias?

— Claro que não, xerife. *Oxe!* — O rapaz se apruma todo e contorna a caminhonete por trás.

Cruzo os braços, indignada por ser deixada, mais uma vez, pelo mesmo homem, no meio do nada e sem a ajuda ofertada. O guarda *pau mandado* nem se indignou a dar uma desculpa, simplesmente arribou^[9] porta adentro e me largou aqui.

O xerife mete a mão na buzina repetidas vezes, as pessoas em volta se achegam, curiosas com a cena épica que protagonizamos na rua da praça. Mal cheguei à cidade e já me enfiei em duas confusões, meu nome vai alastrar

feito fogo em pólvora desse jeito.

— Dona Tetê, precisa dar passagem *pro* carro — o guarda, simpático e medroso, coloca a cabeça para fora e grita.

— Num *arredo*^[10] o pé daqui.

— Pois, se tu não sair da frente agora, te levo presa por obstrução da justiça — o xerife coloca a cabeça para fora da janela e esbraveja.

Seu olhar chamuscado, tomado pela raiva e determinação, o semblante é de um touro enfurecido, mas o que ele não sabe é que, de homem nervosinho, eu já estou mais do que calejada.

Não é uma cara brava e um tom severo que me *bota*^[11] medo.

— A rua é pública, até onde eu sei.

— Pois bem. Foi *tu* que escolheu. — Ele abre a porta do carro com força e marcha em minha direção.

Junto a alça da mala e dou um carreirão até a calçada, olho para trás ainda correndo e vejo que o homem parou próximo ao carro. Diminuo os passos até parar ao lado do banco na praça e ocupá-lo.

Observo o xerife retornar para o veículo, o guarda bundão ainda acena na minha direção antes de os pneus cantarem no chão com a arrancada potente. Solto o ar com pesar, encaro um lado e o outro do lugar, decidindo por onde começar *fuxicar* para encontrar a dona Dolores.



Capítulo 2

“Devagar com o andor que o santo é de barro.”

Tetê

Foi *custoso*^[12] encontrar dona Dolores, mas finalmente consegui. Depois de pedir ajuda para meia dúzia de gente, que mais parecia desconfiar de mim do que querer me prestar um favor, cheguei ao casarão enorme na rua principal da cidade e pedi a um dos empregados que entrasse em contato com a senhora.

Um transtorno à parte, mas dada às circunstâncias pelas quais cheguei a Santino, estou considerando que a sorte está ao meu lado. Descontando o fato de o delegado não se lembrar de mim e me considerar um estorvo atualmente.

— O espaço é este. Um quarto, uma cozinha e um banheiro. Se te servir... — A mulher adentra a pequena cozinha, mostrando o ambiente.

Uma senhora baixinha, expressão dura e cabelos presos em um coque baixo. Ela não transparece simpatia, pelo contrário, é aquele tipo de pessoa que tememos responder e levar uma bela sova^[13].

— *Tá* de bom tamanho *pra* mim.

— Então é teu. O aluguel é barato, pois só preciso de alguém que cuide do lugar, já que eu fico em Águas Claras a maior parte do tempo.

— Entendi.

— A casa principal fica trancada, *tu* pode receber quem quiser aqui, mas te aviso — ela ergue o dedo e suas sobrancelhas arqueiam —, *num* de confiança *pra* esse povo ou vai ficar falada.

— Sei bem como funciona cidade pequena, dona Dolores.

— Então sabe que fofoca é igual rastro de pólvora. Atiçou uma vez é difícil de apagar.

— Sim, senhora.

— Vou dormir por aqui hoje, se precisar de alguma coisa, é só chamar. Já anotou os telefones? — Concorde com a cabeça. — *Bão*, pode se *instala*, vou preparar algo *pra* forrar o estômago.

— Não carece de se preocupar comigo, dona Dolores.

— Uai, *num tô*. Vou fazer *pra* mim e *pra* uma visita. *Tu* pode se chegar, se quiser.

— *Tá certo*.

A mulher sai do lugar com um menear de cabeça, no fundo acho que ela está aqui por se preocupar comigo, esse jeito bronco é só a carcaça de um coração bondoso.

Está certo que simpatia é algo que passou longe do seu costume, mas por enquanto não achei ninguém realmente bonzinho na cidade, talvez seja uma característica local.

Vou para o quarto arrastando a bagagem, pego em um armário do lado de fora os produtos e utensílios de limpeza, como dona Dolores orientou, o local não está sujo, mas faz bastante tempo que permanece fechado.

Dou uma bela faxina em tudo, só começo no bar no fim da tarde de amanhã, quero aproveitar esse tempo para colocar as coisas em ordem, assim consigo descansar para pegar no batente^[14] amanhã.

Ao terminar a última passada de pano na cozinha, retiro do rodo e coloco em frente à porta, limpo os pés e entro descalça sentindo o piso frio, limpo e sem qualquer poeirinha sob meus dedos. É a melhor sensação do

mundo.

Sou uma aficionada por limpeza, talvez por muito cedo ser obrigada a ajudar nas tarefas de casa, enquanto minha mãe ficava pela vizinhança conversando.

Dois irmãos mais novos, assumi a responsabilidade de cuidar de ambos enquanto o pai trabalhava fora e a mãe ficava sabe-se lá Deus por onde. Nunca questionei ou briguei, comecei tão cedo, que acabei tomando essa função como minha obrigação e segui assim até conhecer o traste.

Tomo um banho quente, o entardecer já chegou, ainda preciso sair para comprar algumas coisas para casa, ainda bem que economizei dinheiro, sempre tive o costume de guardar uma pequena quantia no banco, nem mesmo meu ex-marido sabia da existência dessa reserva, o que me salvou quando nos separamos.

Um homem machista, que nunca permitiu que eu trabalhasse, no começo achei isso uma atitude tão linda, alguém para finalmente cuidar de mim, não seria mais tratada como uma empregada, já que a mãe não me deixava nem estudar direito por conta dos dois menores.

Cometi o erro de sair de casa pensando que a liberdade e o amor salvariam minha existência, iludida com as promessas do primeiro amor, carquei^[15] meia dúzia de roupas na mochila e subi na boleia do caminhão dele.

Saindo do banheiro que fica no lado oposto do quarto, atravesso a cozinha toda de toalha, os cabelos úmidos escorrem água pelo meu tronco, vejo a sombra de alguém do lado de fora e mudo o rumo para a saída.

— Diacho! — Um homem moreno e forte salta para trás assim que me vê.

— Noite. Quem *é tu*? — Encosto no batente e cruzo os braços.

Antes de responder, o homem escaneia todo meu corpo, dos pés à cabeça, claramente interessado no que vê. Um sorriso faceiro surge em seus lábios, traços fortes, marcados, tem cara de peão de rodeio, ainda mais com a vestimenta: calça apertada, botas, camiseta ajustada e chapéu na cabeça.

— Sou o Maldonado, a seu dispor. — Estende a palma para cima e eu entrego minha mão de imediato.

Ele beija o dorso, de forma galante, avança um passo sutil, testando terreno. O homem não tem um pingo de vergonha, uma cara de que se garante e eu já doida para testar suas habilidades.

— Maria Tereza, mas pode me chamar de Tetê.

— Tetê, gostei. É a nova inquilina da Dolores? — Ele não se desfaz do contato e mantém minha mão dentro da sua.

— Sim. Eu sou.

— Seja bem-vinda a Santino. Se precisar de um guia, ajuda ou qualquer outra coisa, não se acanhe de me procurar.

— Pode deixar, peão. Vou me lembrar de *tu*.

— Maldonado! — Ele vira quando ouve a voz da senhora o chamar.

— Melhor eu ir ou ela me esfolo vivo.

— Tenho certeza de que sim. — Sorrio e recuo um passo para dentro.

Nós nos despedidos com um aceno, ele correndo para dentro da casa grande e eu fechando a porta para ir me vestir.

Maldonado.

Gostei do nome, parece do tipo que sabe fazer as coisas acontecerem, talvez seja um bom contato na cidade. Termino de me vestir, escovo o cabelo

e deixo solto para secar natural, calço minhas sandálias baixas e saio sem chamar a atenção.

Preciso explorar um pouco da redondeza e comprar algo para colocar na geladeira, quero descansar, ainda não sei como funciona o serviço do bar, mas deve ser meio puxado, já que parece ser o único entretenimento adulto da redondeza.

Coloquei um vestido verde-água floral, alças finas, um pouco acima dos joelhos, ele desce ajustado no corpo e na cintura abre evasê. Agradada com uma herança familiar boa, ao menos na aparência, sempre fui a garota com tudo grande. Pernas, seios e bunda, não há nada que eu use que não chama a atenção.

Por isso, minha ida ao mercado foi quase um desfile, atraindo o olhar masculino e feminino também, por motivos diferentes, enquanto eles queriam se chegar a mim, elas, se pudessem, teriam arrancado meus cabelos.

Eu só fiz rir, claro, já estou mais que acostumada com isso, comprei o que precisava na mercearia e saí para a calçada, empunhada de algumas sacolas, um tanto pesadas.

— Deixa que te ajudo, dona Tetê. — Ouço a voz do rapaz que paira ao meu lado.

— Tu? Melhor não. Vai me deixar sozinha no meio da rua com as compras.

— *Discurpa*, dona Tetê, mas o xerife *tava* com pressa.

— Aquele é um metido à besta. — Torço os lábios.

— Deixa que eu carrego. — Ele segura meu braço, estacando nossas passadas.

Encaro o rapaz solícito com olhos grandes e pidões, abaixo o olhar

para as sacolas e decido findar a rusga de mais cedo. Um par de mãos extras vai aliviar meus dedos espremidos nas alças.

Estico as mãos em sua direção e ele abre um sorriso genuíno. Um pouco atrapalhado, consegue tomar as sacolas para si e continuamos o percurso pela calçada.

— Pelo jeito, a senhora conseguiu falar com a dona Dolores.

— Sim. Ligaram *pra* ela do casarão.

— Que *bão*. Dona Babi e seu Lucio são boa gente, em breve tem a festa de Santino, promovida todo ano por eles, é bem legal.

— Uma quermesse?

— Quase isso. Acontece uma noite de rodeio, todo o ganho é revertido para os peões iniciantes.

— Sei. Mas o que mais tem nesta cidade *pra* se distrair?

— Além do Pau Dentro? — Vejo seu rosto ruborizar parcialmente quando menciona o nome sugestivo. — Tem a praça, o povo sempre dá uma voltinha e circula por ali, e o cinema comunitário.

— Cinema?

— Sim. O teatro da cidade é adaptado para cinema também, esse projeto é do vereador Edmundo. Ele tem feito propostas culturais *pra* cidade, já que Santino fica longe de tudo.

— Isso é *bão*. Pretendo conhecer em breve esse cinema.

— Uai, posso acompanhar a moça. — Paramos diante do portão da casa, Josias parece acanhado com o convite, o que acho muito fofo.

— *Tá* me convidando, guarda Josias? — Enrolo uma mecha do cabelo entre os dedos.

— Eu tô, se isso não ofende a moça.

— E tem motivo *pra* ofender? — Avanço o tronco para frente e o rapaz recua, assustado.

Solto uma gargalhada sonora antes de voltar ao normal, com certeza ele não é muito experiente em flertar, o que torna seu jeito inocente engraçado. Normalmente os brutos que ganham, mas os inofensivos são cativantes e divertidos.

— Tem não, moça. — Ele estica as sacolas em minha direção. — *Tá* aqui, suas compras.

— Obrigada pela ajuda, guarda.

Recolho as sacolas das suas mãos e abro o trinco do portão, neste instante o ronco de um motor nos desperta e ambos viramos para o outro lado da rua.

A caminhonete prateada, grande e alta, com o grosseirão do delegado no volante está no meio-fio, o olhar questionador do homem direcionado a nós, endureço a postura fechando o semblante, já o guarda ao meu lado parece se encolher.

Medroso.

— Boa noite, delegado.

— Guarda Josias, tua ronda é na praça. O que faz aí?

— Só tô ajudando a moça...

— *Tu* não é pago *pra* ser carregador dos moradores, guarda. Tome sua postura.

— A praça é do outro lado da calçada, xerife. Não precisa encrespar^[16] com o pobre coitado. Daqui ele consegue observar a área toda.

— Não tô falando contigo, moça. O assunto é com o meu subordinado.

— Mas é grosseirão mesmo.

— O que *tu* falou? — Ele ameaça descer do carro e eu empino o nariz.

O homem pensa que é Deus, só porque carrega o símbolo de autoridade na cidade. Onde já se viu, tratar as pessoas desse jeito?

— Nada não, xerife — o guarda intervém. — Noite, dona Tetê. Já me vou.

— Muito obrigada, guarda Josias. *Tu* sim, é um exemplo de educação e ajuda na comunidade.

Digo tudo alto o suficiente para o grosseirão ouvir, vejo de soslaio ele bufar e balançar a cabeça em negativa. Aceno para o rapaz solícito e fecho o portão, marchando para dentro, determinada.

Uma ponta de arrependimento começa a brotar aqui dentro por ter guardado tão viva as lembranças da nossa noite no hotel em Palomino. O jeitão bronco foi bom na cama, me deixou maluca, cheia de vontade e disposição, mas isso não significa que vou aceitar ser tratada mal no cotidiano.

Já passei por coisa demais, vivi embaixo do pé e da ilusão de um homem controlador e doente, demorei anos para despertar e enxergar que nada daquilo era saudável, o que ele julgava cuidado, na realidade, era opressão.

Talvez, se eu não tivesse descoberto sua outra família no estado vizinho, nunca teria mudado a forma como via nossa relação. Perceber que eu não era a preciosidade que ele tanto falava, me abalou profundamente.

Dei o basta tarde, é verdade, mas não impedi que minha fúria deixasse a cabeça dele rachada e um corte profundo no braço. Apesar de ser subjugada por todos esses anos, só quando o enfrentei foi que ele tentou me bater.

Coitado!

Encontrou a *viola em caco*^[17]. Quebrei a casa inteira, lancei um jarro em sua cabeça e o coloquei para fora de casa. Desde então, adotei outra postura, passei a viver conforme minhas regras e nunca mais me importei com o que qualquer um achasse.

Fiquei mal falada em Palomino, mas pouco me importa. Passei por coisas demais na vida para dar atenção à opinião alheia.

E é por isso que afirmo: esse xerife não vai me colocar embaixo da sola da sua bota.



Capítulo 3

“A ignorância é a mãe de todas as doenças”

Xerife

Carlota serve mais uma caneca de café, preto e forte, sem açúcar, para mim no balcão da lanchonete. Há três anos adquiri o hábito, assim que cheguei a Santino, o ritual se perpetuou e agora mal consigo trabalhar se não tiver minha dose matinal de cafeína.

A pior parte é passar o resto do dia na delegacia e ter que aguentar o café aguado que o guarda Josias prepara, tem gosto de chá, sem graça e sem gosto. Se não for para sentir um gosto quente e marcante no paladar, prefiro nem provar.

Isso é para qualquer coisa na vida. Um palato bem-tratado recebe sabores diferentes, intensos e que evidenciam o suficiente para deixar uma memória gustativa.

— Ouvi dizer que *tu* vai *pras bandas* do Norte, xerife — Carlota comenta, despretensiosa.

— *Tá* ouvindo muita coisa, Carlota — respondo, sem voltar os olhos para ela, ainda atento ao jornal que empunho nas mãos.

Sabia que logo o mexerico sobre o roubo de carga viva correria as redondezas, só não contava que fosse acontecer antes mesmo de o inquérito chegar às minhas mãos para averiguação.

— Deixe de ser rabugento, homem. — Fecho o jornal nas mãos, encarando-a de cara feia. — Sou mais velha que *tu*, tenho direito de falar o que quiser, mesmo que seja *pra* uma autoridade da cidade.

— E *tu* sabe que só permito isso porque não fico sem café, *né?*

— Claro que sei.

— *Bão*. — Volto a atenção para o jornal.

O problema que vem se alastrando por todo o estado finalmente alcançou meu distrito. Um grupo de salteadores^[18] tem agido com maestria em seus feitos, sem padrão de rota, cada hora em um lugar diferente, nunca são vistos e se movem de forma rápida.

Só uma testemunha conseguiu dar um relato do ocorrido, pois estava próxima da estrada secundária onde a ação aconteceu. A mulher foi colocada no programa de proteção à testemunha e retirada do estado, já que outras vítimas que confrontaram o bando acabaram mortas.

Hoje vou encontrar com o delegado do distrito vizinho, a fazenda roubada faz fronteira com a nossa jurisdição e definimos que será melhor trabalharmos em comunhão, assim intensificamos as buscas e investigações.

— Bom dia, gostaria de um café preto e forte. — Olho de soslaio e vejo a loira encenqueira ao meu lado.

Sem querer, meu olhar escaneia seu corpo, vestida em uma calça jeans clara ajustada no corpo, blusa mostrando a barriga lisa, aquele pedaço de pele branca e macia exposta, me faz pigarrear ao terminar a varredura e encontrar seus olhos nos meus.

— Dia, xerife. — O sorriso de zombaria presente nos lábios provocantes.

— Dia — respondo, virando a cabeça para o jornal nas mãos.

Desde que botei os olhos em seu corpo, ainda de costas, na rodoviária, senti uma bola de fogo incendiar meu peito. Incomodado, me aproximei da confusão só para que pudesse observá-la por completo, a surpresa me fez recuar.

Reconheci seu rosto, desde que cheguei a Santino ele não sai da

minha mente, seja dormindo ou, por vezes, acordado, divagando entre pensamentos aleatórios ele surge, enxerido, e é custoso fazer desaparecer.

O susto foi tão grande, que agi da forma mais fria possível, não sei de onde isso veio, como ela conseguiu entrar na minha cabeça, mesmo sem conhecê-la, mas coisa boa não há de ser.

— Pensando em pedir um pão. Alguma dica de um saboroso, xerife?
— A pergunta vem calma e tranquila, nem parece que ontem ela quase foi presa por ficar no meio da rua estorvando a passagem do carro.

Essa mulher quer testar minha paciência, tudo que faz tem um propósito, até essa pergunta descabida, querendo puxar assunto, deve de ter motivo e meu faro diz que não é coisa boa.

— Não sou atendente, moça. Pergunta *pra* ela. — Ergo o queixo e aponto para Carlota, que atende a outra pessoa no lado oposto do balcão.

— Grosseirão... — É baixo, quase inaudível, mas consigo entender perfeitamente.

— Desacato dá cadeia, moça, e acho que já te avisei sobre isso. — Giro minha banquetta em sua direção, um erro de cálculo, já que meu joelho encosta na sua perna. — Já se safou por duas vezes de ir *pro* xilindró, não terá uma terceira.

Salto do banco, incomodado com o contato, mantenho minha postura rígida, nunca fui conhecido por ser um homem simpático, o que veio a calhar quando assumi o cargo de delegado, então faço uso do semblante naturalmente sisudo que, segundo minha mãe, sempre tive.

— *Tu* podia ser mais amistoso, sabia? — Ela volta o corpo pequeno na minha direção.

Apesar de ser mais de um palmo mais baixa que eu, a mulher não se

acanha, levanta o queixo e cruza os braços na altura dos seios fartos, o que os faz saltar e, com muito custo, não desvio meus olhos para eles.

A diaba é atentada, mas é gostosa.

— E *tu* podia cuidar da sua vida e não se meter em confusão.

— Oxe, mas...

— Carlota, põe^[19] na conta o café. Tô de partida. — Pesco o celular do balcão, sem lhe dar a chance de terminar a fala.

Não quero assunto com essa mulher, se vacilar, nem que seja o mínimo, nosso contato será através das grades da gaiola, aí eu quero ver toda essa marra e imponência *nas fuças*.

Passo rapidamente na delegacia para deixar o comando nas mãos do cabo Bento, meu braço direito e amigo próximo, desde que cheguei à cidade. Ele já trabalhava na delegacia quando assumi, foi de grande valia para colocar em ordem todos os inquéritos acumulados e a desorganização do antigo delegado.

Pego a estrada mais tarde do que pretendia, coloco meus óculos de sol aviador, o calor castiga, já de manhã, tirei a camisa xadrez e uso somente a regata branca com o cordão do distintivo no pescoço.

A arma posicionada no suporte embaixo do banco, entre minhas pernas, fácil de sacar e cuidar de uma situação que exija seu uso. O problema de cidades interioranas, cercadas pelo matagal e a falta de fiscalização, é que as pessoas começam a pensar que são donas de tudo, até do que não lhes pertence.

Não é o primeiro nem o último caso de roubo de carga viva, o que realmente está incomodando todo o distrito é que não se trata de algo aleatório, mas sim uma ação planejada e bem-executada.

Logo os olhos das mídias nacionais irão se voltar para cá e isso não é bom para ninguém. A polícia perde credibilidade, os políticos serão pressionados e a comunidade irá se alarmar.

Chego à fazenda e estaciono a caminhonete ao lado de duas viaturas, desço e visto a camisa que deixei no banco do carona, fecho dois botões e marcho em direção ao grupo de homens próximo à entrada do casarão.

— Dia.

— Dia, xerife. Sou o delegado Cássio, esse é o seu Abelardo, dono da carga roubada. Aqui está a papelada da ocorrência, tudo indica que eles foram *pras suas bandas*^[20].

— Pois bem. Tem alguma testemunha que tenha visto algo suspeito nos últimos dias?

— Nada. Tudo dentro da normalidade.

— Contratou alguém há pouco tempo?

— Não. — O homem coça a barba rala, pensativo. — *Bão*, teve uma empregada nova, mas o que isso pode ter a ver?

— Eles podem agir com comparsas que passam informações.

— Diacho! Se isso for verdade, eu escorraço aquela *negrinha* daqui.
— O senhor eleva a voz com desdém.

— Cuidado com as palavras, seu Abelardo, ou o senhor que será detido.

— Uai, por causa de quê?

— Chamamento racista.

— Que isso, xerife. O homem só *tá* se expressando — meu colega fala, em tom apaziguador.

Não tenho tato para lidar com gente que menospreza gente. Classe social, cor de pele, escolha religiosa ou política, nada argumenta a falta de respeito e ofensa gratuita.

— E isso não dá o direito *dele* falar de forma pejorativa da cor de pele de alguém. Mesmo que ela esteja envolvida, o que é só uma suposição, não muda o fato de ser crime.

— Mas ela é preta, uai... O que tem de errado nisso?

— Nada. Ela ser preta, branca, parda, não tem qualquer diferença, assim como o senhor ser branco, rico e de boa família, não garante bom senso. O problema não é a palavra, mas sim a entonação pejorativa.

— Diacho! Eu sou a vítima aqui, xerife — o homem brada, *aporrinhado*^[21].

— Pois *se aprume pra* não virar acusado. — Confiro a papelada que me foi entregue sem direcionar o olhar ao senhor bufando ao meu lado.

— Acho melhor o seu Abelardo ir cuidar dos seus afazeres, nós vamos interrogar alguns funcionários e depois marcamos com a funcionária nova. Por enquanto, são só suposições, então não há com o que se preocupar — Cássio intervém a conversa, mais uma vez, acalmando os ânimos.

— *Tá certo.*

O homem marcha para longe, finalmente ergo os olhos e encontro o rosto divertido de Cássio a me encarar com as mãos nos bolsos.

— Já ouvi sobre sua fama de rabugento, mas não fazia ideia que era tanto.

— Sabe por que me tornei policial, delegado? — Cruzo os braços e afasto as pernas levemente.

— Sei não.

— Quando eu era *pivete*^[22], vivia me metendo em confusão. Aprontava uma traquinagem aqui, arranjava outra encrenca ali, sempre acompanhado de um amigo de escola, o Jefinho.

“Um dia, a gente resolveu aprontar algo significativo, entramos no mercadinho da cidade e roubamos bebida. A ideia partiu de mim, armei o plano todo, marquei de nos encontrarmos no lugar à noitinha, quando não tem tanto movimento. Claro que fomos pegos pelo guarda que, por azar, estava parado do outro lado da rua tomando um café.

Fomos abordados, levamos uns cascudos e encaminhados para a delegacia. Dois menores de idade precisavam dos pais para serem liberados, não sem antes retornar até o mercado e nos desculparmos com o dono e, lógico, devolver o que roubamos.

Eu levei uma bronca leve do delegado, a culpa foi toda transferida para o Jefinho, quando nossos pais chegaram, a história contada foi que estava influenciado por má companhia, saí ileso, sem qualquer registro de ocorrência.

Jefinho foi expulso da escola, os pais tiveram que mudar para a cidade vizinha, já que todo mundo os apontava na rua e precisavam matriculá-lo em outra instituição de ensino.

Agora te pergunto, delegado, por que ele foi tão penalizado e eu não?”

O homem se mantinha calado, os olhos atentos ao meu relato, ansioso pelo desfecho. Pego desprevenido com a pergunta, ele leva a mão até a nuca e coça, um gesto automático quando se está desconfortável.

— Ele é preto.

— Sim. A cor da pele dele pesou mais do que a ação.

— E que fim levou o tal Jefinho?

— Se tornou advogado em direitos humanitários. Atua na capital.

— *Bão pra* ele.

— Sim, mas ele foi um que venceu essa guerra. E é por isso que eu não admito coisas como essa que acabou de se desenrolar na minha frente.

— Eu te entendo.

— Entender não basta, delegado, precisa ter ação. Eu sou um homem que tem o poder de agir, então o farei. Deveria tentar. — A cobrança implícita na fala faz o homem me encarar, incomodado.

Passei do limite aqui, eu sei. Não posso apontar o dedo para um colega e julgar seus atos como delegado, não me cabe isso, mas não consigo me conter, o sentimento de injustiça que sofri e chorei, até me culpei, na adolescência, sempre retorna, cada vez com mais força.

— *Vamo cuida* do que interessa, xerife. Se te faz sentir melhor, converse *tu* com a empregada nova.

— Acho melhor, mesmo.

Acenamos com a cabeça, em comum acordo, giro o corpo e marcho para a porta de serviço do casarão, passo o próximo par de horas falando com todos que tem acesso à casa, não poderia abordar somente a moça ou ela desconfiaria de algo.

Suando feito um porco, com o estômago grudado nas costas, rumo de volta para Santino sem muita esperança. Nenhum dos entrevistados sabe de algo considerável, pela marca dos pneus e o mato baixo próximo a uma estrada desativada, consideramos que eles rumaram sentido Sul, talvez passando por Santino.

Vou organizar uma busca nas redondezas, conversar com os

moradores nas rotas possíveis que eles possam ter seguido, quem sabe aparece algo que ajude a desvendar o mistério dos salteadores.



Capítulo 4

“Aqui se faz, aqui se paga”

Tetê

Bato o portão ao soltar o agarre com displicência, encolho os ombros com o estrondo e minha tentativa de entrar furtiva se esvai. Vejo Dolores aparecer na porta da sala, uma sobrancelha arqueada e o típico semblante questionador.

— *Discurpa.*

— Venha tomar um café.

— *Tá certo.*

Cogito a hipótese de dizer que já forrei o estômago na lanchonete, mas algo me diz que o pedido dela não está ligado ao intuito de me alimentar ou ser cortês. Apesar de boa gente, já percebi que essa mulher é daquele tipo de pessoa que nunca dá *ponto sem nó*^[23].

Entro, pela primeira vez, na casa pequena, mas muito bem-organizada, com móveis simples, porém, harmoniosos. Um típico ambiente confortável para quem mora sozinho.

— Hoje eu retorno para a fazenda, *tu* já tem meu número, qualquer problema, pode ligar.

— Sim, senhora.

— Cuidado com confusão, Marieta é fofoqueira e já espalhou aos quatro cantos sobre o problema da mala.

— Ah, mas a culpa foi dela.

— Mesmo assim. *Tu* é nova aqui e parece que não parte tão cedo. *Num é bão* arrumar confusão com a vizinhança.

— Tem razão. — Abaixo os olhos.

— Agora me diga, de quem *tu tá* fugindo?

Ergo a cabeça assustada, encaro o semblante sério e experiente da senhora à minha frente, já ocupei uma das cadeiras na pequena mesa da cozinha, ela permanece em pé, diante de mim.

— Do que *tu tá* falando?

— *Tu* disse que chegou *na* cidade sem planejar nada, pelo horário que desembarcou, partiu à noite ou madrugada, na surdina, sem conhecer uma viva alma neste lugar, é óbvio que *tá* escapando de alguma coisa, ou alguém.

— Ex-marido — solto, sem argumentos para rebater.

A mulher é mais perspicaz do que eu previa, mesmo pega de supetão, não vejo motivos para esconder o porquê de vir parar em Santino. Ela não precisa saber de todo desenrolar.

— Traste. — Torce os lábios e solto um riso que não alcança os lábios.

Ela não faz ideia.

— Pois bem. Mais um motivo *pra* manter bom convívio por aqui. *Tu* começa hoje no bar da cidade, não é?

— Sim.

— *Tá* certo. Vou pedir *pro* Maldonado manter um olho em *tu*. Assim me sinto mais tranquila.

— *Carece não*^[24].

— Diacho! Deixa *eu* fazer as coisas do meu jeito, menina.

— Sim, senhora.

Nunca fui de baixar a cabeça para ninguém, independente do motivo

ou razão, até quando era favorável a mim, sempre mantive todos a um braço de distância, mas com Dolores não consigo agir indiferente.

Mais tarde, depois de me despedir dela, organizar minha roupa de hoje e descansar um bocado, rumo para o bar que não fica tão distante assim da casa. Uma caminhada de quinze minutos, tomando uma estradinha deserta e sem vizinhança em torno.

É entardecer quando entro pela porta principal, gostei do ambiente logo que o vi pela primeira vez, lembra demais o bar da Dulce em Palomino, faz o estilo americano e a iluminação parca cria um clima bom para o *arrocha*^[25].

— Tarde — chamo, ao me aproximar do balcão onde o homem que conversei ontem repõe a prateleira.

— Diacho! *Tu* veio mesmo.

— Claro, uai! *Tu* disse *pra* vir. Mudou de ideia?

— De jeito nenhum. Pula *pra* cá, que eu vou te explicar como funciona tudo. Hoje, a noite é movimentada.

Contorno o balcão até passar por baixo de um tampo vazado, uso bota baixa cano alto, uma calça jeans escura e camiseta ajustada no corpo. Achei melhor excluir meus decotes da vestimenta, sou novata e não sei como as coisas funcionam por aqui.

Heitor, um homem mais velho, simpático e comunicativo, explica sobre o andamento do bar, por hoje trabalharei dentro do balcão, auxiliando-o, assim que me acostumar posso sair para atender às mesas e o salão.

Já estive em bares o suficiente para ter uma ideia de como a coisa funciona. Mesmo indo para me divertir, observava Paulinha atrás do balcão, uma mulher de fibra, não tinha enrosco e dava conta do serviço e dos homens

abusados.

Eu teria tirado uma lasquinha da maioria, não sei se ela fez, mas fispou um dos melhores frequentadores dali, Guilherme. O Queiroz mais quieto, todo tatuado e com cara de que *fode* divinamente.

Suspiro e solto o ar com pesar, inevitável lembrar que faz um bom tempo que não tenho um homem decente na cama, a maioria é mediano, nada que me enlouqueça ou faça meu sorriso sustentar a face no dia seguinte.

A lembrança do quarto de hotel retorna sem autorização, minhas mãos presas na grade da cama, o metal beliscando o punho, enquanto me contorço com o desempenho dedicado no vão das minhas pernas.

Balanço a cabeça e solto uma lufada de ar, termino de lavar os copos, passo a mão, gelada e úmida, na nuca, a fim de dispersar os resquícios do calorão que me invadiu.

— Tá bem? — Salto no lugar ao chicotear a cabeça para o lado e ver Heitor próximo demais de mim.

— Tô sim. Só um pouco de calor.

— Hoje tá quente, mesmo. Mas logo *tu* se acostuma. Venha, vou lhe mostrar o depósito e a cozinha. Tem um quartinho *pra* guardar os pertences e descansar um pouco, quando *dá* intervalo.

— Certo. — Aceno uma vez com a cabeça e sigo seus passos.

Sou apresentada a cada funcionário conforme chegam, percebo que sou a única mulher no ambiente, o que não me incomoda, normalmente me dou melhor com o sexo oposto.

Somos em cinco pessoas, Heitor, chefe; dois cuidam do salão e atendimento; um cuida da cozinha e outro auxilia ele e o balcão, quando necessário.

As portas são abertas e logo o povo começa a se aproximar. Assim como acontece no bar da Dulce, tem os frequentadores assíduos e os forasteiros, que estão só de passagem na cidade.

O bar fica afastado o suficiente do Centro, mais próximo da entrada e saída das rotas e rodovias maiores, então sempre tem um viajante perdido ou procurando algum lugar para comer e descansar.

Perto da meia-noite, Heitor me libera para um intervalo, a música rola solta, confesso que sinto uma vontade enorme de invadir a pista e me enroscar em um corpo forte para um arrocha, mas desta vez estou do outro lado da noitada, então marcho direto para o quatinho de descanso.

Ocupo uma das cadeiras e ergo uma perna apoiando o calcanhar sobre o assento. As botas que escolhi são confortáveis, mas tantas horas em pé, sem parar um minuto, estão massacrando meus mindinhos no interior do couro.

A porta é aberta e um dos funcionários, o mais novo deles, Neto, seu nome, passa por ela com duas garrafas pequenas enganchadas nos dedos.

— Hora da pausa. — Ele ergue os objetos e um sorriso desponta dos meus lábios.

— E pode beber em horário de serviço? — Retiro o pé que apoiava na cadeira oposta e o rapaz a ocupa.

— Uai! *Tu* trabalha em um bar noturno com o nome de Pau Dentro. Tem motivo melhor *pra* ser permitido? — Ele abre uma das garrafas e estende na minha direção.

— E *tu* tem idade *pra* beber? — Brindo o casco no dele, antes de sorver um gole generoso.

Não fazia ideia do quanto precisava disso até sentir o gosto da cevada na boca. Tomo mais duas goladas, antes de apoiar a garrafa na perna.

— Claro que tenho. Fiz dezoito semana passada. — Solto uma gargalhada com o tom sério dele.

Como se fosse um homem feito, só por ter atingido a maioridade. Tenho certeza de que mal sabe usar o brinquedinho que sustenta no meio das pernas, mas quer mostrar que é galo feito.

— E vai dizer que já sabe de tudo?

— Tudo o quê? — Seus olhos se alargam, parcialmente.

Inclino o corpo para frente, sutil, meus olhos cerram encarando seus lábios, bem-marcados, rosto mais delicado do que bruto, uma leve penugem de barba, nada significativo, passo a língua na minha boca antes de voltar meus olhos para os seus.

— Tudo que é *bão* quando se atinge a maioridade, uai. — Baixo o tom, percebo a engolida seca e o abrir parcial dos lábios. — Na tua idade, eu já sabia um montão de coisa gostosa.

— Diacho... — O garoto recua e limpa a testa com a palma da mão.

Volto para o encosto, rindo abertamente, bebo mais um gole da bebida enquanto observo o desconforto engraçado do rapazote. O alarme do meu celular apita, salvando ambos de continuar com a brincadeira constrangedora, para ele, no caso.

— Acabou meus cinco minutos. Obrigada pela cerveja, garoto. — Levanto-me em um salto e rumo para a porta.

— Tetê? — Ouço sua voz esganiçada antes que eu feche a porta.

— Sim... — Ergo as sobrancelhas, fitando o rapaz sem jeito na cadeira.

— Será que *tu* pode... depois... me ensinar... quer dizer... falar sobre essas *coisa*...

— Posso te dar uma ou duas aulas práticas, garoto. — Pisco um olho com riso sacana.

— Práticas? — Seus olhos se arregalam tanto, que quase saltam da face.

Concordo com a cabeça e fecho a porta, rumando de volta ao balcão. Heitor está atolado atendendo aos pedidos de destilados, então me ocupo de servir as cervejas e abastecer as bandejas.

Viro para o freezer atrás de mim, pesco três garrafas do fundo, quase caio dentro do bendito recipiente, já que sou baixa para a altura da gerigonça, quando retorno para frente do balcão, dois pares de olhos me encaram.

Um admirado, com um sorriso bobo cobrindo os lábios, já o outro parece ter chupado limão azedo, só faltou rolar os olhos ao confirmar que sou eu a atendente.

— Noite, dona Tetê.

— Noite, guarda Josias.

— Noite. Vê duas cervejas. — Sua voz alta e grossa sobrepõe o som e impacta diretamente dentro de mim.

Não queria me sentir afetada por esse homem, mas só o fato de o ter na minha frente, já causa um alvoroço no peito e um fisgar nas partes baixas.

Diacho de grosseirão delicioso. Se nunca tivesse provado, talvez não sentisse tanto sua presença.

— O xerife acha que foi a moça?

— Não acho nada, homem. Mal comecei a investigar.

— Mas se ela ficou com tanto medo, é porque tá devendo.

— Tem gente que fica inibido diante de autoridade.

Escuto a conversa de ambos, enquanto sirvo a bandeja ao lado deles e me viro para pescar mais duas cervejas. Abro a tampa e entrego a ambos.

— Não é *bão* avisar seu Lucio e dona Babi sobre o caso?

— Farei isso amanhã. É bom redobramos os cuidados com os gados da fazenda.

— Será que eles vão atacar aqui? O senhor disse que eles não seguem padrão.

— Justamente por isso vou alertar. Sem padrão não dá *pra* prever quando e onde vai acontecer o próximo roubo.

— *Tá* tendo roubo de carga viva na região? — intrometo-me na conversa e o delegado aperta os olhos, descontente, na minha direção.

— Isso é assunto da polícia, moça.

— Só puxei conversa. — Dou de ombros.

— Deveria fazer só seu serviço.

— Diacho! *Tu* tem algum problema comigo, delegado? — Levo as mãos na cintura, irritada.

Esse homem está passando dos limites no quesito grosseria.

— Tenho não. Mas seria complicado se uma autoridade tivesse, *né*? — Ele cruza as mãos sobre o balcão e me encara impertinente.

— Como *tá* indo o primeiro dia de trabalho, dona Tetê? — Josias, que assistia ao nosso embate, praticamente grita e intervém na confusão iminente, volto meu olhar para o rapaz e resolvo ignorar seu chefe sem educação.

— *Tá* tudo bem. *Tô* dando conta do recado.

— Que *bão*. Mas como *tu* vai embora? É perto da sua casa, mas nesse matagal fica perigoso uma moça andar sozinha.

— Dou meu jeito.

— Se precisar de carona, tem meu número.

— E vai levar *ela* nas costas? *Tu* não tem nem bicicleta, Josias — o homem mal-humorado se intromete na conversa.

— Isso é assunto nosso, *tu* não tem que palpar.

Cruzo os braços na altura do peito e encaro os olhos, agora, afogueados do xerife. Suas narinas se mexem conforme respira ofegante, com certeza irritado com a devolutiva grosseira que recebi dele.

— Tem razão. Quero mais é que os dois *se lasquem*^[26].

Ele acerta um tapa na madeira, pega sua garrafa com a mão livre e se levanta, caminhando para o outro lado do salão.

Se não aguenta o tranco, é melhor que meta o pé^[27] mesmo.



Capítulo 5

“Desgraça pouca é bobagem.”

Tetê

Encerramos a noite já beirava três da manhã, os últimos clientes, *manguaçados* foram colocados para fora pelo Heitor, que de um jeito amigável encerrou o atendimento do bar.

O guarda Josias foi embora pouco depois, acompanhado do grosseirão, pediu que eu ligasse, caso não tivesse como ir embora, mas Heitor prometeu uma carona para mim e Neto, que moramos na mesma rua.

Termo de limpar o balcão, junto o balde, a bucha e o pano, marcho para o depósito deixar tudo e aproveito para pegar minha bolsa no quartinho. Despeço-me de todos que, assim como eu, parecem exaustos da noite movimentada.

— *Simbora*, dona Tetê — Neto chama da porta, com Heitor ao seu lado.

— *Vamo*.

O percurso de carro não demora nem cinco minutos, só aceitei a carona por não querer andar a pé com essas botas que estão matando meus pés e, claro, seguir a trilha no matagal a essa hora não é seguro.

— Agradeço a carona. — Abro a porta da frente e desço, assim como Neto, da parte de trás.

— Por nada. Até amanhã. — Heitor ergue a mão, nos cumprimentando.

— Até.

Bato a porta e contorno o carro por trás, pescando o molho de chaves da bolsa. Sinto a sombra de alguém em meu encalço, olho de relance e vejo

Neto seguindo meus passos feito um cão sem dono.

— Que foi, garoto? *Tu* não vai *pra* casa, não? — Encaixo a chave certa na fechadura e destranco o portão.

— Vou. Mas é que eu queria saber se a senhora falou a verdade.

— Sobre o quê? — Agarro uma das barras da grade ao apoiar, a outra mão descansa em minha cintura.

Sei exatamente a que o menino se refere, mas é engraçado demais ver o embaraço dele quando fala sobre sexo. Algo comum, que todo mundo faz, mas tratado como vergonha por muitos.

— *Tu* sabe... sobre as coisas de adulto... de intimidade... — O garoto coça a nuca e um leve rubor se torna visível.

Aprumo o corpo e fecho a nossa distância em duas passadas, seus olhos brilham ao meu avanço, a boca apertada e sua respiração acelera com o subir e descer do peitoral.

Temos a mesma altura praticamente, estou próxima o suficiente para sentir sua respiração atingir meu rosto, sem conseguir conter, o canto da minha boca ergue, ligeiro, sem pedir licença, avanço um pouco mais, quase tocando sua pele, recuo o pescoço e vejo seus olhos fechados.

— Já disse que falei sério, garoto. — Ele torna a me olhar, levemente decepcionado. — Na hora certa.

— E quando vai ser essa hora? — A aflição é tanta, que ele chega a trocar o peso entre as pernas.

— Agora mesmo. Primeira lição, garoto: a pressa é inimiga da perfeição. Se *tu* quer conquistar um rabo de saia, aprenda vivenciar cada momento. Nenhuma mulher é dobrada sem um jogo de sedução.

— *Tendi* — responde, apertado.

— Agora deixa de *alugar* meu tempo. Preciso dormir e *tu* também.

— Tá certo. Boa noite, dona Tetê.

— Noite, garoto.

Entro em casa rindo do menino, tão apressado quanto um coelho, é bem capaz de fazer muita coisa errada antes de finalmente conseguir acertar com um rabo de saia.

Só tenho coragem de tirar as botas, esticar os dedos, aliviada do aperto, arranco as roupas pelo caminho até a cama e me jogo no colchão puxando a coberta em cima de mim.

Acordo sobressaltada, dou um pulo da cama e quase caio de *fuça* no chão, assustada. Passo uma mão na testa limpando o suor, enquanto a outra comprime o peito para acalmar o acelerado do coração.

Diacho de sonho ruim, correndo pela trilha no meio de um matagal, um farol iluminando minhas costas, ao meu encalço, gritei por socorro, mas a voz não saía, uma falta de ar e medo de ser pega. Topei de frente com um peitoral firme e forte, quando olhei para cima, vi o semblante sisudo e pouco paciente do xerife, então acordei.

— *Eita!* Sai de mim, assombração. — Um arrepio frio percorre minha espinha e me faz tremular o corpo inteiro.

Pesco um vestido do armário, minha sandália baixa, prendo no alto da cabeça os cabelos revoltos e vou para o banheiro cuidar dos dentes.

Assim que estou pronta, saio de casa rumo à feira de rua. Sábado é um dia bom para comprar legumes e verduras, ainda preciso abastecer a casa com uma compra decente e hoje é a xepa.

Atravesso a praça, o sol quente aquece minha pele, uso meus óculos de sol, pessoas transitam de um lado para o outro, alguns me encaram com

estranheza, outros cobiçam minhas curvas no vestido e eu só faço sorrir, simpática.

Gosto da atenção, nunca neguei, até dos que me olham enviesado. Se percebo que incomodo, algo dentro de mim desperta e faço o melhor para causar ainda mais desconforto.

A feira está cheia, os mercantes gritam a baixa dos preços, pelo visto, cheguei na hora certa. Vai demorar até eu receber um pagamento e minha reserva de dinheiro foi toda para o aluguel da edícula e passagem até aqui.

Preciso segurar os bolsos para fazer o dinheiro render, por isso me atento com as ofertas e compro o que me interessa. Talvez eu possa fazer alguns bolos, ou quem sabe umas quentinhas para vender, um dinheiro extra sem muito esforço e ajuda a complementar minha renda.

O salário do bar não é muita coisa, ainda mais que não tenho experiência nem garantia de que continuarei contratada, tudo se desenrolou muito rápido, ainda não sei se estou segura o suficiente em Santino, mas é o que tenho por agora.

Paro diante de uma barraca de mel orgânico, alguns com favas no recipiente, outros só o puro néctar, minha boca fica aguada de vontade, pergunto o preço para o senhor, que estica os olhos dentro do decote do vestido antes de responder:

— *Tá* quinze reais, mas *pra* senhora bonita eu faço por dez. — Seu sorriso enrugado cresce e os dentes amarelados ficam evidentes.

— Agradecida. — Sorrio de forma que não alcança os olhos e pesco o trocado dentro da bolsa. — Tome. — Estico o braço e lhe entrego o dinheiro, pegando o pote na sequência.

— Se precisar de mais alguma coisa, é só chamar, dona. — O homem

toca a aba do chapéu que usa e move as sobrancelhas grossas e peludas com interesse.

— Tome vergonha, *homi*! — Uma senhora de cabelos grisalhos aparece na barraca e acerta um tapa no braço do senhor.

Pulo no lugar, assustada com o rompante da senhora que grita todos os tipos de xingamento para o senhor, até virar sua fúria para cima de mim.

— Já me vou — solto, mas não rápido o suficiente.

— *Tu* tome tento, moça. Ele é um velho casado.

— Oxe, mas eu não fiz nada. Só *tô* comprando um pote de mel.

— Conheço seu tipo, viu? — Ela chacoalha o dedo na minha direção.
— Marieta alertou sobre *tu*.

— E *tu* parece que é tão maluca quanto ela — brado de volta.

— Pois eu lhe arranco os olhos se me chamar de maluca de novo, sua desfrutável. — A senhora contorna a barraca e vem na minha direção.

— Que venha, pois eu não tenho medo, não. — Solto minha sacola de feira no chão.

O fluxo de pessoas que transitavam no corredor se aglomera em torno da barraca, atentos aos próximos acontecimentos, armo a mão pronta para revidar se a velha maluca partir para a ignorância.

Nunca gostei de briga, acho uma grande perda de tempo, mas sempre fui mulher de manter o pé quando sou intimada. Se ela pensa que os fios brancos da sua cabeça irão me intimidar, está muito enganada.

— *Eita!* Dona Tetê, o que *tá* acontecendo aqui? — Olho para o lado e vejo Maldonado ganhar espaço entre as pessoas que se espremem para conseguir um bom lugar no camarote.

— Essa assanhada que *tá* de segundas intenções aqui.

— Eu? Endoidou de vez? Só comprei um pote de mel.

— Mas ficou mostrando o decote *pra* ter desconto, que eu vi.

— Oxe. Tenho culpa se teu marido perdeu o *zoio* onde não *devia*?

— Agora *tu* vai *vê* — A mulher salta na minha direção, mas Maldonado avança e a segura pelos braços.

— Que isso, senhora? *Vamo* parar de encrenca.

— *Tu* solta minha mulher, homem — o mercante espertalhão resolve se manifestar e parte para cima do moreno.

Assim que contorna a barraca, o senhor puxa a camisa de Maldonado, fazendo-o soltar o agarre da mulher endoidecida. Assim que está livre, ela voa em cima de mim, acertando um tapa no meu braço e a outra mão vai para meu cabelo.

Fecho minhas mãos em torno do seu pescoço e aperto o quanto posso, a senhora é mais forte do que pensei, acho que pela primeira vez corro o risco de levar uma *peia*^[28].

A mão livre da senhora segura a alça fina do vestido quando ela puxa, ouço o barulho do tecido rasgar na frente e, no desespero de não mostrar minhas partes em público, solto meu agarre do seu pescoço e seguro o busto com o tecido partido até quase o umbigo.

Por sorte, coloquei um top sem alça, o que ajudou a preservar minha nudez.

No meu descuido, a doida me empurra com ambas as mãos, cambaleio para trás e acerto algo duro e grande. Duas mãos seguram meus braços de imediato, firmando meu corpo no lugar.

— Mas que arruaça é essa aqui? — O timbre forte e imperioso sobrepõe as vozes.

A encenqueira estaca sem reação, não preciso olhar sobre o ombro para saber que estou no agarre do delegado. Maldonado e o senhor soltam a camisa um do outro, com os punhos ao alto, prontos para trocar socos.

— Foi *essazinha* que começou. — A mulher aponta para mim.

— Mentira! — Sacolejo os braços até estar fora do aperto do homem da lei.

Afasto um passo para o lado, volto meus olhos em sua direção e só não gemo ao vê-lo, pois a situação é complicada demais. Usando óculos de sol estilo aviador, camiseta branca ajustada nos braços e tronco e um jeans lavado grudado nas coxas grossas.

O miseravi é delicioso!

— Esse daqui agrediu minha *muié*. — O homem da barraca aponta para Maldonado.

— Diacho! Só segurei ela *pra* não agredir a dona Tetê.

— A culpa é dessa loira desfrutável que chegou de maledicência aqui.

— *Tu* que não cuida bem do marido e a culpa é minha? — Avanço um passo à frente e sinto dedos fortes segurarem meu braço livre.

— Mas *óia* que abusada. Eu vou...

— CHEGA! — A mulher para seus passos quando o grito do xerife reverbera na feira. — *Tá* todo mundo detido. Guarda Josias? — Olhamos em volta até que o rapaz consegue passar entre algumas pessoas e adentrar a roda.

— Pois não, xerife!

— Leva todo mundo *pra* delegacia.

— O quê? — Maldonado se manifesta.

— Mas e a minha barraca? — o senhor, implora.

— Dê seu jeito, senhor. *Tu* vem comigo. — Sinto minha pele arrepiar quando sua boca se aproxima do meu ouvido e solta a última parte em um sussurro.

Já na delegacia, estou sentada no banco de espera, enquanto o casal está dentro da sala do delegado explicando o que aconteceu. Maldonado já foi ouvido e liberado com a advertência de se manter longe de confusão.

Continuo segurando meu vestido rasgado no meio dos peitos, com a sacola de feira ao lado e a paciência por um fio. Tenho certeza de que esse homem me deixou por último de propósito, quer me fazer tomar um chá de cadeira, se aproveitando da posição que ocupa.

— Boa tarde. — Olho para cima e vejo um homem fardado, cabelos claros e rosto anguloso, bonito — A senhora pode entrar agora.

— Finalmente. — Solto uma lufada de ar, levanto e empunho minha sacola e bolsa, rumando para dentro da sala.

Os senhores se despedem do delegado, que sorri de algo que ambos falam e quando percebem minha presença na sala, fecham o semblante. Aperto os olhos, certa de que minha versão dos fatos não fará muita diferença.

— Boa tarde, xerife. — Ambos se despedem e rumam para fora, sem me dirigirem um segundo olhar.

— Pode sentar, dona... — ele olha um papel à sua frente —... Maria Tereza.

— Vou poder falar minha versão da história ou o senhor já tomou a

palavra deles como verdade? — Sinalizo com a cabeça para fora quando ocupo o assento em frente ao homem.

Ele ergue os olhos do papel, o cenho franzido e o olhar quase assassino na minha direção, os lábios apertados em uma linha fina, cruza os braços, um sobre o outro, em cima da mesa e avança o pescoço para frente.

O escrutínio me incomoda, sinto sua imponente me intimidar um pouco, talvez minha língua grande me coloque em maus lençóis, ainda mais do que já estou metida.

— Acho *bão* a dona medir as palavras. — Corro o olhar para o loiro parado próximo à mesa, ao seu lado, volto a olhar para ele e aceno a cabeça uma vez.

— *Tá certo.*

— Agora *tu* pode dizer o que aconteceu.

— *Tô* sofrendo perseguição nesta cidade, só pode. — Abro os braços indignada com a situação.

O xerife recua no encosto da cadeira com rapidez, seus olhos correm para o lado, ouço o homem loiro pigarrear, o encaro com estranheza e ele sinaliza com a cabeça para meu colo.

Baixo os olhos, levo as mãos apressada para o busto, puxando o tecido partido do vestido. Já tinha me esquecido do estrago da peça.

— Melhor a senhora se recompor. — Ouço a voz baixa do xerife.

— É mesmo, delegado? Fui atacada injustamente, minhas roupas estragadas, tomei chá de cadeira e agora preciso me preocupar com pudor? *Num tô pelada, diacho!*

— Pois vista isso. — Ele abre uma gaveta e tira uma camiseta branca, jogando na minha direção.

— Se um top feminino fragiliza tanto vocês, eu visto. — Dou de ombros e solto o tecido partido para vestir a camiseta.

— *Eita...* — Ouço baixo e corro o olhar para o guarda loiro com um sorriso de lado ao vestir a peça.

— Agora, sim. *Tu* pode expor seu relato.

— Pois bem. *Vamo* começar pelo ponto que sou perseguida até por *tu*, delegado.

Eu deveria ter segurado a língua, mas quem disse que consigo colocar trava nela?



Capítulo 6

“Quem desdenha quer comprar”

Xerife

Minha mandíbula enrijece conforme os dentes travam uns nos outros, a pontada na têmpora vem em seguida, pressionando o cérebro a fim de acalmar a irritação iminente da declaração da loira endiabrada.

A mulher não tem um pinga de limite, dado a terceira confusão que ela se enfia em menos de uma semana, sendo que uma delas foi comigo. Não sei se isso é coragem ou uma *baita* burrice.

Ainda acho mais válido a segunda opção.

— *Tu* quer registrar uma queixa contra todos que te perseguem, dona Maria Tereza? Incluindo a mim? — Ergo as duas sobrancelhas, inquiridor.

— É Tetê, e não. Não precisa registrar nada. Só quero seguir minha vida sem confusão.

— Dado a observação sobre as duas brigas, além da obstrução de um carro oficial, não sei se o que a senhora procura é paz e tranquilidade.

— Oxe! A mala era minha na rodoviária, *tu* foi grosseiro e eu saí da frente do carro e hoje, o homem daquela doida que não se respeita. Não fiz nada.

— Em ambas as confusões, a senhora poderia ter ignorado e seguido seu caminho, sobre a nossa confusão — projeto o tronco para frente —, a senhora estava impedindo uma investigação.

— Que seja. — Ela dá de ombros, indiferente.

— O cabo Bento vai registrar seu depoimento e como avisei aos demais, vocês estão sob observação policial. Qualquer confusão, algazarra ou alvoroço, vão *comer* xadrez.

— Mas...

Ergo uma sobancelha, determinado, usando um pouco de inteligência, opta por calar em seguida, mas os lábios comprimidos mostram o quão insatisfeita está.

— Pode prosseguir com sua versão dos fatos, o cabo vai tomar nota de tudo para registro. — Levanto-me em um rompante. — Preciso averiguar algumas coisas, volto mais tarde, Bento.

— Sim, xerife.

Volto meu olhar para a mulher sentada diante de mim, seus olhos provocadores me fitam e a sensação de reconhecimento me toma mais uma vez. Como é possível alguém que conheci nos meus sonhos cair em Santino de paraquedas?

Pigarreio, antes de rumar para a saída. A verdade é que não tenho nada para investigar, poderia muito bem tomar o depoimento dela, questionar e fazer meu papel, mas é fato que não consigo permanecer tempo demais em sua presença.

Ela é linda, como em meus sonhos, o problema é seu lado provocador e desaforado, ainda maior na realidade, isso me leva ao limite com a maior facilidade do mundo, é instantâneo, lhe dando poder sobre meu autocontrole.

Entro na caminhonete, dou partida e arranco o mais rápido possível dali, vou direto para minha casa, onde posso beber e afundar meus pensamentos e lembranças em um canto amargurado da cachola.

Tenho coisas mais importantes para me preocupar, a investigação do roubo de carga está no começo, mas a quantidade de gente no meu pé chega a ser impressionante.

Recebi uma ligação do delegado geral essa manhã, deixando claro que

preciso resolver a questão o quanto antes, afinal, pessoas importantes estão sendo lesadas e os olhos da mídia nacional logo estarão sobre o estado.

Estaciono na frente de casa, toda em madeira, parecida com uma cabana, contornada por uma cerca de ripa, pintada de branco, é acolhedora e aconchegante. Subo os degraus da pequena varanda, onde uma cadeira de balanço ocupa o lado direito, entre a janela e a porta.

Giro a maçaneta e entro, tiro os óculos e os deixo sobre a bancada que divide a cozinha pequena e a sala, rumo para o quarto, tiro a camiseta, passo no banheiro e retorno para a cozinha servindo uma dose de cachaça que guardo no armário.

O líquido desce queimando a goela assim que viro o copo, sacudo a cabeça para dispersar o incômodo, abro a geladeira e pesco uma cerveja. Melhor algo gelado, devido ao calor que tem feito esta tarde.

Tomo duas geladas de estômago vazio, resultado é sentir a tontura tomar conta da minha mente e logo eu estar largado no sofá, com a terceira garrafa no chão ao meu lado, enquanto o celular toca um *modão*.

Fecho os olhos, sinto a leveza que só a bebida consegue me proporcionar, o hábito se tornou comum desde que deixei minha cidade. Aquela *disgramada* acabou com tudo que eu almejava, deixei família, amigos, minha casa, tudo para não sofrer a vergonha de ser apontado na rua.

Por isso prefiro viver nesta cabana, sozinho, sem amigos, sem parentes, sem ninguém que possa me ferir de alguma forma. Confiança é um cristal muito valioso e caro, quando trincado, mesmo que uma pequena lasca, nunca mais será a mesma coisa.

Diana conseguiu acabar com a minha confiança no ser humano, aquele infeliz do Miguel também. Amizade, companheirismo, fraternidade, isso simplesmente não existe e descobri da pior forma.

A morena mais linda que já botei meus olhos, dona de uma boca carnuda, rosto delicado, traços marcantes, íris brilhante e iluminada, a pele escura e harmoniosa, a perfeição em forma de mulher, mas de um caráter podre e sem moral.

Lembro-me das vezes em que declarei meu amor feito um idiota apaixonado, diante de todos, mal sabia que os risos eram de descaso pelo papel que estava me prestando.

Ergo a cabeça da almofada, pego a garrafa de cerveja do chão e viro a cabeça sorvendo mais um gole generoso, lembranças da cabeleira loira invadem minha mente, cada vez mais eu desisto de lutar contra, depois que a encontrei personificada na diaba, não consegui mais tirar da mente.

Suas mãos presas na grade da cama, o metal bruto em torno do pulso delicado, um leve avermelhado denuncia as pinçadas em sua pele, meu pau pulsa dentro da cueca, excitado com sua rendição.

Os cabelos loiros-claros e longos espalhados pelo travesseiro, o corpo alvo se contorcendo com meu ataque, a renda cobrindo o busto, vermelho-vivo, que afogueava ainda mais seu olhar na minha direção.

Suas pernas travadas sobre meus ombros, minhas mãos apoiavam sua anca, enquanto a boca saboreava o melhor sabor já degustado por mim. Ainda posso sentir vivaz seu gosto, salivo toda maldita vez, almejando sedento por mais uma dose.

Meu pau desperta embaixo do jeans, cubro a braguilha com a mão e aperto, aumentando ainda mais meu desconforto. Acho que está na hora de visitar a cidade vizinha e encontrar uma acompanhante para a noite.

A vantagem de morar quase na saída da cidade é que não tenho vizinhos para cuidarem da minha vida, o que não dá controle para ninguém saber onde estou e, principalmente, com quem.

Por isso nunca saí com ninguém de Santino, sei que rolam alguns bochichos desconfiados, comentários até maldosos sobre meu estado civil, ou orientação sexual, mas isso não me incomoda.

Ouçõ uma batida forte na porta, desperto dos devaneios e me levanto em um pulo, surpreso com quem quer que seja. O único a visitar minha casa é Bento, mas o plantão na delegacia não o permitiria estar aqui antes do anoitecer.

Rumo até a porta, cauteloso, abro uma pequena fresta e vejo a ruiva parada com uma cesta de vime nas mãos. Seu olhar de censura me fita, então abro a porta de vez, soltando uma lufada de ar.

— O que faz aqui, Carlota? — Volto para dentro, dando a deixa para que entre.

— Bom ver *tu* também, xerife. — Não perco o tom de cinismo. — Vim trazer algumas quentinhas.

— Já falei que não precisa disso.

— Deixa ver se eu adivinho. *Tu* almoçou cerveja e cachaça?

Formo uma careta em resposta e ela solta um riso contido ao apoiar a cesta sobre a mesa e começar a tirar as marmitas de dentro. Vou até a gaveta do armário e tiro uma colher de lá, o cheiro está maravilhoso como sempre.

Carlota tem mãos de fada para tudo que faz, até seu café tem um sabor diferente dos demais, a mulher nasceu para cozinhar e Diógenes é um caboco sortudo de tê-la fisgado há anos.

Ambos cuidam da lanchonete herdada por ela quando os pais faleceram, ela passou algum tempo sozinha, dando conta de tudo, até contratá-lo para auxiliar no atendimento e se envolverem.

— O que tem de *bão* aí?

— Se não respondeu à pergunta, é porque não falei mentira.

Paro ao seu lado na mesa, ergo uma sobrancelha, ela mira meus olhos e repete o gesto, travamos a típica batalha de sempre, em que argumenta da minha falta de qualidade de vida e que preciso arrumar uma mulher para cuidar de mim.

Apesar de intrometida, desde que cheguei à cidade, ela e o marido têm sido muito bons comigo, ambos que ajudaram a encontrar um lugar para morar, Diógenes cuidou de alguns consertos por aqui e Carlota me adotou em relação à precária alimentação que sempre tive.

— *Tu* fez escondidinho de carne seca. Carlota, eu te amo! — Aperto sua bochecha e neste momento o marido dela entra pela porta.

— Acho que é agora que eu te dou uma lição.

— Diógenes, já te falei, se der mole, eu roubo tua mulher *pra* mim.

— Rá! Muito engraçado. — O homem se aproxima da esposa e enlaça sua cintura. — Essa é minha, xerife. Procure uma *pra tu*.

— Bem que já tentei arrumar alguém pra ele, mas o *homi* corre de tudo quanto é rabo de saia. Tô pensando em mudar a tática e procurar por *homi pra* ele.

— Diacho! *Tá* me estranhando, Carlota? — respondo, indignado. — Tenho nada contra, mas meu negócio é mulher. Sempre.

— Então por que nunca aceitou nenhum dos encontros que tentei arrumar *pra tu*?

— Porque não tô interessado em nenhuma específica. Pode parar de bancar a casamenteira.

— Pelo menos, alguém *pra* limpar este lugar *tu*, vai precisar. — Diógenes corre os olhos pela sala.

Não sou um exemplo de organização, costumo deixar as coisas espalhadas, minhas roupas tenho alguém que cuida quinzenalmente, mas faxineira está difícil de conseguir.

— Quero nem ver o estado do banheiro.

— Habitável — rebato a cara de nojo da mulher.

— Vou arrumar uma faxineira. Urgente.

— Não precisa...

— *Óia! Tu não quer muié e ninguém importunando tua vida, posso até concordar, xerife, mas casa limpa é o mínimo aceitável para qualquer ser humano.*

— *Tá certo. Mas tem que ser de confiança, Carlota.*

— Deixa comigo. Nem que eu fique aqui até a pessoa terminar o serviço.

Trocamos mais uma meia dúzia de palavras, eles se despedem e eu me ocupo de comer uma das marmitas deliciosas. Farto e cansado, rumo para o quarto, arranco as botas e a calça e me jogo de cueca na cama.



Entro no Pau Dentro e logo avisto Bento sentado em uma bancada no

balcão. O lugar ainda está vazio, é cedo, marcamos de nos encontrar aqui para seguirmos uma pista sobre o caso de roubo das cargas.

Ao que parece, o grupo tem contato por toda a região, só assim para agirem com tanta precisão, cuidado e de forma direta. A falta de buchicho e testemunhas só me faz crer que estão mais infiltrados do que podemos imaginar.

— Noite, cabo.

— Noite, xerife.

— Bebendo? Já vamos sair. — Aponto para o copo com líquido âmbar.

— É refresco.

— Quero um também.

— *Pra* já. — Ele ergue o braço. — Dona Tetê, pode servir um suco desses *pro* meu chefe?

Não consigo evitar a careta que meu semblante se transforma só de ouvir o nome da diaba. Ela surge de baixo do balcão, um sorriso aberto, cabelos presos, só a metade, no alto da cabeça, uma camisa xadrez vermelha, que combina com perfeição com os lábios tingidos de rubro.

— Claro. — Ela mantém o sorriso, mas a olhada enviesada para mim mostra que o desagrado também lhe acompanha.

Ela vai até próximo de Heitor, que serve o outro lado do balcão, pega algo na geladeira atrás dele, serve o líquido da jarra e retorna com o copo cheio.

— Melhor fechar a boca, xerife. — Ouço o tom baixo de Bento e desperto.

— *Tá* falando de que, homem? *Tô* aqui matutando a pista que vamos seguir.

— Sei. Claro.

Cruzo os braços diante do balcão, assim que a loira para diante de mim e desliza o copo para frente. Encaro o copo, subo o olhar para ela, volto a olhar o copo e me levanto da banquetta.

— Te espero lá fora, cabo. — Sem dirigir um segundo olhar aos dois, me retiro do recinto.

Minha cabeça está atormentada, preciso ficar longe de confusão.

Maria Tereza exala tudo que tenho evitado há anos e não vou sucumbir a um desejo sem explicação.



Capítulo 7

"Antes só do que mal acompanhado"

Xerife

Chegamos ao ponto de observação, próximo à última fazenda saqueada, a equipe do Cássio vigia a estrada secundária, seguimos a linha de raciocínio que os suspeitos ainda estão com a carga na região, qualquer rota que forem tomar é necessário passar por uma das duas estradas.

É impossível um caminhão de carga virar fumaça, desconfio que estão entocados em algum lugar, no aguardo de uma oportunidade de seguir viagem. A polícia rodoviária já foi notificada para tomar vigilância nas barreiras de fiscalização, o problema é que existem muitas opções secundárias até o próximo posto.

— Acha que essa campana vai adiantar de alguma coisa? — Bento dá voz aos meus questionamentos no último par de horas.

— Se vai, eu não sei, mas alguma coisa precisa ser feita.

— Acho válido fazermos uma busca nas pequenas terras ao redor. Alguém pode *tá acoitando* eles.

— Já pensei nisso. Cássio e eu estamos organizando uma batida para amanhã de dia, na região.

— E o que *tu tá* fazendo aqui, xerife? Devia *de* descansar.

— E ficar longe de uma possível ação? — Olho de soslaio para ele.

Estamos sentados no capô da caminhonete no alto de um morro, temos visibilidade da rodovia dos dois lados, qualquer um que passe por aqui pode ser visto ao longe.

Aperto a jaqueta com pele de carneiro em torno de mim, está mais frio esta noite, a fumaça sai das nossas bocas com o ar quente em contato

com o gélido vento que transpassa por nós.

— Entra no carro e vai *pra* casa, homem. Se aparecer algo, te chamo no rádio.

Encaro a estrada mais uma vez, vazia, tudo escuro, quase meio da madrugada, acho pouco provável que tenhamos sucesso com a ação, por isso resolvo acatar o conselho de Bento.

Ambos saltamos do capô, nos cumprimentamos, ele continua com o binóculo noturno na mão e eu marcho para o carro. *Tô* sugado, preciso de boas horas de sono para aguentar o tranco de amanhã.

Tomo a estrada de volta para a entrada da cidade, evito a rodovia vigiada para não despertar ou afugentar um possível suspeito, sigo o caminho por dentro da cidade até minha casa, o que me obriga a atravessar de ponta a ponta.

Afunilo os olhos quando o farol bate em três transeuntes perambulando pela trilha. Uma mulher e dois homens, um deles pega sua mão, mas ela recua e desvia dele, seguindo o caminho.

Diminuo a velocidade em alerta, apesar de Santino ser uma cidade muito pacata e tranquila, nunca é exagero manter a atenção em situações de possível perigo, principalmente para uma mulher no meio do nada, sem chance de gritar por socorro.

O outro homem avança sobre ela, segurando seu braço, ela tenta se desvencilhar, então paro o carro e desço, apressado.

— Ei! Solta a moça — grito, a uns passos de distância.

O primeiro rejeitado vira e vem na minha direção com o punho armado, grande erro, próximo o suficiente ergo a perna e chuto o meio do seu tórax, jogando-o no chão de terra vermelha.

Reconheço a mulher presa no agarre do outro homem, só podia ser ela, não consegue ficar longe de confusão, nem que quisesse. Avanço sobre eles, solto seu braço cativo pelo meliante e o empurro para longe.

Ambos estão visivelmente bêbados, o primeiro que chutei não consegue levantar, o segundo cambaleia, mas consegue se manter firme no lugar.

— Vai *pro* carro agora — ordeno e, com o olhar assustado, ela obedece, sem questionar.

Por um breve momento, cogitei a hipótese de travar uma guerra com sua negação. A mulher não consegue manter a linha nem quando é necessário.

— Oxe... qual é par-parceiro?... — O homem abre os braços e seu corpo ondula, sem qualquer linha de equilíbrio.

— Sou o delegado da cidade e os senhores estão detidos.

— O quê? — O homem ainda parece ter alguma consciência e entender a situação. — Mas... a gente não *fex* nada.

— Assediar uma pessoa é crime.

— Mas foi... ela que disse... ela chamou a gente. — O homem aponta para o carro.

Volto meu olhar na direção que indicou, vejo a sombra da loira, torno a olhar para ele, em dúvida se é verdade ou não. Talvez eu tenha me intrometido e visto coisa demais.

— Não foi isso que eu vi. Ela pareceu nitidamente incomodada com os dois.

— Isso é charme, frescura.

Aperto os olhos e avanço um passo à frente, o homem recua e cai sentado em um monte de terra, seus olhos torpes tentando manter a concentração em qual será meu próximo passo.

Junto sua jaqueta no meu punho, a raiva brotada em instantâneo faz o *apertume*^[29] dos meus dedos aumentar.

— Por conta de homens feitos *tu* e seu amigo, é que mulheres não têm segurança e liberdade na rua. Tome vergonha, homem. Não é não. — Abaixo o rosto na sua direção enquanto falo, pronto para lhe aplicar um corretivo, se necessário.

— *Tá certo.*

— *Agora tome teu rumo*^[30], *tu* e seu amigo. Não quero mais ver a *fuça* dos dois nesta cidade.

Solto o agarre com um solavanco e retorno para o carro, entro, bato a porta e bufo, arrisco um olhar ao lado e vejo a mulher encolhida, com uma blusa fina, os braços em torno de si.

Pesco no banco detrás uma jaqueta perdida ali e jogo no seu colo.

— *Veste. Tá frio.*

— *Não carece. Tá perto de casa.*

— *Mesmo assim. Tu pode se resfriar.*

Pela segunda vez, ela obedece, sem questionar faz o que é pedido, chego a estranhar, talvez a situação a tenha abalado e confundiu os parafusos em sua *cachola*.

Logo estaciono na porta da casa de dona Dolores, desligo o motor e espero que ela saia, mas isso não acontece. Arrisco um olhar e a vejo me fitando com atenção.

— Pode descer, moça.

— Só quero agradecer. Se *tu* não aparecesse, nem sei o que podia ter acontecido.

— É *bão* *tu* vigiar as companhias que anda. Nem todo homem sabe o que é não.

— Serei mais cuidadosa, xerife. — Ela solta o cinto e avança o corpo na minha direção.

De imediato, recuo para a janela, assustado com sua intenção.

— O que *tá* fazendo?

— Só ia te dar um beijo de agradecimento, uai. — Ela recua, desconcertada.

— Não precisa disso. Só fiz minha obrigação.

— *Tá* certo. Boa noite, então.

Aceno uma vez com a cabeça e ela desce do carro. Espero até que esteja dentro de casa e tomo meu rumo. Balanço a cabeça em negação, essa moça não tem um pinga de juízo, sempre enfiada em uma enrascada, só me pergunto até quando a sorte estará a seu lado.

Entro em casa, cansado, falei com Bento no rádio, porém, nenhuma atividade suspeita foi identificada, aliás, segundo ele, nem alma penada passou pelo lugar.

Caio na cama depois de me livrar das roupas, puxo a coberta e fecho os olhos. Minha mente é invadida pela fantasia da loira algemada na cama, desta vez não é um lugar desconhecido, mas sim a minha casa. Desisti de relutar contra as ideias criadas pela minha mente, simplesmente aceito e vivencio cada momento, como uma doce e deliciosa lembrança.



Encerramos as buscas nas propriedades vizinhas, quase nove horas na estrada, batendo de porteira em porteira, com a permissão dos proprietários, olhamos ao redor, procuramos por pistas e vestígios, mas ainda nada.

É entardecer quando entro na lanchonete e vejo Carlota colocar um bolo suculento na vitrine. Meu estômago ronca tão alto que chama a atenção dos que são mais próximos.

Tiro o chapéu e rumo para a banqueta que sempre ocupo quando venho tomar meu desjejum. Ela sorri, cúmplice, e serve uma caneca grande de café preto, forte e puro, mais um prato com a fatia do bolo que acabou de colocar no expositor.

— Dia difícil, xerife?

— *Tu* não faz ideia, Carlota.

— Pela tua cara, não foi do seu agrado.

— Nem passou perto.

— Alguma novidade na investigação, xerife? — Diógenes se aproxima, limpando a mão e um pano.

— Nada ainda. Só quero forrar o estômago e cair na cama.

— Aproveita que *tá* tudo limpo. — Carlota sorri e eu me espanto.

— Arrumou alguém *pra* cuidar da minha casa em pleno domingo?

— Sim, e vou dizer: mulher caprichosa. Fiquei espantada com o primor que ela fez tudo.

— Não sei quem é, mas já fico agradecido. A *tu* e ela. Depois me passa o custo *pra* deixar o dinheiro *pra tu*.

— Até podia passar, mas a mulher teimou que não cobraria nada.

— Diacho! Como não? — Recuo o tronco, boquiaberto.

— Ela disse que era pagamento pelo que *tu* fez por ela. — Carlota dá de ombros. — Não entendi direito, mas foi o que alegou.

Pisco as pestanas duas vezes, recobrando na memória o que posso ter feito por alguém, mas nada vem à mente. Normalmente sou educado, mas muito firme e direto, nada de sorrisos ou grandes gentilezas com os habitantes.

— Não sei quem é não, muito menos o que eu fiz por ela. Quem é?

— Alguém bastante agradecida. Mencionou isso umas três vezes, no mínimo, enquanto limpava.

— Mas que diacho! Dá *pra* falar o nome? — brado, incomodado.

— Uai, se apressar aí, *tu* descobre. Saí de lá agorinha mesmo e ela *tava* terminando de dobrar umas roupas.

Levanto-me em um rompante e rumo para a saída, Carlota solta um riso alto, mas ela me conhece bem o suficiente para saber que minha curiosidade é um ponto fraco e não vou ficar sem descobrir de quem se trata.

Solto meia dúzia de palavrões por engolir meu café correndo, chego em casa rápido, mas não o suficiente, para amenizar a curiosidade no mistério

que Carlota fez com a identidade da mulher grata.

Abro a porta com pressa e nada me prepara para a cena diante dos meus olhos. A mulher encrenqueira com os cabelos presos para cima, uma faixa vermelha adornando sua cabeça, camisa de botão branca, amarrada logo abaixo do busto, barriga toda de fora e um short curto, mostrando muito mais do que minha sanidade é capaz de processar.

A personificação safada da dona de casa que todo homem sonha em encontrar quando adentra o ambiente.

Suas mãos pairam no ar com uma camiseta branca, tão reluzente como nunca vi antes, seus olhos brilham ao encontrarem os meus, um sorriso surge nos lábios rubros, no mesmo tom da faixa, sinto uma coceira instantânea na garganta.

— Tarde. — Pigarreio duas vezes, indeciso se devo ou não entrar.

— Tarde, xerife. Já tô quase acabando. Pode entrar e ficar à vontade. A casa é sua. — Ela torce a palma para cima e mostra o ambiente.

Corro os olhos pela cozinha e sala, nem parece minha casa, em três anos aqui nunca vi os armários tão brancos quanto agora. A bancada de madeira brilha, até o sofá marrom parece mais limpo.

— Nem precisa terminar isso. Pode deixar como *tá*.

— De *jeito maneira*^[31]. Já tô acabando aqui. Pode entrar, se quiser tomar um banho. Deixei suas gavetas arrumadas por cor.

— Eu... acho *bão* um banho mesmo... — solto e praticamente corro para o quarto.

Pego a toalha de banho limpa na beirada da cama, entro no banheiro, que fica porta com porta, passo o trinco, para não correr nenhum risco e dispo a roupa.

Olho para baixo, a pistola engatilhada não ajuda em nada meus pensamentos nada adequados. Em um minuto de conversa consegui imaginar pelo menos cinco maneiras diferentes de pegar a loira naquele sofá.

— *Porra!* — xingo quando sinto o fisgar na bola e o sacolejar involuntário do dito-cujo aqui embaixo.

Mudo o chuveiro e desligo a chave, banho frio será uma excelente pedida. Protesto quando a água gelada atinge minha cabeça e escorre pelo corpo, tenho o cuidado de mirar o desassossego para a ducha, a fim de fazê-lo baixar na marra.

É custoso, mas no fim eu consigo. Levei o triplo de tempo no banho, o que pode levantar a suspeita de eu estar batendo uma.

Merda.

No entanto, ela não tem motivos para pensar isso de mim.

Para de ser paranoico, caboco.

Procuro pela roupa limpa e lembro que não peguei nada, preocupado em entrar logo no banheiro. Bato a palma na testa repetidas vezes, vou ter que sair de toalha, mas se for rápido o suficiente, consigo passar despercebido.

O quarto é logo aqui do lado mesmo. Não tem perigo.

Junto as roupas sujas, enfio no cesto vazio, enrolo a toalha em torno da cintura, respiro fundo três vezes, abro o trinco devagar e acelerando o processo, abro a porta, curvo para o quarto em um carreirão e puxo a madeira da segunda, batendo-a atrás do meu corpo.

Olhos fechados, respiração acelerada, solto uma lufada aliviado. Só preciso colocar uma roupa e tirar essa diaba da minha casa.

Quando abro os olhos, gemo, em frustração.

O que ela tá fazendo parada ao lado da minha cama?

— Danou-se.



Capítulo 8

“A ocasião faz o ladrão”

Tetê

Nunca vi homem demorar tanto para se banhar igual esse. Enrugo o nariz, desconfiada, ao passar próximo da porta a caminho do quarto com uma pilha de roupas no braço.

Estaco no lugar e encaro a madeira, aproximo o ouvido e ainda ouço a água caindo do chuveiro.

Será que ele tá se aliviando?

Afasto a cabeça, assustada, se ele estiver se masturbando no chuveiro, comigo aqui, é bastante inapropriado, mas igualmente excitante. Daria tudo, literalmente, para ver essa cena agorinha mesmo.

Sacolejo a cabeça e rumo para o quarto, preciso seguir o conselho dele e evitar confusões, apesar de não ter procurado por nenhuma desde que cheguei à cidade, parece que elas me perseguem e o grosseirão sempre está próximo para intervir e me repreender.

Depois da última, quando ele me salvou de um possível estupro, fiquei agradecida por sempre estar onde a confusão me permeia. Os idiotas estavam me seguindo desde que saí do bar, infelizmente ninguém pôde me acompanhar, já que ainda estava funcionando quando saí.

Achei que fossem dois bêbados desocupados, que me acompanhariam com piadas e gracinhas sem intenção, mas quando um deles resolveu agarrar meu braço com força, o alerta soou dentro de mim.

Graças ao xerife, não aconteceu nada sério, por isso resolvi correr para cá quando ouvi dona Carlota mencionar na lanchonete que precisava de alguém para limpar a casa dele.

Enxerguei aí minha oportunidade de retribuir o favor. Por mais que ele diga que só fez sua obrigação, ainda sim, me sinto melhor em poder devolver de alguma forma o feito.

Abro as gavetas da pequena cômoda, coloco as camisetas dobradas nas pilhas correspondentes pela cor, o que foi fácil de organizar, já que a maioria se limita a branco, preto, azul-escuro e cinza. O homem parece ser cismado até na escolha da vestimenta.

Escuto um barulho alto de porta batendo, salto no lugar, assustada, viro o corpo para trás e meu coração pula para a garganta. Quase engasgo com a saliva que se forma na minha boca, escrutínio é pouco para o que faço com os olhos.

Cabelos úmidos, escorrem algumas gotas pelo pescoço, descendo direto por aquele peitoral firme, trincado e desenhado por músculos bem-definidos, tive o prazer de passar a língua em tudo aquilo e é *bão* demais da conta.

A tolha branca enrolada na cintura marca seu documento, pelo que me lembro do tamanho, é da certidão de nascimento até o registro de casamento, sem exagero algum.

Subo o olhar e encontro o seu, espantado, me encarando. Vejo perpassar um incômodo por ele, quase medo, poderia arriscar, mas ao invés de eu me mexer e sair do quarto dele, isso me aguça para o lado oposto.

— Tem roupa limpa nos armários. — Aponto para o gaveteiro.

— Sim. — Ele pigarreia.

— Se quiser, posso pegar *pra tu*. — Sinto o canto dos meus lábios repuxarem.

Com certeza ele está apavorado, só não entendo o motivo. Já percebi

que ele evita estar comigo, talvez por não querer lembrar a noite enlouquecedora que tivemos, mas ele não tem ideia de que *tô* doida por um repeteco.

— Carece não. — Ele afasta para o lado, tateia a porta até encontrar a maçaneta e a gira. — Pode sair, faz o favor.

— Claro. — Tombo a cabeça de lado, antes de me mover a caminho da saída.

Ao passar do seu lado na porta, paro por um momento, escaneio seu corpo mais uma vez e solto um suspiro, desejosa. É coisa demais para ser desperdiçada sem uma diversão.

— Se precisar de qualquer coisa, me chama. *Tô* logo ali. — Sinalizo com a cabeça para fora, antes de lamber os lábios.

— *Num vô...* — Pigarreia mais uma vez. — Carece não.

Torço os lábios em desgosto e marcho para a sala, termino de dobrar a roupa, apressada, se der sorte, saio daqui antes de olhar na cara do homem mais uma vez.

Não sei o que acontece com esse xerife, até parece que não gosta mais de mulher. Qualquer um no seu lugar teria aproveitado a chance e se esbaldado comigo naquela cama enorme.

É um grande desperdício de tempo, dele e meu. Preciso é colocar na cabeça que ele não quer, se lembra daquela noite, finge que não. Agora, se não lembra, é sinal que só me quis bêbado mesmo. Não devo fazer o tipo dele.

Deixo mais duas pilhas de roupas arrumadas sobre o sofá, levo a bacia para o rancho na saída da cozinha, retorno e encaro a porta, ainda fechada, do quarto. Dou de ombros, entendendo o recado: ele não quer assunto.

Pego minha bolsa, ajeito a faixa de cabelo na cabeça e rumo para fora. Fiz minha parte, deixei a casa dele nos *trinques*, mais limpa do que ele mesmo já tenha visto.

Faço um bico ao mirar a longa estrada de terra para a cidade. O homem resolveu morar na casa mais afastada daqui, sem vizinho, sem asfalto, não passa uma viva alma, o jeito é aguentar a caminhada de quase meia hora.

Chuto algumas pedras pelo caminho, já é entardecer, logo escurece e nem poste de iluminação tem por aqui. Acelero o passo, detesto escuro, a lembrança dos bêbados ainda me assombra um pouco, mesmo que eu não admita em voz alta.

Ouçoo o barulho de um carro vindo atrás de mim, olho por cima do ombro e paro os passos, surpresa em ver o xerife se aproximar.

— Uai. Aconteceu alguma coisa? — questiono, assim que ele para ao meu lado.

— Entra. — Ele sinaliza para o banco ao seu lado. — *Vô levar tu embora.*

Não penso duas vezes em contornar o carro, apressada, empoleirar ao seu lado e colocar o cinto de segurança. Volto minha cabeça na sua direção, sorridente, e ele balança a sua em negação, contendo um sorriso.

Aproveito para fuçar no rádio assim que a caminhonete segue viagem, rodo pelas estações chiadas, até encontrar uma nítida e animada o suficiente para alegrar o momento.

♫ *“Não é bem como você pensa*

Esse sentimento pode ser verdade

Mas essa sua insegurança

Tá criando entre a gente uma blindagem” ♪

Balanço o tronco de um lado para o outro, cantando baixinho a letra, o pé batendo ritmado no assoalho, acompanhando a melodia, quando chega ao refrão, ergo o tom e fecho os olhos.

Sempre gostei de música, minha mãe costumava dizer que eu me tornaria uma dançarina, de tanto ficar escutando a rádio da cidade, já sabia todas as músicas do momento e dançava um arrocha como ninguém.

Até conhecer o traste do meu ex-marido e achar que a vida todinha só esperava por ele. Meu príncipe que não chegou em um cavalo branco, mas com um caminhão e uma boleia aconchegante.

— *Tu* precisa dizer quanto custa a faxina.

Desperto com sua voz, abro os olhos e giro a cabeça em sua direção. As poucas luzes do fim de tarde entram pela janela ao seu lado, deixando sua pele em um tom alaranjado lindo, o contorno do perfil marcado, nariz arrebitado, a boca avermelhada e delineada, uma barba rala, quase displicente, mas que combina demais com o conjunto todo.

O homem é lindo pra disgrama e isso dificulta demais manter a linha.

— *Né* nada, não. Já falei *pra* dona Carlota que só tô retribuindo o favor.

— E eu te disse que não foi favor nenhum o que eu fiz.

— Pois me sinto agradecida do mesmo jeito. — Dou de ombros.

— Diacho! — ele esbraveja e corre o olhar em mim, incomodado.

— Pois eu que o diga. Custa *tu* aceitar a retribuição, homem? — Cruzo os braços com o corpo voltado para o seu lado.

— Não gosto de dever nada *pra* ninguém.

— Pois não *tá*. Fica despreocupado. Quando precisar de faxina de novo, pode me chamar, que eu cobro um valor *bão*.

Seus olhos não retornam para mim, mas o leve bufar deixa claro que ainda não está contente com o acordo. Duvido muito que ele torne a me chamar, mas não custa deixar a proposta aberta.

Logo chegamos ao portão de casa, desafivelo o cinto e encaro seu semblante que se mantém atento à frente.

Abro a boca para dizer algo, mas me faltam palavras, então resolvo sair, nada do que disser vai agradar o grosseirão mesmo. Queria saber aonde foi parar o amante excepcional que me levou à loucura há três anos.

Ou ele desaprendeu a tratar mulher ou não quer mesmo saber de mim.

Desço e bato a porta com força, ouço seu protesto do volante, mas ignoro, pouco me importando se isso o irrita. Paro diante da sua janela, espero até que ele volte o olhar na minha direção.

— *Tu* tem raiva de mim, xerife?

— Diacho. Por que eu teria?

— *Me* trata debaixo do pé, uai.

— *Num* é nada contigo. É coisa minha.

— Quer um café? — Aponto para o portão.

O homem não responde de imediato e isso me dá o fio de esperança. Não sei por que, já determinei que não daria trela para o grosseirão, mesmo que ele quisesse, mas a devassa que me habita precisa provar dessa boca mais uma vez.

— Tarde, xerife. — Ambos olhamos para a calçada e o guarda Josias caminha em nossa direção.

É educado e bonitinho, mas tinha que ser o estraga-prazeres de aparecer bem agora? Tenho quase certeza de que o delegado aceitaria o convite se não fosse pela intromissão do guarda.

— Tarde. *Tá* entregue, dona Tetê. Agradeço o empenho e esforço em casa.

— Por nada, xerife.

Ele dá partida e arranca apressado pela rua, fico olhando a caminhonete virar na esquina ao longe, faço um bico involuntário com a oportunidade perdida.

— *Tava* fazendo o que na casa do xerife?

— Faxina — respondo e vou até o portão, abrindo o trinco. — Já vou entrar. Até mais ver, guarda Josias.

— Até, dona Tetê.

Entro em casa torcendo o pescoço de um lado para o outro, levo a mão na nuca e massagueio os músculos ao sentir a tensão na região. Ombros pesados e um cansaço desmedido, aquela limpeza acabou comigo, seria tão bom receber uma massagem agora e, claro, terminar com um sexo revigorante.

Nessas horas sinto falta da época em que Palomino tinha um Queiroz sem-vergonha e solteiro. Bendita disposição daquele homem, sabia fazer tão bem e nunca perdia a vontade.

Antonia é uma mulher de muita sorte, sinceramente. Cheguei a lamentar o fato de os dois se enroscarem, mas quando vi o olhar que um direcionava ao outro entendi que não se tratava de diversão.

Eles estavam completamente apaixonados um pelo outro, era até bonito de se ver, pena que nunca aconteceu comigo.

O que um dia eu pensei ser amor, na verdade, era obsessão, doença e vontade de ganhar uma liberdade que eu achava que não tinha.

— Dona Tetê!

Ouçõ uma voz de homem chamar, volto o caminho, já estava no banheiro, pronta para me banhar, enrolo uma toalha no corpo e rumo para fora.

Minha boca abre em choque ao ver o delegado parado diante da grade do portão, ambas as mãos seguram firmes as barras e sua expressão é duvidosa.

— Xerife? Precisa de algo?

— Resolvi aceitar o café. — Sem evitar, um sorriso instantâneo surge na minha boca.

— Aguenta aí.

Corro até a porta e tiro a chave da fechadura, vou até o meio do quintal e jogo o molho que ele pega no ar. Corro para dentro e vou direto para o chuveiro.

Com a vontade que *tô*, vou fazer uma refeição completa desse homem, quero estar limpa e cheirosa para aproveitar tudo que posso.

Hoje esse xerife vai se lembrar na marra da nossa noite quente. Nunca esqueci aquela pegada, só espero que as algemas estejam prontas, porque ele não sai daqui até o sol raiar em Santino.

— Dona Tetê?

— *Tô no banho. Fica à vontade. Assim que sair, passo o café pra tu.*

— Posso fazer, se quiser.

— Quero, sim — respondo, ao abrir o chuveiro. — Quero isso e

muito mais, xerife — sussurro para mim mesmo.

É hoje que a gente se mata de tanto trepar. Quero nem saber, vou aproveitar com gosto daquele corpo esculpido por Deus.



Capítulo 9

“A fome é a melhor cozinheira”

Tetê

Saio do banho enrolada na toalha, nem lavei o cabelo para não perder muito tempo, a euforia desperta só aumentou minha impaciência, cruzo a cozinha, ele está parado diante da pia, de costas, virando o bule de água quente no coador.

Entro no quarto, mantenho a porta aberta, tiro a toalha pendurando no cabideiro, abro o pequeno guarda-roupa e pego a camiseta que ele me ofereceu na delegacia, no dia da confusão com a doida da barraca.

Volto para a cozinha usando somente isso, o homem vira na minha direção, com uma caneca nos lábios e se engasga ao me encarar. Não tem motivo para me fazer de recatada, ambos sabemos que ele não veio aqui pelo café.

— *Tá quente?* — Dissimulada, ergo o queixo em direção à caneca.

Seus olhos percorrem meu corpo, sinto o calor queimar por cada parte que sua íris percorre de longe. Meus seios entumecidos marcam o tecido, ele deixa a caneca sobre a pia e corta a distância entre nós.

— Minha camiseta? — Ele toca a barra que termina no alto das minhas coxas.

— *Tu quer de volta?* — Ergo a cabeça para encarar seu rosto.

A expressão intensa, sério e compenetrado, sinto seus dedos tocarem minha coxa e deslizar sutil para o traseiro. Arfo quando sua mão aperta e puxa meu quadril para junto do seu, a respiração acelera e acredito que entrarei em combustão se ele não apressar as coisas.

— Primeiro, quero tirar *ela* de *tu*, depois eu decido se levo ou não. —

A outra mão alcança minha nuca e aperta.

— E vai fazer o que quando tirar, xerife?

— Vou acabar com esse desejo louco que sinto cada vez que bato o olho em *tu*. — Sua boca se aproxima da minha, sutil, sinto o resvalar dos lábios enquanto fala.

— Então mata a vontade de nós dois, *disgrama*. — Era para soar autoritário, mas falho miseravelmente no tom.

Com urgência, ele alça meu quadril, abro as pernas e engancho em torno dele, suas mãos apalpam e sustentam meu traseiro e nossas bocas finalmente se encontram no processo.

Minha garganta formiga, os lábios queimam, enquanto sua língua invade meu interior sem pedir licença, entrelaçando com a minha, com uma combinação própria de movimentos, gosto de café forte e o seu sabor particular.

Muito parecido com o que eu lembrava, revivo o momento que nos beijamos a primeira vez, intenso, delicioso e completamente envolvente. Remexo o quadril sentindo seu jeans teso, um gemido reverbera da sua garganta enquanto caminha para o quarto.

— Como pode ser tão real? — ele solta, ao findar o beijo.

Não tenho tempo de responder sua pergunta, pois sou jogada na cama caindo com as pernas arreganhadas e seu olhar escrutinando o lugar, nitidamente sedento por prová-la.

Ele retira a camiseta preta que usava, puxando pela gola por trás. Vejo seus músculos abdominais contraírem com o movimento e mordo o lábio em reflexo. Quero minhas mãos e língua ali o quanto antes, apoio os cotovelos no colchão, ergo o antebraço e o chamo com o indicador.

— Vou me fartar em *tu*, diaba.

Sua voz sai desesperada enquanto ele tenta, de forma desastrosa, se livrar do cinto e a calça. Solto um riso esdrachado, mas assim que suas calças arriam pelas pernas grossas, calo de imediato.

Cueca branca, apertada e marcada em todo o volume animado dentro dela, salivo consciente de que logo poderei usar de tudo aquilo.

Ele segura meus calcanhares e ergue as pernas para cima, deito a cabeça na cama, seu tronco baixa, feito um felino, pronto para dar o bote e, para minha felicidade, é certo.

Sua boca gruda nos meus grandes lábios e ganho um beijo molhado, seguido de uma chupada intensa, que fisga meu ponto prazeroso. Gemo alto, sua língua se infiltra no interior com lambidas rápidas e ritmadas, o retumbar no peito acelera a respiração, minha pele se arrepia inteira e um leve tremor atinge meu ventre.

— Me dá teu prazer, diaba. Quero beber tudo, até a última gota.

Agarro o lençol entre meus dedos com força, as sensações intensificam, contraindo o canal, com mais uma sucção dos seus lábios, eu explodo. Minha cabeça gira em espiral, as pernas enrijecem e pequenos espaços me fazem recuar em seguida.

Ele continua me chupando, dois dedos invadem meu íntimo escorregadio, quando os lábios se afastam e ele ergue o tronco encarando meus olhos. A sensibilidade faz meu corpo tremular algumas vezes, seus dedos se movem devagar em um vaivém torturante, então ele escala meu corpo e capta minha boca com a sua.

Minhas mãos vão para sua nuca, puxando-o ainda mais, nossas línguas dançam de forma erótica, o gosto do meu prazer tempera nosso

enlace e me delicio do momento.

Seus dedos continuam movendo, seu corpo cobre parcialmente o meu, o membro rijo esfrega através do tecido no meu quadril, aproveito para infiltrar uma mão entre nós e apalpo a dureza que pulsa com o contato.

— *Tu...* tem... proteção? — ele questiona, enquanto intercala beijos molhados pela minha mandíbula e pescoço.

Reviro os olhos perdida em prazer, até que minha consciência se faz presente e aponto para a mesa de cabeceira do meu lado na cama.

— Dentro do potinho — informo, ofegante.

Ele para seu desempenho luxurioso e passa por cima de mim para pegar o preservativo. Aproveito para beijar seu peitoral ao mesmo tempo que minhas mãos se entranham na cueca baixando-a e apalpando sua bunda firme e redonda.

Seu pau salta livre tocando abaixo do meu umbigo, engulo a saliva que se acumula com o desejo de engolir tudo aquilo de uma vez.

— Achei — ele fala, animado, ao tentar voltar para o lugar.

Seguro seu traseiro firme, volto uma mão e fecho em punho em torno da sua pistola engatilhada de tesão.

— Sobe. Quero chupar *tu*.

Lambo os lábios e o brilho devasso pela minha intenção perpassa por seus olhos, acendendo duas labaredas afogeadas no lugar da íris. Obediente, ele escala meu corpo até seus joelhos apoiarem entre a minha cabeça, abro a boca e ele desce o corpo preenchendo todo o interior com sua dureza.

Gemo e fecho os olhos, mal consigo mover a língua devido à grossura, mas ainda assim faço o esforço e ergo a cabeça, movendo a mandíbula e engolindo-o ainda mais.

Uma mão apoia na grade da cama, enquanto a outra transpassa minha nuca e mantém suspensa a cabeça quando ele se mover para dentro e fora, devagar no começo e logo aumenta a velocidade.

Seus olhos nos meus, sua boca parcialmente aberta, respirando audivelmente, o abdômen relativamente contraído, levo uma mão até suas bolas e massageio com cuidado.

Ele fecha os olhos e joga a cabeça para trás, solta um som lamurioso que atíça ainda mais meu interesse em provar do seu orgasmo. Movo a cabeça para cima aumentando a profundidade das investidas, ele entende meu intuito e passa a mover o quadril de encontro a mim.

Sinto sua glândula bater no fundo da garganta, quase sufoco no processo, o que parece atíçá-lo ainda mais, seus olhos chicoteiam para os meus, os gemidos mais altos e a determinação presente nos atos, agora, impacientes.

— Quero encher tua boca com a minha porra — solta, em um grunhido.

Tento sorrir e concordar, mas com a boca preenchida fica difícil, então, intensifico o aperto em suas bolas, assim como nos lábios, para que entenda que é exatamente meu intuito.

Uma veia salta no seu pescoço, o tom rubro no rosto e o corpo tensionado mostra que está no limite, faço meu melhor e logo sinto o primeiro jato atingir minha garganta e eu engulo de bom grado.

Seu corpo enrijece por inteiro, as bolas contraem em minha mão e seu líquido é despejado, inundando meu palato. Paramos de nos mover, mas continuo sugando e massageando seu pau com a boca, o que faz seu corpo tremer em pequenos espasmos.

Ele respira fundo e segura a base, se retirando gradativo de mim, seu lábio inferior preso entre os dentes, abro um sorriso sacana assim que estou livre, em retribuição ele esfrega a glândula molhada nos meus lábios.

— Safada, gostosa.

O homem salta para o lado com rapidez, nem parece que acabou de gozar, segura meu quadril e gira meu corpo até me colocar de bruços na cama. Ele se encaixa no meu vão, de joelhos, segura minha anca e a suspende, me colocando de joelhos.

— Mãos para trás e cara no colchão.

Obedeço prontamente, com as duas mãos para trás ele as segura, firmes no lugar, sinto meus ombros repuxarem e minha face afundar ainda mais, de lado, no colchão.

— Deveria ter me deixado gozar na tua boceta, diaba. Agora vai levar o dobro de tempo e eu pretendo castigar muito tua bunda.

— Faça o seu pior, xerife — respondo, com a voz abafada.

O estalido do tapa na banda direita vem em seguida, sinto o ardor pinicar e gemo no misto de prazer e dor. Há algo realmente bom em ser subjugada na cama.

Gosto de dar as cartas, não vou mentir, mas não há prazer maior para mim do que ser a marionete do prazer de um homem. Desde que ambos estejamos satisfeitos, não me importo e muito menos me limito.

Sinto o pincelar da cabeça encapada no meu canal, já encharcado, o que facilita seu deslizar contido para dentro. Ele recua e avança devagar, minhas paredes sentindo e testando sua espessura, torturando a vontade de experimentá-lo com força e brutalidade.

— Mais... — imploro.

Outro tapa acerta a outra banda intocada, minha pele arde e aquece, espalhando um formigamento por toda a região. Ele continua os movimentos cálidos, contidos e compassados.

A mão livre acaricia minha pele fervente, desliza pelo interior da coxa até alcançar meu broto atizado, massageando sutil, circulando a pele e espalhando um espiral de sensações pelo meu ventre.

Minha respiração acelera à medida que seu dedo aumenta a pressão e o ritmo, gemo e pulso no seu pau, que responde arremetendo com mais força e nossos movimentos se intensificam.

Sinto os braços levemente dormentes, as mãos fechadas em punho, os olhos apertados e a vibração na pélvis começam a dar sinais do seu limite. As arremetidas aumentam, seus dedos sacodem meu ponto de prazer, solto um grito quando sou atingida por uma explosão ainda maior que a primeira, meu corpo ondula inteiro, suor brotando dos poros aquecidos e o prazer inundando todo meu sistema.

O xerife solta minhas mãos e as suas agarram meu quadril arremetendo com força no meu canal pulsante, ouço suas lamúrias até que ele estaca e se esvai ainda dentro de mim.

Movo os músculos pélvicos apertando-o em torno, que o faz espalmar uma mão na minha coluna e gemer alto.

— Diacho. *Tu tá* me ordenhando com a boceta — ele solta, em um fôlego só, antes de cair sobre mim.

Fecho os olhos, minhas pálpebras pesam e a vontade de rebater seu comentário se esvai quando o cansaço toma conta dos meus sentidos.

Uma brisa leve arrepia meu corpo quando sinto seu peso sair de cima de mim, seu membro também me abandona, tento virar na cama, mas não

consigo.

Provavelmente ele foi para o banho e eu preciso de cinco minutos de descanso, antes de me juntar a ele.

Abro os olhos assustada, giro na cama tateando o lado e percebo que está frio. Tudo escuro, provavelmente madrugada, levanto-me, em protestos doloridos pelo corpo, estou exausta, de um jeito prazerosamente bom, mas ainda assim, cansada.

Rumo para o chuveiro, antes confiro a hora no celular e confirmo que é madrugada ainda e o xerife saiu daqui correndo logo após o banho.

O homem nunca vai admitir, eu sei, mas nos damos muito bem entre quatro paredes. Não vou me ofender com sua partida, a gente sabia no que aquele café ia dar, não tem inocente e nem iludido nesse acordo, no entanto, confesso que gostaria de ter mais um pouco daquele corpo quente e forte na minha cama essa noite.

— Se aquiete, Tetê. O homem te acha uma diaba.

Solto um riso ao entrar de cabeça na água quente, relaxando meus músculos, pensando em como ele vai manter aquela marra agora que nos pegamos de novo.

Se eu não era uma lembrança na sua cabeça antes, acabei de me tornar uma vivaz, recente e bem quente.

Quero ver dizer não de novo.



Capítulo 10

“Apressado come cru”

Tetê

Verifico os armários e confirmo que faltam açúcar e ovos para testar o forno daqui. Em Palomino, eu costumava assar bolos para a padaria, segundo o dono, igual o meu *mané pelado*^[32] não existe.

Pesco a bolsa de feira no armário, ajeito o cabelo no rabo de cavalo que uso, tiro as chaves da porta e saio em busca dos ingredientes. Talvez eu possa oferecer um bolo na lanchonete, tem muitas opções por lá, mas quem sabe dona Carlota se apaixona pela minha iguaria.

Atravesso a praça sorridente, ainda sinto o corpo dolorido, principalmente próximo à virilha, bem que o xerife disse que acabaria comigo, cumpriu a promessa direitinho, o safado.

Sorrio e cumprimento algumas pessoas, o sol quente está confortável, uso um vestido estampado azul, com flores em amarelo, ombros caídos com um pequeno fio que sustenta a peça.

Entro no mercado, pego tudo que preciso, passo no caixa e rumo de volta para casa. Passei por uma troça de senhoras, todas desocupadas na beira da calçada, fuxicando sobre algo.

— Ela quis roubar a mala, o xerife que impediu. — Ouço uma se pronunciar.

— Menina, mas foi ela que ficou de graça com o dono da barraca de mel. Levou uma coça da mulher dele — outra menciona.

— Tem base? — a terceira questiona, indignada.

Estaco no lugar quando percebo que eu sou o assunto delas. Marcho de volta, ao me aproximar duas arregalam os olhos, a última está de costas e

não consegue me ver.

— Dia, senhoras. — Aceno com a cabeça e um sorriso debochado surge nos meus lábios.

Nunca fui boa em segurar minha língua, principalmente quando alguém faz fuxico e aumenta a mentira contada sobre mim.

— Dia — as três respondem, atravessado.

— Se vão falar da vida alheia, ao menos se atentem com a verdade. Não roubei mala nenhuma, era meu nome na etiqueta. E dar em cima do fabricante de mel? Faz o favor! Ele é velho e feio. Só a esposa doida dele *pra* sentir ciúme daquilo. Tenho coisa muito melhor esquentando os lençóis da minha cama.

Conforme eu falo, vejo uma torcer os lábios, a outra revira os olhos e a última encara o chão, mas todas, sem exceção, no final do discurso me encaram, estupefatas. Boquiabertas e olhos arregalados, deixo as três sem fala.

Sorrio vitoriosa ao dar as costas para a troça de fofoqueiras e tomar rumo de casa. Já que sou assunto na boca desse povo, então, ao menos sejam verdadeiros na informação passada.

Um par de horas depois, tenho dois bolos prontos e com um cheiro maravilhoso, corto ambos ainda quentes, tiro os pedaços e separo em duas vasilhas com tampa.

Carco^[33] tudo dentro da sacola, quando saio na rua só vejo algumas pessoas transitando, cuidando dos afazeres, nada de senhoras fuxiqueiras, tomo caminho para a lanchonete, que fica na rua atrás da praça, do outro lado.

Ao entrar na lanchonete, vejo a mulher simpática, que sempre me

atendeu bem e nunca se incomodou com a minha presença perto do marido, sorrir na minha direção.

Tiro uma vasilha da sacola e empurro no balcão em sua direção.

— Dia.

— Tarde, *né*, dona Tetê.

— Oxe, nem vi que já é hora do almoço. *Tava* ocupada fazendo isso.

— Bato o dedo na tampa da vasilha.

Ela pesca o objeto transparente, olha de um lado para o outro, abre um lado da tampa e aproxima do nariz. Seus olhos fecham em automático e um sorriso singelo surge no rosto.

— Mané Pelado. Eu amo esse bolo.

— Que bom. É *pra tu* experimentar. Se gostar, posso fazer mais para a vitrine.

— Pois vou testar agora mesmo. *Tô* com uma baita fome e Diógenes saiu *pra* atender a uma emergência no vizinho.

— Aproveite. — Aceno, pronta para sair.

— Espera — volto a atenção para ela —, o delegado saiu daqui apressado *pra* saber quem era a alma caridosa que estava cuidando do canto dele. Ele te encontrou lá?

— Ah... sim. Encontrou. — Passo a mão livre pelo rabo de cavalo. — *Tava* terminando de dobrar as roupas que recolhi do varal.

— *Tendi*. Estranho é que depois ele nem deu as caras por aqui. Diógenes e eu estivemos lá e ninguém atendeu também.

Seu olhar desconfiado afina ao me fitar, parece querer desvendar o mistério que ronda sua mente, mas comigo não terá sucesso. O que acontece

entre o xerife e eu é particular e, por mais que Carlota seja uma boa pessoa, não quero dividir quem frequenta minha cama com ela.

— É mesmo? Ele deve de ter saído. Não me demorei por lá, logo que findei o serviço dei no pé. O homem é sempre mal-humorado, *né?* — Enfatizo o final com ar jocoso, ela solta um riso alto.

— Esse é o xerife.

— Experimenta o bolo e depois me diz o que achou.

— *Tá certo. Agradecida.*

Abro a porta para sair e topo de frente com meu defensor, que desapareceu depois do ocorrido no mercado. Um sorriso aberto surge na sua face assim que me encara e retribuo o gesto.

— Tarde, dona Tetê. — Ele toca a aba do chapéu.

— Tarde, homem. Tu escafedeu-se^[34] da delegacia. Nem tive oportunidade de agradecer.

— Tem nada *pra* agradecer, não. Fiquei ocupado na fazenda com Lucio, a festa de Santino *tá* perto, muita coisa *pra* dar conta.

— Aqui tem desfile no cavalo também? — Fico animada com o evento.

Sempre gostei das festas de Palomino, ainda mais por ver os Queiroz desfilando, todos *traitados*, é o sonho de consumo de qualquer mulher daquela cidade.

De uns anos para cá, a vida mudou, a família aumentou e agora eles entram acompanhados das esposas e filhos, mas ainda assim é bonito de ver.

— Nada de cavalo. Aqui é montaria em touro, moça.

— *Eita!* Ainda mais emocionante.

— Se *tu* quiser, posso te colocar no palanque com as autoridades. — Seu sorriso se torna mais atrevido.

O homem é grande e bonito por demais da conta. Esse chapéu o deixa com cara de bruto, do jeito que gosto, a mão grande apoia no batente da porta, o tecido da camisa arregaçado até os cotovelos, dando aquele ar desleixado.

— E *tu* é importante desse jeito, é? — Percorro o olhar por ele todo.

Já fui avaliada, pelo menos umas duas vezes, desde que nos esbarramos, me acho no direito de devolver a encarada. Até porque a vista é *bem boa* de ser apreciada.

— Tenho meus contatos. — Estala os lábios e pisca um olho para mim. — *Tá* a fim de tomar uma hoje?

— Em pleno começo de semana?

— *Oxe*. E tem dia *pra* apreciar uma bebida boa e companhia atraente?

— *Tá* falando de mim ou de *tu*? — Avanço o pescoço para frente, cheia de charme.

— Dos dois, loira.

Solto uma gargalhada aberta e chamo a atenção de quem passa pela rua. Esse homem é convencido demais, mas isso o torna engraçado e não metido à besta.

Um perigo completo para mulher desavisada. *Tu* nunca sabe quando ele *tá* falando a sério ou só brincando contigo.

— *Me* pega em casa à noitinha.

— *Tá* marcado.

Reconheço o ronco de um motor, próximo de nós, giro o pescoço a

tempo de ver a caminhonete do delegado passar devagar em frente à lanchonete, o homem dirige sério e não vira em nossa direção.

Cabelo arrumado, blusa branca e aqueles óculos de sol matador cobrindo a visão. Sigo com o olhar até o veículo estar longe o suficiente.

— Preciso ir. — Volto a encarar Maldonado, que sorri de forma misteriosa.

— Te pego à noite.

Nós nos despedimos e marcho na mesma direção que o carro seguiu, acelerando o passo, incerta se vou encontrar o xerife na delegacia ou não.

Assim que passo pela porta, esbaforida pela pressa, vejo o guarda Josias no balcão. Seu sorriso aberto é sincero e nem parece ser um homem da lei, devido à simpatia nata.

— Tarde, dona Tetê.

— Tarde, guarda Josias.

— O que traz a senhora aqui?

— Vim falar com o delegado. Ele *tá* por aí?

— Eu acho que...

— *Tá* sim. — Olho para o corredor e vejo o cabo Bento. — Pode entrar.

— Agradecida.

Aceno uma vez com a cabeça, ele retribui e sigo o caminho até parar diante da sua porta fechada e dar uma batida de leve.

— Entra. — Sua voz soa irritada.

Abro uma pequena fresta e coloco a cabeça para dentro, o homem está sentado diante de uma pilha de papéis, atento à leitura de algo, cenho

franzido e uma caneta na mão, que bate insistente ao lado da pilha.

— Licença.

Seus olhos chicoteiam na minha direção na mesma hora, o olhar primeiro surpreso e depois irritado toma sua feição, ainda assim não me abalo, me esgueiro pela porta e fecho atrás de mim.

— Quem deixou *tu* entrar? — Sua pergunta sai cortante.

— O cabo Bento.

— Filho *duma*...

— Algum problema, xerife? — interrompo seu xingamento.

— Nenhum. O que *tu* quer aqui? Mais alguém de implicância contigo?

— Isso sempre tem, mas não me incomodo mais.

Arrisco alguns passos próximo à mesa, seu olhar recai pelo meu corpo, mas logo retorna para os olhos. Sorrio de lado, certa de que sua cabeça está se lembrando da noite de ontem, assim como meu corpo que está aquecido desde que bati meus olhos nele aqui.

— Então...

— Trouxe uma coisa *pra tu*. — Ergo a sacola.

— Que isso?

— Vem ver, uai — brinco e ele protesta ao se levantar.

— Por que mulher tem que fazer mistério com tudo? — resmungo, enquanto contorna a mesa e para diante de mim.

Encaro o distintivo preso em uma corrente de bolinhas finas, pendurada no meio do peitoral coberto de branco, marcando os músculos e a firmeza daquele corpo.

Oh, Mãezinha do Céu, eu tento manter a linha, mas personificar meus sonhos molhados é testar demais meu fogo desenfreado.

— Então, o que tem aí? — Ele estica o pescoço para dentro da sacola que empunho.

Desperto da distração pecadora à minha frente e pesco a vasilha de dentro da sacola, estendo em sua direção, suas sobrancelhas enrugam, desconfiadas, mas aceita o agrado.

— Mané Pelado? — Ele abre a tampa e cheira.

— Sim. Espero que *tu* goste.

— Como mais tarde — solta, ao tampar a vasilha e deixar sobre a mesa. — A gente precisa esclarecer uma coisa, moça.

— É mesmo? — Estranho seu tom sério.

— O que aconteceu ontem foi fogo de palha. *Tu* é livre, eu também, a gente se divertiu, mas foi só isso. Eu não namoro, não me apego nem mantenho parceira fixa.

Ergo ambas as sobrancelhas na sua direção, não me choca em nada seu discurso, cansei de ouvir isso de outros, que cometeram o mesmo erro que ele, achar que eu estava interessada em mais do que uma boa trepada.

— É *bão* esclarecer tudo mesmo, xerife, porque *tu tá* criando história na tua cabeça. — Seus olhos se alargam, surpresos. — Não espero nada de *tu* do que uma boa trepada, se foi uma, ou se terá mais, deixo ao acaso. Não gosto de determinar meu futuro, principalmente quem se deita na minha cama.

— Eu...

— E tem mais — ergo o dedo interrompendo-o —, o bolo é só um agrado, uma gentileza. Se não *tá* acostumado com isso, é sinal de que foi

muito mal rodeado até hoje. Fiz um teste para a lanchonete, se a dona Carlota gostar, é uma forma de eu fazer dinheiro. *Tu* ficou com a sobra. Só isso.

Lanço meu melhor olhar de desdém enquanto discurso, o semblante de surpresa do delegado aos poucos se torna um tanto ofendido, mas ele enfia as mãos nos bolsos e opta por calar.

— Já me vou. Divide com os meninos. — Caminho até a porta e toco a maçaneta. — E, xerife... — Ele volta seu olhar na minha direção, meio sem ação, permanece quieto. — É *bão tu* não criar expectativa comigo. A gente se dá bem na cama, mas não quero homem me colocando cabresto.

Caminho pelo corredor como se desfilasse em uma passarela, satisfeita e feliz por deixar o homem com cara de tacho para trás. Passo pelo cabo e o guarda, que conversavam na recepção, aceno um adeus e tomo meu caminho.

Tá pra nascer homem que vai me dobrar de novo.



Capítulo 11

“Cada um sabe onde lhe aperta o sapato”

Tetê

Encaro o espelho mais uma vez, contente com a combinação. Botas cano alto, saia preta, um camisão ajustado, com os três primeiros botões abertos. Pego meu chapéu do cabideiro e coloco na cabeça, jogo um beijo para o reflexo, procuro o celular na cama e enfio na bolsa pequena.

Trancando a porta para esperar por Maldonado na entrada, ouço a buzina, disparo apressada e sorrio ao vê-lo descer de uma *pick-up* vermelha. Ele desce e vem até mim, me cumprimentando com um beijo no rosto.

— *Tá* linda demais.

— *Tu* não *tá* nada mal.

— *Simbora*. — Ele caminha até a porta do carona e a abre para mim.

Sorrio do gesto galante, tomo meu lugar e afivelo o cinto. Logo estamos a caminho do Pau Dentro, conversando amenidades da noite em Santino, ou seja, nada mais interessante do que o bar para frequentar.

Cidade pequena é uma praga por conta disso, todo mundo se conhece e a limitação de lugares para ir é grande.

Entramos no bar lado a lado, vou para uma mesa, antes cumprimento os meninos, vejo Neto no balcão, meio desanimado, aceno e ele retribui sem muita vontade.

Ocupo uma mesa perto da pista de dança, hoje não tem música ao vivo, mas o sistema de som toca o melhor do *modão*, para animar o ambiente meio vazio.

Logo Maldonado se aproxima com duas garrafas na mão, ocupa seu lugar ao meu lado e empurra minha bebida. Brindamos e viro uma golada

generosa, como sempre digo, se for para beber, que seja com vontade.

— *Tu* trabalha aqui?

— Sim, mas só nos dias cheios.

— E o que trouxe até Santino?

— A vida.

Ele me olha de relance e balança a cabeça, entendeu que não quero falar dos meus motivos para estar aqui.

— Cheguei aqui há cinco anos, vim de fora. Morava no Texas.

— E voltou por causa *de* quê?

— Amigo. — Ele solta uma risada — O peão que eu treinava veio competir, se apaixonou e resolveu ficar.

— E *tu*, fiel ao amigo, ficou também.

— *Pra tu* ver. Aquele ingrato deveria lustrar minhas botas. — Ambos rimos desta vez.

— E tua família? Não tem?

— Sou do mundo. Saí de casa com treze anos, uma caravana passava pela cidade, homens montados em cavalos, viajando juntos por essas estradas, alguns atrelados a tropas, outros arruaceiros, me encantei e parti junto.

— Às vezes, a tentação se personifica de formas variadas, enreda nossa cabeça, nubla a razão e nos faz cometer erros que nunca terão volta.

Cutuco o rótulo da garrafa, perdida em algumas lembranças da juventude, quando eu julgava a vida difícil demais e me agarrei à primeira oportunidade que surgiu.

Uma pena que não enxerguei a enrascada a tempo, mesmo avisada

pela mãe, ignorei os alertas e me joguei sem freio.

— Pelo jeito, *tu* sabe bem de decisão errada. — Desperto e o observo de soslaio.

— Quem nunca cometeu seus erros pelo caminho, que atire a primeira pedra.

— Tem razão. — Ele aponta a garrafa na minha direção e brindo com a minha.

Observo o ambiente, algumas mesas ocupadas, outros encostados no balcão, a verdade é que meu humor não está dos melhores. Preferiria estar em casa, deitada embaixo da manta e lendo um livro quente.

O que não seria uma ideia muito proveitosa, já que as lembranças do grosseirão não saem da minha cabeça e ler uma história quente me fará pensar em nós dois como protagonistas.

— Tá *paia*^[35] hoje. — Desanuvio do caminho que meus pensamentos tomavam.

— *Num dô conta*^[36] desse marasmo. — Ele se levanta em um pulo da cadeira. — *Bora* arrochar, loira.

Imito seu gesto e aceito sua mão a caminho da pista improvisada. A música acaba e começa uma antiga e maravilhosa, *Não Aprendi Dizer Adeus, Leonardo*, aquele *modão* que enche a cabeça de caraminhola, acelera o coração e faz qualquer um pensar no que não deve.

“*Não aprendi dizer adeus*
Não sei se vou me acostumar
Olhando assim nos olhos seus
Sei que vai ficar nos meus”

A marca desse olhar”

— *Eita!* Essa é de jogar o caboco na vala.

Solto uma gargalhada e Maldonado me acompanha, seu corpo junto ao meu, sigo seus passos, a mão espalmada na minha lombar aperta firme e ajusta nossos movimentos.

Rodamos o pequeno salão, livre para nós dois darmos um show dançando. O homem sabe como mexer o corpo e conduzir a parceira, terminamos com ele curvando meu tronco para trás, tombo a cabeça e vejo todos de cabeça para baixo, sorrindo de orelha a orelha.

Antes de ele me levantar, vejo um par de botas pretas adentrar pela porta, seguido de mais dois, subo o olhar e encontro o semblante sisudo do delegado observando a pista de dança, enquanto se aproxima do balcão.

— Loira, *tu* é quente — Maldonado fala alto o suficiente, quando me ergue de volta. — Irra! — grita no final, ao me soltar.

— Vou buscar mais uma *pra* gente.

Aponto para o balcão, Neto se aproxima com duas bebidas, arrisco um olhar na outra ponta e vejo o cabo encostado de costas, o guarda Josias de lado, olhando para mim e ele, o delegado, sentado de frente, os olhos cravados nos meus.

Aceno, educada, só recebo o cumprimento do guarda, o mal-humorado continua me fitando sem mover um músculo sequer. Então, o cabo olha sobre o ombro e abre os lábios quando me vê acenando com a cabeça.

— Duas, mesmo, dona Tetê? — Viro o rosto para o garoto.

— Sim. Obrigada, Neto.

— Disponha. *Tá* muito linda hoje.

— Obrigada. — Sorrio e aceno.

— Não que não esteja nos outros dias... é que hoje só *tá* mais...

Aproximo o rosto dele, como se fosse partilhar um segredo, seguro as duas garrafas, uma em cada mão.

— Já entendi na primeira, garoto.

O rapaz avermelha todo e sufoca um riso tímido, pisco um olho e volto para meu acompanhante. Por sorte, ou azar, ainda não sei, estou sentada de costas para o balcão, por isso fico livre da distração de lidar com a presença do homem da lei carrancudo.

Maldonado parece mais animado agora, dispara a falar sobre sua época de treinador na montaria fora do país, pelo que entendi percorreu uma grande caminhada até conhecer Lucio, o amigo que se dedica há dez anos.

Maldonado sai para *tirar água do joelho*^[37] e buscar mais duas cervejas, prometemos que é a última, já que amanhã ele pula cedo e eu já quero me emaranhar nas cobertas.

Pesco o celular da bolsa, confiro as mensagens, nada novo, não tenho nenhum amigo para trocar figurinhas, só alguns contatinhos, da época em Palomino, que estão longe demais para um encontro.

— A moça me daria a honra da próxima dança. — Encaro a palma grande e aberta estendida ao meu lado.

Olho para cima, espantada ao ver o guarda Josias, parado, em total expectativa, aguardando minha decisão.

— Pedindo desse jeito, *num* tem como negar.

Levanto quando uma melodia animada começa, reconheço a música, toca feito chiclete na rádio, já decorei a letra e entramos na pista com o guarda puxando minha cintura para próximo, as duas mãos apoiam nos meus

quadris e as minhas em seus ombros.

“Enquanto o som do paredão toca

Cê gasta o seu batom de cereja

Eu bebo, cê beija, eu bebo, cê beija”

Com um molejo animado, me divirto embalada nos passos do guarda que, de tímido, dançando, não tem nada. Arrisco um olhar para o balcão, Maldonado sorri, erguendo sua cerveja na minha direção, gosto assim.

Homem encenqueiro não tem vez comigo, odiaria uma cena desnecessária de masculinidade só por conta de uma dança inocente.

Meu olhar paira, inevitável, no canto do balcão, ele continua na mesma postura, olhos cravados na minha direção, o caboco nem pisca e parece estar de humor estragado.

Oxe! Se queria dançar comigo, era só ter feito igual o guarda.

Terminamos a dança e Josias faz uma reverência para mim, todo educado, sorrio e agradeço, cruzando uma perna para trás e curvo o corpo, sutil.

Minha cintura é enlaçada por um aperto firme, giro no lugar e estou nos braços de Maldonado, que me arrasta por todo o salão, os quatro cantos sentem a batida dos nossos pés e somos um espetáculo único e à parte no ambiente.

— *Vamo endoida* o xerife — ele sussurra na minha orelha.

— O quê? — Volto a cabeça para seu rosto, ficamos a centímetros de distância, nossos narizes quase se tocam.

Do nada, o homem gruda sua boca na minha, a língua invade meu interior e protagonizamos um beijo cinematográfico diante de todos. Apesar

de surpreendida, aproveito do momento e tiro minha lasquinha.

Maldonado é agitado na forma de agir, por isso seu beijo não seria diferente, quente e movimentado, sua língua não dá trégua para a minha e rouba todo meu fôlego.

Quando finalmente nos afastamos, olho ao redor, não encontro o xerife no lugar que ocupava, talvez tenha partido antes de presenciar o arroubo do meu parceiro.

— Vou ao banheiro — aviso, ajeitando o chapéu na cabeça e limpando o canto da boca.

Faço o percurso até a porta do banheiro, assim que a abro, sou empurrada para dentro com força e antes que possa gritar, minha boca é tapada por uma mão grande.

Debato meu corpo, apreensiva e irritada, consigo acertar o cotovelo na costela do abusador e viro no cubículo, pronta para me defender como puder, então detenho os movimentos, surpresa.

— O que *tu tá* fazendo, homem?

O delegado permanece meio curvado, com uma mão segurando a lateral do corpo, onde eu atingi.

— Diacho! *Tu* bate feito homem.

— Ainda bem que não foi nas suas joias. Agora me explica tudo isso.

— Queria falar contigo.

— E precisava me atacar?

— Só não queria que teu acompanhante me visse. — Ele endireita o tronco e solta o ar, cansado. — Vai embora com ele? — Sua cabeça sinaliza para a porta atrás de si.

— Uai! Claro que vou. Foi com ele que eu vim.

Cruzo os braços embaixo dos seios, o que os faz empinarem ainda mais e quase saltarem pela fenda da blusa. O homem, angustiado, mira no decote e volta a me encarar, depois de engolir em seco.

— *Tu* entendeu o que eu disse.

— Tanto entendi, que respondi.

— Oh, boca atrevida, *num rodeia* ^[38]o que eu falo.

Aproximo o tronco para frente, determinada em colocar um limite para essa conversa sem pé nem cabeça.

— Já disse *pra tu* que, da minha cama, o futuro que sabe, xerife.

— Então me faz seu presente, diaba. — Suas mãos enredam minha cintura, alçando meu corpo.

A saia sobe, enquanto fecho minhas pernas em torno do seu quadril, seguro sua nuca e cubro sua boca com a minha.

Não é possível esse fogo de palha virar um verdadeiro fogaréu cada vez que esse homem me toca. Inferno de desejo maluco que invade minha cabeça e toma conta da razão e juízo que nunca foram meu forte.

Suas mãos apertam minha bunda, enquanto eu rebolo sem vergonha alguma sobre seu jeans volumoso. Sinto meu chapéu cair em algum lugar, por sorte, a tampa do vaso está abaixada, conforme movo a cabeça de um lado para o outro, apressada em consumir o máximo que posso desse beijo.

Preciso ser sincera, beijar o Maldonado é *bão*, muito até, mas o beijo desse grosseirão não tem comparação. É um fogo que sobe das entranhas, engata na goela feito chama, que formiga e pinica, conforme sua língua se move em um ritmo enlouquecedor.

Só quero essa boca percorrendo meu corpo todo, principalmente no meu pontinho de prazer que pulsa, desesperado, por uma boa dose de lambidas e chupões que, tenho conhecimento de causa, o grosseirão sabe fazer.

— *Me* deixa comer *tu*? — ele solta, no intervalo de um beijo.

Mordo seu lábio inferior, puxo e sugo com força.

— Pedindo desse jeito, vou negar como?

Ah, que se lasque tudo. Só quero sentir esse pau gostoso batendo fundo em mim.



Capítulo 12

"É dando que se recebe"

Tetê

O homem gira no cubículo comigo enganchada em seu corpo, usando o vaso de banco e montada sobre ele, começo a me mover, em reboladas nada sutis.

Minhas mãos recolhem seu rosto, aproximo a boca e resvalo nossos lábios. Sua respiração engata, as mãos terminam de erguer minha saia até a cintura e os dedos retornam infiltrando minha calcinha fio-dental preta.

— Desta vez, *tu* tem camisinha, xerife? — provoco, arrastando os lábios pela mandíbula até morder o pescoço, próximo à orelha.

— *Hurum...* — solta, ao prender meus cabelos, de forma displicente entre os dedos.

Sua língua desliza pela minha garganta até a orelha e uma mordida de leve no lóbulo me faz estremecer. Enfio a mão entre nós e desato seu cinto com agilidade, baixo o zíper da calça e carco os dedos dentro da cueca, pescando seu pau, já armado, para fora.

A pele macia, quente como inferno, nunca estive lá, é verdade, mas tenho certeza de que se assemelha ao *calorão* que me toma toda vez que esse homem me toca.

Bombeio algumas vezes enquanto ele segura meus cabelos e mandíbula, beijando com ferocidade a boca, seus dentes raspam a lateral de fora, causando um ardor, que por ora não incomoda.

Deslizo o dedo pela glande úmida, minha boca saliva para prová-lo, mas agora não é o momento. O desenrolar vai ser rápido, quente, intenso e provavelmente me fará querer mais disso quando me deitar na cama.

— Pega a proteção — sussurro, quando intercala o beijo.

O homem parece tão absorto em seu próprio desejo, que obedece prontamente, ergue o quadril, comigo montada nele e tira do bolso um pequeno pacote.

— Já estava pronto *pra* jogo, xerife? — Pego o invólucro dos seus dedos com um sorriso descarado.

— A última coisa que planejei *pra* hoje é ter *tu* sentada em mim.

— Quer que eu saia? — provoco, antes de morder a ponta do envelope e puxar a cabeça de lado, abrindo-o.

— Nem pense nisso, diaba. — Sua voz sai apertada quando aperto mais seu pau na minha mão e movimento com força.

Ver um homem desse tamanho, cheio de marra e todo rendido, entregue ao prazer, deixa minha libido a ponto de bala. A graça do sexo é essa, cada momento você interpreta um papel, ora sendo comandada, ora comandando.

Acho que hoje eu *tô pro crime*. Sorte minha um delegado desmiolado cruzar meu caminho.

Encapo o homem, bombeio algumas vezes e finalmente puxo a calcinha de lado, o encaixando na minha entrada. Suas mãos capturam minha cintura com um aperto e, devagar, me sento.

Encaro seus olhos no processo, lento e torturante para ambos, mas igualmente prazeroso sentir meu canal se alargar para recebê-lo por inteiro. Enlaço sua nuca, beijo seus lábios com pressa e começo a me mover.

Para cima e para baixo, em alguns momentos para frente e para trás, em outros paro tudo e só rebolo. O homem grunhe tão alto, que duvido muito alguém não estar ouvindo do lado de fora.

Se existe uma demonstração clara para o termo quicar, estou dando uma verdadeira aula agora. Não paro meus movimentos, seu agarre aumenta no meu quadril e sua boca não cessa ao deleitar-se da minha.

Sinto o filete de suor escorrer pela espinha, o *calorão* aquece todo meu corpo, meu canal enxarcado o engole tão profundo quanto pode, então meu ventre começa a pesar, daquela forma gostosa, quando o orgasmo começa a surgir ao longe.

O xerife alça minhas pernas e se levanta de repente, solto um grito assustado, minhas costas são prensadas entre a porta e seu corpo se aproxima ao meu.

— Porra de boceta gostosa — ele solta, quando começa a bombear em mim.

Estou completamente exposta, seu quadril bate contra mim, aquele som característico de uma boa foda acontecendo, seu pau atingindo fundo, em um ponto certo, que aumenta meu desejo e ofego.

— Vou gozar, xerife — aviso, entre beijos molhados.

— Mela meu pau, diaba.

Ele crava os dentes no meu pescoço, sinto o primeiro fisgar, minhas pernas tremulam e sou jogada em um redemoinho de prazer e êxtase. Chamo seu nome em lamúria e logo o sinto pulsar dentro de mim.

Seu grunhido reverbera no meu pescoço, os últimos espasmos deixam meu corpo e eu puxo o ar com força para reequilibrar minha respiração. Seus olhos se voltam para os meus, ainda nublados com o pós-orgasmo.

— Foi muito bom, xerife, mas agora *tu* pode me soltar. — Meus lábios erguem de lado, então ele parece despertar e me coloca no chão.

Ajeito minha calcinha, pesco o chapéu do chão, coloco na cabeça e

viro para abrir o trinco. Abro uma fresta da porta, certificando de que não tenha ninguém no pequeno corredor mal iluminado, sua mão espalma na madeira e fecha a porta com força.

— Oxe. Que foi? — Encaro seu olhar nada satisfeito.

— Vai voltar com aquele caboco *pra* casa?

— E se for, xerife? O que *tu* tem com isso?

Nós nos encaramos por um longo tempo, seu olhar determinado vacila, nos levando à conclusão do que eu sempre soube: ele só quer provar que pode mais que Maldonado, já eu quero aproveitar o máximo que puder desse fogo todo que temos juntos.

— Foi o que pensei... — Retiro sua mão da porta e abro de uma vez, saindo de lá em disparada.

Ao invés de voltar para o salão, rumo para os fundos, onde uma pequena porta leva para fora. Preciso tomar um ar frio no rosto, acalmar o sangue antes de retornar.

Não faço ideia se Maldonado ainda me espera no bar, esqueci completamente que estava acompanhada e, principalmente, no meu trabalho.

— Maria Tereza, *tome tento*... — solto, ao abrir a porta e bater em alguém que estava atrás dela.

— Diacho.

— Neto? — Vejo o garoto endireitar o corpo. — O que *tu* faz aqui?

— Intervalo — responde, encarando o chão.

As mãos no bolso, parece chateado com alguma coisa, isso parte meu coração, o menino costuma ser um pouco de animação e simpatia, conheço essa cara, é dor de amor.

— A garota tá aí?

— Como *tu* sabe? — Seus olhos me encaram, alarmados.

— A escola que *tu tá* entrando, eu já sou graduada, garoto. Por que não tá lá proseando com ela?

— Ela tá acompanhada — ele responde, baixo.

— Então *vamo* mostrar o que ela tá perdendo.

— Como assim?

Junto a mão dele e marcho para dentro de novo. Se tem uma coisa que não aguento, é ver bezerro choramingando. Não conheço muito desse garoto, mas reconheço uma pessoa de má índole a quilômetros de distância, e esse aqui, de ruim, não tem nem a unha encravada.

— O que vai fazer, dona Tetê? — ele questiona, apavorado.

— Relaxa e aproveita garoto.

Atravessamos o salão, deixo-o no meio da pista de dança, vazia, vou até a bancada e peço uma música para Heitor. Logo *Ele é Ele, Eu Sou Eu, Wesley Safadão*, invade o alto-falante, então me aproximo de Neto, remexendo o corpo.

— Eu não sei dançar... — sussurra, assim que engancho as mãos na sua nuca.

— Não precisa saber, garoto. Só balança de um lado para o outro. — O rapaz está atônito. — E coloca logo sua mão em mim.

Ele espalma no meio das minhas costas, mexo os quadris e ele acompanha, mais lento que deveria, faço cara de tédio e levo uma mão para trás e baixo até a lombar, na curva do traseiro.

— Agora a gente vai virando, devagar, sem pressa. — Ele concorda

com a cabeça, fitando seus pés.

Ergo seu queixo com a ponta do indicador, sorrio complacente e ergo as sobrancelhas. Neto devolve o sorriso, só que nervoso e eu pisco um olho.

Estou de costas para a pista, nem vi quem é a dita cuja pela qual o coração do garoto sofre, mas tenho certeza de que depois de hoje, as coisas melhorem. Ser humano se interessa por aquilo que cativa o outro, é quase uma competição velada, almejar o que talvez possa não ser seu.

Conforme nos mexemos e viramos começo a ver o balcão, Heitor tem um pano nos ombros, os braços cruzados na altura do peito e um sorriso cúmplice nos lábios.

No mesmo canto distante do balcão, o cabo Bento, Josias e o xerife conversam, todos de olhos na pista de dança. O homem que acabou de ter sexo quente comigo no banheiro não parece afetado, nem ao menos aparenta ter acabado de transar feito coelho.

Perto da saída, vejo um grupo de jovens, com certeza estão aqui escondidas dos pais, nunca que em uma cidade pequena desse jeito, elas estariam em um bar.

— Quem é ela?

— A morena de cabelos encaracolados. *Tá* de camisa vermelho. —
Localizo a garota e constato seu olhar atento a nós.

— Ela *tá* olhando para cá.

— O que eu faço? — Seu tom é desesperado.

— Só continua dançando, deixa *ela* ver que *tu tá* acompanhado.

— Ela nunca vai acreditar que um mulherão feito a senhora quer alguma coisa comigo.

— *Tu* acha? — Recuo o pescoço e miro seus olhos. — E se eu fizer isso... — Seguro seu rosto e grudo nossos lábios.

Mantenho a boca fechada, demoro tempo suficiente para que ela veja e o solto. Neto fica parado no lugar, atordoado, e eu solto uma gargalhada.

— Agora *tu* vai até lá dar um oi. — Pisco um olho e rumo para minha mesa.

Solto o corpo na cadeira, minha amiguinha fiska, dolorida, aprumo o corpo de imediato. Maldonado, que tomava um gole da sua cerveja, sorri de lado, parece entender tudo que está se passando aqui.

— Demorou, loira.

— *Pra tu* ver. — Dou de ombros.

— Acho que o beijo que te dei surtiu o resultado esperado.

— Não sei do que *tu tá* falando. — Tomo um gole da cerveja.

— Se *tu* diz... Aí — ergo o olhar para ele —, legal o que fez pelo garoto. — Sinaliza com a cabeça em direção às meninas.

Sorrio ao ver Neto no meio das moças, entretido em uma prosa animada, todo sorridente. A menina por quem ele é encantado só sabe falar com as mãos, toda hora tocando-o de alguma forma.

Ponto para o apaixonado.

— Foi nada...

— *Tá* na hora de ir, loira. Amanhã pulo cedo, quer carona ou vai ficar? — Um ar altivo toma seu semblante, olho de relance sobre o ombro, vejo o xerife nos encarando e volto para frente.

— Vou com *tu*, uai.

Maldonado se levanta, vai até o balcão pagar a conta, aceno para

Heitor de longe e rumo para a saída. Jogo um charme para Neto antes de sair, as meninas me encaram, enviesadas, o que é um bom sinal, assim o rapazote garante seu posto de pegador.

Entro na *pick-up* assim que Maldonado abre a porta, rimos de uma piada sem graça que ele conta e seguimos o percurso até minha casa, jogando conversa fora.

Nunca acreditei muito em amizade entre homem e mulher, talvez porque todos que se aproximaram de mim, depois da separação, foi com segundas intenções.

Maldonado não é besta, se achegou em mim interessado, que eu sei, talvez se eu não tivesse me enroscado com o xerife no banheiro, nossa noite acabaria quente em uma cama e suados.

No entanto, acho que somos desapegados e iguais demais, pode até rolar interesse, mas é mais por camaradagem do que vontade de ficar junto de verdade. Uma boa amizade pode finalmente surgir na minha vida.

— *Tá pensando em que, loira?* — ele questiona, assim que estaciona em frente de casa.

— Nada. Só que *tu* é boa gente.

— Se *tu* diz... acredito.

— Não vou me desculpar, pois nunca me arrependo depois de feito, mas gosto de *tu* e quero tua amizade.

— Eu queria mais coisa do que amizade, Tetê, mas já me dou por satisfeito de papear com *tu*.

Sorrio e inclino na sua direção, dando um beijo amistoso no seu rosto.

— Boa noite.

— Boa noite, loira. — Abro a porta para descer e ele segura meu braço — *Num* devia me meter, mas gosto de *tu* também, então aqui vai um conselho: não se apegue ao xerife. O homem é fechado e não quer saber de relacionamento.

— Oxe... e quem disse que eu quero, homem?

— Só tô avisando *pro* seu bem.

— Agradeço, mas tenho ciência de onde me meto. Carece preocupação, não.

Abro um sorriso genuíno e saio do carro batendo a porta.

Como se fosse possível me apaixonar, depois de tudo que passei na mão do traste que desgraçou anos da minha vida.



Capítulo 13

"Um homem prevenido vale por dois"

Xerife

Bato a porta com força, nem me dou ao trabalho de trancar, tão cedo não pego no sono hoje. Sigo até o armário, abro e pesco a garrafa de aguardente, retiro o coité junto e bato ambos na bancada atrás de mim.

— Diacho... — solto, inconformado, ao abrir a tampa e jogar dentro da pia.

Sirvo cheio e viro de uma vez. A ardência, bem-vinda, se mistura com o revirar embolado que atingiu meu estômago.

Assim que o tal Maldonado saiu do bar com ela, não aquietei mais, dei uma desculpa qualquer, que pelo semblante de Bento, não convenceu e saí, apressado, porta afora.

Pensar que ela deixaria o homem entrar na sua casa, depois do que acabou de acontecer entre nós no banheiro, estava me deixando maluco e eu precisava conferir com meus próprios olhos.

Estacionei do outro lado da praça, em um ponto perfeito para observar sem ser visto, tive o cuidado de apagar os faróis para não ser percebido, fiquei com os punhos cerrados, a mandíbula travada e só voltei ao normal quando o carro vermelho deixou a frente da sua casa.

— Ela não é a Diana...

Solto um som engraçado que se assemelha a humor e descaso, misturados, ainda não sei por que minha cabeça fica comparando as duas. Diana é uma vadia sem coração, que resolveu destruir nossa vida e jogar o amor que dediquei a ela fora, mas a loira, ela não significa nada.

É só mais um caso, um corpo quente como o inferno que acalma

minhas necessidades. Somos bons juntos, com certeza, o desejo desperta esfomeado quando nós nos tocamos, entretanto, não passa disso.

Engancho a garrafa no dedo, caminho até o sofá e solto meu corpo cansado sobre ele. Descanso a cabeça no encosto, fecho os olhos por um segundo e imagens da loira rebolando em cima de mim surgem na mente.

Deliciosamente devassa, a mulher sabe como enlouquecer um homem, seja na cama, seja em um cubículo de banheiro ou na pista de dança com um rapazote.

— O que deu na cabeça dela para grudar os beijos naquele frangote?

Cheguei a levantar do banco em um salto, Bento encarou meu ato com surpresa e um riso debochado, voltei a sentar depressa, resmungando meia dúzia de palavrões.

Ela não tem o menor decoro, estava acompanhada de um, se pegou comigo no banheiro e voltou para pista entrosando com o frangote. Não consigo entender a cabeça daquela diaba, na realidade, eu não quero e nem posso, já que isso me levaria mais fundo nesse enrosco que não desata.

Preciso encontrar uma forma de estar com ela e não me sentir tão afetado com todos os seus atos. No dia em que me acusou de perseguição na delegacia, minha vontade era algemá-la na cadeira e mostrar o quão maníaco eu posso ser.

Por sorte, o cabo estava na sala e eu dei meu jeito de sair enquanto tinha tempo e razão para frear a *misera* do meu tesão doido por ela.

— Tome seu juízo, Matias — solto e viro outro coité.

Uma batida forte na porta me faz saltar em pé, deixo a garrafa e o copo sobre a pequena mesa, tiro a arma das costas e caminho devagar até lá. É muito tarde para qualquer visita, entretanto, pode ser ela.

Volto a arma para as costas, relaxo a postura e avanço na maçaneta, abrindo a porta, com pressa.

— O que *tu* faz aqui?

— Se *tu* atendesse a droga do celular, xerife, já estaríamos a caminho do nosso destino.

— Que é...? — Ergo as duas sobrancelhas, incomodado com a reprimenda do cabo.

— Uma denúncia anônima. Um galpão abandonado, não muito longe daqui.

— *Simbora*. — Fecho o semblante e saio batendo a porta.

Deixo a caminhonete escondida no mato, seguimos a pé quando estamos próximos ao galpão, armamos campana, na espreita de algo suspeito. Pode ser uma denúncia falsa, ou pode realmente ter homens armados com a carga ali dentro.

Cinquenta cabeças de gado precisam mesmo de um lugar grande para se esconder. Só não consigo entender como saíam daqui já que a placa, modelo e os animais são marcados.

— *Tá* tudo muito quieto — Bento sussurra.

— *Tô* achando também, mas se houver mais de dois meliantes armados, estaremos em desvantagem. É melhor observar e ter certeza.

— Sabe o que é estranho? — Tiro o olhar da vigília e encaro seu rosto. — Esta área fica no limite dos municípios, quando fizemos a varredura, a equipe do delegado Cássio quem cuidou daqui.

— *Tá* querendo dizer que o delegado é mancomunado com os assaltantes?

— Não. É só um fato curioso.

— Sei.

Conheço Bento por tempo suficiente para ter certeza de que ele não acusaria ninguém sem provas, mas que se confirmada sua teoria, ele soltaria um riso cúmplice e diria a famosa frase: “eu avisei”.

Fato é que, se ele estiver certo, a coisa é muito maior e pior do que eu imaginava. Já não estamos mais tratando de uma quadrilha de arruaceiros e assaltantes, mas sim uma rede, muito bem-orquestrada por alguém de poder e influência.

— Olha lá — Bento sussurra e aponta na direção do galpão.

Estamos acoitados atrás de um monte de troncos e árvores derrubadas, impossível nos enxergar no breu da noite. Dois homens com armas penduradas no ombro saem e acendem um cigarro cada.

Ri em alto e conversam, mas não consigo ouvir nada de útil. Um terceiro, mais sério, sai, dá uma bronca nos dois, esbraveja com os braços, ambos abaixam a cabeça e confirmo aí quem é o possível patrão.

— Olha isso. — Bento balança o binóculo na minha direção.

Cubro os olhos, ampliando a visão, então vejo no braço direito do homem, uma tatuagem, não consigo definir o desenho claramente, entretanto, conseguiria reconhecê-lo, caso o encontrar.

O homem tatuado rumo para o carro, todo preto, vejo o número da placa e ordeno que Bento anote e mande para a delegacia para ser averiguada. Ouço um barulho alto de serra, vindo de dentro do galpão, encaro meu parceiro que dá de ombros.

— O que pode ser?

— Não tenho ideia, mas precisamos chamar reforços.

— O delegado Cássio? — Bento ergue as duas sobrancelhas.

— Não temos pessoal suficiente para enfrentar esse bando. Vamos voltar para a delegacia, preciso fazer algumas ligações.

— E deixar *eles* aqui assim? Livres?

— Eles não irão a lugar algum. Estão confiáveis e confortáveis aqui.

— Sei não, xerife.

— Isso é uma ordem, cabo.

Mesmo relutante, Bento acena com a cabeça, os lábios em uma linha fina, completamente inconformado, mas obediente ao ponto de não questionar mais e seguir meus passos de volta para o carro.

Conheço esse homem o suficiente para saber que se eu saísse daqui, ele bancaria o super-herói e invadiria o lugar, dando carteirada em qualquer um à sua frente.

Fato é que nunca lidamos com algo parecido, isso foge da nossa competência e costume, precisamos nos preparar para uma emboscada, articular os passos, seja lá qual for o motivo de estarem aqui ainda, teremos algumas horas para bolar algo.

Acordo Cássio a caminho da delegacia, por mais que Bento desconfie do homem, o pouco que convivi com ele, me fez enxergar alguém honrado, tenho certeza de que não é um corrupto desgraçado.

— Eu deveria ter ficado na campana — Bento protesta, ao entrarmos na minha sala.

— Tu faz o que eu mando.

— O senhor pode *tá* errado.

— Pelo menos, não vou entregar um corpo morto e imprudente para a

Clarice assim que o dia raiar.

— Oxe. Eu sei me cuidar, xerife.

— E sabe bancar o herói também. Em breve *tu* se torna pai, homem — brado e seu olhar ameniza.

— Noite. — Ambos encaramos a porta aberta e Cássio passa por ela.
— Espero que seja uma pista quente, para você me tirar dos braços da morena que esquentava meus lençóis.

— Com certeza é.

— Pois bem, sou todo ouvidos. — Ele solta o corpo na cadeira à minha frente.

Relato tudo o que aconteceu e a teoria sobre um informante na equipe dele, no final da conversa Cássio está de pé e caminha de um lado para o outro, como se fosse um animal enjaulado.

— Chamarei dois homens de confiança, você reúne mais dois e faremos essa operação sozinhos.

— Não sabemos com o que estamos lidando, Cássio — argumento, cauteloso.

— Não podemos perder mais tempo e, se o que disse for verdade, temos que agir com o máximo de descrição possível.

— *Tá certo. Bento* — encaro meu homem de confiança —, chame o Josias, vamos cercar o lugar.

— Sim, senhor. Mas... — ele pende a cabeça de lado —... o Josias...

— Ele é de confiança.

— É. Mas nunca estive em uma operação assim.

— Ele é um oficial da lei. Está preparado *pra* qualquer situação,

homem.

— Só que ele é meio *mocorongo*^[39].

— Cabo? — questiono, firme.

— Sim.

— Deixa de *sandice*^[40] e faça o que mandei.

Sei bem a que ele se refere, Josias é um bom homem, tem um relacionamento afável com a comunidade, é de confiança, com certeza, mas não tem qualquer experiência com o lado pesado da lei.

Pelo que comentam, uma vez, antes de eu assumir a delegacia, um meliante escapou do enquadro e foi a mãe dele que acertou uma bolsa pesada na cabeça do fugitivo, pois o guarda não deu conta de segurá-lo.

Decadente, para se dizer o mínimo, mas na atual situação, não há muito com quem contar. Precisamos fazer o bate, constatar o que de fato ocorre no lugar e tomar as providências cabíveis.

Cássio se aproxima após alguns telefonemas, marcamos de nos encontrar no cruzamento das estradas, tomou o cuidado de não revelar o covil dos bandidos, para não correr riscos.

Verifico minha pistola carregada, pego o colete à prova de balas, o cabo repete os gestos, mas empunha sua espingarda calibre doze. Se existe um homem que trata um objeto melhor do que um ser humano, é o cabo Bento com sua arma de estimação.

Balanço a cabeça em negação quando o vejo limpar o cano com uma pequena flanela, atento a qualquer marca que possa conter na arma.

Depois de prontos e equipados, saímos. Cássio vai direto para sua caminhonete preta, Bento e eu rumamos para a minha, olho ao redor, mas

nem sinal de Josias.

— Vou matar aquele bezerrão — solto, ao abrir a porta do veículo.

— Precisa não, xerife. Olha aí nosso homem. — Bento sinaliza para trás e quando olho, solto o ar, exasperado.

Meu oficial da lei chega montado na sua bicicleta, a roupa mal alinhada, um desastre completo, se não estivesse com tanta pressa, o deixaria aqui ou lhe daria uma bronca ferrenha.

— Anda logo, Josias.

— Tô indo, xerife. Minha mãe quis passar a farda, que *tava* amassada.

Ele pula da bicicleta e a coloca no canto da parede, displicente, correndo até o carro.

— Vou fingir que não ouvi isso. Entra logo.

Assim que pegamos a estrada, o cabo explica para Josias o que se passa, pelo retrovisor consigo ver o tom da pele do oficial mudar de cor, chego a pensar que ele pode desmaiar a qualquer momento.

Odeio admitir isso, mas talvez Bento tenha razão, Josias pode atrapalhar mais do que ajudar, no fim das contas.

Paramos no ponto de encontro, Cássio conversa com seus dois homens e tomamos caminho para o galpão. Os primeiros raios indicam que o alvorecer não tarda, uma boa hora para a emboscada, não esperam por uma batida.

Deixamos o carro a alguns metros de distância, seguimos a trilha a pé, acoitados pelo matagal alto, armas em punho e vigilância total.

Fazia um bom tempo que não sentia essa adrenalina tomar meu sistema. Santino é uma cidade pacata demais, nunca precisei em todo esse

tempo armar algum tipo de operação nesse nível, é eletrizante.

Sinalizo para Josias que caminha do outro lado da trilha, aponto para meus olhos e mostro adiante, vou me aproximar pela frente e ele dará a volta. Não sabemos se há mais de uma saída, precisamos cercar o local para que ninguém consiga fugir.

Infelizmente não conseguimos prever o número de suspeitos dentro do lugar, fora os três que identificamos.

O cabo, o guarda e eu corremos pela frente, tudo está muito quieto, talvez tenham parado a atividade. Cássio sumiu de vista, contornando o galpão por trás.

Respiro fundo, solto o trinco e escancaro a porta.

Chegou a hora da ação.



Capítulo 14

"A fruta proibida é a mais apetecida"

Xerife

Acerto a coronha na madeira ao meu lado, solto um grito no processo, irritado pelo que encontramos ao entrarmos aqui.

Sangue pisoteado por grande parte do chão, balcões brancos, também sujos e com restos de animais, alguns equipamentos que indicam claramente um abatedouro clandestino.

— Como isso foi possível? — Cássio se aproxima, tão indignado quanto eu.

— Das duas uma: ou eles já estavam de partida quando Bento e eu viemos aqui, ou *tu* virou a casaca.

Cássio junta a beirada do meu colete, seu rosto cola no meu e o homem bufa feito um touro bravo. No tempo que trabalhamos juntos, nunca o tinha visto fora da linha.

— *Tu tá* dizendo que eu sou um *traíra*?

Fecho meu punho em torno do seu braço e puxo com força, soltando o agarre, nos medimos por algum tempo até Bento intervir e apartar a aproximação.

— Deixa disso, os dois. É óbvio que os assaltantes estavam desmantelando a carga aqui. Vamos vasculhar a área e ver a trilha que seguiram.

Ambos nos afastamos de *fuça* amarrada, talvez o meu faro para pilantras não seja mais tão apurado quanto antes, posso ter errado no julgamento bom que fiz da índole do delegado.

— Senhor — um dos homens de Cássio chama das portas do fundo e

todos corremos até lá.

Estacamos ao encontrar um corpo mutilado na lateral oposta do galpão, contorno a cena de crime, abaixo e testo a pulsação, sem vida. Balanço a cabeça ao erguer o olhar para Cássio, que saca o celular e liga para alguém.

— Acha que esse foi o informante? — Com certeza — solto, ao empertigar o corpo.

Um homem, na faixa de trinta e cinco anos, princípio de calvície, barba grande e mal aparada, pescoço e peito mutilados por alguma lâmina, talvez facão, pela grossura dos cortes.

— Xerife, o que... Jesus, Maria e José. — O guarda Josias se aproxima e estaca ao meu lado. — O que foi isso?

— Cobrança do língua-solta — Bento responde.

— *Disgrama...* acho que tô tonto...

Aparo o corpo do guarda a tempo de ele não cair em cima da vítima no chão. Só essa que faltava agora, o homem não aguenta uma cena de crime.

— Se apruma, guarda — ergo seu corpo que torna a amolecer quando o solto.

— Encosta *ele* ali. — Bento aponta para a porta do galpão.

— Diacho!

Arrasto um Josias desfalecido até o galpão, puxo uma cadeira velha com o pé, sento o homem ali e curvo, dando batidas de leve no seu rosto. Seus olhos giram em órbitas e está mais verde que o matagal do lado de fora.

— Já chamei a polícia ambiental por conta do matadouro clandestino, também acionei uma perícia para o lugar e o corpo.

— *Tá certo* — respondo, ainda atento ao rapaz.

— O que houve?

— Acho que o caboco não pode ver sangue.

— *Eita!* Virou policial como?

— Só Deus sabe. — Apoio suas costas na cadeira e ergo o tronco. — Quanto tempo até a cavalaria chegar?

— Uma, duas horas, no máximo. O problema é que isso vai espalhar feito pólvora.

— Sim.

— E o alto escalão vai comer nosso fígado.

— Sim. — Solto o ar, com pesar. — Sobre o que eu disse...

— Te preocupa não. É muito estranho, mesmo, eles sumirem em um par de horas.

— O que acha que pode ter sido?

— Pelo jeito, pegaram quem denunciou e resolveram partir antes que fossem capturados.

— Anotei a placa, passei para a central, mas é fria.

— Imaginei. A essa altura o carro nem existe mais.

— Sim.

— Vou mandar meus homens embora, fico aqui até tudo se resolver.

— Fico também.

— Xerife... — Encaro o guarda que balbucia sentado.

— Guarda Josias. *Tu* vai embora com Bento.

— Desculpa, senhor, eu...

— Melhor não falar nada, rapaz. — Bato no seu ombro e rumo para fora.

Hoje será um longo e torturante dia.



Passa do fim da tarde quando finalmente chego à cidade, dispensei Bento para olhar a delegacia, com o guarda Josias dispensado da atividade por hoje, não tinha ninguém para atender e cuidar do andamento das ocorrências.

Por sorte, Bento é capacitado para remanejar o pessoal, organizar as patrulhas e registrar as ocorrências, sempre um dos dois precisa estar por lá, ou corre-se o risco de virar um pandemônio o lugar.

Com barro até os joelhos, suado, sujo e cansado feito um condenado, entro na lanchonete, Carlota encara meus olhos e já sabe que meu humor, que normalmente é pouco, está completamente escasso.

Antes de me acomodar na banquetta de costume, ela tem uma caneca sobre o balcão e a enche de café fumegante. Resignado, apoio no balcão e aceito o pedaço de bolo que ela coloca na minha frente.

— Obrigado.

— Dia difícil?

— Muito.

— É verdade que encontraram um corpo no abatedouro?

— Nem quero saber como *tu* já sabe de tudo isso.

— Então é verdade? — Ela cruza os antebraços sobre o balcão, muito atenta a mim.

— Deixa o homem comer em paz, Carlota. — Diógenes segura os ombros da esposa e a puxa para trás.

— Mas eu só tô curiosa, uai.

— *Tu* e mais de metade da cidade.

— Infelizmente é verdade. Recebemos uma denúncia na madrugada, quando fomos conferir, já tinham partido e um corpo ficou no local.

— O que pode ser? São os mesmos do roubo da carga? — Ela se aproxima de novo, mesmo sob protesto do marido.

— *Tá* querendo saber demais, Carlota. — Corto uma fatia de bolo e coloco na boca.

Fecho os olhos quando meu estômago ronca afoito, comeria um boi inteiro agora, tamanha a fome. Reconheço o sabor, já comi essa iguaria antes, na delegacia, a diaba me deu alguns pedaços.

— *Tá* bom, *né*? Foi sua faxineira que fez.

— Ela não é minha faxineira, Carlota. Nem quero mais *ela* metida em casa.

— Uai. Não trabalhou direito?

— Não. Muito pelo contrário. Minha casa nunca foi tão limpa, parece até nova.

— Então, qual o problema, xerife?

O diálogo saiu no automático, não prestei atenção no que disse até morder a própria língua com a curiosidade aguçada da mulher à minha frente.

— O povo pode falar demais. Só isso.

— Falar o quê? É trabalho, uai.

— Mulher, deixa o xerife em paz, ele precisa se alimentar — Diógenes intervém mais uma vez, seu sorriso cúmplice estampa a face. — Que tal preparar um lanche *pra* viagem? Assim ele leva.

— Tá! Vou lá fazer — ela deposita o pano que estava nas mãos no ombro —, mas não pense que vocês me enganam. — Aponta de mim para Diógenes e marcha duro para dentro da cozinha.

— Obrigado — solto, antes de tomar um gole de café quente.

— Disponha. Eu sei bem como ela fica quando está *encucada*^[41]. A coisa é séria mesmo, não é?

— Sim. Fique de olho em alguém tatuado, Diógenes. — Aproximo o rosto quando falo. — Não sei bem qual o desenho, mas cobre quase todo o antebraço direito. Por aqui é difícil de ver alguém com o corpo pintado, então isso deve destacar o suspeito dos demais.

— *Podexá*. Mantereí meus olhos abertos.

— E bico calado. Não quero afugentar quem possa estar mancomunado com eles.

— Oxe. Acha que alguém daqui é espião deles?

— Tenho quase certeza. Esse roubo não foi aleatório, Diógenes, os *disgramados* sabiam onde se esconder e o que fazer.

— Tá certo, mas acho *bão* tu falar com Heitor. Muita gente passa pelo

Pau Dentro.

— Eu vou. Depois de dormir um pouco. Tô acabado. Passei a noite em claro.

— Vá descansar, homem. Mando um pivete levar seu lanche assim que ficar pronto.

— Agradeço.

Empurro o prato restando só as migalhas do bolo, deixo minha caneca sobre o balcão e saio de lá antes que Carlota retorne com mais uma enxurrada de questionamentos.

Um banho quente relaxante e a minha cama é a combinação perfeita para cinco horas de sono revigorante. Talvez eu varasse a noite se não tivesse que ir até o bar falar com Heitor.

Bento deixou tudo dentro dos conformes na delegacia, um guarda ficou de alerta, qualquer ocorrência nos avisaria de imediato. Estaciono o carro próximo à entrada, hoje o movimento é devagar, meio de semana costuma ser assim.

— Xerife, o senhor por aqui.

— Noite, Heitor.

— Uma gelada?

— Hoje não. Precisamos conversar.

— Claro. No que posso ser útil?

Começo o relato sigiloso, passo as informações e peço total discrição. Até onde sabemos, os assaltantes têm conhecimento do informante, mas não de que foram vistos, principalmente que temos uma possível forma de identificar o cabeça deles.

Assim que terminamos, me levanto, pronto para partir, quando vejo a cabeleira loira, presa para cima, atravessar o salão e limpar uma mesa próxima à pista que acaba de ser desocupada.

Torno a me sentar na banquetta de imediato.

— Vai aceitar a cerveja?

— Sim.

Heitor solta um riso que não dou atenção, não preciso me explicar para o homem, então faço o que sei de melhor, observar a diaba ir e vir, como se sua presença não acendesse um fogo *disgramado* nas minhas calças.

Ela só me percebe quando para do lado de dentro do balcão, lava alguns copos e seu olhar corre pelo salão até parar nos meus. Não sei quanto tempo demora, mas me perco naquele mar tempestuoso e ousado dela, pensando em uma forma de levá-la comigo.

Se aquiete, homem.

Minha razão desperta por tempo suficiente para que eu me levante e marche para fora. Enquanto eu não achar uma forma de manter o facho quieto perto da diaba, é melhor manter a distância.

Encosto na caminhonete, cruzo uma perna sobre a outra, uma mão no bolso e a outra empunha a pequena garrafa. Encaro o céu estrelado, lindo demais de se ver, em outra época achava romântico admirar a noite em companhia da desavergonhada da Diana.

Tínhamos o costume, desde o namoro, a ficarmos abraçados olhando as estrelas e traçando planos futuros. Cheguei a pensar na penca de filhos que teríamos depois do primeiro ano de casados, ainda bem que não chegamos a completar.

Tudo desmoronou em poucos meses, lembro-me da maldita noite

chuvosa, as luzes da sala acesas, aqueles dois não se deram nem ao trabalho de disfarçar, com certeza, eu era o único que não tinha ciência do que acontecia.

O vulto deles através das cortinas clara, emaranhados como dois apaixonados, loucos de tesão, nem ouviram a porta quando eu entrei. Àquela altura já sabia o que estava acontecendo, mas era idiota o suficiente para manter um fio de esperança de que meus olhos não veriam a cena.

Ela deitada no nosso sofá, com as pernas escarranchadas, enquanto meu parceiro cobria seu corpo, esfregando seu quadril nela, seus gemidos se tornando cada vez mais altos.

Volto à realidade com aquele som horrendo que ecoa toda maldita vez na minha cabeça, atiro a garrafa próximo a um latão, ela estilhaça, mas o ato não abrandava minha fúria.

— *Tá tudo bem, xerife?*

Viro o corpo depressa ao ouvir o canto da sereia, sua voz aveludada aciona meu lado predador de imediato, avanço sobre seu corpo pequeno, alço seu quadril e quando suas pernas engancham em mim, cubro seus lábios com ferocidade.

A raiva dá lugar à luxúria, dou alguns passos até sentir seu corpo encostar na lataria do carro. Não interrompo os beijos, massacro sua boca enquanto minhas mãos infiltram o tecido da blusa e afundam em sua carne macia.

Aquele cheiro de laranjas frescas, o mesmo da minha infância, trazem certo conforto, entretanto, me leva a mais uma intriga relacionado a essa mulher. Mais uma familiaridade que liga ela à mulher dos meus sonhos.

Como pode ser possível encontrar a personificação do desejo molhado

que me acompanha há anos?

— Melhor a gente sair daqui — ela solta, em um fôlego, quando dou trégua da sua boca e desço os lábios por seu pescoço.

— Também acho. — Pesco a chave no bolso e destravo o carro.

Desta vez vamos para a minha casa, é mais discreto, nossa primeira vez foi um golpe de sorte. Uma casa na rua da praça e ninguém me viu entrar, preciso manter a cautela, ou logo um fofoqueiro espalha para a cidade inteira sobre nós.

Não quero meu nome atrelado a ninguém, jurei nunca mais deixar minha honra ser jogada no chão, além do mais, tanto a diaba quanto eu, sabemos que esse lance é desejo, vontade, tesão.

Nunca chegaríamos a cogitar a hipótese de ultrapassar esse limite.



Capítulo 15

"Não cutuque a onça com vara curta"

Tetê

Espreguiço meus músculos da perna e braços antes mesmo de abrir os olhos, a penumbra me faz perceber que ainda é cedo demais, cubro a cabeça e me aninho na coberta.

A parte boa de morar no interior é que de dia até pode fazer um calor escaldante, mas à noite, a brisa gelada toma conta, ao menos uma manta é necessária para aplacar o frio.

Volto a rressonar com rapidez, trabalhar no bar depois de um dia inteiro na faxina cansa qualquer corpo, entretanto, preciso fazer dinheiro, juntar algumas economias para, quem sabe, partir para longe.

Sinto um peso se sobrepor nas minhas pernas e cintura, uma lufada de ar quente atinge meu cangote, meu coração dispara e eu rolo na cama, me desvencilhando do contato.

Só não contava que já estava na ponta e caio de *fuça* no chão, me erguendo com rapidez até a visão firmar e a sombra de um homem dormindo se tornar mais nítida.

Aproximo o rosto um pouco mais, cautelosa até, então reconheço o semblante dele.

— Diacho! O que eu *tô* fazendo aqui? — falo, um pouco mais alto e tapo a boca de imediato quando ele se remexe na cama.

Lembranças da noite de ontem retornam, meu corpo prensado na lataria do carro, minhas mãos instigando sua virilha, por cima da calça, no carro. Eu entrar correndo na sala com ele em meu encalço e logo estarmos no sofá, nos consumindo com intensidade e desejo.

Outra loucura, mais uma vez sucumbimos sem ao menos ponderar, transamos na sala, depois no quarto. Lembro-me de ele dizer que precisava deixar meu cheiro de laranjas impregnado nos lençóis, assim teria algo meu quando fosse se aliviar.

O que eu fiz?

Esfreguei meu corpo nessa cama feito uma gata no cio, dei com gosto, fiz de tudo quanto foi jeito e quando acabou, estava cansada demais para vestir as roupas e sair daqui.

Simplesmente apagamos.

Retorno para a realidade, me levanto e com o pé leve saio do quarto, tomo o cuidado de encostar a porta. Encontro minhas roupas espalhadas pela sala, parece que passou um vendaval por aqui, recolho tudo do chão e jogo sobre o sofá.

Nada de banho, ou corro o risco de ele acordar, passar a situação constrangedora de ficar sem saber como agir, não será bom para mim. Tenho mantido uma boa linha de confiança na frente do xerife, não posso deixar transparecer que sou afetada pela sua presença, mesmo que isso aconteça somente no campo sexual.

Visto a roupa, *carco* as botas nos pés, meu toque com limpeza não me permite deixar as roupas dele de qualquer jeito, por isso dobro tudo e deixo sobre a mesa de centro.

Lembro que minha bolsa e jaqueta ficaram no carro, pesco a chave no balcão e busco meus pertences no veículo. Ao entrar para deixar a chave, reparo na claridade que começa a surgir através das janelas.

Encaro o pequeno corredor, a porta entreaberta, meus pés se movem involuntários, quando abro a porta um pouco mais, encosto no batente e

observo seu corpo parcialmente coberto.

As costas largas e fortes, move de acordo com a respiração, seu perfil sereno, ameno, de uma forma que nunca consegui o ver antes, já que o homem faz questão de vestir a carapuça do bicho-papão.

Ajoelho ao seu lado, passo a ponta dos dedos pelos fios curtos e desajustados, desço em um resvalar, sinto a aspereza da barba rala, meus lábios se repuxam, involuntários, amo sentir o pinicar delas seja quando me beija ou quando esfrega em outras partes do meu corpo.

Nunca tinha reparado, mas sua feição é delicada, cílios grossos, o olho levemente repuxado, a boca quase rosada e o contorno um pouco mais claro, marca o bico com ênfase, faz quem olha querer morder.

Bom, ao menos comigo acontece isso.

O xerife solta o ar com mais força e eu desperto. Levanto-me e saio do quarto feito um furacão, não sei onde estou com a cabeça, nem deveria ter dormido aqui, melhor sair enquanto a situação não se torna embaraçosa.

Ainda bem que a claridade já se faz presente, assim consigo seguir a estrada que leva até a cidade. Caminho vagarosa, sem pressa de chegar, duvido muito que o homem acorde agora, e mesmo que aconteça, ele não virá correndo atrás de mim.

O fato de pegar no sono em sua cama é porque ambos estávamos exaustos do dia cansativo e da atividade toda quando nos pegamos.

Claro que já passei a noite toda com outros homens, isso nem deveria mexer tanto com a minha cabeça, mas de alguma forma, com esse delegado tudo é diferente.

Não me lembro de sentir certas coisas nem mesmo com o ex traste que me casei. Tenho ciência de que fui apaixonada por Dodô, mas foi aquela

coisa louca, fugaz e sem qualquer explicação.

Senti uma dependência imediata dele, principalmente quando falava sobre as viagens na boleia do caminhão, a liberdade de ir e vir sempre conhecendo pessoas novas, lugares fantásticos.

Hoje eu vejo que foi ilusão.

Ele montou um conto de fadas que nunca existiu, mas quando eu finalmente acordei, era tarde demais para pensar em voltar. Quando saí de casa, meus pais deixaram claro que não teria volta e eu concordei.

Estava cansada demais daquela vida limitada a regras idiotas, ansiava conhecer o mundo, viver uma experiência que significasse algo na minha história, e consegui.

Uma pena que a vivência não foi tão positiva quanto imaginei. Dez anos presa em uma mentira, negligenciada, abusada, torturada psicologicamente e, por fim, agredida.

Sacudo a cabeça de um lado para o outro, pensar no que já foi não é o caminho. Tudo que enfrentei até chegar aqui, a trajetória passada, serviu de lição, mantereí minha cabeça firme enquanto as memórias forem vívidas na alma.

Olho adiante e vejo que a lanchonete está aberta, resolvo tomar um café da manhã reforçado, antes de ir para casa. Pretendo me jogar na cama e dormir um pouco mais, já que Heitor mandou eu voltar hoje à noite para trabalhar.

Uma sineta toca quando entro, daquelas que ficam presas na porta, acho isso tão americanizado, mas é legal. Vou até o balcão, olho de um lado a outro e não vejo ninguém.

Algumas pessoas ocupam as mesas, encaram a porta da cozinha,

descontentes, miro a bancada de preparação no canto, do lado de dentro, um bule fumegante com um pano apoiado na alça está ali.

Talvez Carlota esteja sozinha. Contorno a madeira até chegar à entrada, que igual ao Pau Dentro, tem um vão aberto por baixo, logo estou do lado de dentro e escaneio a retaguarda.

Localizo os copos, canecas e xícaras, pego uma já com o bule, que descobri ser café fresco nas mãos, sirvo a caneca e quando ergo o olhar, vejo algumas pessoas se aproximarem.

— Queremos um café, por favor. Estamos esperando faz quinze minutos.

— Ah, claro. — Sorrio ao pegar uma caneca nova e servir. — Puro? — A pessoa concorda.

Vejo um bloco de anotações e uma caneta no canto, pego e anoto o nome da pessoa e o que consumiu. Assim faço com todos que vieram até aqui à procura de uma bebida quente.

Descobri a leiteira cheia e aquecida aqui embaixo, sirvo café, café com leite, chocolate quente e até alguns pedaços de bolo que estavam na vitrine.

— O que faz aqui? — Salto no lugar ao ver Carlota surgir ao meu lado.

— Te ajudando. — Dou de ombros.

— Você caiu do céu. Diógenes saiu de madrugada para atender a uma emergência na cidade vizinha e o padeiro é novo, não sabe executar bem o serviço. Estou sozinha no balcão e dando conta de ajudar na cozinha.

— Posso ficar e trabalhar, *tu* só me explica o que precisa. Aprendo rápido.

— Maravilha. Tire os pedidos na mesa. Temos tudo que consta no cardápio na parte de café da manhã. Os salgados e pães saem em dez minutos.

— *Tá certo.*

Faço o que Carlota pede, enquanto ela corre para a cozinha, após ouvirmos algumas formas caírem. Continuo os atendimentos, tiro todos os pedidos e passo para a cozinha, limpo o balcão e aproveito para tomar a minha dose de café enquanto aguardo.

Vejo a sombra de alguém se aproximar, confiro a rede social no celular, tomando mais um gole do meu café, matando tempo enquanto não tenho o que fazer.

— Pois não? — Ergo os olhos de dou de cara com a última pessoa que gostaria.

— Você? Onde está a Carlota? — A mulher azeda torce o nariz.

— Na cozinha, com o novo padeiro.

— E o Diógenes?

— Saiu bem cedo. A senhora precisa de alguma coisa? — Largo o celular de lado e miro a mulher enfezada à minha frente.

— Preciso, mas não é *tu* que vai me atender.

— Uai. E por que não?

— Por que não pego nada da mão de mulher desfrutável. — Ela faz questão de me ofender alto para que todos ouçam.

— Oxe! Que isso, dona?

— Pensa que não sei da confusão com a mulher do apicultor? Tenho certeza de que aquele dia *tu* queria era se amostrar *pro* meu marido.

— A senhora não pode dizer essas coisas assim não, viu? — Aponto o dedo em sua direção, indignada.

— Diacho! *Tô* ouvindo a gritaria da cozinha, o que *tá* acontecendo?

— Ainda bem que *tu* chegou, Carlota. *Tu* deveria tomar cuidado, deixar certas pessoas perto do teu homem.

— Mas olha aqui, sua...

— Marieta! — sou interrompida pelo grito da mulher ao meu lado. — Não admito que *tu* entre aqui e ofenda uma pessoa que nunca fez nada *pra* ninguém nesta cidade.

— Mas o povo fala...

— Ah, pouco me importa. Se *tu* quer comprar pão, aguarde. Vai sair mais tarde hoje, ou pode ir *na* padaria a dois quarteirões daqui. — Sua voz sai imperativa e cala a mulher.

— Algum problema, Carlota? — Sinto minha pele arrepiar inteira.

Lanço os olhos à frente e vejo o xerife fechar a porta com o olhar atento na confusão no balcão. Seus olhos cruzam com os meus de relance, sem qualquer alteração e voltam para a dona do lugar.

— Nenhum, xerife. Marieta *tá* de saída.

— *Tô* mesmo e não coloco mais meus pés neste lugar. — A senhora encenqueira sai marchando duro.

— Pois vai tarde. — Carlota eleva a voz, a fim de ser ouvida pela desaforada.

— Desculpa, Carlota, eu não queria te causar problema — apresso-me a justificar.

— *Tu* não tem culpa de nada, dona Tetê.

— Pode me servir um café? — Volto o olhar para o homem que ocupa a banqueta à nossa frente.

— Claro.

Pego a caneca e sirvo puro, como sei que ele gosta. Deixo a bebida sobre o balcão à sua frente e finjo cuidar de uma limpeza na bancada de preparação atrás de mim.

— *Tá* trabalhando aqui? — Fecho os olhos e respiro fundo, não queria falar com ele agora.

Ao menos, não depois de sair da sua casa na surdina.

— *Tô*. Só hoje — respondo, sobre o ombro, sem lhe encarar.

— Por isso se levantou tão cedo?

Eita, lasqueira!

— Pois é — minto.

— Finalmente pão fresco — Carlota corta a conversa desconfortável e eu agradeço mentalmente por isso. — *Tu* acredita que Diógenes teve que ir na cidade vizinha justo hoje, que *tô* com gente nova na cozinha?

— Pelo visto, conseguiu a dona Tetê *pra* te ajudar.

— Ah, ela foi um anjo. Larguei o balcão sozinho *pra* acudir lá dentro e quando voltei, ela *tava* atendendo o povo.

— Ah, é mesmo? — Sinto a ironia escorrer no seu tom.

Por que não falei a verdade? Uai, não tem enrosco no que fiz, ele mesmo saiu da minha casa na surdina, no dia que transamos pela primeira vez.

Aliás, segunda, a primeira faz muito tempo e foi eu quem saiu de fininho.

Talvez seja um hábito adquirido e nem nos demos conta.

— Se precisar de alguma coisa, avisa, xerife. Preciso voltar lá *pra* dentro, antes que o funcionário taque fogo na cozinha.

Resolvo encarar o homem de frente, nunca fui de fugir de nada e não será o xerife que vai me botar medo.

— Então não *tava* combinado.

— Não, mas achei mais fácil dizer que *tava*.

— *Tá* certo, dona Maria Tereza. — Ele esconde um sorriso nos lábios.

— Poderia ter começado com uma manhã mais gostosa, mas a escolha é tua.

— Ele se levanta e joga uma nota sobre o balcão.

— Uai, nada impede de terminar o dia comendo bem — solto baixo, prendo o lábio inferior entredentes ao ver seu olhar alarmado.

Se o homem quer me provocar deliberadamente e pensa que ficarei encabulada, está muito enganado. Eu sou o tipo de bicho, que quando acuado, prefere atacar a se render.

— Só aceito se tiver sobremesa — ele aproxima o tronco e fala tão baixo e rouco, que sinto minhas partes baixas fisgarem.

Diacho de delegado gostoso.

— Isso, eu posso garantir. *Pra* comer, *pra* beber, *pra* lambar e até chupar.

Apoio ambas as mãos no tampo e aproximo o tronco, ainda distantes, mas obviamente envolvidos em uma névoa prazerosa, que é quebrada por um infeliz, que pigarreia atrás do delegado.

— Até mais ver. — Ele acena com a cabeça e se retira.

Misericórdia, que eu não dou conta do fogo com esse homem.



Capítulo 16

"Há males que vêm para bem"

Tetê

Só consigo sair da lanchonete quase na hora do almoço, quando Diógenes retorna e finalmente o movimento abranda. Carlota paga pelo tempo trabalhado, normalmente eu não aceitaria, fiz de bom grado, mas com a minha pressa em juntar economias, não posso me dar ao luxo de renegar.

Próximo ao portão de casa, vejo o guarda Josias se aproximar, um tanto animado, penso em ignorar, só quero um pouco de descanso, mas o homem sempre foi respeitoso e solícito comigo, não consigo fazer a desfeita.

— Tarde, dona Tetê.

— Tarde, guarda. Andou sumido.

— Tive um mal-estar repentino, fiquei de licença em casa.

— *Oxe. Tu tá bem?*

— Agora tô. Depois do que vi, fiquei meio aperreado.

— E o que *tu* viu?

— Uai. *Tu* não ficou sabendo do corpo encontrado no galpão abandonado?

— Que isso, homem. Tô sabendo de nada não.

— Pois é. O xerife me convocou para uma missão, estamos investigando a carga roubada.

— Disso, eu sei.

— Pois bem, quando chegamos *no* lugar, encontramos o possível informante morto, todo cortado, as tripas quase *saíam pra fora*.

— *Cremdeuspai.* — Faço o sinal da cruz.

Não sou uma mulher muito religiosa, mas é espantoso saber de casos assim, em um lugar tão pacato quanto Santino.

— Pois é. Um homem da lei precisa lidar com todo tipo de situação. É perigoso, sabe? — O homem estufa o peito, orgulho da profissão.

— Eu imagino. Mas por que *tu* passou mal? Foi atacado?

— Não. É que fiquei impressionado com o tanto de sangue. Nunca precisei encarar um morto daquele jeito.

— Ah...

Já sabia que o homem é pacato, mas frouxo, nunca passou pela minha cabeça.

— Mas logo teremos a identidade do morto e uma pista para perseguir a quadrilha.

— *Tu* acha que eles ainda estão por aqui?

— Com certeza. Nas estradas principais, eles seriam parados por algum posto policial. Tem alerta no estado inteiro.

— Bom, espero que encontrem *eles* logo. — Apoio a mão no seu ombro em sinal de conforto.

— *Tá* fazendo o que perto do meu menino? — Salto ao ouvir a voz estridente e já conhecida.

— *Tu* de novo, não — lamento, ao ver a senhora se aproximando.

— Mãe, o que *tá* acontecendo?

— Mãe? *Né*, possível! Joguei pedra na cruz, só pode.

— Josias, saia de perto dessa desfrutável. — A mulher se aproxima apressada e puxa o guarda pelo cotovelo.

— Deixa disso, mãe. Dona Tetê é boa gente. *Oxe*.

— É aproveitadora, isso sim. Pois nem pense em esticar esse olho grande *pra* cima do meu menino.

— Pode ficar tranquila, senhora. Não tenho interesse no guarda Josias — respondo séria, a fim de acabar com a confusão.

— Não? — O guarda me encara, decepcionado, dou de ombros ao negar com a cabeça.

— Venha, Josias. *Tu* precisa comer e se fortificar.

— Tarde, dona Tetê. — Ele acena com a cabeça e segue a mãe, que praticamente o arrasta para longe de mim.

Balanço a cabeça e abro o portão. Parece que toda vez que coloco meus pés na rua, estou entregue à sorte, nunca sei de onde virá o próximo acontecimento.

Entro em casa e solto uma lufada de ar, aliviada. Arranco as roupas e vou direto para o banho, preciso muito lavar o corpo, tirar todo o cansaço e o cheiro do xerife.

O perfume do homem impregnou em mim, ou é minha cabeça maluca pregando alguma peça, mas posso jurar que seu cheiro me perseguiu até agora.

Banho tomado, hidratada, vou para o quarto, pego uma rede que vi ontem no maleiro, recolho o meu Kindle da cama e rumo para a varanda. Provei tanta coisa boa na lanchonete que estou explodindo de cheia.

Vou continuar a leitura que parei ontem, já li o primeiro e agora a autora lançou o segundo. A série chama Amores Sertanejos, da autora Sinéia Rangel, uma temática regionalista, me encantou logo que vi a chamada na rede social.

Eu amo ler um engravatado, é verdade, até os bandidos me encantam,

mais do que deveria, mas esse, ele torna tudo ainda mais real. Talvez por retratar a realidade que me cerca, pena não encontrar um Severo ou um Galego na vida.

Fico toda acesa de ler esses livros, o fogo, que não é pouco, arde em chamas a cada capítulo, a autora consegue mexer com os miolos e as calcinhas até de uma beata.

Devoro boa parte do livro, mas quando o sol baixa e o entardecer dá às caras, levanto e rumo trocar de roupa, preciso ir para o bar. Depois de pronta, saio para o quintal e vejo dona Dolores sair na porta dos fundos.

— Diacho. Que susto!

— Eu moro aqui, moça.

— Eu sei, mas não sabia que a senhora *tava* em casa.

— Fiquei sabendo do homem morto no galpão e resolvi vir ver como as coisas estão por aqui.

— Ah, *tu* também ficou sabendo?

— Sim. O xerife esteve na fazenda e alertou a Babi e o Lucio.

— Dizem que *tá* ligado ao caso da carga roubada.

— Parece que sim. Como estão as coisas por aqui?

— O mesmo de sempre. Alguém sempre implica comigo e eu sigo trabalhando no que aparece.

— Vai partir em breve?

— Ainda não sei, mas quero ter dinheiro se me decidir ir.

— Dolores, *tá* pronta? — ambas viramos quando Maldonado grita do portão e abre o trinco para entrar.

— Já vou, homem. — Ela acena, chamando-o. — Venha pegar a cesta

que vou levar.

— Como vai, Maldonado? — cumprimento, com um beijo no rosto.

— Bem. Tudo em ordem.

— Tô indo *pro* bar, trabalhar.

— Bom serviço, então.

— O que *tu* tem? — Recuo, estranhando seu jeito.

— Nada, uai. Só prefiro me manter longe de mulher compromissada.

— E quem disse que eu *tô*?

— Só isso explica o xerife parado no portão, com um maço de flor na mão.

— Como é que é? — Giro o corpo e vejo o delegado, com semblante fechado, encarando nós dois.

Perco alguns segundos, na tentativa de recobrar os movimentos do corpo e a voz na goela para tomar uma atitude. Maldonado assovia ao meu lado e sinaliza para que ele entre, só então me remexo, desconfortável.

— Ai, Dolores. — Olho para Maldonado, que esfrega a nuca e Dolores o encara da porta.

— Já disse *pra tu* não ficar assoviando assim. Xerife? *Tu* na minha casa?

— Dona Dolores, como vai? — Volto a olhar para o homem, que parece tão desconfortável quanto eu, agora.

— Não respondeu à pergunta, delegado. Alguém aqui infringiu a lei?

— Ele só vai me dar uma carona até o bar, dona Dolores — finalmente me pronuncio.

— E a flor?

— É *pra tu*. — Pego o ramo das suas mãos e entrego para a senhora desconfiada.

— Faz muito tempo que não recebo flores de ninguém, principalmente de uma autoridade da cidade — ela responde, com sarcasmo, e Maldonado solta um riso alto.

— Vou deixar vocês aqui, neste momento constrangedor, e levar as coisas *pro* carro.

— Tome. Isso é seu, — Dolores devolve o ramo para mim. — Não tenho nada com a vida de vocês. Esse povo é maldoso, demais da conta, mas nada escondido funciona. Sempre um sai machucado. — A mulher encara de mim para o xerife e ambos optamos por calar.

— Não carece preocupação, não, dona Dolores. A gente não quer nada a sério.

As palavras dele verbalizou meus pensamentos, estava prestes a dizer exatamente isso, mas senti um amargor tão grande que optei por calar. Não me agradou ouvir sua declaração, mesmo que esteja de acordo com ela.

— Todos dizem isso. — Ela bufa. — Já me vou. Tome cuidado, moça, se precisar de algo, me procura na fazenda.

— Sim, senhora.

— Vou te deixar no bar. *Simbora*. — Ele sinaliza para fora e segue o caminho.

Apesar do curto percurso até o Pau Dentro, o silêncio no carro incomoda e toda vez que giro o pescoço para encarar o homem, sua expressão continua inalterada.

— Encontrei o guarda Josias hoje, fiquei sabendo do corpo no galpão.

— Josias é fuxiqueiro, vou arrancar a língua dele.

— O povo comenta, não é normal para Santino.

— Num é, mas o mexerico só serve para alarmar.

— *Tu* não tem medo?

— Medo de quê? — Ele corre os olhos da estrada para mim.

— Uai. Eles são perigosos.

— E eu sou treinado para lidar com eles. Não tenho que temer a nada.

— Sempre foi assim, valente?

— Nem sempre. Mas chega um momento em que *tu* precisa decidir se quer continuar se acoitando das injustiças e coisas erradas que o mundo mostra, ou tentar fazer diferente.

— Fácil falar para quem nunca esteve na condição da vítima — solto, sem pensar.

— Do que *tá* falando?

— Nada não. — Sacudo a cabeça e agradeço a Deus quando vejo o estacionamento do bar.

— Anota meu número e me liga quando sair.

— Mas o jantar que prometi não deu *pra* fazer. — Enrolo a ponta do cabelo entre os dedos.

— Tem problema não. A comida que eu quero vai estar no ponto certo quando *tu* sair. — Ele puxa minha nuca com uma mão e devora minha boca.

Sua língua dança com a minha com força e precisão, rouba todo o ar dos meus pulmões e quando encerra, ambos estamos ofegantes e tomados pelo desejo.

— Acho melhor... eu sair... — Pigarreio, recobrando a razão.

— Também acho.

Ele pisca um olho e eu sorrio de lado, antes de *apiar*^[42] e ver sua caminhonete sair em uma arrancada só.

Acabei deixando as flores no banco detrás do seu carro, um sorriso bobo enfeita meus lábios e o coração ainda disparado acende alertas que ignoro por vontade própria.

Entro no bar e logo vejo Neto descendo as cadeiras das mesas, seu sorriso aberto me faz entender logo que as coisas melhoraram para si.

— Viu o passarinho verde, garoto?

— Deve ser o mesmo que *tu*, dona Tetê. Nunca te vi tão feliz quanto agora.

— Oxe, menino. Eu sou uma pessoa alegre por natureza.

— *Tá* certo, mas respondendo tua pergunta, eu vi sim. Consegui um encontro para o cinema e ainda vamos *na* sorveteria depois.

— É assim que se faz, garoto. — Ergo a palma para ele, que bate, entusiasmado.

— Tetê? — Olho para o balcão e vejo Heitor sinalizar, me chamando.

— Deixa eu ver o que o patrão quer.

Caminho até o balcão, ainda sorrindo, mas aos poucos murcho ao perceber o semblante preocupado no rosto de Heitor. Só me faltava ser mandada embora agora.

— O que foi?

— Senta aí, que precisamos conversar.

— *Tá*. Eu fiz alguma coisa de errado? Teu olhar *tá* me preocupando.
— Ocupo a banqueta, receosa.

— Ontem, depois que *tu* saiu, umas pessoas chegaram aqui. Não são da cidade, pelo menos nunca vi as fuças por essas bandas.

— Sei.

— Um deles, alto, moreno e forte, perguntou sobre alguém no balcão. Se por acaso tinha passado por aqui nos últimos dias.

Engulo em seco, sinto meu corpo inteiro tremer, tensionado e apreensivo, já sei por onde vai o rumo dessa conversa e confesso que não tô gostando nada disso.

— É meu ex-marido — solto, de uma vez.

— Pelo visto, o casamento não acabou bem.

— Não. Já estamos separados há anos, mas ele voltou para casa depois de todo esse tempo, querendo reatar e eu não quis.

— Por isso mudou *pra* Santino.

— Não mudei, fugi. Depois de jogar um vaso de cerâmica na cabeça dele.

— Isso explica o sinal na testa.

— Um presente de despedida. — Dou de ombros.

— Acho arriscado *tu* trabalhar aqui. Ele pode voltar ou mandar um conhecido.

— Tem razão, Heitor. Agradeço por me alertar.

— Disponha. Se precisar de alguma coisa, é só avisar.

— *Tá certo.*

Sorrio fracamente ao me levantar da banquetta e tomar meu rumo para casa.

Como esse homem veio parar no meu encalço? O que ele quer

comigo, afinal?

Saiu de casa alegando que tinha outra família, mulher, filho, eu era o peso morto para ele. Achei que minha vida tinha se ajeitado em Palomino, vivia feliz e confortável, mas o infeliz tinha que voltar para me atormentar.

O pior é que mesmo sem saber, continua me fazendo mal. Acabei de perder meu emprego, apesar de saber que é o mais seguro a se fazer, ainda assim me prejudica demais.

Preciso juntar dinheiro suficiente para sumir para longe, sem emprego, vai ficar difícil de conseguir.

Ainda é cedo, tomo a estrada a pé, vou direto para casa e quando entro, me jogo na cama, viro em posição fetal e deixo o choro sair.

Quando, finalmente, encontrarei paz na vida?



Capítulo 17

“Nem tudo que reluz é ouro”

Tetê

“Chego de mais uma noitada no bar da Dulce, não consigo aproveitar como gostaria, uma sensação esquisita, de ser observada, mas não de um jeito bom, fiquei mais preocupada em observar o lugar e descobrir o motivo para me sentir assim do que realmente aproveitar.

Retiro as botas cano alto e salto, mexo os dedos aliviando a pressão, caminho para o quarto abrindo os botões da camisa rosa-chá, paraliso no batente da porta quando vejo o homem deitado na minha cama.

O sorriso aberto, braços cruzados atrás da cabeça, as pernas sobrepostas, sem camisa, somente a calça jeans e meias, esparramado no seu antigo lado da cama.

— Dodô? O que faz aqui?

— Maricota, é assim que tu recebe seu homem? — Ele endireita o corpo sobre a cama ao se sentar.

— Fora daqui. Tu não é nada meu.

— Não é isso que o cartório diz. Somos casados, Tetê. — Então ele se levanta e avança um passo.

Por reflexo, recuo, aproveito para fechar um botão da camisa e volto para a pequena cozinha.

— O que tu quer aqui, Dodô? Faz cinco anos.

— Andei ocupado. Muito trabalho.

— Muito roubo, você quer dizer. — Ele salta para frente e segura meu queixo, com força.

Empurro seu peito, mas o homem é grande demais e nem com meu maior esforço consigo afetá-lo. Sua outra mão transpassa minha cintura e cola nossos corpos.

— Essa língua continua afiada, como sempre foi. Senti falta disso, Maricota. — Sua boca desliza sutil pela minha bochecha.

— Não me chama assim — consigo pronunciar, mesmo com seu aperto em torno do queixo e lábios.

— Tu é minha, sempre foi. Desde que saiu da casa dos seus pais para me seguir por este mundo. Nascemos pra isso, Tetê — ele sussurra próximo ao ouvido, um arrepio gélido transpassa, o medo começa a atingir meu corpo.

— Eu errei. Tu foi um erro na minha vida.

— Para de falar sandice. — Ele empurra meu corpo para longe e vai até a pia.

— O que aconteceu com a tua mulher e filho?

— Partiram.

— Ela não te aguentou sozinha por muito tempo, não é? — solto, em tom de zombaria.

— Aquela vadia não era pra mim. Mas tu é. — Ele torna a me olhar e temo o que vejo ali.

Demorei anos para perceber que Dodô é um homem doente, pouco antes de nos separarmos, descobri que as cargas que carregava no caminhão eram roubadas, na maioria das vezes.

Sempre o segui como uma cega apaixonada, aceitava todas as explicações descabidas que ele me dava e só quando fixamos moradia em Palomino, é que comecei a enxergar as coisas com outros olhos.

Sua forma de me agredir era sutil, ou eu que nunca senti vontade de enxergar, até perceber que meu sentimento não era amor e sim loucura.

Pequenos apertões, chacoalho, empurrões, gritos e, principalmente, ordens. Eu seguia uma lista rigorosa do que podia ou não fazer com ele em casa e fora dela.

Nada de trabalhar, estudar, ter amigos ou qualquer coisa que me desviasse do único objetivo de servir a ele e seus desejos. Por tanto tempo, acreditei que isso fosse cuidado, carinho, até perceber que vivia em cárcere privado.

— Tu quis ir embora, há cinco anos, naquela briga. Sumiu no mundo e disse que seria feliz com a mulher que lhe deu o que eu não poderia: um filho.

— Nem sei se aquele pivete é meu mesmo. A vadia dava pra todo mundo.

— Escolha sua. Problema seu. Não quero você aqui, Dodô, o que tínhamos acabou.

— E quem tu pensa que é quem pra decidir isso? — Ele solta um riso abafado, balança a cabeça e coça a barba grande.

Como ele fazia quando queria me pegar e eu fugia dentro de casa, Dodô caminha como cautela, fitando meus olhos, determinação e dominação tomado por eles, recuo alguns passos até bater na parede.

Seu sorriso se alarga, contente em me ver assustada e encurralada, pronta para lhe servir, como tantas outras vezes aconteceu.

Mas o que ele não sabe é que desta vez, estou preparada para agir, não irei baixar a cabeça, mesmo que custe minha vida. Tateio a lateral e alcanço o pequeno aparador que tem um vaso sobre.

A um passo de mim, pego o vaso com rapidez e acerto sua cabeça com toda a força que consigo. Sinceramente, se ele morrer, não irei me importar.

O homem cai de lado, desacordado, um filete de sangue escorre do corte que abri na sua cabeça, seria lindo apreciar o momento, mas preciso sair daqui o quanto antes.

Polícia não adianta, Dodô dará um jeito de chegar até mim, além do que, nunca vi homem agressor ficar preso por muito tempo, só tem uma maneira dele não me encontrar.

Fugi. Arrumei uma mala grande, coloquei tudo que deu e alcancei na pressa, peguei no fundo do guarda-roupa, em uma caixa pequena, com fotos da minha infância.

Esse lunático nunca mais colocaria os olhos em mim, nem que eu tivesse que fugir para sempre.”

Assustada, me levanto da cama com rapidez, respiração ofegante e o suor escorrendo das têmporas. Ainda está escuro, lembro-me de ter chegado em casa e chorado até pegar no sono.

Sigo para o banho e, depois de lavar o pesadelo horrível da última vez que estive com o traste, vou para a cozinha fazer bolo. Se tem uma coisa que me faz bem e acalma, é cozinhar.

O dia raiou, os pedaços de Mané Pelado já estão na vasilha e eu rumo para a lanchonete, na esperança de conseguir algum trabalho com dona Carlota. Não posso ficar parada e não tenho dinheiro o suficiente para sair daqui.

Vejo Carlota atendendo no balcão, caminho até a beirada e aguardo pela sua atenção.

— *Tu* por aqui. Bom dia.

— Dia, dona Carlota.

— Vai comer alguma coisa?

— Na verdade, vim lhe propor uma parceria. — Coloco o pote de bolos sobre o balcão. — Sei fazer muita coisa e tenho certeza de que me daria bem na sua cozinha.

— Nem me fale. Acredita que precisei dispensar o rapaz ontem mesmo? Perdeu duas fornadas de pão, pois deixou queimar. — Ela bate a mão no quadril, indignada.

— Então. Posso ser útil.

— Mas e o teu trabalho no bar?

— Fui dispensada ontem. O Heitor não vai mais precisar de mim.

— *Oxe*. Mas esses dias ele passou aqui no fim da tarde e elogiou *tu*.

— *Pra tu* ver. — Solto um sorriso amarelo.

— Bom, acho que a vaga é sua, então.

— Muito obrigada, dona Carlota. Tu não vai se arrepender — comemoro, animada.

— Já sei que não. Pode entrar, mulher, tem coisa demais naquela cozinha e Diógenes *tá* perdidinho lá dentro.

Pulo para dentro e vou direto para a cozinha, dona Carlota informa ao marido que vou assumir como auxiliar e ele fica satisfeito e aliviado. Passamos a manhã em treinamento, eles me ensinam as proporções, como são os procedimentos e tudo que está no cardápio.

A parte boa desse emprego é que pegarei no batente cedo, ainda madrugada, mas logo após o almoço, já estou livre, assim posso procurar

outro serviço.

Se economizar o suficiente, em poucos meses consigo sair desta cidade. Com Dodô rondando o lugar, ainda não sei por quanto tempo ele pretende permanecer à minha procura, mas conhecendo a teimosia do caboco, temo que ele nunca se dê por vencido.

Quando estou na rua, vou direto para a delegacia, com a notícia de ontem acabei me esquecendo do combinado com o xerife, posso apostar que não ficou nada contente pelo meu sumiço.

— Tarde, guarda Josias.

— Tarde, dona Tetê. — O rosto do rapaz se ilumina. — Bom ver a senhora. O que a traz aqui?

— Preciso ver o delegado.

— Claro. Ele tá na sala. Pode entrar.

— Agradecida.

Sorrio e caminho a passos contidos até sua porta, que está aberta. Uma bateadeira toma conta do meu coração, sinto as mãos suarem levemente, aquele nervoso descabido tomando meu peito, sem motivo para tal.

Oxe! Para com esse melindre, Tetê.

Bato na porta e ambos, o xerife e o cabo Bento, erguem a cabeça dos afazeres. Cada um estava imenso em papéis à sua frente.

— Pois não? — o cabo se pronuncia, mas meus olhos se mantêm cativos nos do xerife.

O semblante duro e severo, transparece impaciência, só não sei se por me ver ou se é o costume do seu cargo.

— Vim trazer um agrado. — Tiro a vasilha da sacola.

— Restos? — Sua voz grossa sai zombeteira.

— É aquele bolo? — O cabo se levanta da cadeira e vem até mim. — Porque se for, eu quero.

— Claro, fica à vontade. — Estendo a vasilha em sua direção.

— Vou levar para a copa e deixar vocês conversarem.

O cabo tem o cuidado de fechar a porta atrás de si, depois de me empurrar, nada sutilmente, para dentro da sala. Com certeza ele não sabe cumprir o papel de bom amigo, já que o xerife bufa e protesta baixo da sua cadeira.

— Eu queria me desculpar por ontem... — Tranço os dedos em frente ao corpo, desconfortável.

Sinto como se estivesse confessando o pior dos delitos, a forma como seu escrutínio me percorre aquece e tremula meu corpo, com sensações mistas que não quero desvendar agora.

— Não foi nada. Só poderia me poupar o trabalho de ir até lá te buscar.

— É que eu nem fiquei.

— Heitor disse que te dispensou. Comentou que não tinha condição de te manter no bar.

— Pois é. Fiquei chateada e acabei dormindo.

— Isso explica muita coisa.

— Explica?

— Sim. — Ele finalmente se levanta da cadeira e contorna a mesa, parando diante de mim. — Estive na sua porta, bati palmas, chamei, nem sinal.

— Não foi intencional.

— Sei que não. *Tu* dormia feito pedra.

Inclino a cabeça intrigada, ele soa tão confiante que eu realmente dormia, achei que, no mínimo, demonstraria certa dúvida.

— Como tem tanta certeza?

— Eu vi. Aliás, *tu* precisa aprender a trancar sua casa.

— *Tu* entrou na minha casa? — Apoio as mãos na cintura, indignada.

— Claro! *Tu* saiu do bar logo depois que te deixei lá, horas se passaram e *tu* não atendia ao telefone e nem o portão. Pulei *pra* ver se estava tudo bem.

— Isso é contra a lei, xerife. Eu poderia estar com alguém, sabia? — Elevo a voz, chocada com a invasão de privacidade desse homem.

— Na realidade, essa opção não passou pela minha cabeça. — Dá de ombros.

— *Tá* convencido demais, não acha?

— Bom. É a segunda vez que *tu* traz sobra de bolo para mim. — Ele avança um passo e suas mãos acolhem minha cintura.

— Pode ser *pro* guarda Josias. Ou até mesmo o cabo Bento. — Ergo o nariz e sinto um beliscão onde ele toca.

— Isso me cheira à mentira.

— Pode ser *pra* agradecer as flores que *tu* me deu.

— De nada, mas elas murcharam no banco detrás da caminhonete. — Conforme conversamos, seu aperto se intensifica mais e seus lábios ficam ainda mais próximos dos meus.

— O que vale é a intenção.

— Deixa de lenga-lenga e me beija logo.

Eita, que o homem está determinado. Seus lábios cobrem os meus com ardor, o alvoroço no peito abrandando e dá lugar a um calor reconfortante. Nossos corpos se unem ainda mais, minhas mãos deslizam por seu peitoral até alcançarem o pescoço, enquanto nossas línguas dançam, ritmadas e envolventes.

— Olha quem *tá* aqui... — A porta é aberta e ambos saltamos para longe um do outro.

O cabo Bento para a fala no meio, com certeza surpreso por nos pegar no pulo, ouço o pigarrear do xerife ao meu lado e uma mulher grávida surge de trás dele.

— Essa é minha senhora, Clarice. Amor, essa é dona Tetê, que faz um bolo incrível. O xerife, *tu* já conhece.

— Muito prazer. Ouvi muito sobre seu bolo, dona Tetê.

— Agradecida. — Sorrio.

— Como vai, Clarice? — O xerife se aproxima da mulher e a cumprimenta com um beijo no rosto.

— Já falei *pra* não tomar liberdade com a minha esposa — o cabo decreta, mas é evidente seu tom jocoso.

A esposa acerta o cotovelo nele de leve e todos riem.

— Só passei para dar um oi, tenho que terminar os preparativos do chá. É este fim de semana, não esquece, xerife.

— Não gosto muito de festas, você sabe.

— Eu sei, mas tenho certeza de que sua namorada vai gostar de conhecer pessoas novas. — Ela pisca um olho na minha direção. —

Vambora, Bento, deixa os dois terminarem o que faziam antes da gente invadir a sala.

Encaro todos os lados menos o casal que se retira, rindo do nosso desconforto. Arrisco um olhar para o xerife, que parece tão incomodado quanto eu, sua mão cobre a nuca e coça o local.

— Acho melhor eu ir. — Aponto para a saída.

— Até mais ver.

— Até. — Aceno com a mão e dou no pé.

Apesar da estranheza do momento, não consigo deixar o sorriso aberto do meu rosto enquanto caminho para casa.



Capítulo 18

"Onde há fumaça há fogo"

Xerife

Faz dois dias que não coloco meus olhos sobre a diaba, é o melhor a fazer, já que em sua presença não consigo conter o fogo nas calças que ela me causa.

Sua visita na delegacia me rendeu Bento alugando meus ouvidos por todo esse tempo, o pior é que só posso ignorar, afinal, fomos pegos no pulo aquele dia. Não sei onde estava com a cabeça para ficar de chamego no trabalho.

Eu nem sou do tipo que faz isso. Meu negócio é no bruto, envolvimento, saciar a vontade e cada um segue seu caminho.

A diaba sempre deixou claro que também gosta das coisas mais diretas, o que torna ainda mais esquisito tudo que aconteceu aqui.

O pior é aguentar o impasse sem o café da Carlota. Descobri que a diaba está trabalhando na lanchonete, o que me faz correr do lugar feito um fugitivo em perseguição.

— Xerife, ligaram da delegacia vizinha. — Ergo a cabeça da pilha de inquéritos que averiguo. — Tem uma denúncia suspeita por lá, o delegado acha que tem ligação com o caso do roubo.

— *Simbora*, então. — Levanto-me na mesma hora, recolho o celular e o molho de chaves e marcho para fora da sala.

Freio os passos ao descer o primeiro degrau na entrada da delegacia e ver Maria Tereza e Josias conversando animadamente. Bento, que vinha na mesma velocidade no meu encalço, tromba nas minhas costas, o que faz meu corpo pender para frente.

— Diacho!

— Desculpa, xerife — ele resmunga. — Ah, *tá!* Entendi. — Sua voz se toma por um tom zombeteiro.

Olho de soslaio para o infeliz que tem um sorriso aberto e cheio de dentes brancos na *fuça*. Acredito que meu punho no meio deles combinaria muito com o momento.

Volto a encarar a frente e o par de olhos tempestuosos que escrutina na minha direção, aceno com a cabeça uma vez e mantenho o cenho o mais fechado possível.

Ela sorri de forma terna, balança a cabeça, enquanto prende uma mecha solta do cabelo loiro, que esvoaçava pela brisa leve. A luz direta bate em sua pele clara, sedosa e macia, torna-se ainda mais convidativa para a memória do meu tato.

— Diacho.

— *Tu* já disse isso, xerife. — Ouço o murmuro do meu subordinado e acerto uma cotovelada discreta na sua costela.

— Tarde, oficiais. Como estão?

— Bem.

— Ocupados.

Bento e eu nos encaramos logo após respondermos juntos.

— Precisa de mim, xerife? — Josias se pronuncia.

— Não. Fique de olho nas coisas e qualquer problema, chame no rádio.

— Sim, senhor.

Não volto a olhá-la, mesmo que sinta seus olhos me fitando a todo

momento. Marcho direto para a caminhonete, Bento assume o lugar ao meu lado e solta uma lufada de ar irritada.

— *Tu* é custoso demais.

— *Tá* repreendendo seu chefe? — Corro os olhos na sua direção, irritado.

— *Tô* a ponto de dar um safanão no meu amigo, isso sim. *Pra* que tratar a mulher desse jeito?

— Não tratei de jeito nenhum.

— Exatamente! *Tu* nem se deu ao trabalho de olhar nela direito, mas *tava* de agarração há dois dias, na sua sala.

— Não se mete nisso, cabo! — Ergo um dedo em riste.

— Ah! Que se lasque. — Ele joga metade do corpo para fora da janela, — Ei, dona Tetê?

— Sim — ela responde ao longe.

Vejo sua figura pelo retrovisor, linda, mantém o sorriso aberto no rosto, nada parece incomodar essa mulher. Acredito que carregue uma coragem muito maior que a minha, ao menos, não se importa com a língua do povo, como eu me importo.

— Não se esquece do chá de bebê na minha casa. Minha senhora faz questão da sua presença.

— Pode deixar, cabo. Estarei lá.

— Diacho.

Quando Bento ajeita o corpo de volta no banco, acerto, mais uma vez, o cotovelo nele, que protesta, mas ainda assim, ri da minha irritação.

— Não sei *pra* que tudo isso — solto, ao dar partida e arrancar com o

veículo.

— Simples. Fazer *tu* perder o medo do povo.

— Não tenho medo — disfarço e pigarreio.

— Tem sim e *tá* na hora de *tu* entender que nem toda mulher é uma Diana na vida.

— Diacho! Eu não penso isso.

— Claro que pensa. Tanto que não quer assumir a dona Tetê por conta disso.

— Uma coisa não tem nada a ver com a outra. Ela não quer compromisso, Bento.

— Uai! Então *tu* já tomou um fora? — Ele solta uma gargalhada e eu torço a boca e o nariz, com desdém.

— Sempre deixamos claro que isso é só pegação, meu amigo. Mas *tu* não entende, porque vive seu casamento feliz.

— Ah, isso eu vivo, mesmo.

— Então fica alegre na sua bolha e deixa minha vida em paz.

— *Tá*. Eu deixo, mas minha esposa, com certeza, vai querer apresentar uma meia dúzia de primos da família que ainda estão solteiros.

Visualizo a cena na minha cabeça, horas torturantes de um encontro familiar, participei de tantos quando era casado, que peguei asco depois de separado. Só vou nesse, pois se trata de Bento, o mais próximo de um amigo que tenho desde que cheguei a Santino.

Solto meia dúzia de palavrões e piso firme no acelerador, ligo a rádio local e escuto um *modão*, alto o suficiente para ocultar a gargalhada debochada do homem ao meu lado.

Encontramos com Cássio na delegacia, conferimos a denúncia e montamos uma ação rápida rumo ao local. Estamos a quarenta quilômetros de Santino, o fato de muitos fazendeiros abrirem estradas provisórias entre as terras, facilita a locomoção e é impossível conseguir fiscalizar todas.

Cercamos o casebre com cautela, as marcas de pneus na entrada mostram que um caminhão grande e pesado esteve aqui, mas o detalhe é que a região é largada, o dono não aparece há anos.

Dois homens se posicionam na porta dupla, Cássio e eu, com as armas em punho e o colete nos protegendo, damos o sinal ao mesmo tempo e elas são escancaradas.

— Vai! Vai! Vai!

Adentramos o lugar, notoriamente vazio, baixamos as armas e torço o nariz com o cheiro de carniça. Uma mesa improvisada e comprida corta o lugar, toda cheia de sangue animal, alguns latões no canto compõem tudo que tem no ambiente de chão batido.

— Delegado, olha isso. — Bento sinaliza para dentro de um tambor e leva o antebraço em frente a boca e nariz. — Jesus Cristo! Que cheiro é esse?

— Tripa animal — Cássio repete o gesto ao verificar o interior do objeto.

— São eles, com certeza. Mas saíram antes que pegássemos.

Bato a mão espalmada na madeira ao meu lado, não consigo entender como um caminhão enorme de carga viva consegue ir e vir sem ser notado.

— Alguma novidade com o corpo encontrado? — questiono Cássio, quando estamos fora do casebre.

— Nada. Os dedos mastigados não permitiram o reconhecimento de digitais. Continuamos no escuro.

— Vou fazer outra varredura por Santino. Esta estrada não tem saída para a rodovia, eles ainda estão rondando a região.

— Sim. Armarei uma também.

— Já chamei a polícia ambiental para registro da ocorrência e coleta de provas. — Bento se aproxima.

— Ouvi dizer que a empregada da fazenda roubada sumiu — Cássio comenta, como se não fosse nada importante.

— Como sumiu?

— A mulher se escafedeu, tem dois dias.

— Acha que ela era suspeita? Não é possível. Eu a interroguei.

— Talvez sofresse ameaça do dono.

— Não duvido. Aquele homem não pareceu pacífico.

— Pois é. Achei que gostaria de saber. — Ele bate a mão na lateral da calça. — Já me vou. — Com um acenar, Cássio chama sua equipe e sai do lugar.

— O que faremos, xerife?

— Esperamos o pessoal da ambiental.

— Vai armar a varredura para quando?

— Hoje. Chama no rádio e avisa para estarem prontos em duas horas.

— E o Josias?

— Ele fica na delegacia.

— Mas ele é mais antigo que os outros, xerife.

— E desmaiou em uma cena de crime. — Abro os braços. — O homem é molenga, não vou arriscar.

— *Tá certo.*

Entro na delegacia já é tarde, a falta de visibilidade se tornou inútil continuar, por isso dispensei os homens e retomaremos amanhã cedo. Estou cansado, mas ainda tenho que atualizar alguns documentos antes de ir para casa.

— Xerife. — Josias entra na minha sala logo atrás de mim.

— O que foi, guarda?

— Queria saber o motivo de não ser chamado para a operação. — O homem age todo desconfortável diante de mim.

Removo o colete, cansado demais para lidar com o melindre do rapaz, mas alguém precisa explicar para ele sobre limites e segurança.

— Escuta, Josias. *Tu* é um bom homem, policial educado, solícito, ajuda com a comunidade, mas é isso. Enfrentar cenas de crimes, lidar com bandidos barra pesada como esses, não é para você.

— Eu só fiquei impressionado, mas *tô* mais preparado para se acontecer de novo.

— Josias. Deixa as coisas como estão, *tá certo? Tu* continua fazendo parte da equipe e faz nossa retaguarda, aqui na delegacia.

Os ombros do rapaz caem, o olhar desanimado me deixa aporrinhado, mas não tem nada que eu possa fazer. Nem sei dizer como ele conseguiu chegar onde está, não tem faro nenhum para essa vida.

— *Tá certo.* — Ele acena e sai da sala, *desenxabido*^[43].

Solto meu corpo sobre a cadeira, giro para os janelões no alto, as persianas erguidas deixam à mostra a noite iluminada do lado de fora. A loira dos cabelos macios enche minha mente de lembranças quentes.

Estou tão acostumado com isso, que não reluto mais, antes eram só lembranças dos sonhos quentes, hoje elas se misturam à realidade e a única coisa que me aporrinha demais da conta é o fato de ser tão igual.

Real demais para minha sanidade.

— Diacho... — solto baixo e volto minha cadeira para a mesa.

Endireito a coluna, os olhos esbugalhados cravam na porta, ao ver a personificação da luxúria, apoiada no batente, usando um vestido leve vermelho-sangue. O batom nos lábios combina com o tom e a deixa ainda mais sedutora do que já é.

— O que *tu* faz aqui?

— *Tava* passeando na praça e quando dei por mim, parei diante da delegacia.

— Aqui não é lugar de passeio, moça. Ou *tu* vem *pra* denunciar um delito alheio ou um próprio.

— E será que isso vale para um pecado, xerife? — Ela desfaz a pose relaxada e caminha vagarosa até mim.

Engulo em seco e por um breve momento perco a voz e o raciocínio, quando seu corpo formoso contorna a mesa e para no encaixe das minhas pernas abertas.

— Vale? — Recupero a razão e lembro da sua pergunta.

— Pecado fica a cargo da igreja — respondo, com gracejo, e ela curva o tronco na minha direção.

— Mas fornicar com o padre é ainda mais pecado, já com o xerife, acho que não...

Um sorriso debochado aponta em sua boca, solto um grunhido e

grudo seu corpo, colocando-a montada sobre mim. Minha boca gruda na sua e tomo sua língua com a minha.

Maldição, esse gosto é viciante, sabia que estava em abstinência do seu toque, do sabor da sua boca, do calor do seu corpo, mas não fazia ideia do tamanho da dependência.

Achei que daria conta de me segurar, que poderia me tornar imune, mesmo que por dois dias distantes, mas a única coisa que consegui foi aumentar minha fome.

Quero a comer de tanto jeito agora, sugar todo seu prazer, dominar suas ações, invadir seus pensamentos mais devassos e fazê-la suplicar por mais. Sempre mais.

A única coisa que consigo pensar, é uma forma de fazê-la sentir a mesma insanidade que sinto. Provar o mesmo prazer viciante que tomo, cada vez que estamos juntos. Talvez assim ela entenda que não devemos continuar com essa loucura.

— Hoje *tu* vai endoidar de vez, diaba.

— *Tô* contando com isso, xerife.

Levanto-me em um rompante, passo o braço pela mesa e derrubo tudo que continha sobre ela. Levei uma semana organizando essa papelada e em segundos, a diaba me fez perder todo o trabalho.

Má influência. Total e irrevogável.

Deposito seu traseiro sobre a mesa, as pernas enlaçadas no meu quadril, cubro seu corpo com o meu, enquanto devoro sua boca. Recuo o suficiente para vê-la esparramada no tampo, o vestido erguido mostra a renda fina da calcinha.

— *Tu* veio de caso pensado, diaba. Calcinha vermelha. Aposto que a

parte de cima também é.

— Se eu usasse, até que seria... — Ela passa a língua pelo lábio, com um misto de graça e provocação.

— Diacho!

Bato a mão na gaveta ao meu lado e tiro de lá um par de algemas, ao ver o utensílio, seu semblante fecha, fixada nas argolas prateadas.

— Me dê suas mãos, diaba.



Capítulo 19

"Para baixo todo santo ajuda"

Tetê

O contato gélido com o metal das argolas faz minha pele arrepiar, ou talvez seja o olhar determinado do homem sobre mim. Seus olhos em chamas consomem os meus e mantêm meu corpo quente e necessitado.

Ouçó os dentes da trava pipocarem quando ele termina de fechar, ainda com folga, a algema em torno dos meus pulsos. Lembro-me bem da sensação de tê-las ali, e diferente da outra vez, agora sei que não posso puxar ou mexer demais as mãos, ou ele vai apertar ainda mais e beliscar minha pele.

— Melhor visão. — Sua voz rouca sobressai as respirações entrecortadas de ambos. — Espere aqui e não se mexa.

Ele dá a volta na mesa, como uma garota obediente, fico na mesma posição que me deixou, somente minha cabeça move, seguindo seus passos. O xerife tem a expertise de fechar e trancar a porta, que estava escancarada.

Sinceramente, nem me lembrei dela depois que começamos a nos provocar.

Quando ele retorna, vejo-o tirar o distintivo que descansava no peito, a camisa branca tem o mesmo destino fora do seu corpo, quando chega à calça, ele para, puxa a cadeira giratória e senta, de frente para o vão das minhas pernas.

— O que você vai fazer?

— Adivinha? — Seu lábio repuxa de leve o canto. — Quero começar te beijando bem aqui — ele desliza o dedo pela minha fenda coberta de renda —, assim, quando enterrar meu pau fundo dentro de você, vai estar molhada o suficiente para tornar isso ainda melhor.

— Sirva-se — declaro, ao mexer o quadril de leve.

O homem segura meus tornozelos e apoia os pés na mesa, minhas pernas escarranchadas são abraçadas por ele e suas mãos espalmam no ventre. Sinto o hálito quente atingir minha virilha, ergo a cabeça e o vejo deslizar o rosto, inalando meu cheiro.

— *Tu* cheira gostoso, diaba. É afrodisíaco sentir o perfume da tua boceta misturada ao tesão que te toma.

— Então, prova e confirma se o gosto também é bom. — A provocação é algo natural entre nós, o que me faz sentir ainda mais desejo.

Meu canal pulsa, quente e úmido, ansioso pelo menor contato que aplaque parte dessa vontade insana que meu corpo tem de se libertar sob o comando do xerife.

— Eu sei que é, por isso tô tão viciado. — Ao terminar de falar, ele puxa minha calcinha de lado e sua boca cobre toda minha intimidade.

Ele suga e solta, repetidas vezes, com pressa e afoito elevando meu prazer e tornando a pele ainda mais sensível. Sua língua escorrega, delicada, pela minha fenda, molhada o suficiente para patinar em um sobe e desce quase torturante.

Gemo abafado, lembro que ainda estamos na delegacia e qualquer um pode nos ouvir, o que seria péssimo para ele e ainda pior para mim. Já tenho fama de desavergonhada, imagina se uma cena dessas cai na boca do povo.

Sua língua tremula no meu ponto sensível, ergo o quadril enquanto alguns espasmos enviam choques pelo meu corpo, tomada ainda mais pela necessidade de me libertar.

— *Tu* vai gozar, diaba, mas será no meu pau. — Ele se levanta e abre a braguilha, baixando a calça e cueca de uma vez.

Seu membro salta duro, firme e em riste, vejo o delegado vestir um preservativo, que sabe-se lá Deus onde encontrou, encapa a extensão e ao segurar a base, pincela com delicadeza minha entrada já encharcada.

O *disgramado* entra devagar, vagaroso, sem pressão alguma preenche meu canal pouco a pouco, nos permite a sensação de sentir cada parte do seu pau adentrar rijo e pressionando minhas paredes.

Gememos baixo quando ele está totalmente dentro, seu tronco baixa sobre o meu, seus lábios deslizam pelos meus e ele me beija delicadamente. Ao tentar trazer os braços para suas costas, ele me para, já sinto o formigamento por ficarem pendurados para fora da mesa atados na algema.

— Não. Vai continuar assim. Aberta, exposta e limitada, a única coisa que está autorizada a fazer é sentir prazer, diaba.

Ao terminar de falar, ele recua o quadril e arremete de uma vez, meu grito é abafado pela sua boca que cobre a minha no mesmo instante, e assim permanecemos por um bom tempo. Estocadas firmes e vigorosas acompanhada de beijos que consomem todo meu fôlego.

Ele ergue o tronco e alça minhas pernas, o quadril encaixa ainda mais e passo a senti-lo bater em um ponto muito específico lá dentro, meus olhos rolam de prazer, trago o braço dormente para frente e o mordo, a fim de abafar um grito.

Seu rosto está transformado, luxurioso e convicto, o prazer de me causar essa agonia sexual estampado ali, seus movimentos aumentam e meu corpo chacoalha com o impacto.

— Você é gostosa demais — ele grunhe entre as respirações.

Xerife para os movimentos de repente, sai de mim e traz meu tronco para cima, sua mão segura meu maxilar enquanto a outra puxa um punhado

de cabelos na nuca. Ele torna a afastar com brusquidão, gira meu corpo de costas para sua frente e espalma a mão na minha coluna, baixando para a mesa.

— Segura a ponta a mesa e não solta. — Sua voz é baixa, quase ameaçadora, e isso só aumenta mais meu tesão.

Faço como ordenado, meu traseiro empinado para cima, ele ergue o tecido do vestido até o meio das minhas costas, desliza minha calcinha com força para o lado, quase ouço o tecido partir, então um dedo entra em mim.

— *Ahhh...*

— Quieta. — Agora suas mãos espalmam nas duas bandas e abrem espaço.

Sinto algo úmido cair lá, no centro proibido, escorre pelo caminho e logo a língua dele captura a saliva com uma lambida por toda a extensão. Fecho os olhos e ofego, meu prazer já está no limite, mas ele ainda consegue postergar e me deixar à beira da loucura.

Seus dedos voltam a brincar com meu canal e clitóris, enquanto a língua move pecaminosa pelo segundo buraco. Sinto o peso no ventre aumentar, minhas pernas tremulam de leve e então ele para.

— Não! — solto, alto demais, e recebo um tapa estalado na bunda.

— Calada. — Sua língua desliza pela ardência causada.

Ao levantar, se posiciona, o membro passeia antes de invadir, com rapidez e determinado, suas mãos agarram meu quadril e meu corpo desliza sobre a mesa com as investidas.

Fecho os olhos, solto um gemido de prazer, logo minha cabeça é curvada e eleva meu tronco, sinto o pinicar no couro cabeludo com seu agarre, a respiração fica ainda mais escassa e meu canal se aperta em delírio.

— Quer gozar? — ele sussurra, próximo ao meu ouvido, quando traz meu corpo para junto do seu.

— Sim... — solto, em lamento.

Sua boca crava no meu ombro, enquanto uma mão apoia espalmada na mesa e a outra vem para minha frente, friccionando meu ponto de prazer com determinação.

Grito ao ser atingida por uma explosão, a visão turva e o corpo tremula em total êxtase. Ouço seu grunhido baixo e ele para os movimentos, ambos sentindo os espasmos do prazer varrer nossas veias e relaxar os músculos aos poucos.

Sinto-o se mexer e logo cobre minhas mãos com as suas, ainda dentro de mim, solta a algemas e esfrega meus pulsos levemente marcados. Por mais que eu tenha tentado permanecer imóvel, ainda assim as argolas ajustaram o suficiente para deixar sua lembrança.

Apoio as mãos livres sobre a mesa, gemo baixo quando ele sai de mim, ajeita minha calcinha no lugar e baixa o vestido. Giro no lugar e o vejo se livrar da camisinha ao jogar no cesto ao lado da mesa.

— Sonhava em te algemar, antes mesmo de te conhecer — solta, ao terminar de fechar a calça.

— Vai ver é coisa de outra vida — brinco, mantendo oculta a parte em que ele já fez, só pensa que ser uma fantasia.

Suas mãos enlaçam meu quadril e cola nossos corpos, nos beijamos com ardor, confortáveis com o momento, inusitado e devasso, é verdade, mas que coube perfeitamente para nós dois.

Ao findar o beijo, sua testa descansa na minha, nossas respirações mais reguladas, seguro seu rosto, algo preso no peito, vai além do tesão

vivido agora, mexe com questões mais profundas.

Assustada e temerosa demais com o que possa ser, quebro o contato, recuo suas mãos afrouxam ao encarar meus olhos e vejo as incertezas que me habitam perpassarem por seus olhos.

Pigarreio e solto um riso apertado, contorno a mesa e termino de ajeitar meu vestido no lugar. Quando torno a encará-lo, que continua na mesma postura, noto suas sobrancelhas juntas, incomodado.

— Já vou *indo*.

— Eu te levo em casa.

— Não precisa. Sei o caminho, xerife. — Pisco um olho e caminho até a porta.

— Tetê — olho para trás —, eu...

— Foi bom te ver de novo, xerife. — Nos salvo de uma situação constrangedora, já que sua voz morreu repentinamente.

Saio da delegacia feito um foguete, meio desorientada, não sei se pelo orgasmo delicioso que tive ou pela situação depois disso. Era para ser fácil, sexo louco, desenfreado, tesão e provocação, nada mais.

Por que raios fui aceitar aquele beijo pós-foda?

Minha cabeça gira diversas vezes, atravesso a praça, mais alguns passos estou em casa, então vejo a porta da igreja aberta, curiosa, me aproximo. Já é meio tarde para atender aos fiéis, mas quem sou eu para dizer algo, faz muito tempo que não assisto a uma missa sequer.

Adentro o lugar vazio, as fileiras de banco desertas, o altar todo em branco, somente com a imagem de Jesus Cristo atrás de uma mesa alta. Tomo o primeiro lugar à direita, sento e observo a quietude.

É confortável, quase uma sensação de paz, se não fosse o alvoroço do meu coração.

Depois do traste, com quem vivi por anos, jurei nunca mais cair na lábia de outro homem, não quero ser subjugada, nem oprimida, ainda me arrependo por demorar tempo demais para enxergar a situação que me encontrava.

Perdi anos preciosos da minha vida, não sei se é possível recuperar, mas procuro agir de acordo com as minhas regras, ou falta delas, já que estou claramente enrabichada pelo delegado.

É claro!

Como pude ser tão estúpida ao ponto de deixar uma transa incrível se transformar em algo mais?

Ergo os olhos, alarmada, para o altar e solto um pedido de desculpas baixo.

— Boa noite, moça. — Assustada, olho para o lado e vejo o padre.

Um senhor baixo, com uma barriga protuberante e bigode engraçado, usa uma batina preta, daquelas que vemos em filmes, acho curioso.

— Boa noite, padre.

— Já ia fechar a porta, mas se precisa de mais algum tempo, fique à vontade.

— Já tô de saída. — Levanto-me. apressada. — Não sei nem por que entrei aqui.

— Deus fala conosco de formas diferentes, menina.

— Comigo Ele não tem falado há muito tempo. Dá licença. — Contorno o homem e rumo para a saída.

— Talvez você que não esteja sabendo ouvir.

A voz do padre é alta o suficiente para me alcançar quando já passei das portas e caminho, com pressa, para casa.

Corto a praça feito foguete e isso me faz trombar em algum desavisado que cruzava meu caminho, tão distraído quanto eu.

— Diacho — protesto, ao ser segurada por mãos fortes.

— Dona Tetê, desculpa. — Reconheço Maldonado e sorrio.

— É *tu*, peste. *Tá* perdido por aqui?

— *Tô* nada. Achei o que eu queria.

— *Oxe!* E era eu que *tu* procurava?

— Sim. Preciso pegar umas coisas *pra* Dolores, na casa, chamei no portão, mas ninguém atendeu.

— Uai, por conta de que não entrou?

— *Tô* só com a chave da porta. Dolores disse *pra* eu não entrar sem *tu* mandar.

Ambos rimos, aquela mulher tem cada atitude, que só Deus para entender o que se passa em sua cabeça.

— *Simbora*, então.

Atravessamos a rua, conversando amenidades, Maldonado comenta sobre a correria da festa que acontece daqui a duas semanas, até me espantei, não achei que estava tão próximo assim.

Ele explica por alto como tudo isso começou, diz que tem a ver com o amigo, Lucio, e a esposa. O evento tem o objetivo de angariar fundos para um projeto de montaria, assim como melhorar o comércio da cidade.

Logo que fecho o portão, vejo uma caminhonete passar devagar na

rua, fico séria ao encarar o olhar raivoso do xerife. Tomada pela melhor defesa que tenho, aceno e sorrio debochada, em resposta ele acelera e some rua afora.

— Que foi isso? — Maldonado olha para trás.

— Algum maluco no volante.

Dou de ombros, melhor ele pensar mal de mim a imaginar que algo mais sério possa estar acontecendo entre nós.



Capítulo 20

"Um gesto vale mais que mil palavras"

Xerife

Anos se passaram desde que eu aprendi a duras penas que não devo confiar em mulher alguma, não preciso me importar com elas por mais tempo que uma boa foda, mas ao que parece, tenho que tomar mais uma dose dessa lição com gosto amargo.

Fiquei incomodado quando ela saiu daquele jeito, não parecia o certo, então vim atrás, sem nem saber direito o motivo, no entanto, agora entendi.

Eu precisava ver, enxergar que ela é igual a Diana. Bonita, fogosa, uma peste de provocadora, mas em caráter é a mesma coisa.

Não presta.

Bato a palma da mão no volante, inconformado, não poderia me deixar envolver ao ponto de cometer aquela loucura na delegacia. Qualquer guarda poderia ouvir ou até bater na porta, seria impossível explicar a situação.

É melhor assim, no fim das contas. Estava apegado demais nesse rolo nosso, a mulher é quente, me enreda fácil quando estamos juntos e isso fazia-me falhar miseravelmente com meus princípios.

Pouco me importa o que ela faz dá vida, não temos exclusividade, é verdade, mas ainda assim, convidar outro para sua casa logo depois do que fizemos na minha mesa, é demais para mim.

Estaciono em frente ao Pau Dentro, entro no bar a passos largos, assim que Heitor me vê pega um copo da prateleira atrás de si e coloca sobre o balcão, meia o copo com cachaça e, antes mesmo de me sentar, viro a dose de uma vez.

— Dia difícil, xerife?

— Se eu contar, *tu* nem acredita.

— Pois tente. — Encaro sua expressão séria.

— Deixa *pra* lá. Alguma novidade por aqui? — troco o assunto.

Nunca que eu contaria ao homem que as algemas de contenção do meu kit adquiriram uma nova função, muito mais prazerosa do que prender bandidos.

Ele enche meu copo mais uma vez, pego o objeto e encaro o líquido claro, viro na boca e a ardência aos poucos apaga o gosto da diaba que ainda estava no palato.

— Nada de novo. Só que...

— O quê? — Seu tom muda, incerto, isso desperta minha atenção.

— Não sei se isso é um problema, mas acho bom manter os olhos abertos.

— Desembucha, homem.

— Eu dispensei a dona Tetê, *tu sabe*. — Confirmo com a cabeça, intrigado. — A verdade é que eu poderia pagar pelo serviço dela, mas para sua própria segurança, a demiti.

— Do que *tu tá* falando, Heitor?

— O ex-marido esteve aqui, à procura dela.

— Qual o problema nisso?

— A cara assustada da moça quando falei. Ela *tá* aqui em Santino fugida dele.

— Diacho! — Balanço a cabeça. — O que aconteceu?

— Não sei, nem perguntei, *pra* dizer a verdade. Só *tô* te contando,

xerife, porque o homem voltou hoje, mais cedo. Não fez perguntas, mas se sentou em um canto *pra* beber.

— Ele não desistiu.

— Não. A mulher é sozinha aqui, uma boa pessoa, não gostaria de saber de alguma *disgraça* com ela.

— *Tá* certo. Vou manter um olho na casa dela.

Um casal se aproxima do balcão para fazer um pedido e Heitor se afasta, deixando-me preso em pensamentos contraditórios.

Será um marido abusivo?

Para uma pessoa simplesmente fugir, é porque boa coisa o sujeito não é. Pode ser que tenha descoberto alguma traição e queira vingança.

Por que ela nunca falou nada?

Nunca tivemos muitas oportunidades de conversa, é verdade. Normalmente um de nós foge logo depois do sexo louco, nunca tivemos um momento de prosa, fosse por algo sério ou assunto banal.

— Noite, Heitor. Quero uma cerveja. — Reconheço a voz, de soslaio confirmo ser Maldonado ao meu lado. — Noite, xerife.

— Noite — respondo, sucinto.

— *Tá* uma correria danada para a festa daqui a duas semanas, hoje a prefeitura confirmou o apoio com pessoal e segurança.

— Recebi o comunicado.

Ainda tenho essa questão para verificar. O prefeito resolveu bancar a boa alma, designou apoio policial para a festa da cidade, bem no meio de uma investigação importante.

Mal tenho homens para trabalhar nas ocorrências, agora temos que

bancar seguranças de uma festa privada.

— Acabei de ver dona Tetê. — Seu riso fácil morre ao ver meu semblante fechado em sua direção.

— E o que isso tem a ver comigo? — falo baixo, mas não contenho a raiva no meu timbre.

— Nada, eu acho.

— Tô de saída. — Tiro uma nota do bolso, mostro para Heitor, do outro lado do balcão.

Com um acenar de cabeça, saio dali, mais um minuto ao lado desse palhaço, é capaz de eu falar algo que não devo.

Vou direto para casa, mas não sem antes passar devagar em frente à casa dela, sem movimentação suspeita, luzes apagadas, varro em torno, tudo quieto, então rumo meu caminho.

Ainda não sei o que me liga a essa mulher, ao mesmo tempo que sinto raiva, me preocupo, fico maluco com suas atitudes, mas não consigo desapegar.



Entramos em outra casa abandonada, a denúncia chegou ao raiar do

dia, mesmo cenário, um matadouro improvisado, alguns vestígios de animais abatidos, mas nem sinal de quem fez isso.

— Nada, xerife — Bento menciona, ao sair de outro cômodo.

— Nem aqui. — Cássio se aproxima.

— Diacho! Já é a quinta denúncia e nada.

— É intrigante quem denuncia, fazer isso tarde demais — Cássio comenta.

— Também acho. — Bento fecha a distância.

— Até parece que estão brincando de gato e rato.

— Sim — ambos respondem.

— Xerife, preciso ir... eu...

— Vai, Bento. Nem deveria ter vindo homem, tua mulher te mata se não aparecer no chá da própria filha.

— Com certeza.

Nós nos despedimos com a promessa de nos encontrarmos mais tarde na festa. Bento está de folga hoje, mas o guarda de plantão ligou para ele antes de mim, o que colocou o soldado em alerta e nos encontramos na delegacia, antes de sair para verificar a denúncia.

— Mantenha um olho no fazendeiro.

— Ainda na teoria dele estar envolvido?

— Sim. Temos que contar com todas as hipóteses.

— Acho pouco provável, mas não tenho argumento que contraponha a teoria.

— Já chamei o pessoal da ambiental, agora é aguardar.

— Infelizmente. — Solto o ar, cansado.

Estamos fora do casebre, desta vez viemos sozinhos, somente os três, acho que estamos perdendo, aos poucos, a esperança de pegar o criminoso em meio às denúncias.

— Os superiores estão no pé.

— Nem diga. Penso em ignorar as chamadas cada vez que vejo o identificador.

— Fujo mais deles do que da minha morena. — Ambos rimos da piada.

— Não preciso me preocupar com isso. Graças a Deus.

— Um lobo solitário?

— Isso aí.

— Não consigo me ver sozinho, não. O ser humano precisa de afeto, aconchego, alguém para cuidar e ser cuidado.

— Diacho, que assunto mais sem base.

— Só digo a verdade. Não consigo imaginar minha vida sem a mulher que escolhi para estar nela.

— Bom *pra tu*. Eu não dei essa sorte toda, mas não quero. *Tô* bem assim.

— Estamos tentando um pivete.

— Meus parabéns. — Sinto o gosto amargo inundar meu palato.

O homem dispara a falar da sua vida perfeita, a esposa que trabalha em alguma empresa de cosméticos e que decidiram recentemente tentar um filho. Quanto mais ele fala, mais eu me lembro do meu antigo eu, do quanto sonhava com a família perfeita.

Nós nos despedimos um tempo depois, minha cabeça lateja, queria alertá-lo de que as coisas nem sempre saem como planejamos, mas não cabia o conselho. Quem sabe ele seja o felizardo de encontrar uma pessoa realmente boa como companheira.

Vou direto para casa, tomo um banho, visto uma camiseta branca, calça jeans preta, pego o presente que Carlota gentilmente comprou para eu levar e rumo para a bendita festa.

Hoje o dia será mais longo do que o previsto, terei de lidar com mais um casamento feliz, mais um relacionamento que funciona e dá certo, enquanto eu vivo a amargura dos meus erros passados.

Talvez a vida seja assim, algumas pessoas simplesmente não nasceram para ter alguém do lado. A diaba invade meus pensamentos, com certeza somos parecidos nesse aspecto.

Ao que parece, ela também viveu um casamento complicado, a ponto de se acoitar em Santino, boa coisa o traste não deve ser.

Chego à festa, toda a família reunida, alguns amigos, colegas de trabalho, cumprimento a todos e me reservo em um canto com a cerveja em punho. Só o álcool para me fazer aguentar algumas horas desse momento.

— Melhora essa cara, homem. Isso é uma festa.

— Achei que *tu* deveria estar na lanchonete.

— Deixei Diógenes e Tetê cuidando de tudo.

— Sei.

— Daqui a pouco ela está aqui.

— Quem? — Sorvo mais um gole da cerveja com a notícia.

Não acreditei que ela realmente viria, o convite foi feito pela esposa

de Bento, ao pensar que nós éramos namorados, o fato de não combinarmos nada, deveria inibi-la.

Encaro Carlota, que não respondeu à minha pergunta disfarçada, ela tem um sorriso debochado no rosto, aquele que sempre aparece quando ela está certa sobre algo e todos em volta discordam.

— *Tu* sabe quem, mas se quer ouvir, eu digo: dona Tetê.

— Tanto faz. — Dou de ombros.

— Não tenho tanta certeza disso.

— O que *tu* quer, Carlota? — Me irrita com seu discurso velado.

Entendo cada tom irônico impregnado nas palavras, ela sabe que algo acontece, talvez todos saibam, mas eu não vou admitir isso em voz alta.

Além do que, já acabou, não estou mais enfeitado. Chegamos ao fim de algo que nunca começou.

— Eu, nada. Mas que *tu* é mais burro do que mula empacada, isso você é.

Abro a boca para responder a ofensa, mas sou deixado pela mulher, que marcha para uma roda feminina um pouco adiante. Balanço a cabeça em negação e me aproximo de alguns homens.

— Tô dizendo. A mulher deu mole *pro* apicultor.

— Mas ele é velho e desdentado. — O outro ri.

— Aquela ali não quer saber disso. É o que entendemos de porta aberta. Qualquer um entra e sai.

— De quem estão falando? — Um alarme soa na minha cabeça.

— Tá tudo certo por aqui? — Bento se aproxima e corta o assunto.

— Sim.

— Claro.

Os homens respondem juntos e ignoram meu questionamento anterior.

— Ei, *tu* viu o jogo ontem? — um deles levanta outro assunto e logo a conversa desenrola.

Se tem algo que nunca me apeteceu é jogo de bola. Acho um saco e nunca entendi as regras, desconheço tudo que discutem, sobre falta, gol e pênalti.

Ergo os olhos na direção do portão e a vejo. Linda, cabelos soltos, um vestido leve azul-claro, um pouco acima dos joelhos, molda suas curvas até a cintura e abre a saia embaixo.

Parece uma boneca delicada, algo brilha na franja, uma espécie de prendedor, a deixa com jeito de menina, completamente encantadora.

— *Tu* ouviu isso, xerife? — Sou trazido para a conversa por Bento.

— Oi? Não. — Corro os olhos para o portão de novo e não a vejo.

Varro o lugar e a encontro próximo às mulheres, ela cumprimenta a anfitriã, lhe entrega um presente e se afasta, para a mesa de comida.

Percebo o grupo cochichar, rir e apontar na sua direção, algumas fazem careta, outras permanecem com olhares reprovadores, mas ela parece alheia a tudo.

Ou simplesmente não se importa de ser apontada.

— Não presta, mas é gostosa, hein? — o homem ao meu lado comenta baixo na roda.

Todos disfarçam e procuram uma forma de observar a loira que se serve na mesa. Sinto meu sangue esquentar e solto a respiração com força.

— Ah, se ela me desse bola. Acho que vou convidá-la *pra* visitar o açougue.

— Tenta a sorte. Primeiro ela vai conhecer a farmácia — um outro se impõe.

— Só deixem um pouco para quando chegar minha vez. — Fecho as mãos em um punho.

— Melhor mudarem de assunto. É uma festa de família — Bento intervém.

— Deixa disso, cabo. Vai dizer que *tu* não queria essa potranca presa na sua cela? — O baixinho cutuca o braço de Bento e solta uma gargalhada.

— Minha cela já *tá* cheia. Esposa e filho a caminho.

— Oxe. Deixa disso, homem.

Eles continuam jogando insinuações, minha irritação contida em respeito ao meu amigo, olho para ela, que agora ocupa uma pequena mesa, sozinha, resolvo fazer algo.

A mulher é uma diaba, é verdade, mas ninguém tem o direito de falar dela dessa forma. Sua vida, suas escolhas. Esse povo precisa aprender o que é limite e respeito.

Marcho determinado até a mesa, arrasto uma cadeira de frente para ela e me sento, esparramado, tomando um gole da cerveja.

— Diacho! Nem vi *tu* por aqui. — Ela sorri abertamente.

— Cheguei há pouco.

— E vai ficar na minha mesa? As pessoas podem comentar, xerife.

— Elas já falam coisas bem piores, se quer saber.

— Quero não. Nem me importa. — Ela dá de ombros e mira sua

garrafa na minha direção.

Aceito o brinde e sorrio de lado. Essa loira, no fim das contas, está me ensinando muito mais coisa do que eu realmente estou pronto para aprender.



Capítulo 21

"Quem nunca comeu melado quando come se lambuza"

Tetê

Ainda não entendi o motivo de ele estar aqui, imaginei que o encontraria na festa, afinal, são amigos dele, meu convite foi feito por pura cordialidade, entretanto, jurava que se manteria longe, sem ao menos um cumprimento.

Seu sorriso fácil faz meu coração disparar e sensações incomuns passam a ditar meus pensamentos. A normalidade de ocupar uma mesa, festa de família e ao lado de um homem, não são coisas que planejava vivenciar outra vez.

— E como está o trabalho na lanchonete? — Ergo os olhos e o vejo desenhar com o dedo na mesa.

Seus olhos não estão em mim, mas sim no ambiente. Varro o lugar só para confirmar que somos o centro das atenções. Todos parecem querer desvendar mais sobre ele estar aqui, comigo.

— Bem. Trabalho tanto quanto no bar, mas é gostoso. Dona Carlota é boa gente.

— Isso ela é mesmo. Quando cheguei *na* cidade, há três anos, ela quem me ajudou a encontrar a casa e tem feito mais por mim do que qualquer outra pessoa.

— Você veio de longe?

— Sim.

— E o que te fez deixar tudo?

Seus olhos voltam na minha direção, prendo a respiração com a imagem à minha frente. Parte do semblante refletido pela luz do sol, que se

põe, tons amarelos e alaranjados tingindo sua pele, a expressão endurecida, maxilar quadrado, a barba rala passa o ar de desleixo sensual e o olhar, sempre determinado e questionador.

— Precisava sair, criar asas e viver uma nova realidade.

— Te entendo.

— Entende? — Ele cruza os braços sobre a mesa.

Seu tronco projeta para a frente, interessado, sinto o nervosismo percorrer meu corpo. Todas as vezes que estivemos juntos, nunca chegamos a ter uma conversa pacífica, na realidade, eu nem sei o nome desse homem.

— Como se chama? — Ele enruga as sobrancelhas e em seguida sorri de lado.

— Matias, mas como sabe, todo mundo me chama de xerife.

— Mas o apelido não surgiu aqui. — Lembro-me da nossa noite no hotel, quando ele se apresentou.

— Não. Como sabe?

— Palpite. — Dou de ombros.

— Você não respondeu minha pergunta.

— Qual?

— Vai bancar de desentendida, dona Maria Tereza?

— Odeio que me chamam pelo nome.

— Eu sei. Sua expressão condena. — Ele sorve mais um gole da sua cerveja.

O tom provocador atíça meu lado libidinoso, avanço com o tronco para frente e sussurro:

— E você gosta de me provocar.

— É mútuo. — Ele pisca um olho.

Abro a boca para responder, mas as palavras simplesmente não saem. Consigo lidar com provocações, com a arrogância e até a imponência, mas esse flerte, sutil, charmoso e fofo, é demais para mim.

— Respondendo à sua pergunta: te entendo, porque eu também saí de casa por esses motivos.

— Saiu ou fugiu?

— Saí. E você?

— Prefiro acreditar que saí, entretanto, alguns podem pensar que foi uma fuga.

— Agora fiquei curiosa, xerife. — Apoio o cotovelo na mesa e sustento meu queixo no dorso da mão.

— Tarde, dona Tetê. — Desviamos o olhar para quem chama e vejo Josias parado diante de nós.

— Olá, guarda Josias, como vai?

— Muito bem. Melhor ainda de ver a senhora. Posso? — Ele aponta para a cadeira ao meu lado e aceno com a cabeça.

— Claro.

Escuto um bufar e olho na direção do homem à minha frente, sua expressão não é nada feliz, por isso disfarço um sorriso sob a palma da mão.

— Tarde bonita. — Josias acena com a cabeça, feliz.

— Sim.

— Estava — o xerife responde atravessado, mas o guarda parece não se importar com o homem.

— Dona Tetê, a senhora por aqui? — Olho para o outro lado e vejo

Neto — Posso sentar?

— Pelo amor de Deus. — O lamurio do xerife chama minha atenção. — Vejo que está muito bem-acompanhada, com licença. — Ele espalma a mão na mesa antes de se levantar e marchar para longe.

— Como vai, Neto?

— Muito bem. Graças a senhora, *tô* namorando.

— E por que não *tá* com a sua namorada? — o guarda questiona, incomodado.

— Ela *tá* com a família, mas vamos nos encontrar mais tarde.

— *Tô* proseando com a dona Tetê agora, Neto. — Josias acena com a cabeça na minha direção.

— Eu vi, mas sua mãe pediu *pra* eu não sair daqui. — Agora é o menino que acena na direção da roda de senhoras.

Nós três encaramos o grupo que tem os olhos grudados na minha mesa. Solto uma lufada de ar e resolvo sair dali. Hoje não estou em clima para me envolver em confusão, principalmente com a maluca ladra de malas.

— Se me dão licença, vou tomar um ar.

— Eu acompanho. — Josias faz a menção de se levantar.

— Não! — determino. — Pode ficar aqui.

Pergunto para o cabo Bento, que está próximo, onde fica o banheiro e ele indica um corredor até os fundos.

Continuo sorrindo pelo caminho, ter a companhia de homens sempre foi comum, mas a dele, tem um sentido diferente. Ignorar os possíveis comentários que irão se espalhar pela cidade e me fazer companhia, só me faz acreditar que ele se importa.

Isso é perigoso demais, Tetê.

Quando estou diante da porta, pronta para tocar a maçaneta, ela é aberta e dou de cara com o delegado, tão surpreso quanto eu.

— Eu preciso usar... — Aponto para o banheiro, justificando minha presença.

— Claro. — Ele abre o caminho. — Fique à vontade.

Quando passo por ele, não resisto, seguro seu braço e o puxo para dentro. Suas mãos seguram minha cintura e alçam meu corpo, nos beijamos com ardor.

Uma necessidade incomum, a eletricidade se espalha e reaviva todas as terminações nervosas, sua língua me consome com desespero, meus dedos espremem sua nuca de encontro a mim, precisando de mais.

— Diaba... — ele solta, em uma pausa, para tomar fôlego.

Torno a grudar minha boca na dele, uso minha língua para saborear e sugar o máximo que posso, desesperada por apacar todo o fogo que me consome em um único contato.

— Xerife... — minha vez de soltar, quando findo o beijo.

Sua palma desce sobre minha bunda e aperta entre os dedos.

— *Me* chama de Matias.

Seus olhos brilham com um prazer incomum, diferente de tudo que já vi, ou pode ser minha mente anuviada pela luxúria criando alucinações.

— Matias. — Mordo o lábio inferior no final.

— Quero *tu* hoje, diaba.

— Então é seu dia de sorte, xerife. Porque eu também quero *tu*.

Ele rouba mais um beijo intenso e rápido, meus lábios formigam,

maltratados pela sua força.

— Pois assim que possível, *tu* sai comigo desta festa.

Sua boca cola na minha, acarinho seu rosto e logo ele se afasta, limpando o canto dos lábios, com um semblante tão desacreditado quanto eu.

O que está acontecendo?

Fecho a porta e solto um gritinho contido, pareço a adolescente de anos atrás de novo. Um turbilhão de sentimentos, alegria e euforia, desejo desenfreado e as pernas bambas.

Nem quando dei meu primeiro beijo senti tamanha empolgação.

Talvez eu esteja abrindo uma cova funda, preservar meus sentimentos sempre foi prioridade, entretanto, como eu vou evitar que o homem da lei os roube sem autorização?

— *Tô lascada.*



Solto uma gargalhada quando ele puxa meu vestido pela cabeça e desequilíbrio caindo sobre a cama. A peça voa longe, logo ele cobre meu corpo com seu tronco nu, tão bonito quanto poderia ser.

Sinto sua barba deslizar pelo meu colo arranhando a pele e trazendo

um formigamento gostoso, quando chega a meus lábios, ele o captura e morde de leve.

— Ainda não consigo acreditar na cara do povo quando *tu* me chamou *pra* ir embora.

— Não foi *tu* que disse não se importar? — ele menciona, entre beijos molhados pelo maxilar e pescoço.

— Eu não me importo mesmo, mas *tu*...

O homem estaca e ergue o tronco, seus olhos miram os meus, determinados e um pouco incomodado, eu diria.

— Acha que tenho vergonha de *tu*?

— Não. No entanto, não acho que quer nosso nome atrelado na boca do povo.

— Isso *tu* tem razão. Não quero meu nome atrelado a ninguém.

— Posso saber o motivo?

— Evita mexerico.

— Tem mais coisa aí e *tu* não quer falar.

— Deixa disso, diaba. *Tu* não quer uma ferradura no dedo, tanto quanto eu.

Gargalho alto e empurro seu corpo para o lado. Monto seu quadril e espalmo as mãos no tórax bem-definido.

— Isso, eu não quero mesmo, xerife. Minha vida é boa demais *pra* ter macho querendo ditar regra.

— Então, empatamos. Não quero patroa achando que me controla. — Suas mãos espalmam nas minhas coxas e deslizam vagarosas até o traseiro.

Rebolo sutil e ouço um gemido baixo escapar da sua boca, sorrio de

lado e baixo o tronco, cobrindo sua boca com a minha.

Ele pode não querer patroa controlando sua vida, mas hoje, o xerife vai remexer de acordo com o meu ritmo e vontade.



Enrolo o cabelo no dedo, enquanto observo a máquina de café moer os grãos, distraída, faço tudo no automático, com a imagem daquele tamanho de homem rijo embaixo de mim, gritando o quanto eu estava molhada e gostosa.

Um sorriso escapa em meio ao suspiro, retiro o pó do recipiente e coo o café para deixar na garrafa em banho-maria. Cheguei atrasada hoje, em companhia do xerife, que me levou em casa logo que acordamos para eu me trocar.

Dona Carlota não disse uma palavra quando nos viu lado a lado ao entrar, só ergueu as sobrancelhas e serviu café na caneca para ele, enquanto eu soltava meia dúzia de desculpas e corria para trás do balcão.

Não nos falamos mais, ele também não demorou a sair, comentou que precisava estar logo na delegacia, então segui minha manhã atribulada de serviço.

— Então... Vocês estão juntos? — Dona Carlota se aproxima e eu solto uma risada contida.

— Demorou bastante para perguntar.

— Diógenes me fez prometer que só o faria quando o movimento diminuísse aqui. — Ambas rimos.

— Não estamos juntos. Só nos divertimos.

— Sei. Bom, o povo não para de falar sobre a saída de vocês ontem da festa.

— O povo fala demais.

— Sim, falam. Mas vocês não fizeram questão nenhuma de esconder que tinha enrosco ali.

— Não importa. Somos livres, dona Carlota.

— Nisso, eu concordo. Só toma cuidado, *tá?* — Ela solta um suspiro no final, que me intriga.

— Por conta de quê?

— Pode não parecer, mas aquele homem já se feriu demais. Esse jeito durão dele é só faixa para afastar as pessoas.

— Fica tranquila. Não tenho intenção de tomar o coração do xerife *pra* mim.

— Pois é. No entanto, eu acho que já tomou.

Encaro seus olhos, assustada, seu semblante sereno demonstra que não havia brincadeira nas palavras e isso me deixou incomodada.

Resolvo ir até a vitrine e começo a limpar o que já estava limpo, só para fugir de uma resposta para algo que nunca cogitei ser possível.

— Oi. — Olho para cima e vejo uma linda morena dos cabelos

compridos e encaracolados.

— Olá.

— Quero um café com leite, por favor. — Ela ocupa a banquetta.

— Nova na cidade? — puxo conversa, enquanto sirvo a bebida.

— Sim. Cheguei agora mesmo.

— Também sou. Ainda estou conhecendo todo mundo, mas Santino é pequena, então não é uma tarefa difícil.

— Isso é bom, já que procuro por alguém. — Coloco a xícara diante dela.

— É mesmo? E quem é? Quem sabe, posso te ajudar.

— Ah, não deve ser difícil. É o delegado Matias.

Pisco os olhos um par de vezes, a boca parcialmente aberta, procurando entender quem é ela e o que quer com o xerife.

— O xerife. Bom, é fácil de encontrar. A delegacia fica a duas quadras daqui.

— Ah, isso é bom. Só espero encontrá-lo de bom humor.

— Bom, isso é meio difícil.

— Anos se passaram e ele continua o mesmo, então.

— Se conhecem há muito tempo? — Eu sei que não deveria, mas não resisto ao interrogatório.

Uma pulga persistente atrás da orelha está comichando demais, incomodada com a presença dessa mulher, preciso descobrir qual a ligação dos dois.

— Desde crianças. Éramos vizinhos.

— Sei. Bom... boa sorte. — Sorrio apertado e me afasto.

Uma velha amiga é sinônimo de ex-amante. Ninguém percorre quilômetros de distância para dizer um oi a troco de nada. No entanto, o que mais me incomoda é o fato de isso me deixar temerosa e ameaçada.

Tome tento, Tetê. Tu e ele não tem nada.



Capítulo 22

"Se Maomé não vai à montanha vai a montanha a Maomé"

Xerife

Uma manhã atribulada na delegacia, parece que todos resolveram prestar queixa, além dos superiores estarem no meu pé com o inquérito do roubo de carga.

Infelizmente ainda não consegui nada concreto, o que faz meu cangote ferver com a quantidade de gente em cima dele, esperando por uma resolução do caso.

Encaro a pilha de papéis à minha direita, preciso dar fim nisso antes de encerrar o expediente, Bento tem me ajudado, mas precisei mandá-lo até uma ocorrência que chegou pela manhã.

Solto o corpo no respaldo da cadeira, giro em direção à janela, atrás de mim, encaro o céu límpido e claro, meus olhos fecham em automático, lembrando a noite que passei ao lado da diaba.

Dormimos juntos, feito um casal, a acordei com beijos no pescoço, seu corpo se esfregou no meu feito uma gata manhosa, chegou a ronronar e meu pau despertou na mesma hora.

Isso garantiu seu atraso na lanchonete, um olhar reprovador e surpreso de Carlota, deixando claro que na primeira oportunidade que tiver, vai me questionar sobre esse comportamento.

Depois do encontro na porta do banheiro, retornei para a festa, determinado, esperei mais um pouco, fiz a média e quando já não suportava mais os homens babando em Tetê e as mulheres rechaçando-a, fui até sua mesa e estendi a mão.

O sorriso aberto que recebi em resposta foi responsável pelo

solavanco no meu peito, quando sua palma tocou a minha, apertei com firmeza e jurei mentalmente não soltar mais.

Não sei o que temos, nenhum de nós quer um relacionamento, é fato, mas não quero as pessoas criando fama para a mulher, só por ela viver fora do padrão que eles julgam o correto.

Ao menos, ela é verdadeira e assume o que é. O normal do ser humano é vestir uma máscara de moralidade, mas por debaixo dos panos acoita toda sua devassidão e atitudes errôneas.

Meu celular toca, me tirando dos devaneios, encaro o visor e solto uma lufada de ar cansada quando identifico meu chefe, que está telefonando pela terceira vez hoje.

— Alô.

— *Preciso de resultados, Matias. Você e Cássio não chegaram a lugar algum.*

— Eu sei, senhor, mas as pistas só chegam quando os suspeitos já estão longe. Só ficamos com migalhas.

— *E eu preciso da porra da fatia inteira. Os políticos estão no meu pé. Enviarei mais homens, assim vocês armam algum tipo de varredura.*

— Já fizemos isso, chefe...

— *Não quero saber!* — ele interrompe, furioso. — *Quero essa merda fora do meu caminho o quanto antes.*

— Sim, senhor.

Giro minha cadeira e travo no lugar ao dar de frente com a figura dela. Jurei tirá-la das minhas vistas definitivamente, percorri quilômetros de distância para não ter o desprazer de encará-la.

— O que faz aqui? — Minha voz sai baixa.

Ergo o corpo da cadeira em câmera lenta, tudo acontece muito devagar, minha cabeça começa a fervilhar e uma pontada forte atinge a têmpora.

Diana está diante de mim, a mesma aparência alinhada, cabelos cacheados e volumosos, em um tom chocolate, a boca carnuda coberta por um brilho discreto, uma calça ajustada no corpo e blusa rosa delicada.

Sob qualquer olhar, uma mulher normal, bonita, discreta, mas aos meus olhos, ela sempre foi muito mais que isso. Meu amor da adolescência, apaixonado ao ponto de me cegar para os sinais que sempre estiveram presentes.

— Oi, Matias. É muito bom te ver de novo. — Sua voz está trêmula e contida.

Está intimidada, obviamente, mas a escolha de estar aqui é dela, e juro que se não fosse a curiosidade de entender o motivo, já a teria expulsado daqui.

— Pena que não posso dizer o mesmo. O que você faz aqui? — Empertigo o corpo e apoio as mãos na cintura.

Seus olhos me escrutinam, curiosa, ela me mede por inteiro até pairar em meus olhos de novo e um interesse evidente perpassa por seu semblante.

— Viajei por dias. Estou cansada, suada, preciso de um banho.

— E o que eu tenho com isso? — Mantenho a seriedade.

— Matias, não seja rude. Não tenho dinheiro para hotel, nem pousada, pensei que eu pudesse me ajeitar na sua casa.

— Você só pode estar brincando — solto, com escárnio.

Contorno a mesa no ímpeto, sem pensar direito me aproximo o suficiente e quando seu perfume invade minhas narinas, as lembranças retornar com saudosismo e dor, ao mesmo tempo.

“Consigo abrir a porta com a minha morena no colo, ela protestou todo o caminho sob o véu que está incomodando na cabeça. Acabamos de nos casar, finalmente eu a tenho toda para mim e nem posso acreditar no tamanho da felicidade que é.

— Matias! Me coloca no chão, homem.

— Não! — Beijo seus lábios rapidamente. — Quero tu aqui pro resto da vida, bem aqui, nos meus braços.

— Ah, que romântico.

Ela segura meu rosto com ambas as mãos e nos beijamos com calma e leveza.

Desde o primeiro momento que ela aceitou meu beijo, foi assim. Uma calmaria sem fim tomava conta do meu peito, meu mundo se encaixava e nada mais fazia falta.

Perdi meus pais muito cedo, fui acolhido pela minha tia, que não era tão carinhosa, tinha mais quatro bocas para alimentar, então sempre me senti como um peso que ela precisava carregar.

O que salvou minha vida foi conhecer Diana, a garota valente que era amiga de todos e, por milagre, resolveu me dar uma chance quando estávamos no colégio.

— Vamos ser felizes, aqui — declaro, assim que o beijo termina.

— Tô contando com isso, policial.”

— Matias! — Diana estala os dedos diante de mim.

— Oi? Ah... Você não pode ficar na minha casa.

— Que mal pode ter? Já fomos casados, lembra?

— Claro que lembro. Quem parece ter se esquecido disso foi você. Quando resolveu dormir com o meu parceiro, na nossa casa.

Diana baixa a cabeça enquanto cruza os braços em torno do corpo. Seus olhos não alcançam os meus, ouço um fungar baixo e solto o ar, cansado.

— Você nunca vai me perdoar, não é? — Seu tom é frágil e contido.

— Aqui não é lugar para isso. Estou trabalhando.

— Então onde eu fico? — Ela volta a me olhar, o rosto molhado por lágrimas contidas.

— Josias! — grito e ela se assusta.

Retorno para a minha mesa, abro a gaveta e tiro um molho de chaves de lá. Retiro uma em específico, estendo em sua direção e ela se aproxima para pegar.

— Sim, xerife.

— Mande alguém levar a moça para minha casa. Usa a caminhonete.

— Jogo as chaves do carro para ele, que se atrapalha, mas consegue pegar.

— Sim, senhor.

Com a rapidez que entrou, também partiu, Diana continua no mesmo lugar e seu olhar curioso começa a me incomodar, pigarreio e solto o ar mais uma vez.

— Obrigada, Matias.

— Mais tarde conversamos. Pode ir.

Ela acena com a cabeça e parte, só depois disso é que consigo respirar

e deixar a tensão se esvaír do meu corpo.

De onde essa mulher surgiu? O que ela quer aqui? Por que veio atrás de mim, depois de tantos anos?

Encaro o relógio, ainda é cedo, mas eu preciso demais de alguma coisa bem forte ou sou capaz de explodir.

Lamento ao lembrar que estou sem carro, mas caminhar pode ser uma boa opção, assim descarrego a ansiedade que tomou meus pensamentos. Minha vida não está maravilhosa, longe disso, mas eu estava bem, confortável.

Então chega uma diaba na cidade, que desperta meu interesse e desejo de imediato, quando estou aprendendo a lidar com a loira, chega a *disgraça* de morena que acabou com minha vida.

— Deus, por que *tu tá* me testando assim? — solto, ao erguer a cabeça.

— Falando sozinho, xerife? — Olho para trás e encontro a loira.

— Só pode ser brincadeira... — resmungo.

— Oi? — Ela tem um semblante divertido.

— Nada não. Tô trabalhando. — Viro para continuar meu caminho.

— A gente pode se ver mais tarde?

Fecho os olhos, praguejo mais um pouco, como se não fosse suficiente a quantidade que já fiz na última meia hora.

— Dá não.

Continuo meu caminho sem olhar para trás, preciso lidar com uma encrenca por vez, não posso dar corda para a loira, sendo que a morena está na minha casa neste momento.

Chego ao Pau Dentro e respiro, aliviado, ao encontrar a porta da frente aberta. Vejo os homens limpando o salão, Heitor repõe bebidas na prateleira e eu ocupo meu lugar de costume.

— Uma dose, da mais forte — solto e passo a mão no rosto.

— Ainda não abrimos, amigo. É melhor... — Sua voz morre ao me encarar — *Misera! Tu tá* um trapo.

— Fico feliz com o seu achismo, mas eu prefiro a garrafa de aguardente.

— *Tá* merecido. — Ele pesca um copo e bate no balcão à minha frente.

Serve uma dose, viro de uma vez e sinalizo para ele encher de novo, repito o gesto e seus olhos, agora alarmados, aguardam por algum comentário.

— Dia difícil — justifico e o homem entende minha necessidade de ficar sozinho.

Deixa a garrafa ao lado do copo e se afasta para cuidar dos preparativos do bar. Aproveito para enviar uma mensagem a Bento, para que me encontre aqui o quanto antes.

Não sei quantas doses entornei, mas minha vista começa a ficar embaçada e uma sensação de amortecimento toma conta dos meus movimentos. É reconfortante, mesmo com os pensamentos pilhados na bomba que me aguarda em casa.

— Tarde, Heitor. — Olho para o lado e Bento ocupa a banquetta. — Xerife — ele acena.

— Tarde. — Giro a cabeça para frente de novo.

— O que *tá* te aporrinhando?

— Nada, além, claro, do diabo em pessoa invadir minha casa.

— Do que *tá* falando?

— Diana. Ela voltou.

— Tua ex-mulher desalmada? — Seu tom alarmado me faz sorrir.

— Essa, mesmo. — Sinalizo um revólver na sua direção e atiro. — Bem no alvo.

— O que ela quer?

— Sei não. Mande *ela pra* minha casa e vim *pra cá*.

— E *tu* acha que vai resolver tudo com a cabeça cheia de cachaça?

— Claro que não! — As palavras saem mais arrastadas. — Eu vou... beber... pensar... e...

— E fazer merda, com certeza! Vem, vou levar *tu pra* minha casa.

— Não! Quero terminar a garrafa.

— Ele já esvaziou outra e essa *tá* no fim. — Heitor surge de algum lugar com informações demais.

— Chega de beber, xerife. — Bento toca a garrafa de um lado e eu do outro.

Um cabo de guerra ridículo armado. Não tenho muita coordenação e meu tato está entorpecido, com certeza, mas eu não vou desistir da minha única válvula de escape.

— *Me* deixa, homem. — Empurro seu ombro. — Não vou a lugar nenhum.

— Matias. *Tu* precisa de banho frio e um café forte.

— Preciso de sossego, isso sim. Primeiro aquela diaba invade minha vida e eu perco o controle. Agora vem a peste e quer desgraçar tudo de vez.

— De quem *tu tá* falando?

— A *disgraça* das *muié*. Elas querem acabar comigo, que eu sei. —
Aponto para o próprio peito

— Todas querem, meu amigo — Bento fala, com ar risonho. — Bom, se *tu* não quer ir *pra* minha casa e nem *pra* sua, onde eu vou te deixar?

— Aqui. *Tô* muito bem aqui. — Abro os braços, olhando em torno.

— Ele vai arrumar confusão se continuar aqui, cabo — Heitor alerta.

— Diacho! *Vô* nada.

— Vai, sim. *Simbora*. *Vamo* dar uma volta. — Meu amigo se levanta da banqueta e me coloca de pé no processo.

Minha cabeça gira e eu apoio as mãos na bancada, em busca de equilíbrio.

— Aonde *tu* vai me levar? — Bento apoia meu braço no seu ombro.

— Ainda não sei, mas a gente se arranja. *Bora*. Obrigado, Heitor. —
Bento acena para o homem e eu repito o gesto.

Sáímos aos tropeços do lugar e, com certa dificuldade, o meu amigo consegue me colocar sentado no passageiro e passa o cinto sobre meu tronco. Quando ele trava a fivela, eu lhe abraço pelo pescoço.

— Você é um bom amigo.

— Eu que o diga. Já anoiteceu e minha esposa vai me matar, por culpa tua.

— Ela é boa. *Tu* fez uma ótima escolha, parceiro.

— Eu sei. — Ele se solta do meu agarre e contorna o carro.

Fecho os olhos, ondas marejadas invadem meu corpo, sinto-me submerso, absorto e entorpecido, pensamentos confusos que não consigo

distinguir bem, que se clareiam quando a imagem angelical de um anjo de cabelos loiros ilumina minha mente.

— *Me leva pra* minha loira... — resmungo e simplesmente apago.



Capítulo 23

"Casa da mãe Joana"

Tetê

Coloco minha camisola de tigresa, alças finas e levemente transparente na parte de baixo. O bojo forma uma meia taça cavada que expõe muito do colo, bastante sensual e que uso somente em ocasiões especiais, ou seja, acompanhada.

Mas a minha falta de disciplina esta semana me fez perceber que os pijamas estão sujos, assim como quase todas as minhas roupas, se eu não resolver logo essa situação, andarei pelada na rua.

Prendo o cabelo em um coque alto e visto meu roupão de banho rosa, a noite está mais fria do que fresca e um chá quente antes de dormir será uma ótima opção.

Levantar todos os dias às cinco da manhã e dormir tarde não está fazendo bem para minhas olheiras, que eu nem tinha antes de começar essa rotina maluca. Ainda fui inventar de findar a noite passada na cama alheia, dormir foi a última coisa que fiz.

Vou até a cozinha e coloco a chaleira no fogo para aquecer a água, o relógio marca vinte horas, ainda é cedo, mas o cansaço das noites mal dormidas e bem comida, no caso da última, cobram seu preço.

Lembro-me da conversa atravessada com o xerife hoje. Esbarrei com ele na rua, estava diferente, parecia atordoado, talvez a moça que apareceu na lanchonete já o tivesse achado.

Dona Carlota já soltou algo sobre o homem viver sozinho naquela casa desde que chegou a Santino e, por sua surpresa, quando contei sobre a visitante na cidade, é a primeira vez que isso acontece.

Bela sorte a sua, Tetê.

— *Dona Tetê?* — Minhas sobrancelhas se juntam ao ouvir meu nome.

Aperto o roupão em torno do corpo, abro a porta e caminho, com as chaves nas mãos, até o portão, onde um farol mira em meus olhos e dificulta identificar quem possa ser.

— Quem é?

— Sou eu, cabo Bento. — Apresso meus passos até o portão.

— O que houve? Sua mulher está bem?

— *Tá* sim. — Finalmente saio da mira do farol e consigo vislumbrar seu rosto. — O problema é outro.

— O que aconteceu? — Destranco o portão, agoniada.

— O xerife *tá* no carro, apagado. Bebeu demais.

— Ah... — Pisco duas vezes, buscando um raciocínio. — E por que *tu* trouxe *ele* até aqui?

— Ele que pediu. — O homem dá de ombros.

— *Tendi*. Mas é melhor ir *pra* casa dele. Não acha? — Arrisco uma estigada de pescoço e vejo o homem jogado no carona.

— Acho não. *Tu* pode deixar *ele* aqui, não pode? Pelo jeito que saíram ontem lá de casa, estão juntos.

— Foi só uma carona, cabo. — Torço os lábios para o mexerico.

Mania que o povo tem de juntar as pessoas com o mínimo possível de fatos. Tudo bem que passamos a noite juntos e as coisas estão diferentes entre nós, mas isso não demonstra interesse em relacionamento sério.

— O problema é que o xerife nunca dá carona ou se importa com

ninguém. Só com *tu*. — Ele ergue as sobrancelhas de forma perspicaz.

O homem consegue ser provocador e sutil ao mesmo tempo, fico na dúvida entre lhe mandar catar coquinho ou sorrir feito uma boboca iludida.

— *Tá* certo. Entra com o homem. — Aceno para dentro e abro passagem.

— *Tu* tem que me ajudar. O xerife é grande e *tá* desmaiado.

— Tem base um troço desse? — Espalmo as mãos na lateral do corpo, começando a ficar irritada com a trabalhadeira do xerife.

Com muita dificuldade e destreza por parte do cabo, o xerife é tirado do carro, apoio de um lado, as mãos em sua barriga e coluna, enquanto seus braços transpassam meus ombros e do cabo.

Praticamente o arrastamos, apagado, cheirando à cachaça curtida, até minha cama, onde seu corpo desaba e se aninha com rapidez. Ambos encaramos o bêbado por um tempo, até que voltamos o caminho.

— Obrigado por isso, eu acho — solta, encabulado.

— Tem problema não, cabo. Eu me viro com o homem.

— Qualquer problema, pode me ligar. A hora que quiser.

— Pode deixar que eu te chamo. — Aceno com a cabeça.

— Boa noite, cabo Bento. — Ambos nos viramos para a voz baixa e cansada.

— Noite, dona Marieta — o homem cumprimenta, com educação, mas ela continua parada, nos observando.

— Como vai sua esposa?

— Muito bem, como a senhora viu ontem.

— Pois é, eu vi. — Ela aperta os lábios como se contivesse as

palavras.

— Noite, senhora — cumprimento, com simpatia, só para provocá-la.

A mulher torce os lábios, aperta seu casaco em torno do corpo e marcha rua afora, sem ao menos me dirigir um segundo olhar. Solto um riso e balanço a cabeça.

— Esse povo não tem o que fazer.

— Não. Não tem, cabo. Mas vá cuidar da sua mulher e deixe que eu me viro com o xerife.

— *Tá certo.*

Entro em casa com a chaleira apitando alta e estridente, me apresso em apagar o fogo, preparo meu chá e vou até o limiar da porta e apoio o ombro ali. Assopro a fumaça que sai da caneca, ao mesmo tempo que encaro aquela figura enorme ocupando boa parte da minha cama.

— O que te deu na cabeça, xerife? — solto para mim, ao deixar a caneca na pequena mesa ao lado da cama.

Desamarro seu coturno, retiro as botas e as meias, aproveito e abro sua calça também, já é ruim o suficiente dormir bêbado, ainda com roupas pesadas, é pior.

Com muito custo, consigo remover sua calça, a boxer branca molda seus quadris e aquela bagagem toda. Uma comichão toma meu corpo e sinto-me uma devassa pervertida, o homem está inconsciente e eu pensando no quão bom é aquela arma engatilhada.

— Tome juízo, Tetê — ralho comigo mesmo.

Volto para a beirada da cama, ao seu lado, a parte mais difícil será tirar essa jaqueta pesada dele, então ergo um braço seu e tento fazer como é com os bebês, mas não funciona.

— Xerife. — Sacudo seu corpo. — Xerife! — chamo, mais uma vez, e ele resmunga. — Misericórdia — solto, em lamento.

Revolvo puxar seus dois braços para frente e erguer seu tronco, sustento seu corpo pela nuca, enquanto com a outra mão ergo a parte de trás da jaqueta até passar a cabeça.

Deito seu corpo de novo e puxo a jaqueta pelos braços. Solto uma lufada de ar cansada, o homem é pesado demais, mas ao menos agora consegue dormir à vontade.

Curvo o corpo e acaricio sua bochecha com a ponta dos dedos, seus olhos tremulam e abrem, turvos e perdidos, até mirarem nos meus.

— Loira... — Sua voz sai falha e rouca.

Ele ergue uma mão e puxa meu braço com força, caio sobre ele, soltando um grito esganiçado, então ele nos vira de lado e passa uma perna sobre mim e aninha seu rosto no meu pescoço.

— Xerife... — chamo e ele não responde. — Oi... — Sua respiração se torna ainda mais pesada.

Continuo imóvel, o calor do seu corpo aquece o meu e uma sensação reconfortante invade meu peito. Giro no lugar, devagar, seu braço na minha cintura se aperta e ele resmunga algo incoerente, ajeito meu quadril no seu e sua arma fica de frente com o alvo.

— Ah... você poderia estar menos bêbado, delegado — reclamo e fecho os olhos.

Não sei dizer quanto tempo levei para pegar no sono, mas a única coisa que tomava minha mente é o fato de, pela primeira vez em muito tempo, eu só me deitei e dormi ao lado de um homem.



Acordo antes do despertador soar, a escuridão ainda presente na fresta da janela, mas eu preciso me levantar para trabalhar. Atrasar dois dias seguidos é forçar demais a bondade de dona Carlota.

Olho para o lado e vejo aquele tamanho de homem deitado de bruços, parte do lençol cobre sua bunda e a camiseta cinza agarrada na silhueta perfeita e musculosa.

Gemo em lamento, com bico inconformado, me levanto da cama, mas não sem antes apalpar aquela bunda dura, firme e redonda, que dá vontade de morder.

Troco de roupa com rapidez e vou para o banheiro, ao passo que escovo meus dentes, penso no quanto essa situação rotineira é estranha para mim. Nunca imaginei passar esse tipo de situação de novo.

Prendo o cabelo para o alto, pego a bandana vermelha, torço inteira e amarro em torno da cabeça. Passo um brilho labial e volto até o quarto para pegar minha blusa de frio.

Encaro a cama e o homem esparramado nela, respiro em puro lamento de não poder acordá-lo como eu gostaria, então tomo meu rumo e chego à lanchonete com Carlota e Diógenes abrindo as portas.

— *Eita*. Dia. Caiu da cama, foi?

— Tô mais *pra* expulsa.

— Uai. E quem te colocou *pra* fora dela? — agora é dona Carlota que pergunta, com olhar curioso.

Mordo a língua para não responder. Não preciso de mais achismos e insinuações na situação que nem eu mesmo entendi até agora.

— A falta de sono. Dormi cedo ontem. — Entramos juntos e já vou para o balcão limpar o que precisa.

Logo minha cabeça é atribulada com o serviço, movimento da manhã é sempre intenso, as pessoas sempre passam por aqui tomar ao menos um pingado^[44] e isso torna o lugar o principal ponto de mexericos.

— Mas ela *tá* grávida. — Ouço uma mulher sussurrar para outra que não para de me encarar.

— *Pra* você vê como a sem-vergonhice não tem limite. — Ela torce os lábios, ainda me observando.

Meu pavio, que nunca foi longo o suficiente, amanheceu hoje ainda mais curto, por isso me aproximo das mulheres, determinada, encaro ambas e aguardo outro comentário.

— Não precisamos de nada — uma delas responde, com desdém.

— Só estão aqui para falar da vida alheia, então?

— Ora, se não dessem motivos para escândalo, não teríamos por que ficar abismadas.

— Exatamente. Você deveria se envergonhar, não nós.

— Como assim?

— O que está acontecendo aqui? — Dona Carlota se aproxima.

— Você deveria escolher melhor suas funcionárias, Carlota. Meu

marido com certeza não pisa mais aqui. Nem eu — a mais azeda fala, diretamente para Carlota, antes de me fitar com desprezo.

— Mas, do que diabos vocês estão falando agora? — Minha patroa parece mais indignada que eu. — Ainda com essa implicância sem sentido para cima da dona Tetê?

— Sem motivos? Ora, então mande ela explicar por que o cabo Bento saiu da casa dela ontem à noite.

— O quê? — Altero a voz, alarmada. — Do que estão falando?

— Viram vocês se despedindo no portão, enquanto usava só um roupão.

— Parem com isso, pelo amor de Deus. Tomo mundo sabe que dona Tetê esteve um dia antes no chá de bebê dele e da esposa.

— Pois é, com certeza, Clarice não merecia essa trairagem.

— Eu não fiz nada. — Aponto para o próprio peito, inconformada.

— Então qual o motivo *dele* estar ali? — Ambas cruzam os braços.

— Eu... ele... bem, isso não é da conta de ninguém — gaguejo, ao pensar no delegado bêbado na minha cama.

Revelar o verdadeiro motivo da visita do cabo, pode ser ainda pior do que desmentir essa história sem cabimento.

— Viu? Nem ela tem desculpas para isso, Carlota. Boa sorte com Diógenes.

Ambas viram nos calcanhares e saem da lanchonete impositivas e vitoriosas. Baixo a cabeça e caminho até o fundo da retaguarda, bufando de raiva contida e pensando em como resolver mais essa fofoca.

— Não dê atenção, Tetê. — Ela acaricia minhas costas ao se

aproximar.

— O xerife está lá. O cabo foi levá-lo, bêbado.

— *Eita, lasqueira*. Por que não contou a verdade?

— *Pra* que dar mais munição a essas fofocas? Eles inventariam outra desculpa para continuarem falando de mim.

— Tem razão. Bom, ao menos vocês estão bem?

— Nem sei. Ele *tava* apagado e eu saí cedo. Ainda não descobri quem é a mulher que *teve* aqui ontem, mas desconfio que a bebedeira foi culpa dela.

Carlota ergue as sobrancelhas, parece ponderar alguma coisa, mas logo balança a cabeça, amenizando a expressão conflituosa.

— Logo vocês conversam, com certeza.

— Dia. Carlota, não é? — Olhamos para o balcão e a dita cuja está diante de nós. — Fiquei sabendo que o xerife come muito aqui, então vim comprar algumas coisinhas para agradá-lo.

— Ah, pois não. — Carlota se aproxima do balcão. — Esse bolo aqui é o preferido dele. Dona Tetê quem faz. — Ela aponta para mim, que continuo estática no lugar.

Não sinto raiva da mulher, mas algo não me cheira muito bem, pode ser só intuição ou cisma, no entanto não consigo simpatizar com *suas fuças*.

— Pode embrulhar, por favor. Quero arrumar uma mesa bonita para quando ele chegar. Acho que ficou de plantão na delegacia a noite toda.

Mordo a língua para dizer que ele passou a noite na minha cama e bateu o ponto em mim, mas eu conheço seu jogo. Ela está pescando informações e não serei eu a entregá-las.

— Ah, ele vai gostar. Você o conhece de onde?

— Cidade natal. Éramos vizinhos, crescemos juntos.

— Uai, que coisa boa. Engraçado é que por todo esse tempo, nunca ninguém veio *pra* visita.

— Pois é, mas agora eu estou aqui e não pretendo partir. — Ela solta um riso apertado e me olha de soslaio.

Sorrio com escárnio, sinceramente não vou entrar em uma disputa que nem sei qual o fundamento. Ela quis dar um recado e eu ouvi, pena que não estou propensa a tomar como verdade suas palavras.



Capítulo 24

"Não deixe para amanhã aquilo que você pode fazer hoje"

Xerife

Antes mesmo de abrir os olhos, sinto o gosto de sola de sapato em meu palato, movo a mandíbula com dificuldade quando a primeira pontada atinge a têmpora e eu gemo, apertando ainda mais as pálpebras.

Passei da conta ontem, com certeza, a última coisa que me lembro foi de Bento dizer que me traria para sua casa, é bem provável que terei de aguentar uma Clarice com semblante fechado quando me levantar do seu sofá.

Abro os olhos, encaro o teto por alguns segundos e quando vistorio o ambiente, me sento com rapidez na cama, reconheço de imediato o quarto da diaba e a bateadeira no meu peito aumenta.

— Diacho. — Sinto a garganta arranhar e pigarreio em seguida.

Levanto-me da cama, um pouco zozinho, olho para minhas pernas desnudas, uso cueca e camiseta, encaro a pequena cômoda à minha frente e vejo a calça e jaqueta empilhadas.

Visto a roupa mais lento do que gostaria, calço o coturno, vou até o banheiro fazer minha higiene, acabo usando a escova da diaba na falta de uma nova, quando retorno para a cozinha, vejo um pequeno pedaço de papel sobre a mesa.

“Bom dia, xerife. Sinta-se em casa, não fiz café, mas você sabe onde ficam os mantimentos.”

Não consigo evitar o canto dos meus lábios repuxarem, olho em volta e ainda perdido, resolvo sair daqui logo. Prefiro tomar o café mal coado do Josias, a permanecer nessa situação, no mínimo, esquisita.

Chego à delegacia e vou direto para minha sala, peço a Josias um café, o que o espanta, já que normalmente eu tomo minha dose matinal na lanchonete, porém, resolvi passar reto na entrada, acovardado pela presença da loira.

— Bom dia, xerife. — Freio os passos quando o tom alto de Bento invade meus tímpanos.

— Pode falar mais baixo, cabo.

— Sim, senhor — torna a falar mais alto ainda e eu bato a gaveta da mesa que abri para pegar um comprimido.

— O que temos para hoje?

— Uma briga de família, tentativa de homicídio com arma branca. — Corro meus olhos para ele. — O homem puxou faca para o cunhado. — Respiro, aliviado. — Roubo de bicicleta na frente do açougue, alguns usuários arruaceiros ao redor do Pau Dentro... — conforme ele relata, ocupo minha cadeira e meneio a cabeça. — E, também, a nova fofoca da praça: ao que parece, eu *tô* enroscado com dona Tetê.

— O quê? — falo mais alto que pretendia e uma forte pontada atinge minha cabeça. — Ai. Como é que é? — Olho na sua direção de novo com ambos os indicadores nas têmporas.

— Pois é. Claro que ontem quando finalmente consegui te despachar, cheguei em casa e imediatamente contei *pra* patroa tudo que aconteceu. Clarice não se deixa influenciar pelos mexericos, mas nunca é uma situação muito confortável, *né*?

— Tem razão. *Cadê* meu café? — Encaro a porta aberta e nem sinal do guarda Josias.

— Achei que iria perguntar alguma coisa sobre ontem.

— Depois que eu tomar um café e o analgésico.

— Chá de boldo é melhor. Seu fígado deve *tá* revirado aí. — O homem fecha a pasta e cruza os braços ao encostar na beirada da mesa.

— Licença, xerife. — Josias entra com uma caneca e a deposita diante de mim. — Precisa de mais alguma coisa?

— Eu preciso, na verdade, Josias. Pode verificar o...

— Eu falei com o delegado. — Ergo os olhos do invólucro que tenho em mãos, espantado com o tom cortante do guarda.

— Já disse *pra tu* que esse mexerico não tem fundamento, Josias.

— Sim, já falou. Mas é o nome da dona Tetê que está na boca do povo.

— Principalmente da tua mãe — Bento rebate e eu continuo calado, com a cabeça chicoteando de um para o outro.

— Pois é. Agora, tem base o povo ficar difamando a pobre moça por culpa tua? — Ele aponta para o cabo, um pouco alterado.

— Já basta. — Encontro voz antes de enfiar o remédio goela abaixo e tomar um generoso gole daquele café aguado. — Bento não tem culpa da língua do povo, Josias. Agora pegue a ocorrência que precisa atender e faça seu trabalho.

O rapaz baixa a cabeça, aceita as informações passadas e sai sem nada mais dizer.

Deslizo as duas mãos na cabeça, cansado demais para pronunciar mais alguma coisa. Preciso de um banho e roupas limpas, mas ainda não tenho coragem de entrar na minha casa e lidar com o problema gigante que me aguarda.

— Vai fazer o que, xerife?

— Vou conversar com o Cássio e saber se tem alguma novidade no caso.

— *Num tô* falando disso e *tu* sabe.

— Sei... — solto, com pesar.

— Levei *tu pra* casa dela por vontade sua. *Tu* pediu isso. Te arrastamos para a cama e depois ela me acompanhou até o portão. Uma fofoqueira viu e foi motivo para o bochicho.

— Nem falei com ela ainda. Acordei e já tinha saído.

— E não passou na lanchonete antes de vir *pra cá*?

— Não.

— Até quando vai bancar o covarde, Matias? — Bento se aproxima da mesa. — Encheu a cara para fugir da Diana, que *tu* nem sabe o que quer aqui, *tá* enroscado na Tetê e não sai do muro nunca. O que pensa que *tá* fazendo?

— Isso não é da tua conta, cabo.

— Não mesmo. Mas *tô* com meu nome na boca do povo por você, além da loira *tá* difamada mais uma vez. Primeiro, ela sai contigo lá de casa e, no dia seguinte, eu saio da casa dela. O que pensa que esse povo vai fazer?

— Eu não sei, *tá bão*? — brado e me levanto da cadeira.

— Então é bom descobrir, e rápido. — Ele sai da sala irritado, com toda razão.

Nunca fui de fraquejar diante de qualquer problema, nem mesmo quando descobri toda a traição. Fui apunhalado de todas as formas, a mulher que eu jurei amar por toda a vida e o parceiro, amigo que daria minha vida,

caso fosse preciso.

Fui em busca do meu sonho de comandar uma delegacia e esqueci completamente tudo que já vivemos um dia.

“O clique da porta é sutil, quase imperceptível, a animação dos dois não permite que me ouçam, mesmo que batesse a porta. Um zumbido incomum invade meus tímpanos, escondido atrás do batente, vejo a silhueta dos dois, engalfinhados feito animais, o abajur ilumina parte de seus corpos quase despidos.

Ainda desacreditado, avanço mais dois passos, agora dentro do cômodo, a respiração audível, já que meus batimentos aumentaram exponencialmente. Fecho as mãos em punho, os olhos injetados nos corpos que se consomem confortavelmente um sobre o outro.

— Matias. — Meu melhor amigo abre os olhos, encontrando-me.

— Atrapalho?

Diana salta de cima do Miguel, ajeitando a blusa erguida no lugar. Um clique me tira do estado de torpor e parto para cima dele, agarro sua camisa com uma mão e a outra eu acerto o primeiro soco no seu nariz.

Repito o gesto diversas vezes, incansável, cada vez que o punho massacra sua face, mais eu quero, é insano ao mesmo tempo que reconfortante. Ouço, ao longe, a voz estridente dela pedindo que eu pare.

O homem não teve tempo de reagir, nem ao menos se defender do meu ataque. Neste instante compreendo os motivos para tantos casos de crimes passionais, perdi completamente a razão e todos os conceitos sobre conduta e moral perante a lei.

Sinto um puxão no meu braço, que me faz recuar, com um solavanco giro o corpo e vejo Diana cair no chão. Avanço um passo em sua direção,

completamente cego, seu corpo se retrai e a forma amedrontada que me olha freia meu ódio.

— Por quê? — solto, entredentes, o tom estrangulado e a respiração errante denunciam o limite de racionalidade que ainda mantenho.

Gostaria de verdade poder fazer muito mal a ela agora, mostrar de forma violenta a dor que se instalou no meu peito, mas por algum milagre, ainda consigo manter a coerência.

— Eu... não sei. — Ela chora, copiosamente.

Passo as mãos no cabelo, sinto um fisgar nas juntas, encaro meus dedos machucados, borrados de sangue e volto o corpo para trás, Miguel desfalecido no sofá, sem conseguir se mexer.

— Chame uma ambulância para ele. Amanhã dou entrada na separação.

Marcho para a porta, quando toco a maçaneta a ouço chamar meu nome, sôfrega e desesperada, viro em sua direção, a última vez que colocarei meus olhos nesse ser abominável.

— Desculpa... — Solto um riso apertado, com total descaso.

— Não. Você fez sua escolha, Diana. Se algo não ia bem, tinha o direito de reclamar, conversar, dizer ou dar qualquer sinal para sua infelicidade. Nada vai justificar a traição que você cometeu.

O baque da porta atinge minha alma, como uma faca bem afiada, desvinculando absolutamente tudo que se relacionava a ela da minha vida.”

Volto à realidade e mergulho a cabeça no trabalho, meu peito incomodado, uma coceira incomum percorrendo minha pele, como se tudo que enterrei fundo no meu peito simplesmente tivesse explodido.

Encarei o relógio três vezes na última hora, a caneta bate ritmada

sobre a pilha de inquéritos e minha perna direita tremula incansável, desde que fiquei sozinho na sala.

Em um rompante, me levanto da cadeira, recolho a chave do carro e rumo direto para fora. Pensar ou oprimir pensamentos foi o que me trouxe até aqui, preciso exorcizar tudo isso e vou começar com a diaba mais recente na minha vida.

Entro na lanchonete, vejo Tetê atender a uma senhora no balcão, sorri de forma graciosa enquanto serve um copo de café. Sem pensar nas consequências e cansado demais para importar com o certo ou errado, contorno o balcão.

O lugar está cheio, mais do que o normal, ela não me vê até que estou para dentro do balcão, ao seu lado.

— Xerife? O que faz aqui? — Ela solta o bule sobre a bancada e eu enlaço sua cintura.

Enquanto uma mão aperta seu corpo junto ao meu, a outra captura sua nuca, seu cheiro invade minhas narinas e a beijo. Simples e fácil, sinto seu gosto aplacar toda a ansiedade que me tomou pelo caminho.

A tensão se desfaz gradativa, ela retribui com o mesmo clamor que eu e um pequeno gemido escapa da sua garganta, fisgando diretamente as minhas bolas.

— Diacho. — Afasto o suficiente para sussurrar: — Precisava disso mais do que podia admitir.

— O que *tu tá* fazendo? — sussurra de volta, entorpecida.

— Deixando claro *pra* todo mundo, que *tu tá* comigo — falo mais alto, olhando em volta.

— *Pra* que isso, homem? — Ela acerta meu braço, mas seu sorriso

demonstra gostar da situação.

— *Pro* povo parar de mexerico, até porque, calunia e difamação dá processo. — Varro os olhos no ambiente mais uma vez e as pessoas fingem não entenderem o recado.

— Parabéns, delegado. — Ambos viramos o rosto em direção à cozinha. — Agora pode sair de dentro do meu balcão. — Carlota sorri, debochada.

— Sim, senhora.

Encaro Tetê mais uma vez, espremo meus lábios contra os dela três vezes e a solto. Com um acenar de cabeça, saio do lugar mais leve, meio atordoado e completamente desacreditado.

— Diacho! Acabei de perder toda minha credibilidade com essa cena.

Uma risada escapa da garganta, aliviado e ao mesmo tempo animado, desatar amarras e libertar-se de sentimentos que não agregam em nada é realmente bom.

Desço do carro em frente à minha casa, caminho devagar para dentro, ao abrir a porta sinto o cheiro de comida fresca, algo está sendo feito no fogão, a primeira refeição preparada nesta casa.

Isso não me agrada em nada. Não quero primeiras vezes e nem lembranças com essa mulher.

— Diana — chamo, assim que fecho a porta.

Ela vem do quarto, com os cabelos presos para cima, os cachos escuros caindo sobre a cabeça, uma camiseta minha no corpo, que tapa o que usa por baixo, mas posso apostar que é somente uma calcinha.

Era assim que costumava me receber em casa, sempre. Parece que entrei em algum bizarro túnel do tempo, ao qual eu me sentia o homem mais

feliz da face da Terra.

— Finalmente. *Tô* fazendo o almoço. — Sinaliza para as panelas. — Carne cozida com legumes e um arroz branco. Do jeito que *tu* gosta. — Ela para quando está a um passo de mim.

— Precisamos conversar.



Capítulo 25

"Por fora, bela viola. Por dentro, pão bolorento"

Xerife

Ocupo o sofá da sala, incomodado com a presença tão confortável por parte dela na minha casa, como se tudo que aconteceu não fosse importante ao ponto de respeitar as reservas que guardo.

— Sobre o que vamos falar? — Ela sorri e ocupa a poltrona à minha frente.

— O que deu na tua cabeça de vir atrás de mim? O que pensa que está fazendo, Diana?

— Senti sua falta. Já faz muito tempo que eu queria isso, mas sempre me faltou coragem.

— E o que te motivou agora?

— Eu... o Miguel e eu... Nós...

— Ele te largou — constato, ao ver seus dedos se revirarem sobre o colo.

Ela sinaliza com a cabeça baixa, sem me encarar.

— Tentei ficar com ele, mas durante todo esse tempo, só consegui pensar em você.

— Isso é, no mínimo, ridículo. Eu te dei tudo, fiz todas as suas vontades, fui um bom amigo, um bom marido e recebi a pior das traições. Agora vem dizer era a mim que você queria?

— Sim. — Seus olhos alcançam os meus, mais uma vez. — Eu fui uma tola. Só percebi o quanto errei quando partiu. Ter você na minha vida desde muito nova não me fez ver o quão seria ruim se partisse.

— Acha que vou cair nessa conversa?

— É a verdade, Matias. Eu te amo.

— Você, definitivamente, não sabe o que é isso.

— Não diga isso. Não depois de tudo que vivemos.

— Eu vivi! — estouro e me levanto com rapidez. — Mantive minha palavra, meus sentimentos, sempre fui apaixonado por você. Tão apaixonado, que me iludi com as migalhas que oferecia.

— Eu também te amei.

— A mim e meu melhor amigo. Era amor demais para uma pessoa só? — ironizo, ao cruzar os braços na altura do peito.

— Não precisa me humilhar, Matias.

— E eu posso ser humilhado? — brado, ao bater as palmas na lateral do corpo.

Nada de bom vai sair dessa conversa. Se, na época, eu não quis lavar a roupa suja, por que deveria fazer agora?

— Pode arrumar suas coisas. Você volta hoje *pra* casa.

— Não! Eu não posso voltar. — Diana corta nossa distância e segura meu braço.

— Por quê? — Fecho o cenho, intrigado.

— Meu pai me colocou para fora, depois que Miguel me deixou. Não tenho nada, nem ninguém, Matias.

— Mas você tem a reserva da separação. O que fez com o dinheiro?

— Vivi de aluguel e gastei uma boa quantia em viagens. — Ela baixa o olhar.

— Como? O quê? *Tu* é maluca, mulher? — esbravejo, mais uma vez,

e me afasto com uma mão na cintura, enquanto a outra desliza apertado pelo rosto.

— Nunca tive cabeça boa para dinheiro, *tu* sabe.

— Eu sei, Diana. Mas gastar as economias com futilidade é burrice.
— Seus olhos lacrimejados me fitam. — Por que não comprou um lugar menor?

— Não sei. No primeiro ano, depois da separação, passei mais viajando, não queria encontrar as pessoas e os mexericos. *Tu* partiu sem olhar para trás e a única coisa que me restava era esquecer tudo aquilo.

— *Tu* esperava o que de mim? Que te defendesse perante a cidade? Eu fui o corno. — Aponto para meu próprio peito.

— Eu sei. Não estou te culpando. Quando voltei de uma das viagens, o Miguel me procurou, acabei me ajuntando com ele. Você tinha sumido, minha família me olhava atravessado e já não tinha mais saída.

— Então, Miguel foi o plano B que um dia eu fui. Sua válvula de escape da vidinha pacata que você nunca se esforçou para melhorar.

— Não. *Tu* eu amei e ainda amo.

— Agora consigo entender muita coisa, Diana. *Tu* não é má pessoa, mas nunca quis trabalhar e crescer por conta. Nossos planos quando pivetes sempre foram voltados para suas necessidades. *Tu* me ajudou a pensar e arquitetar todos os passos para me tornar um delegado. Respeito, estabilidade e conforto, era isso que queria e eu, como um bobo apaixonado, pensava que era amor da adolescência. Coisa de alma gêmea.

— Não fala assim. Eu cometi um erro, Matias, as pessoas erram. Não são perfeitas como você. Fala como se nunca tivesse feito nada fora da linha.

— E me fala então, quando foi que errei contigo?

— Tu... tu... eu...

— Vamos diga! — Avanço um passo com as mãos fechadas em punho.

— Não consigo pensar em nada agora, mas deve ter algo sim.

— Deixa de ser mimada, Diana. Eu sempre me esforcei para ser alguém melhor *pra tu*. Agora que o Miguel não te quer mais e tua família te despreza, *tu* lembrou que me ama e veio atrás de mim? Não sou tão bobo assim. Pode juntar suas tralhas, hoje, no fim do dia, *tu* embarca de volta.

Ao terminar de falar, saio porta afora, não suporto ficar diante dessa mulher sem sentir meu estômago revirar em asco. Estou cansado de remoer os motivos para tudo que aconteceu, por todo esse tempo nunca me ocorreu que ela simplesmente é assim, oca e vazia.

— Matias! — Escuto seu grito ao longe, entro na caminhonete e dou partida.

Chego à porta da delegacia bufando, a ressaca superada pelo turbilhão de acontecimentos do último par de horas. Ao adentrar a recepção, estaco no lugar, vendo o filho do prefeito parado rente ao balcão.

— Seu Edmundo?

— Xerife. O homem que eu procurava.

— Em que posso ser útil? — Estendo a mão para o cumprimento do homem.

— Podemos falar em particular? — Seu tom desconcertado me intriga.

— Claro, vamos para até a minha sala.

Tomo meu lugar na mesa e aponto a cadeira para que o homem a

ocupe. Cruzo as mãos sobre a madeira e encaro a figura à minha frente.

— Então... Chegou até nós o caso do roubo de cargas e talvez eu tenha uma boa pista.

— Você? Como?

— Como o senhor é o delegado, não tenho motivos para manter as aparências. Meu pai nunca foi um homem tão correto assim, deve saber do caso, há cinco anos, envolvendo o tropeiro do Norte.

— Sim. Tenho ciência disso.

— Pois bem. Passei um tempo na capital com minha esposa e filho, estava desatualizado dos acontecimentos em Santino, até ontem, quando retornei. O roubo foi realizado contra Abelardo, um antigo desafeto do meu pai.

— Aonde quer chegar com tudo isso? Vingança por parte do seu pai? Existem provas?

— Estou trabalhando nisso, xerife. Só queria deixar claro que estou do lado da lei e farei o possível para descobrir algo que seja relevante.

— Entendo. Mas o que te leva a fazer isso, senhor Edmundo? Um escândalo desses pode prejudicar seu pai permanentemente, além de sujar o nome da sua família e até seu cargo de vereador.

— Tenho meus motivos. Agora, se me der licença, tenho uma investigação para fazer. — Ele se levanta e ajeita a camisa.

— Estou à disposição. — Também me levanto e estendo a mão, cumprimentando-o mais uma vez.

Torno a ocupar a cadeira, intrigado com a atitude do homem. É preciso ter muito caráter, ou falta de amor paterno, para denunciar o próprio sangue. Isso é uma raridade completa, em qualquer caso investigado.

Normalmente as pessoas cometem os maiores delitos em prol do amor, da proteção e cuidado por aqueles que têm afeição.

— O vereador Edmundo que acabou de sair daqui? — Bento entra pela porta, o semblante tão desacreditado quanto o meu.

— Sim. Veio deixar seu apoio ao caso de roubo de cargas, tanto que resolveu investigar o próprio pai.

— O prefeito?

— Ele tem outro? — Tombo o pescoço para o lado.

— *Tu* entendeu — ele desdenha. — Por que ele *tá* fazendo tudo isso?

— Estava me perguntando isso agora mesmo.

— Bom, se ele conseguir algo realmente válido, vai ajudar muito. Estamos em um beco sem saída neste caso.

— Concordo. Agora vamos trabalhar.

— Vamos. Fui em casa ver como Clarice está e fiquei bastante surpreso com a fofoca da praça.

— Deu *pra* bancar o mexeriqueiro agora? — Movo o mouse e a tela do computador acende.

— A notícia de que o delegado invadiu a lanchonete e tomou dona Tetê nos braços, não pode ser ignorada.

— *Pra tu* ver. O povo gosta mesmo de cuidar de assunto alheio.

— Então é verdade.

— Sim. Algum problema? — Finalmente torno a encará-lo.

— De jeito nenhum. Só fiquei curioso em saber o que *tu* fez com a mulher que está na sua casa.

— Já *tá* resolvido. Ela vai embora hoje.

— Bom... *pra* quem não queria saber de mulher no pé, *tu tá* bem servido agora.

— Já terminou? Preciso trabalhar. — Demonstro minha melhor cara de tédio e seguro o riso atrás da linha fina que forcei nos lábios.

Ele ergue as mãos em sinal de rendição, para em seguida soltar uma gargalhada e ocupar seu lugar. Sei bem que estou longe de cortar suas chacotas, isso ainda vai render muita provocação por sua parte.

O restante da tarde se arrasta vagarosa, não sei por qual motivo estou mais ansioso: ver Tetê assim que sair daqui ou confirmar que Diana entrou no baú e sumiu de vez da minha vida.

Encaro o relógio pela décima vez e constato que ainda faltam quinze minutos para Tetê encerrar o expediente, ouço um riso baixo, olho de soslaio para o semblante debochado de Bento.

— Vai logo, caboco. *Num* deixa a princesa esperando. — Levanto-me no mesmo instante.

— *Tu* consegue ser uma pedra gigante no meu dedo mindinho, sabia?

— Sabia, sim.

Saio da sala e no corredor ainda posso ouvir sua gargalhada alta. Um dia terei oportunidade para enfeitar aquele rostinho provocador com meu punho, mas não agora. No momento, estou mais ansioso para chegar até ela, a minha diaba.

— Xerife. — Josias surge à minha frente, no final do corredor.

— Josias. — Meneio a cabeça e tento desviar.

O rapaz dá um passo para o lado e impede a passagem, seus braços cruzam diante do corpo, ainda que, uns bons centímetros mais baixo e meio franzino, seu semblante fechado procura mostrar imposição.

— Precisa de alguma coisa, guarda?

— Na verdade, não.

— Então pode sair da minha frente?

— Posso, mas não sem antes lhe dar um recado.

— *Tá certo. Sou todo ouvidos.* — Enfio as duas mãos no bolso e busco pela paciência que não tenho.

— Já chegou aos meus ouvidos que o senhor e a dona Tetê estão de enroscos. — Ergo as sobrancelhas, surpreso — Pois bem, espero que o senhor cuide dela, não deixe esse povo fazer descaso com a moral da mulher e, principalmente, que seja fiel.

— Ou o quê? — pergunto, por mera curiosidade.

— Ou eu terei que lhe aplicar um corretivo.

— Corretivo? Em mim? No seu chefe?

— Lá fora, *tu* é homem como qualquer outro.

Retiro a mão direita do bolso e coço a barba por fazer, enquanto pondero que tipo de resposta posso dar a esse rapaz. Sempre notei seu encantamento pela diaba, pudera, difícil o homem que não o tem, mas partir em sua defesa, mesmo que ridícula a situação, também é admirável.

— *Tá certo, guarda. Recado anotado.* — Reprimos o sorriso. — Agora eu posso ir?

— Pode sim, xerife. — O rapaz abandona a pose de durão e volta a agir com normalidade.

Aceno com a cabeça em sua direção e caminho para porta, entretanto, algo me faz parar no limiar e voltar o corpo em sua direção.

— E, guarda, só para constar — ele volta seus olhos para mim —, se

me ameaçar de novo, arranco teu couro fora. — Seus olhos arregalam, enquanto a boca cai aberta.

Sei que suas intenções são as melhores, entendo seu intuito e acho admirável, mas não é um frangote que vai me ameaçar, ainda mais sendo meu subordinado.

Estaciono na porta da lanchonete quando a loira está saindo sorridente, assim que me vê corre até a porta, já destravada e entra, sem pedir licença.

— Uai. Achei que nem te via hoje, xerife.

— Achou errado, diaba. — Ela avança sobre mim e cola seus lábios no meu.

Enrosco os dedos no seu cabelo quando tenta se afastar cedo demais, aprofundo o beijo e solto um gemido contido, ao sentir sua língua em contato com a minha.

Diacho de beijo bom que acabou de vez com meu juízo.

Só findo o momento quando ambos estamos sem ar e a ponto de cometer um crime público. Um sorriso safado enfeita aqueles lábios maltratados pelos meus dentes, dou partida no carro, ansioso, hoje só quero me perder no corpo dessa mulher.



Capítulo 26

"Devagar com o andor que o santo é de barro"

Tetê

Suada e cansada, estirada na cama com um lençol cobrindo parte do corpo, enquanto recebo uma massagem gostosa nos pés. Nunca pensei que sexo rápido na pia da cozinha seria tão bom e revigorante.

O tesão ditou a pressa que estávamos em fazer aquilo que realmente somos bons, transamos afoitos logo que ele me alçou sobre o mármore, as roupas removidas com agilidade e nossos corpos conectados de forma selvagem e avassaladora.

Terminamos na cama, não sei como, mas o xerife conduziu muito bem o momento, só aceitei, feito uma marionete tarada por mais, sempre ansiosa por consumir aquele pecado em forma de homem.

Agora ele está deitado do lado oposto, uma mão apoia a cabeça, o corpo de lado enquanto massageia e morde meu pé de leve. Isso poderia me assustar, mas depois da cena na lanchonete, o dia todo sendo taxada de mulher do delegado, resolvi apreciar o momento.

— O que *tá* pensando? — Sua voz rouca me desperta dos pensamentos.

— Em muita coisa, xerife.

— Fala uma.

— O sexo foi ótimo e a massagem está incrível. — Seu riso baixo me atinge em cheio.

Aquele familiar palpitar cresce no meu peito, já se tornou costumeiro se tratando desse homem, a parte boa é que a preocupação que acompanhava essa sensação amenizou, quase inexistente.

— Só isso?

— Não sabia que seu ego precisa ser sovado, xerife. — Em resposta, recebo uma mordida perto do calcanhar. — Ai. — Doeu, ao mesmo tempo que fisgou minha intimidade e aperto as coxas juntas.

— Isso te excita? — ele torna a perguntar, o tom afetado, e mais uma mordida atinge meu canal, feito um raio. — Hum? — Ele torna a morder agora mais para cima.

Fecho os olhos e ofego, não sei de onde esse homem tira tanta disposição, mas consegue me atizar com essa mesma intensidade.

Sua boca percorre pela minha perna, subindo o caminho até o ar quente da sua respiração atingir minha intimidade já exposta. Aperto ainda mais as pernas, um formigamento libidinoso percorrendo minha pele sensível.

— Acaba logo com isso — solto, em lamento.

— Mas é tão *bão* ver *tu* assim. — Abro os olhos para encontrar seu semblante divertido.

— Oxe. — Cubro meu quadril com o lençol. — Então agora é *tu* que vai ficar sem ver nada. — Cruzo os braços e finjo estar brava.

Com destreza e rapidez, o xerife inverte o corpo e escala por cima de mim, pairando seu rosto sobre o meu. Seus olhos, divertidos, miram os meus, então ele baixa o suficiente para resvalar a ponta do seu nariz contra o meu.

— *Tu* gosta, diaba, que eu sei.

— O que *tá* acontecendo com *tu*? — solto a pergunta que tem espezinhado minha cabeça desde que ele invadiu a lanchonete.

— Como assim?

— Uai. *Tu* aparece em casa carregado, bêbado, depois na lanchonete com aquela cena perante todos e ainda vai me buscar no serviço. *Pra* completar, *tá* aqui de chamego, coisa que nunca fez.

— Prefere que eu vá embora? — Salta para o meu lado da cama e se ajeita entre os travesseiros.

— *Tu* sabe que não. — Jogo minha perna e braço sobre ele, apoio a cabeça em seu peito e sinto o retumbar acelerado.

Aposto que está incomodado com o rumo da conversa, principalmente porque ela vai levar até a morena bonita que chegou à cidade à procura dele.

— Eu mudei, uai. Todo mundo tem direito a isso.

— Tem, é claro. Mas *tu* era convicto demais em não mostrar envolvimento com ninguém. Xerife, não sou boba, há menos de dois dias declaramos isso na tua cama.

— E *tu* não contrariou quando assumi para a lanchonete toda o nosso enrosco.

— Nunca tive problema em admitir isso. Já disse uma vez e digo de novo, ninguém tem que meter o nariz na minha vida.

— Queria pensar como *tu*.

— É fácil, só não viver de opinião alheia.

— Não é tão fácil quando *tu* é o foco do mexerico.

— Mesmo? Vai dizer isso logo *pra* mim, que virei assunto desde que desci daquele ônibus.

— O que *tu* enfrenta não chega nem aos pés do que passei. Larguei minha vida para trás, família, casa, cargo, caí no mundo e nunca mais voltei.

— Isso tem alguma coisa a ver com a morena bonita que procurou por

tu?

— Como *tu* sabe da Diana? — Ele ajeita o tronco na cama, incomodado.

— Então esse é o nome dela? Sim, ela esteve duas vezes lá na lanchonete e, pelo visto, *tá* cuidando bem da sua casa.

— Não sei, porque não fiquei lá.

— Isso, eu sei. *Tu* dormiu aqui bêbado, no dia que ela chegou, e hoje *tá* aqui de novo.

— Pois é. Depois de tantos anos, veio atrás de mim, mas já deixei claro que não vai funcionar e despachei *ela* de volta.

— Então ela já foi embora?

— Acho que sim. Ao menos, o baú já saiu de Santino a essa hora. Não tem com o que se preocupar. — Ele acaricia minhas costas.

— E quem disse que *tô* preocupada comigo? Mulher nenhuma me bota medo, xerife. — Empertigo o corpo e me sento na cama.

— Oxe. Então, por que do interrogatório?

— Só *tô* pensando no seu bem-estar. A mudança de comportamento que *tu* teve não é normal. Ela deve ter machucado demais teu coração.

— *Tá* falando sandice. — Ele se levanta da cama pelo lado oposto.

— Se *tu* diz. — Dou de ombros e me levanto. — Vou tomar um banho. Se quiser se refugiar aqui de novo, não me importo.

Por um momento, durante o banho, penso que ele virá me acompanhar e toda a conversa constrangedora ficará esquecida, mas isso não acontece. Escuto, minutos depois, a porta bater e deduzo que mais uma vez ele optou por fugir.

Se tem algo que entendo é de fuga. Fiz isso quando me deslumbrei pelo traste do Dodô, parti sem olhar para trás, vivi por dez longos anos com as migalhas que ele oferecia, até acordar para a realidade e dar um basta.

Tudo caminhou muito bem, até eu ser obrigada a fugir de novo, já que meu passado resolveu voltar e não estava disposta a pagar o preço que ele cobraria.



Na madrugada seguinte, saio pelo portão pronta para mais um dia de serviço, o dia clareia devagar, preguiçoso, o frio está mais presente hoje, por isso uso gorro e uma jaqueta forrada e grossa.

Guardo as chaves na pequena bolsa e atravesso a rua, caminhando pela praça deserta, rumo à lanchonete.

Lembranças da noite de ontem trazem a conversa com o xerife, não queria estragar nosso momento, estava tudo muito bom, mas foi ele quem quis saber o que eu pensava.

Sinto um arrepio percorrer minha espinha, fecho os braços em torno de mim, o ar gélido castiga a pele do rosto, aperto o passo e, por instinto, olho para trás.

Uma sensação incomum de ser observada, fecho o cenho, continuo a caminhar, estou a menos de um quarteirão da lanchonete, viro a primeira esquina e trombo em alguém.

— Ainda bem que te encontrei, Maricota. — Ergo os olhos, alarmada.

— O que *tu tá* fazendo aqui? — Afasto um passo, mas sua mão fecha em torno do meu braço.

— Procurando *tu*. Já disse que não vai fugir de mim.

— Solta meu braço. Eu não vou contigo.

— Ah! *Tu* vai, sim. Vai me obedecer de novo, Maria Tereza, ou pode dar adeus para o delegado de merda que está se enfiando no vão das suas pernas. — Seus olhos injetados, completamente raivosos, se aproximam dos meus de forma ameaçadora. — Sim, querida esposa, tenho observado você há um tempo, só esperando o momento certo de te procurar.

— O que você quer de mim?

— Por enquanto, que seja minha espiã. Quero saber como andam as investigações da carga roubada e o que planejam.

— Então foi *tu*?

— Claro! Quem mais tem competência de roubar tanto boi quanto eu?

— Seu maldito. Por que não some no mundo?

— Até quis, mas te vi no bar, trabalhando. O dono mentiu quando disse que nunca te viu, já sabia de *tu* ali, foi uma coincidência, mas veja se não é o destino conspirando a nosso favor.

— Me deixa em paz, Dodô. Eu não tenho nada *pra* te oferecer. — Tento soar firme, mas meu tom sai pedante.

— Ah, tem sim, Maricota. — Com a mão livre, ele desliza pela minha

bochecha e eu rapidamente desvio. — Por enquanto, vai trabalhar na lanchonete e descobrir o que pedi.

— Como vou fazer isso?

— *Se vira! Tu abre as pernas pro caboco, com certeza consegue tirar mais dele.*

— Posso ser presa.

— Aquele imbecil *tá* arriado por *tu*, nunca que vai te prender.

— Isso não vai dar certo, Dodô. Vai embora, foge enquanto tem tempo.

— Todas as estradas estão bloqueadas. *Tô* rodando, me enfiando em buraco atrás de buraco, para despistar os vermes da minha cola.

— Mas...

— Cala a boca! — Segura meu queixo com força. — Não *tô* negociando contigo, Maricota, *tu* vai fazer o que *tô* mandando ou dou cabo do delegado e jogo a culpa toda em *tu*.

Engulo em seco, ciente de que se ele realmente quiser, é capaz de fazer isso e muito mais. Dodô sempre foi um homem perigoso, tem contatos e sabe como tornar real suas ameaças.

— *Tá.*

— Amanhã à noite te procuro, para ter notícias.

Ele solta seu aperto e atravessa a rua, apressado, sumindo ao entrar em uma ruela. Penso em tudo o que ele disse, meus olhos marejam, desacreditada por ainda estar presa a esse infeliz.

Caminho devagar, ponderando minhas opções, fugir é uma delas, mas temo o que ele possa fazer ao Matias. Só de vingança, tenho certeza de que

daria cabo do homem, para quando me encontrasse novamente, pudesse jogar essa culpa nas minhas costas.

Entro na lanchonete, desanimada, a manhã que começou tipicamente normal transformou minha vida, o princípio de algo real com o homem que me encantou, está completamente liquidado.

Não sei o que Dodô pretender fazer depois que eu o ajudar, mas acho difícil me largar para trás. Preciso arrumar uma forma de descobrir algo valioso, que o faça sair daqui, enquanto fujo, na direção oposta.

— Diacho! Que bicho te mordeu? Achei que chegaria aqui mais animada, depois da carona de ontem.

— Oi — respondo, ao amarrar o avental na cintura.

Dona Carlota cruza os braços em frente ao corpo e examina meu semblante derrotado.

— Que se passa, menina?

— Nada não, dona Carlota. Só cansaço mesmo.

— Oxe. E o dia mal começou. *Tu* conseguiu conversar com o xerife?

— Mais ou menos. O homem escorrega feito quiabo.

— Esse é o Matias. Fechado feito ostra, mas tem bom coração. Seja paciente e, acima de tudo, sincera. O homem tem horror à mentira, seja ela de que teor for.

— Ah... sim... — Sua declaração só mostra o quão ferrada estou.

— Acredita que uma vez ele ficou mais de uma semana sem vir aqui, porque eu omiti que sabia sobre uma confusão que aconteceu aqui na frente.

— Que exagero.

— Pois é. Segundo ele, não se pode mentir para a lei e,

principalmente, para um amigo.

Solto um gemido frustrado, enquanto ela tagarela mais sobre a situação vivida. Tudo que eu não gostaria de ouvir agora, a consciência, que já estava pesada, se tornou uma tortura presente.

Passo o resto da manhã me arrastando no trabalho, quando bate o almoço, saio correndo, rumo à delegacia, preciso conseguir logo a informação, antes que algo ruim aconteça.

Já me decidi: despacharei Dodô o quanto antes e o mais longe possível de Santino, enquanto isso preparo minha fuga, só assim esse homem me deixará em paz e eu poderei garantir a segurança de Matias.

Entro na recepção da delegacia e vejo exatamente quem eu procurava. Se alguém pode me ajudar sem causar alarde ou, ao menos, perceber que está entregando informações, é o guarda Josias.

— Tarde.

— Dona Tetê, como vai? — Ele abre um sorriso simpático.

— Bem, guarda. *Tava* passando por aqui e resolvi dar um oi.

— O delegado *tá* ocupado, interrogando uma testemunha.

— É mesmo? — Tranço uma mecha de cabelo entre os dedos. — E qual é o caso?

— O roubo de carga. Esta delegacia só se fala, faz e trabalha nisso.

— Ah, que bom. Acha que já vão resolver o caso?

— Não sei. Já faz um par de horas que a mulher *tá* lá dentro.

— Mulher?

— Sim. Ela era empregada na fazenda que foi roubada.

— Nossa, que interessante. E qual o nome dela?

— É...

— Guarda Josias! — Saltamos no lugar com a voz imperiosa vinda da entrada do corredor. — O que faz aqui, dona Tetê?

Engulo em seco com o coração quase saltando pela boca.

Agora lasquei-me!



Capítulo 27

"Quem não arrisca não petisca"

Tetê

O olhar desconfiado e imperioso dele é normal, mas quando se tem culpa na situação, tudo é motivo para acreditar que se foi descoberto. Saio da minha paralisia momentânea e lanço um sorriso engessado em sua direção.

— Olá, xerife. Aproveitei o intervalo para vir falar com *tu*.

— Comigo? Agora? — Suas sobrancelhas erguem e resolvo fechar a nossa distância.

Deslizo a mão pela sua camisa cargo verde-musgo, de mangas curtas e completamente ajustada aos músculos proeminentes. Seguro o distintivo preso no peito pelo cordão de metal e o nó da culpa pesa na garganta.

— *Tu* saiu daquele jeito ontem, achei que estava chateado.

— *Tá* enganada. Não fiquei chateado. Por quê? Você ficou? — Ele segura meus pulsos e ergo meu olhar para o seu.

— Não.

— Olha, Tetê, *tô* meio ocupado agora, interrogando uma testemunha. Mais tarde a gente se fala. Pode ser?

— Claro, xerife. Vamos para a sua casa hoje?

— Não! — ele responde, alto demais — Quer dizer... melhor a sua, já que levanta muito cedo amanhã. — Sua mão acaricia meu rosto e apesar do sorriso ameno, sinto que algo não se encaixa no seu comportamento.

Primeiro ponto é toda essa atenção. Nunca, que o xerife que eu conheço, me daria tanta trela assim, ainda mais ocupado com um caso na delegacia.

— *Tá certo.*

— Acho que vou demorar muito para sair daqui, então pode ir sozinha mais tarde. Quando liberar, vou direto ao seu encontro.

— Claro. — Sorrio apertado e me afasto. — Pode ir. — Aponto para o corredor.

Assim que o homem se vai, retorno até o balcão, pronta para arrancar mais informações do guarda.

— Então... essa testemunha deve ser importante mesmo, não é?

— Ah, sim. Ela vai nos levar até o mandante, com certeza.

— E pretendem armar alguma emboscada?

— Aí, depende das informações que o xerife vai extrair dela. Por que o interesse, dona Tetê? — Ele apoia um cotovelo no balcão e aproxima o tronco.

— Nada. Só tô preocupada com o delegado. Pode ser perigoso.

— Faz parte da profissão, *né*? Um homem da lei tem que estar pronto para qualquer coisa.

— Tem razão. Mas eu ficaria mais tranquila se ele falasse mais sobre isso. Às vezes o acho fechado demais, como se escondesse coisas.

— Tem coisa que é melhor não falar.

— Sim. Se ele avisasse quando sai para essas batidas, pelo menos, eu acenderia uma vela e rezaria por ele. Aliás, por todos vocês.

— Ah, minha mãe tem esse costume.

— *Tu* avisa *ela* quando sai para investigações perigosas?

— Sim. Sempre. — Pisco duas vezes, retomando o raciocínio, já que me perdi na justificativa desse rapaz conseguir chegar a ser policial.

— E poderia me avisar? Quando ele sair? Isso deixaria meu coração tão mais tranquilo. — Transpareço o máximo de sofrimento que consigo.

— Claro. *Podexá*.

— Agradecida. Só fica de bico calado, *pra* ele não brigar com a gente.
— Levo o indicador à boca.

— Ah, sim. Nem uma palavra, dona Tetê. — Ele passa os dedos em frente os lábios, como se fechasse um zíper.

— Agora me vou. Tenho que voltar para a lanchonete.

Saio da delegacia com o coração na mão, não me agrada em nada usar as pessoas dessa forma, no entanto, não tenho outra saída. Preciso me livrar daquele traste o quanto antes, só espero ter informações o suficiente para quando ele vier atrás de mim.

Retorno para a lanchonete, ao entrar dou de cara com uma cabeleira cacheada, já conhecida por mim.

O que essa mulher ainda faz aqui?

— Tarde. — Contorno o balcão de olho nela.

— Tarde. *Tava* procurando por *tu*. Dona Tetê, não é?

Sinto um desconforto imediato, nada de bom vai sair dessa conversa, ainda assim, o bichinho da curiosidade me aguça em dar trela para a mulher.

— Pois bem, já me encontrou. Senta naquela mesa, que eu vou pegar dois cafés. — Sorrio de forma amistosa, aprendi há um bom tempo bancar a dissimulada.

Munida de duas xícaras cheias na bandeja, marcho para a mesa mais afastada, próximo às janelas, onde a mulher examina a rua, enquanto tomo o lugar à sua frente.

— Tome. — Coloco uma xícara à sua frente. — Então, no que posso lhe ser útil?

— Vamos cortar a conversa fiada. Eu sei que *tu tá* de caso com meu marido. — Arregalo os olhos — Ex, na verdade, mas isso vai mudar em breve.

— *Tu tá* falando do xerife?

— Sim. Ele mesmo.

— Engraçado que ele nunca falou de *tu*.

— E por que motivo acha que ele saiu da tua casa ontem e foi embora? Eu *tava* esperando por ele na cabana.

Solto um riso debochado, não consigo disfarçar o descaso ao perceber a tentativa da mulher de fazer intriga. Vivi tempo demais dos dois lados da moeda para saber o quão baixo uma pessoa pode chegar por acreditar em esperanças vazias.

— Olha...

— Diana.

— Diana. O xerife e eu temos algo recente, nossa intimidade está mais focada nos lençóis pegando fogo do que em desenterrar passado. — Ela se remexe na cadeira, desconfortável, e isso faz meu sorriso se alargar ainda mais. — Ele não fala das suas feridas e eu não falo das minhas. Não preciso prender *ele* na minha cama pela noite toda, para saber que tenho sua fidelidade.

— Acha que ele vai te pedir em casamento? Pois não vai. — A raiva começa a tomar seu semblante.

— E quem disse que quero ferradura? *Tô* muito bem assim, acredite.

— Você só *tá* se prestando a um papel vergonhoso, isso sim!

— Ah, mesmo? Pois acho que você deveria encarar o espelho, querida. Sair do buraco que estava e vir parar em Santino, atrás de um ex-marido, é muita falta de amor-próprio. Se quer me julgar como vadia por ter liberdade de ir e vir, transar com quem eu quiser e não rotular meus envolvimento, assumo o papel de bom grado. Ao menos somos livres. Tanto ele, quanto eu.

— E te agrada saber que quando ele parte, é para a cama que eu durmo que ele se aconchega?

— Na realidade, não me importa. O chá que eu dou nele, tenho certeza de que não sobra nada para fazer além de dormir. — Vejo a pele dela tomar um tom de vermelho incomum. — Agora, se poupe da vergonha e dá o pé daqui. Já passou do ridículo essa situação.

— Eu vou, mas não pense que eu desisti. — Ela se coloca de pé.

— *Tô* longe de achar isso.

Assim que ela sai do meu campo de visão, apoio os cotovelos sobre a mesa e encosto os indicadores sobre os lábios.

Então, ele ainda não resolveu o problema, mas por que disse que havia resolvido?

— Xerife, não faça eu me arrepender.



Xerife

Viro mais um comprimido de relaxante muscular goela abaixo, indicação da esposa de Bento, quando me viu levantar do sofá da sua casa, praticamente travado.

Depois que saí enfezado com a diaba ontem, fui direto para casa, louco por um banho e minha cama. Suas palavras atingiram um ponto incômodo em mim, não queria parecer o fraco que um dia já fui, a vergonha foi maior e resolvi me afastar.

Estaquei na entrada do quarto quando vi Diana dormindo na cama, serena e tranquila, lembranças de todas as vezes que a encontrei assim quando cheguei de um longo plantão, doido para me aconchegar em seu corpo quente e dormir feliz por tê-la ao meu lado.

Um babaca iludido e enganado.

Voltei para a cozinha, pesquei a garrafa de aguardente no armário de cima e servi uma boa dose, entornando de uma vez. O líquido queimou minha garganta e se juntou com a bola de fogo que dava sinais no meu estômago.

— Já chegou. — Ouço sua voz sonolenta logo atrás de mim.

— Já e não gostei de te encontrar aqui.

— Matias, nossa conversa ainda não terminou.

— Nem deveria ter começado, Diana. — Bato o punho no balcão e viro em sua direção.

— Como você pode ter mudado tanto. Ter esquecido tudo que...

— Que a gente viveu? — Solto uma gargalhada sonora e forçada. — Por favor, você só está envergonhando a si mesma. Vai embora. Eu não quero você, não quero olhar na sua cara. Deu pra entender?

— Já disse que não tenho pra onde ir.

— Este mundão é grande o suficiente pra tu recomeçar onde quiser, menos em Santino. — Pego a chave do balcão e marcho para a porta.

— Aonde você vai?

— Se tu não sai, quem vai sair sou eu.

— Tu ama ela? A loira da lanchonete. — A pergunta sai baixa, mas faz meus passos frearem.

— Isso não é da tua conta.

— Só diz. Fala que tu a ama mais do que me amou, Matias. — Curvo a cabeça sobre o ombro.

A mulher que um dia foi meu mundo está encolhida, com os braços em torno do corpo, o olhar lacrimajante e um semblante sofrido. Há um tempo essa cena seria motivo para meu desespero, não descansaria até trazer o sorriso de volta para seus lábios, no entanto, agora, nenhum sentimento me toma. Só a indiferença está presente.

— Se um dia eu for capaz de amar de novo, Diana, aquela mulher será a única que aceitarei em meu coração, porque ao contrário de você, ela não esconde quem é de verdade.

Saio da pequena copa, ainda intrigado, o que Tetê poderia querer aqui, ainda mais depois de eu sair daquele jeito da sua casa. Ouvi seus questionamentos para Josias, sobre o caso da carga roubada, nunca a vi tão interessada em nada relacionado a isso.

Retorno para a sala de interrogatório, a mulher que um dia defendi,

parece realmente envolvida com as informações passadas sobre a fazenda. Ainda não temos o nome, mas sua mudança de vida em tão pouco tempo, só pode significar que foi muito bem paga para o serviço.

— A senhora pode nos poupar tempo, já estamos nisso a manhã toda — Cássio declara, tão cansado quanto eu.

— Já disse que eu herdei um dinheiro, por isso comprei a casa na cidade.

— Nós sabemos que a senhora não tem ninguém, sabemos que teve contato com o assessor do prefeito e que ele não vai com as fuças do seu antigo patrão — declaro, ao fechar a porta atrás de mim.

— E quem vai? Aquele homem é um desgraçado.

— Não irei discutir a índole dele, mas sim o roubo. Alguém facilitou e eu acho que foi a senhora. Se nos ajudar, posso tentar aliviar seu lado de alguma forma. — Cássio espalma as duas mãos na mesa e encara a mulher.

— Acha que vou acreditar nisso?

— É sua única solução, senhora — garanto, ao ocupar a cadeira vazia em frente a ela. — Olha. Eu entendo que na sua situação foi a melhor alternativa, ganhou uma bolada só para dar algumas dicas, pode até alegar não saber do plano, isso não nos importa. Nós queremos o cabeça e principalmente quem está remanejando essa carga de um lado a outro.

Seus olhos encaram os meus, por um breve momento a vejo fraquejar, ponderar as opções, isso me dá algum ânimo.

— Um homem me procurou em casa, seu nome é Dodô. Disse que tinha um bom jeito de tirar minha barriga da miséria. Só precisava ficar de tocaia na fazenda, passando informações sobre as cargas.

— Ótimo. — Cássio ocupa a cadeira ao meu lado e começa a anotar

tudo em um papel. — O que mais?

— Eu fiz o que ele mandou. Cumpri o serviço e recebi o dinheiro.

— Entregue pelo assessor do prefeito?

— Sim.

— Ótimo! — Levanto-me da mesa, mais animado e até esquecido da dor nas costas.

— Vamos até o gabinete? — Cássio também se levanta.

— Claro.

— Não vão me soltar? — A mulher se preocupa.

— Sinto muito, mas ainda não — declaro e rumamos para fora o mais rápido possível.

Peço a Bento para entrar em contato com o juiz da vara e solicitar uma ordem de prisão, a caminho do gabinete entro em contato com o senhor Edmundo, que combina de nos aguardar na entrada.

Assim que chegamos, a secretária informa que tanto o prefeito quanto o assessor estão na capital e demorariam em torno de uma semana para retornar.

— Filho da...

— Meu pai com certeza sabia da mulher. — Edmundo passa a mão pelo rosto.

— E agora? — Cássio bate os braços na lateral do corpo.

— Agora a gente faz um retrato-falado do tal Dodô e espalha por aí.

— Acha que vai funcionar? — Edmundo questiona, incerto.

— Alguém vai abrir o bico. Eles estão por aqui, precisam sair, comer e assuntar as estradas.

— Ofereça uma recompensa, eu pago — Edmundo oferece.

— Tudo bem.

Cássio e eu voltamos para a delegacia, passo o resto da tarde com Bento e a prisioneira, criamos o retrato-falado com a recompensa e, tanto a delegacia de Cássio quanto a minha, se mobiliza em espalhar a informação.

Já é noite quando deixo o plantão, penso em ir para casa, mas se conheço bem a Diana, tenho certeza de que ainda não desistiu da ideia fixa de ficar em Santino.

Estou estafado e cansado demais para trazer mais uma briga à tona, por isso rumo para a casa da diaba. Estaciono do outro lado da rua, vejo sua casa toda apagada, o que é estranho, ela não dorme tão cedo assim, atravesso e ao alcançar o portão, percebo o trinco aberto.

Entro devagar, tiro a arma do cós atrás da calça e cauteloso me aproximo da entrada. A porta está encostada, arrisco um olhar e ao ver tudo revirado, eu a termino de abrir e invado o lugar.

— Tetê — chamo, mesmo sabendo que não é o correto.

Cansei de fazer abordagens e invasões, sei cada passo e procedimento, porém, o medo que me tomou quando vi objetos caídos e espalhados pelo chão da cozinha fez meu raciocínio murchar.

— Ela sumiu — constato, ao ver o quarto revirado, assim como a cozinha.

Saio em disparada, saco o celular do bolso e começo a ligar para as pessoas mais próximas.

— O que aconteceu contigo, diaba?



Capítulo 28

"As aparências enganam"

Xerife

Meia dúzia de ligações e vinte minutos depois, a praça da cidade está em polvorosa se organizando para as buscas nas redondezas. Depois de falar com Bento e Carlota ao telefone, voltei para a casa da Tetê à procura de pistas ou algum indício de quem possa tê-la sequestrado, mas não encontrei nada.

Todo meu treinamento tático e os anos de polícia não serviram para manter a calma, estou andando feito barata tonta de um lado para o outro, enquanto ouço as mais variadas suposições dos moradores.

— Ela pode só ter ido embora — dona Marieta se manifesta.

— Claro que não, mãe. Se dona Tetê fosse embora, ela iria se despedir ao menos — Josias contrapõe a teoria.

— Os pertences dela estão todos aqui ainda — Bento justifica.

— Vamos nos dividir e procurar. Alguém deve ter visto algo — Neto, o garoto com quem Tetê dançou e beijou no bar, sugere.

— A polícia já está cuidando disso, por favor, se acalmem e voltem para suas casas. — Bento mantém a voz de comando, mas o burburinho formado mostra que eles não estão dispostos a obedecerem.

— Matias — Carlota surge no meu campo de visão —, tem ideia de quem possa ter feito isso?

Estou sentado no banco, cansei de rodar e sentir minha cabeça a ponto de explodir, minha vontade é gritar, esmurrar ou talvez só me culpar, por não ter mantido a atenção que eu deveria sobre ela.

— Sim. Um ex, perseguidor. Heitor me falou sobre alguém que a

procurou no bar há uns dias, por isso ela saiu de lá.

— Meu Deus. Será que foi ele quem a raptou?

— Só pode ser, Carlota. O pior é que não tenho ideia de para onde possam ter ido. Eu não sei nada do passado dela, nenhuma pista — justifico, aflito, e minha amiga segura minhas mãos.

— Acalme-se, xerife. Você precisa usar todo seu treinamento agora. Nós vamos encontrar sua garota.

Solto um sorriso que não alcança os olhos, o otimismo dela me conforta, como sempre faz quando preciso manter a cabeça nos trilhos. Levanto-me em um rompante, Bento se aproxima enquanto o burburinho aumenta.

— As viaturas estão à procura, xerife, mas ainda nada.

— Ligue para Cássio, peça para que faça buscas na região. Precisamos de uma foto dela.

— Eu tenho do chá de bebê. Ela tirou com a Clarice e eu.

— Perfeito. — Viro o corpo para os cidadãos presentes. — Atenção! — O barulho cessa e todos se atentam a mim. — Isso é uma investigação policial, um possível sequestro, e não vou permitir que interfiram. Quem não tem um distintivo e fale pela lei, pode ir embora agora.

Ao som de protestos e algumas reclamações que poderiam ser consideradas desacato, um a um toma o rumo de suas casas e restam somente Bento, Josias, eu e Carlota acompanhada de Diógenes.

— Nem me olhe assim, xerife. Nós vamos ajudar a procurar a Tetê. — Carlota cruza os braços e sei que a batalha seria longa demais.

— Não tenho tempo a perder, então, por favor, tomem cuidado. — Troco um olhar significativo com os dois, que só acenam em concordância.

— Vamos nos espalhar. Bento cuida da rodoviária, peça acesso às câmeras de lá, veja quais linhas partiram desde o horário que ela saiu da lanchonete. Carlota e Diógenes, procurem nas redondezas, casas afastadas e informações com moradores. — Eles acenam e saem para cumprir o combinado — Josias, você... Ah, você volta para a delegacia e fica de olho, caso chegue uma denúncia ou informação suspeita.

Os ombros do rapaz caem, mas eu não tenho tempo de consolar seu ego. O homem não pilota nem uma lambreta, como vou ordenar uma busca para ele?

Cada um toma seu rumo e eu vou direto onde tudo isso começou. Estaciono ao lado do bar e entro, afobado, a forma como Heitor me encara fica claro que ele já sabe o que se passa.

— Nada por aqui, xerife. Tenho ficado de olho em todos que entram nos últimos dias, mas nem sinal do homem.

— Só pode ter sido ele, Heitor. — Acerto o punho no balcão, irritado.

— Concorde, mas o que se pode fazer? Dona Tetê nunca abriu a vida dela para ninguém. Nem sabemos de onde ela é.

— Eu vou encontrá-la. Custe o que custar.

Saio do estabelecimento ainda mais irado, acho que o arrependimento por ter mantido aquela mulher a um braço de distância me deixou mais aborrecido.

Rodo de carro por todos os buracos que já investiguei o caso de carga roubada à procura de algo suspeito, Bento enviou a foto dela, abordei algumas pessoas perguntando se a viram e todos davam a mesma resposta.

Encaro o relógio e já passam das duas da manhã, retorno para a delegacia, uma caminhonete de bacana está parada na vaga, franzo o cenho

ao pensar quem poderia ser a essa hora.

— Xerife, esse é senhor Lucio.

— Eu sei quem ele é. — Cumprimento o homem que vem na minha direção.

— Boa noite, xerife. Fiquei sabendo através da Dolores que Tetê sumiu.

— Você a conhece? — Estranho ainda mais.

— Sim. Reconheci na foto, ela morava em Palomino, na mesma época que eu.

Solto o ar, aliviado, isso pode nos dar alguma pista.

— Venha comigo. — Saio em disparada para minha sala. — Conte tudo que sabe sobre o ex-marido, ela morou com ele lá, não foi?

— Sim, morou. Ele é caminhoneiro. — Ambos ocupamos nossos lugares. — Depois de uma briga, ela foi abandonada e viveu anos sozinha.

— Sabe o nome dele?

— Só o apelido. Dodô. Ele passava mais tempo fora do que lá, mas se quiser, posso ligar para minha mãe e perguntar se tem alguma notícia nova.

— Por favor. Vou ligar na delegacia de Palomino e pedir por auxílio.

Passamos o próximo par de horas acordando pessoas e buscando por informações relevantes. Com a mãe de Lucio, conseguimos descobrir que Dodô andou pela cidade na mesma época em que Tetê sumiu, isso comprova os motivos de ela chegar repentinamente em Santino.

Já no meu caso, consegui com o delegado preguiço de Palomino informações sobre a identidade do tal Dodô. Domingos é seu nome, tem trinta e oito anos, mede um metro e oitenta, cabelos curtos e escuro, pele

queimada de sol e trabalha de forma independente.

Sem registro ou vínculo empregatício com nenhuma empresa, atualmente está sumido das estradas, ninguém ouviu falar do homem por um tempo.

— Agradeço muito sua ajuda, senhor Lucio.

— Disponha. Tetê sempre foi boa gente, o povo que gosta de implicar com o jeito dela.

— Pois é. — Solto um riso, me lembrando da sua forma ativa e desinibida de agir.

Assim que estou sozinho, faço uma ligação para Cássio, que mantém seu pessoal nas estradas à procura da loira possivelmente raptada.

— *O que manda, xerife?*

— Preciso que você registre um alerta de procura. Achei quem é o ex-marido da Tetê, não posso continuar daqui, afinal, estou envolvido emocionalmente no caso.

— *Sim. Compreendo. — Ouço seu pigarrear. — Você cogitou a hipótese dela ter ido por vontade própria?*

— Ela fugiu da cidade que morava, abandonou a casa que tinha, tudo para não ser encontrada por ele.

— *Tá certo. Envia o que tiver dele e tomarei as providências. E, xerife?*

— Sim?

— *Eu assumo o caso de possível sequestro daqui. Você não vai mais meter o nariz nisso.*

— Uma ova que não vou.

— *Não. você não vai. Envolvimento emocional é a primeira causa de merdas e cagadas gigantescas em qualquer operação e você sabe muito bem disso.*

— *Eu tinha que ter protegido ela.*

— *Bom, se não fez, lide com a sua culpa, mas me deixe fazer o trabalho.*

A linha fica muda e por muito pouco não joga o aparelho na parede à minha frente. Ando de um lado a outro na sala, pareço um animal enjaulado, preso sem esperanças de me libertar.

Eu sei que Cássio está coberto de razão, por isso contei sobre meu envolvimento com a possível vítima. Não posso comandar o caso sendo uma das partes interessadas, isso acabaria em tragédia quando ela fosse localizada.

Não penso duas vezes para enfiar uma bala certa no infeliz que a levou. Um homem que não sabe ouvir não e vive da subjugação de outro não é digno de viver.

Os minutos parecem horas, a cada segundo sinto o coração se apertar um pouco mais em agonia, Bento ligou, disse que as linhas que saíram da rodoviária não foram interestaduais, assim que me passou os destinos entrei em contato com a polícia local para organizar uma busca, já que agora tinha a imagem dos dois.

Nada disso foi feito na legalidade, já que pelo sistema tudo é burocrático demais e levaria tempo, apesar de poder registrar seu desaparecimento imediato, ele ainda não pode ser considerado um sequestro, não temos tempo suficiente nem pedido de resgate.

O fato de ela ainda ser casada legalmente com o traste pode complicar um pouco mais as coisas. Passo a mão pelo cabelo desganhado, minha

aparência deve ser a pior possível, já tomei um litro de café que só serviu para deixar meu humor ainda mais agitado.

Abro uma pasta à minha frente, do inquérito sobre a carga roubada, outro caso que só tem dado dor de cabeça. Encaro a cópia do retrato-falado e nome do suspeito, salto da cadeira na mesma hora.

— Porra! É ele! — Marcho com o papel em mãos até o xilindró e bato com o cano da arma na grade. — Senhora!

— Oi! — Ela se levanta assustada, ainda sonolenta.

— Esse homem na foto é o rapaz que a contratou? — Aponto a tela do meu celular.

Ela se aproxima, temerosa, encara a arma na minha mão e eu a guardo novamente no cós da calça, na parte detrás do corpo.

— Sim, é ele. — Ela sacode a cabeça, enfatizando a resposta.

— Obrigado!

Minha cabeça começa a girar, milhares de possibilidades a rondam, não quero acreditar em nenhuma, mas fica muito difícil não ligar esses pontos, por mais que pareça errado.

Mando uma mensagem para Cássio, marco um ponto de encontro próximo do Pau Dentro e tento localizar Bento, que parece incomunicável no momento.

— Diacho! — Chego à recepção e o guarda Josias se levanta. — Coloca teu colete, nós vamos dar uma batida.

— Onde?

— Não interessa, homem, Só me segue — brado, já caminhando rumo à saída.

Se a suspeita que não quero acreditar for verdade, resolverei dois casos assim que eu encontrar a diaba. E talvez isso a transforme de vítima para cúmplice.

Ao chegar ao ponto de encontro, vejo Cássio encostado na frente do carro, cabeça baixa e pensativo. Quando me aproximo com Josias, ele ergue as mãos, pronto para um discurso.

— Xerife, eu disse...

— Corta essa. Temos mais uma pista do caso da carga roubada.

— Do que você está falando?

— É, do quê? — Josias repete feito papagaio ao nosso lado e eu o lanço um olhar mortal.

— Maria Tereza possivelmente está mancomunada com nosso assaltante.

— O quê? — ambos questionam e eu torno a olhar repreensivo para Josias.

— O apelido dele chamou minha atenção e mostrei uma foto para a cúmplice no caso, ela confirmou. O ex-marido é o procurado.

— Merda!

— Não pode ser — Josias torna a se manifestar.

— Guarda, cala a boca — repreendo.

— Isso muda toda a questão.

— Sim, mas manteremos em sigilo e continuaremos a procurá-la como desaparecida.

— Assim não levanta suspeita — Cássio conclui.

— Exatamente.

— Vou avisar alguns dos meus homens de confiança e organizarei mais uma busca pelos casebres ao redor.

— Aproveita e envia a foto para a testemunha fora da cidade. Se ela o reconhecer, temos a prova da série de roubos pelo mesmo suspeito.

— *Tá certo.*

Voltamos para o carro, Josias emburrado feito uma criança que perdeu seu brinquedo favorito, chegou até a bufar quando bateu a porta ao meu lado.

— Essa é a vida, guarda. Acostume-se.

— Só se for *pra tu*, xerife. Conheço dona Tetê e sei que ela não faria isso.

— Como pode saber? As pessoas têm suas merdas escondidas. Ela pode ser o bode expiatório dele na cidade.

— Ela não fez isso.

— Contra fatos, não há...

— Há sim! — Ele se altera. — E me admira o senhor, que *tá* junto dela e não acredita na sua inocência.

— O ser humano é capaz de qualquer coisa, Josias. Envolvido com alguém ou não.

Vejo o inconformismo em sua face, mas opta por não estender o assunto. Estou tão chateado quanto ele, até mais, mas não posso deixar a emoção falar alto aqui.

Sou um homem da lei, preciso de provas, fatos e argumentos tangíveis, infelizmente tudo aponta em sua direção. Até mesmo a casa em desordem, para insinuar um possível sequestro ou fuga.

É lamentável, mas parece que eu caí no golpe de uma vigarista.



Capítulo 29

"Não há bem que sempre dure nem mal que nunca se acabe"

Tetê

Dois dias depois

Abro os olhos e encaro o teto de telha cinza ondulada, encardida pelo malcuidado, assim como todo o casebre. Estamos próximos do bar onde trabalhei, pelo que entendi, Dodô se mantém por aqui desde que roubou a carga.

Quando cheguei em casa aquele dia, estava cansada mental e fisicamente, só queria um banho longo e relaxar até o xerife chegar. Ainda não sabia como afastar Dodô de Santino, mas aquela seria minha oportunidade de despedida.

Se, por um milagre, conseguisse me safar do pilantra, Santino é o último lugar que eu poderia pisar, afinal, arriscar permanecer na mesma cidade que seu ex-marido procurado te encontrou é muita burrice.

Quando atendi o portão, com um sorriso nos lábios, imaginei uma noite bem diferente do que a que aconteceu. Dodô segurou meu punho e entrou com rapidez para dentro de casa.

— Arruma tuas coisas.

— *Tu* disse que queria informações e eu consegui.

— Mudança de planos, Maricota. Já sei que a vagabunda que paguei para passar as informações foi detida. *Tô* lascado.

— Então vai embora, homem.

— E largar toda a carga aqui? De jeito nenhum.

— Dodô, você *tá* se arriscando muito. Estamos no meio da cidade.

— Essa cambada de lesado não enxerga nada, nem que quisesse. Arruma sua trouxa e vamos.

— Por quê? Nós terminamos há muito tempo.

— *Tu* nunca vai se livrar de mim, Maria Tereza. Te tirei daquele buraco, dei uma vida boa, mas tolerar que *tu* brinque de casinha com um policial? Jamais.

— Eu só quero seguir minha vida em paz.

— Vai ter paz do meu lado.

— Um bandido?

— Isso nunca te incomodou antes. — Ele corta a distância entre nós.
— *Tu* gostava de andar na minha boleia.

— Eu era iludida, mas mudei.

— Aqui *tu* não fica, Maricota. — Sua mão desliza pelo meu pescoço e quando alcança a nuca, seus dedos se apertam em torno de um punhado de cabelo.

— Eu não quero mais *tu*.

— Mas vai querer. Quando relembrar o tempo que éramos só nós dois na estrada.

— Nunca. — Seu aperto aumenta e solto um gemido de dor. — Me solta. — Empurro seu corpo que bate na mesa e derruba a fruteira.

Abro a gaveta ao meu lado em busca de uma faca ou algo pontiagudo, antes que consiga encontrar sinto meu cabelo ser puxado com força e, no recuo, levo junto a gaveta, que se espatifa no chão.

— Arrume suas coisas, agora! — Dodô bate minha cabeça no armário

com força e meus sentidos se perdem por um minuto.

— Não sou sua propriedade, Domingos. — Entro no quarto cambaleando e ele vem atrás.

Arranco a colcha da cama e jogo em cima dele, o infeliz pula por cima do móvel e eu desvio até o guarda-roupa, abro a porta e jogo peças de roupas em sua direção, que rapidamente me alcança.

— Você não é muito inteligente, Tetê.

Foi a última coisa que ouvi e vi antes de ele acertar um soco no meu rosto, que me fez desmaiar de imediato.

Sei que o xerife esteve em casa naquele mesmo dia, combinamos isso na delegacia, minha briga com Dodô teve um só intuito: mostrar que algo está errado com meu sumiço.

Se o homem da lei for bem inteligente, a essa altura já ligou meu sumiço ao roubo das cargas. Deve ter descoberto que Dodô é meu ex-marido, a suspeita detida entregou o nome dele, com meu possível sequestro e o nome idêntico, ele ligará os pontos.

O problema é que estou trancafiada neste casebre, vigiada o tempo todo por quatro homens, comparsas de Dodô, que ainda busca uma maneira de sair daqui com a carga roubada.

Ainda não descobri onde estão os bois vivos, estamos com um pequeno estoque em um carro frigorífero, mas a maior parte, ainda inteira, está escondida em outro lugar.

— *Vambora*. A estrada secundária tá livre. — Dodô entra no cômodo, apressado.

— Como tá livre?

— Tenho meus contatos, Maricota. Agora seja uma boa menina e

entra no carro.

Ele me ergue da pequena cama improvisada ao alçar meu braço com um aperto forte. Saímos do lugar, apressados, os homens em motos, ele em uma caminhonete antiga vermelha, o último deles dirige o caminhão frigorífero que mostra a propaganda de sorvetes.

Os motoqueiros saem na frente e logo chamam Dodô em um sistema de rádio no carro, eles são batedores, verificam o percurso por onde o caminhão poderá passar.

— *Tu* tem que abaixar. Aquele delegado de merda colocou um alerta de desaparecimento de *tu*. Pelo visto, seu chá de boceta surtiu efeito.

— Eu fui sequestrada. É normal proceder assim.

— Acha mesmo que alguém vai acreditar nisso, se descobrem que *tu* é casada comigo?

Abro a boca para responder, mas fico sem palavras. Ainda somos casados legalmente no papel, fui burra o suficiente para postergar essa situação em forma de vingança pela amante e filho que arrumou.

— Você é um desgraçado. — Acerto um murro no seu braço, então passo a deferir golpes, enquanto ele se defende e mantém a direção.

— Para! Desmiolada! Você vai nos matar.

— Pois que morra os dois, então! — Acerto um soco no seu rosto, os pneus do carro cantam e sou jogada em direção ao para-brisas.

Bato minha cabeça no vidro com força, minha mente gira, a vista embaçada, sinto falta de ar ao agarrar a mão de Dodô que passou a me esganar.

— Sua vadia. Você me paga.

Tudo começa a escurecer, a restrição de ar quase completa, aos poucos meus músculos relaxam e não consigo mais lutar contra seu aperto.

— Dodô. Que merda você faz aqui?

Sua mão afrouxa o aperto e começo a tossir copiosamente, puxando o ar depressa para dentro dos pulmões comprimidos. A visão ainda turva enxerga um homem bem alinhado na janela do carro, o oposto dos comparsas de Dodô, duvido que este seja um subordinado seu.

— Tô fazendo o que *tu* mandou.

— Eu disse *pra* se livrar dessa mulher. Se alguém vê-la *tu tá* ferrado.

— Já falei que ela vai comigo.

— Some logo daqui. O xerife começou outra busca nas redondezas e para ajudar, até os moradores estão procurando essa aí. — Ele aponta para mim.

Se não fosse pela falta de ar que ainda sinto, com certeza estaria rindo com escárnio para o pilantra, que provavelmente é algum informante na lista de Dodô.

— O prefeito garantiu que dará tudo certo. Vou para a fazenda dele buscar a carga.

— *Tá certo.* Ao menos, com o sumiço dessa aí, consegui uma brecha na vigilância da estrada. Anda logo com isso. — Ele bate duas vezes no vão da janela e empertiga o corpo.

Aperto os olhos em direção à sua cintura e vejo uma arma no coldre e ao lado um distintivo.

O disgramado é policial.

Ele segue no caminho contrário do homem, passamos direto pela

saída para a rodovia e tomamos uma estrada secundária, embrenhada no mato até aparecer uma porteira velha em um descampado verde.

— *Tu* vai esperar no carro e comportada, ou juro por Deus que meto uma bala na tua cachola, Maricota. — Dodô estaciona próximo a um grande galpão e pesca uma corda atrás do banco, amarrando meus pulsos junto ao volante.

— Vou pensar na oferta — provoco e ele sai do carro.

Puxo os pulsos, sentindo a fibra raspar na minha pele e um leve ardor surgir. O filho de uma égua apertou demais isso, fecho os olhos e rezo a Deus para que alguém me encontre neste fim de mundo.

Ao longe vejo as portas do galpão serem abertas e por ela passa um grande caminhão de carga, que vem em nossa direção.

— Então é aqui que *tu* esconde os bois — falo para mim mesma.

— Tarde, dona Tetê.

— *Arh!* — grito, ao olhar pela minha janela e dar de cara com o guarda Josias. — O que *tu* faz aqui?

— Vim salvar a senhora. — Ele sorri, tranquilo.

— Abaixa, homem. Os bandidos estão logo ali.

— Eu sei. Estou no aguardo do sinal para te tirar daqui.

— Como assim? — FRANZO o cenho.

— O xerife armou uma emboscada. Conseguiu um mandado para vistoriar a propriedade do prefeito, coisa do filho dele que não vai muito com as fuças do pai... — Josias começa a divagar.

— Fala de uma vez, Josias — o corto, agoniada.

— Pois bem. O fato da carga *tá* sumida só poderia dizer que nunca

saiu do lugar que foi guardada. As denúncias era um jogo para despistar a polícia, assim chegaríamos à conclusão de que a carne foi desmantelada e vendida ilegalmente.

— E como ele chegou a essa conclusão?

— Bom, ele já desconfiava de algum linguarudo na operação. Então resolveu agir sozinho e procurou Edmundo, o filho do prefeito e pediu uma vistoria na fazenda em sigilo.

— E ele autorizou.

— Sim. Faz um dia que estamos de tocaia no galpão, o xerife sabia que viriam buscar o caminhão.

— E como ele sabia que eu *tava* junto?

— Descobriu que *tu* e o meliante são casados.

— Acha que sou culpada também — concluo, ao baixar a cabeça.

— Não. Sim. Primeiro ele achou que *tu* era culpada, depois decidiu acreditar que não era. — Ele dá de ombros.

— *Tá* certo. Não importa. Me solta daqui.

— Temos que aguardar o sinal.

— Preciso soltar meu braço ou não consigo fugir, guarda. Na hora que Dodô ver a polícia aqui, dará um jeito de correr até o carro.

— Espera. — Ele tira um canivete do bolso e invade pela janela.

— Não! Ele pode te ver. — O rapaz recua. — Dá isso aqui, que eu mesma me solto.

— Mas eu que vou salvar a senhora.

— Já vai me salvar parando de falar e me entregando a faca.

— É um canivete.

— Tanto faz, guarda! — brado e ele finalmente obedece ao colocá-la em uma das minhas mãos.

Consigo, com dificuldade, encaixar a lâmina entre os punhos e roçar nas cerdas, aos poucos me desvencilhando da contenção.

Mantenho meus olhos no galpão, acredito que só tenha um ou dois homens com Dodô, os demais que estavam na moto e no caminhão de sorvete seguiram a estrada secundária, provavelmente para algum ponto de encontro.

Avisto o cabo Bento e o xerife saírem de trás do galpão, armas em punho, sozinhos, se aproximam da porta para abordarem os homens.

— Só são vocês três? — Olho assustada na direção de Josias, que se mantém agachado ao lado do carro.

— Sim.

— Então vai lá ajudar, homem. Eu me viro aqui.

— Mas o xerife deu ordens...

— Anda logo, Josias! Eles podem matar o xerife ou o cabo. — O homem empertiga o corpo na mesma hora.

— Quando *tu* se soltar, fuge.

— Claro. Vai de uma vez.

Empenhada, forço ainda mais a lâmina, me soltando aos poucos das cerdas, os olhos atentos no galpão e no guarda Josias, que se esgueira no matagal alto, para chegar próximo dos companheiros.

— Parado! — Ergo o rosto e vejo o cabo apontar a arma para um homem.

Quando o xerife contorna o caminhão com a arma em punho, ouço três disparos e ele recua, usando a lataria como escudo. Percorro o olhar pelo

matagal e não encontro Josias, a respiração audível e nervosa, perco o encaixe da faca na corda.

— Diacho!

O coração tamborila tão forte no peito que sinto-o comprimir o espaço, a adrenalina percorre meu corpo e preciso parar por alguns segundos e respirar fundo, encontrar equilíbrio mais uma vez e continuar a tarefa.

Falta pouco, forço o corte contra a fibra mais um punhado de vezes até que ela arrebenta.

— Finalmente.

— Sujou! — Salto para trás com a porta escancarada por um Dodô ensanguentado. — *Vambora*.

— Não! — protesto, quanto ele tenta ligar o motor e eu o empurro.

— Calada! Porra! — A mira de uma arma engatilhada fixa no meu rosto e eu recuo devagar. — Boa garota.

— Deixa eu ir embora.

— Já perdi tudo aqui, não vou perder *tu*, Maricota.

— Eu só quero ir *pra* casa, Domingos.

— Eu sou tua casa, *disgraça*! — ele brada, ao dar partida.

— *Tá* machucado, não vai conseguir dirigir. — Encaro seu abdome com a camisa ensopada de sangue.

— Embrenho o carro num mato e a gente segue a pé.

— Não vai dar certo.

Enquanto falo com ele, sutilmente alcanço a maçaneta atrás de mim, mantenho meu corpo voltado em sua direção, sua dificuldade em manobrar no terreno me dá uma única chance de pular fora enquanto ele não pega

velocidade.

— Claro que vai. Sempre dá. — Ele esterça o volante e vira o carro para a porteira improvisada.

— Diaba! — Giro o corpo para a janela ao mesmo tempo que Dodô acelera a caminhonete.

Sem pensar nas consequências do que pode acontecer, abro a porta e salto, escuto um disparo zumbir meu ouvido, algo muito duro bate na minha cabeça e eu simplesmente apago.

A única coisa que me agonia é o olhar sofrido do xerife, nunca quis trazer preocupação alguma para ele, muito pelo contrário, cheguei a cogitar ser a cura para as dores desse homem.

No entanto, é tarde demais para fazer qualquer coisa diferente.



Capítulo 30

"A pensar morreu um burro"

Xerife

Deixei Josias na delegacia e rumei para casa, precisava urgente de um banho e esfriar minha cabeça. Cássio tem razão, estou envolvido demais emocionalmente, não posso agir pautado na amargura que cresce a cada instante dentro de mim.

Abro a porta de casa e vejo Diana sentada no sofá, enquanto dobra algumas peças de roupas. Isso só pode ser Deus me punindo por todos os pecados e erros que posso ter cometido na Terra.

— Ainda bem que chegou. Precisa comprar alguns produtos de limpeza. Não tem quase nada na despensa. Como você conseguia sobreviver, Matias? — Enquanto ela fala, eu continuo caminhando pelo corredor até chegar ao quarto e bater a porta.

Pego a toalha de banho, arranco as roupas, me enrolo no algodão macio e rumo para o banho. Por sorte, Diana entendeu o recado e fechou a matraca.

Entro embaixo da ducha ainda gelada, que é bem-vinda, dado ao fervor dentro da cabeça. Ainda tem uma parte de mim que reluta em acreditar na desonestidade de Tetê.

Está certo, a mulher se meteu em mais confusão aqui desde que chegou, do que um morador de uma vida toda, mas nunca partiu dela o furdunço e sempre foi honesta.

Escolher ser desprendida em uma cidade pequena e machista é um grande fardo, ela enfrenta isso sozinha e de cabeça erguida, sempre mostrou ter mais caráter do que as pessoas julgam.

A diferença dela para qualquer outro é o fato de não se importar com o que dizem. A verdade que carrega basta para seu coração, não faz diferença convencer os outros do seu ponto de vista.

Retorno para a cozinha, onde Diana faz alguma gororoba no fogão. A comida dela nunca foi das melhores, mas eu me esforçava a comer e incentivar para que ela não desanimasse.

Talvez meu erro tenha sido poupá-la demais, colocar a expectativa de mulher perfeita acima de qualquer coisa e transferir uma responsabilidade que nunca seria sua.

— Já que sai uma comida fresquinha e, não se preocupe, aprendi muita coisa nesses anos que ficamos separados.

— Diana. Vem aqui. — Aponto para o sofá e ocupo a poltrona.

Ela aceita de bom grado, ainda que vacilante, mantém o sorriso no rosto, como se nossa última conversa não tivesse acontecido.

— Eu faço ideia do que passou quando parti. Apesar do erro ser seu e não sentir pena de você, não deve ter sido fácil enfrentar tudo. Precisei partir, não aguentaria a vergonha, era demais para mim.

— Tô arrependida demais, Matias. Vamos esquecer tudo e seguir de onde paramos. — Seu corpo pende para frente, enquanto ela toca meu joelho com um afago.

— Não dá.

— *Pra* que deixar o orgulho falar alto, Matias. — Sua voz eleva um tom.

— Eu não sou mais o mesmo homem, Diana. Não tem como voltar de onde paramos. Hoje, você não me causa nada, nenhum interesse.

— Isso é só questão de adaptar.

— Não. Não é. Passei tempo demais me curando de feridas que no fundo eu mesmo criei. Consigo compreender que fui culpado por colocar expectativas demais em cima de você, já que não me restava mais ninguém. Só queria uma família feliz, porque eu era infeliz comigo mesmo.

— E hoje você quer fazer família com aquela loira sem graça. — Seu tom é amargo.

— Não sei. Quem sabe? Isso não importa muito no momento. O que farei é problema meu e você... se quiser ficar em Santino, tudo bem, a escolha é sua, mas de mim você não terá mais do que o serviço de segurança prestado pelo governo.

— Você mudou, Matias. — Uma lágrima escorre pelo canto do seu olho e eu a alcanço com a ponta do dedo.

— Sim. Mudei e estou bem com isso. Preciso sair para resolver umas coisas, quando voltar espero não te encontrar aqui, Diana. Tem uma hospedaria na cidade, caso queira, ou pegue um baú de volta para sua terra.

— Que também é sua.

— Não mais. Minha vida é em Santino.

Com um sorriso amistoso, me levanto do sofá e saio da casa, nunca pensei que teria uma conversa tranquila com a mulher que amargou meu peito, mas acredito que seja um bom sinal.

Deixar o passado onde ele pertence e seguir meu caminho, sozinho ou acompanhado, não importa. Viver bem consigo é o primeiro passo para encontrar um caminho de felicidade.

Sentado na mesma banquetta de sempre na lanchonete, lido com o olhar furioso de Carlota, que me chamou de rabugento quando comentei sobre o possível envolvimento de Tetê com o caso da carga roubada.

Na realidade, ela não deveria ouvir, mas quando Bento me encontrou aqui e o atualizei dos últimos acontecimentos, a mulher estava atenta demais na conversa.

— Não creio nisso.

— Também custo a acreditar.

— Isso é uma baita besteira — Carlota grita do outro lado do balcão.

Diógenes se aproxima e tenta acalmar a mulher, que responde meia dúzia de palavras, incluindo panaca e sem noção, provavelmente se referindo a mim.

— Cássio está à frente das buscas, agora mais do que nunca não posso tomar partido.

— Algo nessa história não bate. Vi a casa dela toda revirada.

— Pode ser uma cena montada.

— Acha mesmo que ela seria capaz disso? — Bento gira o corpo na minha direção, solto o ar, cansado.

— Não sei. — Desvio os olhos, sem coragem de encarar meu amigo.

A dor de ser enganado já é algo costumeiro dentro do meu peito, mas essa incerteza, a relutância em acreditar para onde as pistas indicam, posso estar completamente afetado pelo envolvimento com ela, não devo arriscar.

— Claro que ela não está envolvida nisso. — Ambos olhamos para trás e vejo dona Dolores, em toda sua imponência que o um metro e meio permite.

O olhar astuto mira meus olhos a ponto de incomodar e com certeza eu faria, se não tivesse que manter a postura de homem da lei.

— Do que a senhora está falando? — Cruzo os braços em frente ao

peito.

— A mulher não está envolvida em roubo nenhum. Conversei com Lucio, ele esteve na delegacia para dar informações.

— Sim, foi comigo que falou.

— Mas aquele peão lesado se esqueceu de mencionar os mexericos de Palomino.

— Quais? — agora é Bento quem questiona, tão ou mais interessado que eu.

— Ela separou dele há anos, o traste tinha outra família e largou dela. Tetê saiu de casa muito nova, iludida com a vida que teria ao lado de Dodô, subiu na boleia do caminhão e viveu dez anos embaixo do pé de um homem abusivo, ameaçador e sem caráter. Foi uma dádiva quando ele partiu e a deixou em Palomino.

— Mas ele voltou.

— Sim. Voltou recentemente e ela fugiu de madrugada, depois de acertá-lo na cabeça. Alguém viu *ela* embarcar na rodoviária de Palomino, com uma mala pequena, assustada. No dia seguinte, a casa estava abandonada e Dodô já tinha sumido.

— Faz sentido. Você disse que um homem procurou por ela no Pau Dentro — Bento analisa.

— Sim, mas...

— Deixe de ser frouxo, homem. — Volto o olhar surpreso para a senhora corajosa à minha frente — Um homem que leva flores no encontro, no mínimo quer impressionar e *tá* interessado.

— Espera! Você levou flores *pra* dona Tetê? — Bento transforma o semblante com gracejo.

— Quietos — corto, antes que ele comece a chacota.

— *Tu* não tem cara de homem que se engana, a menos que queira, xerife. — Ela aproxima um passo e eu recuo o corpo por puro reflexo. — Sabe bem que ela não tem culpa nessa história e agora *tá* na mão do seu algoz. Vai deixá-lo levar ela sabe-se Deus *pra* onde? — Ela ergue o dedo em riste.

Balanço a cabeça em negação, obediente, me levanto da banquetta, incomodado, e um estalo desperta meu lado racional.

— Bento, vem comigo.

— É *pra* já, xerife.

Deixamos a lanchonete sem olhar para trás, mal entramos no carro e dou partida, rumo à casa da única pessoa que pode ajudar a resolver os dois casos de uma única vez.

— Aonde vamos?

— Esse jogo de gato e rato com a carga só está nos cansando e deixando os superiores no nosso cangote.

— Sim.

— Mesmo com as várias estradas secundárias e a região vasta, já deveríamos ter chegado a alguma evidência.

— Concordo.

— Isso me leva a questão de um dedo-duro, que você levantou.

— Aonde quer chegar, xerife?

— Rodar com caminhonete e caminhão de pequeno porte com carne crua é fácil e passa despercebido, mas a carga viva sempre esteve no mesmo lugar.

— É muito grande para transitar por aí.

— E as estradas bloqueadas pela polícia federal e ambiental não dão saída para quem está com ela.

— Fato.

— Já rodamos cada matagal da região e ainda assim não encontramos nada, Bento. Porém, não revistamos nenhuma área particular.

— As fazendas? — Olho de relance para ele, que mantém o cenho franzido.

— A fazenda. O prefeito está envolvido, mas saiu da cidade com o assessor. E a fazenda dele faz divisa com a roubada.

— Claro! — Vejo um sorriso iluminar seu rosto. — A carga está na fazenda dele.

— Exatamente. Um mandado vai levantar suspeitas e dor de cabeça, mas se o filho autorizar uma busca, podemos encontrar o que procuramos.

— São noventa hectares de terra, no mínimo, xerife.

— Se procurarmos no lugar certo, isso reduz bastante.

Bato a mão no volante, animado, meu peito tamborila em expectativa e apreensão. Preciso achar a diaba e acabar de uma vez com essa quadrilha, de quebra quero o nome do traidor que está jogando dos dois lados.



Bento cuida dos homens detidos no galpão, como previ o local guardava toda a carga, a matança ilegal que investigamos era só um disfarce, corro em direção à porteira escondida por onde o cabeça fugiu com a diaba no carro.

Estamos desde a madrugada em campana, Edmundo aceitou na mesma hora que olhássemos as terras, chamou um dos homens de sua confiança que ajudou a encontrar o lugar com rapidez, mas ainda assim, solicitei o mandado.

— Diaba! — Me jogo no chão ao seu lado. — Diaba, fala comigo! — Seguro seu rosto ensanguentado.

A roupa suja de sangue, procuro pelo ferimento e vejo o buraco em seu braço, alço seu corpo com cuidado e volto o caminho da trilha.

— Ela está bem? — Josias entra na minha frente.

— Eu lhe dei a ordem de tirar *ela* do carro.

— Eu sei, mas..., mas...

— Vai verificar o carro, veja se o tal Dodô ainda está lá.

Minha raiva é tão grande, que provavelmente teria pegado o guarda pelo cangote, se não estivesse tão preocupado em levar a diaba para o

hospital.

— Fica comigo, diaba. Já vou encontrar ajuda.

— Xerife? — Edmundo encosta com seu carro ao lado do galpão. — Ouvi os tiros. Conseguiu pegá-los?

— Sim. Acho que sim. Me ajuda a levar ela *pro* hospital — Ele abre a porta de trás na mesma hora. — Bento! — grito, assim que acomodo Tetê no banco.

— Xerife, ela *tá* bem? — Bento corre até mim.

— Ainda não sei. Estou a caminho do hospital, resolva tudo e chame reforço.

— Pegou o tal Dodô?

— Josias está cuidando disso.

— Josias? — Bento praticamente grita quanto fecho a porta com Tetê apoiada no meu colo.

— Sim. Josias.

— *Tu não tá* pensando direito, mesmo — Bento desdenha e corre em direção à porteira improvisada.

— *Bora*, Edmundo.

Bato no banco da frente e o homem sai do seu estado de torpor, tomando a direção do carro para longe dali.

Estou errado, eu sei disso, mas nada mais importa que não seja ver essa mulher bem e falando, mesmo que seja os desaforos provocativos, quero ver aquele sorriso debochado em sua face.

Acaricio seu rosto, enquanto faço uma prece ao cara lá de cima. Nunca fui muito religioso, é verdade, mas quando o calo aperta, o jeito é

apelar para qualquer santo.

Paramos na emergência, logo um enfermeiro se aproxima e coloca Tetê em uma maca, sigo ao seu lado até estarmos dentro da emergência, onde um homem de jaleco branco se aproxima e começa a fazer os primeiros-socorros.

— O pulso está baixo, doutor — o enfermeiro informa.

— O quê? Como assim? Ela vai morrer? — Me aproximo da maca.

— O senhor precisa sair. — Uma mulher entra na minha frente.

— Sou o delegado.

— Eu sei, xerife, mas está visivelmente afetado e isso atrapalha.

— Mas...

— Faremos o melhor por ela, fique tranquilo. Espere lá fora. — Engulo em seco, mirando seu corpo desfalecido na maca.

Um guarda me conduz até a saída onde Edmundo me aguarda.

— Obrigado, por tudo. — Ele bate no meu ombro em resposta.

— Não por isso. O que acontece agora?

— Reúno as provas, finalizo o inquérito e entrego o caso para a promotoria. A questão ficou mais séria, duvido seu pai se safar dessa.

— acredite. Ele consegue se safar sempre.

— Posso saber o motivo de entregá-lo assim?

— Uma amiga, uma vez, me ensinou que não importa de onde viemos, mas sim o que faremos a partir do agora. Tenho o mesmo sangue dele, mas faço questão de provar que não somos iguais e nunca seremos.

— Entendo.

— Boa sorte com a sua mulher. — Ele aperta os lábios, em lamento.

— Ah... ela não é minha...

— Xerife... Não vamos nos enganar aqui, certo? — Ele pisca e um olho e parte.

Encaro a porta por onde acabei de sair e preciso admitir que se ela sair dessa e aceitar, terei o prazer de chamá-la de minha.



Capítulo 31

“Na necessidade que se conhece o amigo”

Tetê

Abro os olhos vendo um teto branco com luminárias grandes, torno a fechar e quando tento mover o braço esquerdo, sinto uma fisgada rasgar meu músculo.

— Meu Deus! — gemo e torno a fitar o ambiente.

Uma porta branca com uma pequena janela de vidro, o ambiente todo claro, armário em um canto, a cama é confortável e alta, um barulho insistente ao meu lado chama a atenção e vejo uma aparelhagem ligada e apitando.

— Onde eu estou?

A porta é rompida por uma mulher de meia-idade, sisuda, com roupa azul-claro, ela confere o monitor ao meu lado e anota algo em uma prancheta.

— Bom dia, Bela adormecida. — Ela finalmente me encara com um olhar amistoso. — Finalmente acordou.

— O que aconteceu?

— Você chegou aqui com um trauma na cabeça e no braço, foi para cirurgia e tem exatos cinco dias que repousa neste belo quarto particular.

— Como? Eu... achei que tivesse morrido.

— Se lembra do que aconteceu?

— Sim. Meu marido... ex-marido me sequestrou e tentou fugir... O xerife... Onde está o xerife? — Tento erguer o tronco, mas outra pontada aguda atinge o braço e levo a mão pressionando o local.

— Acalme-se. Não sei quem é xerife, várias pessoas já estiveram aqui

para te ver, mas seu corpo e mente ainda não estavam prontos para acordar.

— O que eu tenho?

— Um tiro no braço, próximo ao ombro, dói demais, porém, não lesionou nenhum músculo ou nervo essencial, também bateu forte a cabeça, mas já fizemos todos os exames e não tem qualquer dano. O médico fará a ronda mais tarde para falar com você.

— Minha garganta está arranhando.

— Sim, muito dias sem ingerir água. Vou buscar um copo com canudo e você toma em pequenos goles.

Aceno em concordância e sou deixada sozinha. As lembranças daquele dia invadem minha mente, Dodô sangrando enquanto dirigia, o olhar do xerife ao me ver no carro e no desespero acabei saltando.

Ouvi o tiro antes de apagar por completo, achei que tinha sido atingida e aquele seria meu fim, ao lado do homem que um dia pensei ser meu salvador.

Localizo um controle na grade da cama, aciono o botão e a cama eleva meu tronco, acabo sorrindo com a graça do momento, mas o que me preocupa é quem está pagando por tudo isso.

— Licença. — Uma cabeça conhecida passa pelo vão da porta.

— Carlota — falo mais alto e acabo tossindo pela goela seca.

— *Eita!* Calma, mulher. — Corre até mim, assustada.

— Tô bem, só preciso de água.

— A água chegou. — A enfermeira rompe a porta mais uma vez e me entrega o copo com canudo. — Pequenos goles — alerta, antes de se retirar.

— Como você está?

— Como acha? — Encaro meu corpo na cama. — Toda *estruprada*.
— Ambas rimos.

— *Tá* todo mundo em Santino rezando pela sua recuperação. Estamos na cidade vizinha. O hospital daqui é mais bem preparado, seu Edmundo trouxe você e o xerife direto para cá e disse para não se preocupar com as despesas. Ganhou um quarto cinco estrelas, dona Tetê.

— Quem é Edmundo?

— Filho do prefeito, onde a carga foi encontrada e a emboscada feita.

— E ele não é igual ao pai?

— Não! De jeito nenhum. Edmundo é um bom homem.

— Sei. Mas por que citou o xerife?

— Foi ele quem correu contigo *pra* cá, logo que foi atingida. Ficou três dias enfiado no hospital, até eu obrigá-lo a ir tomar um banho e dormir um pouco.

— Bom, eu sou uma suspeita, natural ele marcar em cima.

— Deixa de ser besta. *Tu* sabe que ele não acampou neste hospital *pra* te vigiar. E *tá* falando de quê? *Tu* é uma heroína em Santino.

— Eu?

— Sim. Josias contou *pra* todo mundo como *tu* foi valente em se soltar sozinha e saltar do carro, quando aquele maluco tentou fugir.

— E como ele está? Vi seu ferimento no carro e não parecia nada bem.

— Ah, menina... ele...

— Morreu. — Encaro os olhos de Carlota, que mantém um pesar, acredito que em respeito a mim, já que Domingos não passava de um

pilantra.

— Sinto muito.

— Pois eu, não. Domingos já tinha passado do limite com essa vida. Seu destino era certo.

— O importante é que *tu tá* bem e logo pode voltar para a lanchonete.

— Não vejo a hora. Nem sei quanto tempo vai demorar *pra* isso parar de doer. — Aponto para o braço enfaixado.

— Vai ficar de molho um tempo, mas logo *tá* na ativa.

— Opa. Licença. — Olhamos para a porta e vejo Heitor, Neto e o pessoal do bar. — Viemos saber notícias da Bela adormecida e avisaram que *tu* acordou.

— Ah, Heitor. Carece preocupar, não. — Sinto meus olhos marejarem.

Não sou uma mulher de chorar por qualquer motivo, mas confesso que todo esse carinho e cuidado tem mexido comigo. Difícil recordar a última vez que alguém se interessou pelo meu bem, sem segundas intenções.

Viver tantos anos por conta própria, sem criar vínculos ou amarras me tornou uma pessoa muito prática, isso esfriou parte da crença de que as pessoas se importam, em Santino consegui reavivar esse lado, mesmo com as confusões que me cercaram desde que cheguei.

Engatamos em um bate-papo animado, recordando bons momentos, contando histórias diferentes e ouvindo as palavras de incentivo de cada um. Acabei sucumbindo às lágrimas quando Neto me abraçou emocionado e seu soluço reverberou em meu peito.

Num morri de tiro, mas vou morrer de infarto!

— Liga não, dona Tetê. Neto *tá* choramingando desde que avisei que *tô* passando o Pau Dentro.

— *Oxe!* E por qual motivo? — Franço o cenho, intrigada.

Heitor sempre demonstrou estar feliz com o lugar, não é um grande negócio, mas lhe rendia bem o sustento, além de manter o emprego do pessoal que trabalha lá.

— Vou voltar *pra* minha terra, já faz anos que estou longe, mas falei *pra* esse paspalho não se preocupar, o novo dono é boa pessoa.

— Alguém da cidade? — Carlota pergunta.

— Não. Veio de fora, acho que é... Palomino. — Arregalo os olhos.

— *Eita!* Minha antiga cidade. Qual o nome dele?

— Tadeu.

— *Num credito.* — Alargo um sorriso, animada. — Conheço *ele*. É filho da Dulce, dona de um bar na cidade.

— Ele disse que está expandindo os negócios da família, mesmo.

— Coisa boa, mais uma pessoa de Palomino por aqui.

— *Eita, lasqueira!* Cheguei na hora certa. — Encaro a porta que acabou de se abrir e não acredito no que vejo.

— O que *tu tá* fazendo aqui, homem? — falo alto demais e sinto o arranhar na garganta.

— Vim conferir como *tu tá*. Diacho! *Tu* sai de Palomino *pra* quase morrer aqui? — Lucio sorri abertamente.

— Como não me lembrei de *tu*? Tua mãe comentou na época que se casou, que *tava* morando por essas bandas e tinha virado fazendeiro.

— Dolores comentou quem *tu* era. Estive na delegacia para ajudar na

sua procura.

— Agradeço.

— Disponha.

— E onde *tá* a esposa?

— Em casa, cuidando da fazenda, da nossa filha, aquela onça nunca para.

— *Tu* tinha que arrumar uma mulher tinhosa mesmo. — Balanço a cabeça. — Lucio, o grande peão de rodeio.

— E *tu* trate de se cuidar, pois em algumas semanas, teremos um rodeio *pra* aproveitar.

— Com certeza ela, vai. — Maldonado surge pela porta.

— *Eita!* Isso aqui já virou uma festança só.

— Nem diga. *Vambora*, Heitor. Logo o médico chega e expulsa todo mundo — Carlota alerta.

Tanto Carlota como Heitor se despedem, Neto me abraça mais uma vez, o menino é emotivo demais e acho isso fofo.

— Achei que nunca mais veríamos *tu* — Maldonado comenta, ao pegar minha mão nas suas.

— Também achei.

— *Me* desculpa, Tetê, mas eu contei parte da tua história para o xerife, quando soube que era *tu* a mulher desaparecida, precisei fazer alguma coisa.

— Não tem problema. — Engulo em seco.

Isso só serviu para levantar a lebre de que eu era comparsa de Domingos e, agora com ele morto, ficará mais complicado provar o contrário.

— Quando *tu* sair daqui, posso cuidar de *tu*. Vai precisar de alguém pra dar banho. — Solto uma risada, animada, para Maldonado

— Vou pensar na oferta. — Entro na brincadeira.

— Carece não. Ela já tem quem cuida dela. — Meu peito tamborila, desesperado.

O timbre da sua voz me atinge em cheio, um barulho insistente ao meu lado me faz desviar a atenção por um segundo do homem parado à minha frente e vejo algumas luzes piscando.

— *Oxe*, xerife. *Tu* vai matar a *muié* do coração — Maldonado brinca e eu acerto um tapa na mão dele.

O delegado ignora o comentário do meu amigo e vem até próximo da cama, a cada passo o cenho franzido abrandando, mas a cara amarrada se mantém. Sua mão alcança meu rosto e seus dedos quentes acariciam o contorno com leveza e cuidado.

— Como você está?

— Bem. — Encaro seus olhos e sou engolfada pela intensidade que eles transmitem. — Achei que *tu* não viria aqui.

— E por que pensou isso?

— Sou uma suspeita, não é?

— Não. *Tu* foi vítima, Tetê.

— E *tu* acredita nisso.

— Agora eu acredito. — Ele abaixa o tronco e beija minha testa.

Mas quem diabos beija a testa da mulher que fornicava?

— Acho melhor a gente já ir. *Vambora*, Maldonado — Lucio se pronuncia.

Sinceramente, eu já tinha me esquecido da presença deles.

— *Tô* bem aqui. — Maldonado solta um sorriso complacente.

— Anda logo, homem. — Lucio acena com a cabeça na nossa direção, nada sutil.

— *Tá* certo. Fica bem, loira. — Maldonado acena para mim, cumprimenta o xerife e ambos rumam para a porta. — Ah... — ele volta a cabeça para nós —... se comportem e não façam nada que eu não faria.

— Some daqui, Maldonado — brado, com um sorriso nos lábios.

O silencio preenche o ambiente, a máquina que controla meu coração parou de apitar, talvez eu esteja morrendo, vai saber. Encaro o aparelho curiosa e nada mais pisca nele.

— Desliguei, por enquanto.

— E se isso me mantém viva?

— É só um monitor, Tetê.

— Mesmo assim. — Dou de ombros e sinto um leve fisgar. — Ai...

— *Tá* doendo muito?

— Sim. — Sua mão toca o lugar de leve.

— Sinto muito não ter te protegido como deveria.

— Você me encontrou. Isso que importa.

— Isso não devia ter acontecido. Sabia que tinha um ex te procurando, Heitor me contou.

— Aquele linguarudo...

— Deveria ter ficado mais atento.

— Nem *tu*, nem eu, sabíamos que o ladrão da carga era Domingos.

Ele nunca bateu bem da cabeça, levei muito tempo para me libertar do domínio que ele exercia sobre mim.

— Eu sei. Dolores comentou sobre sua vida em Palomino.

— Diacho! Esse povo, mesmo de longe, cuida da vida alheia. — Entorto a boca, descontente.

Não gosto dessa parte da minha vida, as pessoas me olham com pena, como se fosse uma pobre tola por ter acreditado em um homem abusivo e todo errado.

Concordo que fui ingênua no começo, depois me mantive iludida em uma esperança infundada e com isso veio o medo. Tudo me apavorava, principalmente a dúvida de como seria sem ele, uma dependência doentia e alimentada pelo traste, mas que eu dei força.

— Não reclama, que foi essas informações que me fizeram achar *tu*.

— Josias comentou que o filho do prefeito ajudou no caso.

— Sim. Foi um golpe de sorte, não pude chamar reforço, ainda não sei quem estava acobertando o prefeito e Domingos.

— Pois eu sei. — Uma lembrança retorna com força. — Vi um homem com distintivo falar com Domingos a caminho do galpão.

— Quem era?

— Não sei o nome, mas ele tem olhos pequenos, meio aloirado, não é velho e anda bem-vestido — relato tudo que me lembro daquele rápido encontro.

— Cássio... — O xerife se afasta com o celular em punho. — Bento, sou eu, manda Josias aqui para o hospital, preciso voltar a Santino. Achei o policial corrupto.

Ele encerra a ligação e se aproxima da cama, apressado. Matias segura meu rosto com ambas as mãos e me dá um beijo estalado nos lábios.

— O que foi isso?

— *Tu* virou testemunha ocular do caso, diaba. Preciso voltar em Santino e relatar isso à promotoria e meus superiores. Josias vira montar guarda na sua porta.

— Josias? É mais fácil *tu* deixar sua arma, não acha? — pergunto, um pouco alarmada.

— Não se preocupe. Eu volto o quanto antes.

— *Tá certo. Vá logo.*

Abano a mão, dispensando o homem, mas antes de sair, ele segura meu queixo, encara meus olhos por um tempo incômodo, as palavras parecem faltar e, ainda assim, consigo compreender o que quer dizer.

— Eu te espero, xerife. — Sorrio de canto.

— Não demoro. — Seus lábios tocam os meus com suavidade e logo ele está fora do quarto.

Fecho os olhos e respiro profundamente, enfim as coisas parecem começar a entrar nos eixos. Não preciso mais partir de Santino, tenho amigos que se preocupam comigo e, ao que parece, o homem que aquece meus lençóis de forma enlouquecedora resolveu entrar no coração também.

A pegada desse xerife desarmou todas as minhas defesas.



Capítulo 32

"Quem espera sempre alcança"

Tetê

Logo que o xerife saiu, a enfermeira entrou no quarto acompanhada do médico, que explicou todo o meu quadro. Apesar de baleada e com um galo gigante na cabeça, ficarei bem. A recuperação é um pouco dolorosa, terei que usar tipoia e evitar movimentos bruscos, por enquanto.

Farei mais uma tomografia para livrar qualquer resquício de dúvida e até amanhã ele libera minha alta. A enfermeira me ajuda com o banho, a parte boa do hospital particular é esse tratamento de princesa.

— Vou trazer seu jantar. — Ela sorri, antes de me deixar acomodada na cama de novo.

Alguém bate de leve na porta e ao encará-la vejo o mesmo policial que conversou com Dodô entrar. Meu corpo inteiro gela, arregalo meus olhos, vendo-o caminhar cauteloso até mim, com as mãos para trás.

— Quem é você? — Engulo o nó que se forma na garganta.

— Acho que a senhora sabe. — Ele para próximo à cama.

— O que quer aqui?

— Saber do seu estado. Foi uma situação bem complicada, ainda mais sem homens suficientes.

— O xerife não podia confiar em ninguém e ele estava certo.

— Sobre isso, eu...

— Parado! — Ambos olhamos para porta e o guarda Josias empunha uma arma na direção do homem. — Se afaste da cama.

— Isso não é necessário, guarda. Se falar com o xerife...

— Calado! Seu verme traiçoeiro. Veio aqui dar cabo da dona Tetê. Não é?

— Não, eu...

— Não adianta falar, cobra peçonhenta. Você não vai me convencer de nada. Coloque as mãos onde eu possa ver — o guarda grita com o homem e eu me limito a assistir o desenrolar sem ação.

Devagar, o tal Cássio, tira as mãos de trás do corpo e consigo ver um ramalhete de flores em uma delas. FRANZO o cenho, vários questionamentos rondando a situação, mas uma coisa é certa: esse homem não veio me matar.

— Achou que é maior que a lei? — O rapaz dá um passo em direção à cama, a arma ainda apontada para o suposto suspeito.

— Guarda... — chamo baixo.

— Homens como você deveriam se envergonhar.

— Guarda, eu acho... — Tento mais uma vez.

— Em nome da lei, você está preso, seu verme. — O homem usa todo seu esforço viril para decretar a prisão.

— Guarda Josias, o que está acontecendo aqui? — Nós três encaramos a porta escancarada pelo xerife.

— Não se preocupe, xerife, peguei o meliante ameaçando dona Tetê e já lhe dei voz de prisão. — Ele abaixa a arma e caminha até o chefe. — Se puder segurar aqui... — Entrega o objeto para ele, enquanto procura algo no bolso da calça.

— Mas que diacho *tu tá* fazendo, homem? — o xerife brada mais uma vez e ele recua.

— Uai. *Tô* protegendo a testemunha ocular, no caso, a dona Tetê. —

Ele aponta para mim e, sem saber como agir, solto um sorriso contido.

— *Tu* não viu a mensagem que mandei? Cássio não era informante do Domingos.

— Ah, não? — Ambos encaramos o suspeito.

— Não. Não sou. Recebi uma ligação do assessor do prefeito, logo depois da nossa visita em seu gabinete, me ofereceu uma bolada para auxiliar a quadrilha e abafar qualquer vínculo que o ligasse ao roubo. Aceitei para me infiltrar.

— E por que não contou isso para o xerife? — Josias cruza os braços na altura do peitoral magro.

— Pelo mesmo motivo que eu não falei que estávamos mancomunados com o filho do prefeito. — O xerife adentra o ambiente e se aproxima da cama. — Como você está? — Acaricia meu rosto.

— Bem. Devo receber alta até amanhã.

— Isso é bom.

— Eu vim saber como você está, pretendia armar uma emboscada na estrada e capturar todos. O restante da quadrilha ainda está à solta — o tal Cássio comenta.

— E envolvê-la no tiroteio. — Sinto uma nota de raiva no comentário do xerife.

— Era um risco. Assim como sua ação foi. — Ele dá de ombros, como se não fosse importante.

— Minha ação foi de resgate e não captura.

— A finalidade seria a mesma.

— Escuta aqui, Cassio...

— Chega, vocês dois — declaro, alto o suficiente. — Agradeço a visita, delegado Cassio, estou bem e não graças a você. O grande herói nessa confusão toda foi o guarda Josias, que me ajudou no carro e me protegeu agora.

— Mas eu não sou bandido. — Cássio aponta o próprio peito.

— E nós não sabíamos disso. — Encaro o xerife de soslaio.

O homem ao meu lado tem a decência de parecer envergonhado, mas logo em seguida pigarreia e empertiga o corpo.

— O caso agora está em suas mãos, Cássio, minha parte foi feita.

— Sim. Irei anexar as provas que tenho e encaminhar à promotoria, junto ao seu inquérito. Obrigado pela ajuda. — Ele estende a mão e ambos se cumprimentam. — Até mais, dona Tetê. Isso é para você, por sinal. — Ele ergue o pequeno ramallete.

— Agradecida. — Pego o presente.

— Josias, acompanhe o delegado até a saída.

— Ah, tô bem aqui, xerife. — Josias concorda com a cabeça e o xerife bufa.

— Vamos, valente herói, deixa os dois pombinhos terem o momento deles. — Cassio se aproxima do guarda e puxa seu ombro em direção à porta. — Aliás, nós teremos uma longa conversa sobre seu discurso para um delegado.

— Mas eu não sabia...

Ainda podemos ouvir as lamúrias do guarda quando eles passam pela porta. O pobre coitado está em maus lençóis com o delegado.

— Então, ele é um dos mocinhos.

— Sim. Corri para a delegacia fazer a denúncia, foi quando descobri com nosso supervisor da operação.

— No fim, o que você fez acabou atrapalhando tudo.

— Um pouco. Eles não sabiam onde a carga real estava escondida, essa parte ajudou a comprovar a participação do prefeito. Agora, sobre os outros integrantes da quadrilha, realmente dificultou.

— Por que fez tudo isso? — Encaro seus olhos diretamente pela primeira vez desde que entrou aqui.

Sem dizer nada, ele caminha até o canto do quarto, pega uma cadeira estofada e traz até perto da cama. Ao se sentar, seus braços apoiam na beirada e o homem imponente que sempre enxerguei se vai, dando lugar a um contido e talvez envergonhado.

— Eu foquei em você. — Ele segura minha mão ao erguer os olhos, fitando os meus. — Depois de ouvir mais da sua história e finalmente aceitar o que relutava em meu peito, sabia que tinha que te salvar. Foi quando liguei alguns pontos da história e cheguei ao galpão da fazenda.

— É, mas foi o guarda Josias que me salvou — brinco, para aliviar a tensão.

— Na verdade, você se salvou sozinha, diaba. Mande *ele* te soltar e fugir dali o mais rápido possível, então, você quis fazer sozinha e o mandou de volta para me ajudar.

— Era o correto. — Dou de ombros.

— As pessoas julgam suas atitudes extravagantes por não terem a coragem de agir como você, mas mal sabem elas a bondade que carrega aí dentro.

Sinto meus olhos marejarem de imediato, desvio o rosto para o outro

lado, não quero sucumbir ao choro diante dele.

— Não vamos exagerar — solto, ao pigarrear.

— Não é exagero. — Sinto seu dedo tocar meu queixo e delicadamente trazer meu rosto em sua direção. — Você é boa, uma diaba dos infernos que adora mexer com meu juízo, mas tem bom coração. — Ele sorri de lado.

— Vou levar tudo isso como elogio. — Torço os lábios, fingindo braveza.

— acredite. É.

Seu olhar intenso, o rosto cada vez mais próximo de mim, a respiração ofegante, sinto-me presa em uma bolha luxuriosa, ansiando o menor toque desse homem.

Antes dos nossos lábios se consumirem, o vejo umedecer com a língua, então perco a calma e uso minha mão boa para puxar sua nuca de uma vez e devorar sua boca em um beijo saudoso.

Nossas línguas dançam, de forma escorregadia e saborosa, degusto do seu sabor, o coração tão acelerado que dispara o diacho da máquina que controla meus batimentos, mas ambos ignoramos.

O desejo de ser consumida por esse homem, que tem a melhor pegada que já experimentei, e convenhamos, já peguei muita coisa boa por esse caminho, no entanto, com ele sempre foi diferente.

A vontade que nunca tem fim, o sabor viciante da sua boca, seu toque quente e acolhedor, que torna qualquer momento ainda mais envolvente, mesmo que em uma cama de hospital.

— Muito bem, pombinhos. — O clima é quebrado por uma enfermeira. — Vamos conter as emoções, dona Maria Tereza.

— Difícil, com um *homão* desse do lado. — Limpo o canto da boca, enquanto o xerife se afasta com um sorriso maroto.

— Concordo. — Ela mira o homem dos pés à cabeça.

Quem pode julgá-la, afinal. Ele é um pecado ambulante.

— Vou ligar para a Carlota e pedir para deixar as coisas em casa tudo ajeitado para te receber.

— A minha casa, *né?*

— Não. A minha.

— Eu vou *pra* minha casa, xerife.

— Diacho. *Tu* precisa de cuidados.

— E *tu* vai ser o enfermeiro? — Sorrio abertamente.

— Queria eu estar de cama — a mulher comenta, enquanto fuça nos aparelhos ao meu lado.

— Engraçadinha, você.

— Sim. Mais engraçado será eu conviver com a tua ex sob o mesmo teto. — Lembro-me da lambisgoia acampada na casa dele.

A enfermeira arregala os olhos para mim, aceno em concordância e ela resolve sair para nos dar privacidade.

— Ela já partiu.

— Mesmo? Não foi isso que ela disse, em sua última visita no café.

— Tem mais de uma semana isso. Acredite, ela foi embora.

— Um problema a menos.

— Não quer ficar na minha casa por quê?

— Porque eu tenho a minha. Diacho! Não preciso ser cuidada por

homem nenhum — respondo, a contragosto.

— E como vai tomar banho, se alimentar e ainda cuidar das coisas? Precisa de ajuda, Maria Tereza.

— E *tu* precisa cuidar da sua vida, xerife — respondo, atravessado.

Odeio que me digam o que fazer, já me livrei de um traste — que Deus o tenha —, não preciso de outro achando que me controla.

— Acontece que eu quero cuidar de *tu*. — Ele se aproxima de novo, devagar. — Quero fazer as coisas por *tu*. — Mais um passo, está rente à cama. — Preciso ter meus olhos e corpo ao seu alcance. — Sua mão cobre a minha. — Saber que você faz parte da minha vida e que cuidamos um do outro.

Sinto lágrimas indesejadas surgirem nos olhos, evito piscar e encaro para o teto a fim de conter as intrometidas. Não sei quando fiquei tão molenga desse jeito.

— *Tu* não era *bão* com palavras antes.

— Sou bom com muita coisa, diaba. É só *tu* deixar eu te mostrar. — Ele aproxima o rosto do meu e torna a capturar meus lábios.

Primeiro com um mordisco suave, depois sua língua abrindo passagem de forma delicada, circulando a minha, compassado e atento, sentindo cada parte do beijo.

— Se isso envolver sexo, podemos negociar — findo o beijo e falo, ainda colada em seus lábios.

— Então *tá* tudo resolvido, diaba. Porque, com certeza, isso vai envolver sexo no começo, meio e nunca terá fim.

Eita, lasqueira!

Torno a beijá-lo, agora sem a calma, somente o tesão louco que ele me desperta, seguro sua nuca e puxo eu corpo para cima do meu. Suas mãos apoiam de cada lado da cama, sustentando o próprio peso, para não me machucar, o que pouco me importa agora.

Um dia pensei que havia encontrado o amor, puro e genuíno, me iludi nas promessas de alguém que só me fez mal, demorei tempo demais para despertar, encarar a realidade e, principalmente, ter a coragem de seguir adiante.

Assumir quem eu era, uma mulher liberta, sem preconceitos, livre e bem-resolvida com seu corpo e mente, costuma assustar as pessoas e com esse homem não foi diferente.

O xerife está mudado, ainda carrega a rabugice de costume, isso faz parte dele, mas aquele muro que mantinha erguido se desfez. Ele me quer por quem eu sou, está disposto a assumir não só uma mulher, mas sim toda a forma que ela escolhe ser.

Não imaginei que a noite, de anos atrás, me traria diante do homem que estaria disposto a lidar com quem eu sou. Certa ou errada, ele me quer por completo.

— Parece maluquice — ele se afasta, buscando ar —, mas eu sonhava contigo antes mesmo de colocar meus olhos em *tu* na rodoviária. — Sua mão segura meu rosto com delicadeza.

— *Né* maluquice, não, homem. Nosso enrosco começou há três anos, quando *tu* passou no bar da Dulce, em Palomino.

— Eu... — Ele enrugou o cenho, buscando na memória as lembranças. — Não consigo me lembrar disso.

— Acredite. Tudo que *tu* lembra aconteceu, e muito mais. — Sorriu,

safada. — Foi uma noite quente e ali eu me rendi na sua pegada, xerife.

— *Tu* é uma safada, diaba. Por que não contou isso antes?

— *Tava* com a boca e mãos ocupadas. — Balanço as sobrancelhas.

— Te prepara, vai ter muita ocupação quando sair daqui.

— Não esperava menos de *tu*.

Não sei o que vai dar disso tudo, mas uma coisa é certa: em Santino encontrei amigos, desafetos, resolvi meu passado conturbado e reencontrei o único homem capaz de aguentar meu jeito.

Isso é para poucos, ele tem que se sentir lisonjeado com o privilégio.



Epílogo

"Quem não chora não mama"

Tetê

Seguro com firmeza o pano do vestido que está embolado em minha cintura, enquanto a outra mão sustenta meu corpo em torno do tronco que escoro as costas.

Sinto meu ventre contrair, sei que estou perto e, a melhor parte de onde estamos, é que posso gritar ensandecida que ninguém vai me ouvir.

Meus olhos encontram os dele, uma perna sobre seu ombro, enquanto sua boca trabalha fervorosa no meu prazer, fecho os olhos e gemo alto seu nome quando o orgasmo rasga pelo meu ventre.

— Diacho! Foi rápido — ele declara, assim que termina de me chupar e volta a calcinha no lugar.

— Acho que o risco do lugar me deixou mais acesa, xerife. — Beijo sua boca, degustando do meu próprio sabor.

— Temos que voltar para a festa.

— E eu achando que *tu* ia terminar o serviço. — Torço os lábios, descontente.

— Até quero, mas *tu* vai ter que se dar por satisfeita agora. Mais tarde, minha algema te aguarda na delegacia.

— *Eita... disgrama.* — Termino de ajeitar o vestido, enquanto as lembranças da sua algema animam meu fogo.

— Promessas... — Saímos de mãos dadas pela lateral da arquibancada.

Fomos convidados para subir na área vip com a família de Lucio, foi

ali que reconheci Babi, ex-namorada de Guilherme, que se casou com o peão que era funcionário dele.

Depois que saí do hospital, o xerife conseguiu alguns dias de folga e ficou na minha casa cuidando de mim, até eu conseguir me virar sozinha. Voltei a trabalhar algumas semanas depois, sem fazer grande esforço, mas feliz de sair da clausura.

Estamos nos dando muito bem, nosso relacionamento se resume a sexo, provocações, algumas alfinetadas e muito chamego por ambas as partes.

Claro que ele não perde a pose de delegado linha dura, mas comigo, o homem se derrete todo, apesar de ainda não termos dito aquelas palavrinhas especiais, estamos vivendo um passo de cada vez.

Está mais para pernada, é certo, já que não dormimos uma noite separados, seja na minha casa ou na dele. Algumas vezes, ele joga na conversa sobre morarmos juntos, economizar gastos, mas eu desconverso.

Quero isso não. Está bom demais desse jeito.

— *Vamo pro* palanque, que o guarda Josias vai entrar.

— Acho isso um disparate.

— Deixa o rapaz ser feliz. Já viu a quantidade de pretendentes que ele tem?

— E ainda estica o olho *pra tu*. — Solto uma risada ao ver o olhar descontente do xerife.

— Deixa de ser enciumado. Josias é como um irmão *pra* mim.

— Imagina só a mãe dele como tua. — Estremeço o corpo na mesma hora.

— Deus é pai. Quando ela me visitou, achei que tinha colocado veneno no bolo de fubá.

— Por isso me fez comer primeiro? — Ele aponta para o próprio peito.

— Claro.

— Diacho!

Subo as escadas que dão acesso ao palanque com rapidez, entro no ambiente e cumprimento Dolores, que cuida de duas crianças, vejo mais distante a Babi conversando com a esposa do seu Edmundo e Maldonado, que caminha até mim com aquele típico sorriso feliz.

— Loira, como *tu tá* linda.

— Mas não é *pro* teu bico. — Sinto o corpo gigante do xerife se aproximar ao meu.

— *Eita*, homem. Acalma o coração.

— E quando começam as montarias? — pergunto, animada.

— Depois do desfile da rainha do rodeio, ao lado do herói de Santino.
— Tanto ele quanto o xerife bufam no fim da frase.

— Deixa o rapaz. Isso é inveja.

— *Tu* sabe tanto quanto eu que ele não te salvou, diaba — o xerife fala mais baixo, para que só nós três possamos ouvir.

— Aquilo ali não salva nem passarinho que caiu do ninho — Maldonado, graceja.

— Pois salvou, sim. Duas vezes, ainda.

— Pelo amor de Deus, ele apontou a arma para um delegado.

Quando penso em algo para responder, sinto um cutucão no ombro e

viro surpresa ao reconhecer o rosto do moreno mais lindo de Palomino.

— Tadeu! — Salto e pulo em seu pescoço, que me roda no lugar.

— Sabia que conhecia *tu*.

— Pela bunda, seu safado? — Dou um tapa no seu ombro.

— Claro.

— Diacho! Dá *pra* soltar *ela*? — Ouço a voz mal-humorada do xerife.

— E quem é *tu*? — Tadeu me coloca no chão e estende a mão para o homem.

— Sou o homem dela. — Ele aceita o cumprimento.

— *Tá* de ferradura, Tetê? — Tadeu questiona, desacreditado.

— *Oxe!* Claro que não. Se tem uma coisa que não faço mais, é casar.

— *Tá* doida, diaba? — O xerife me encara, desacreditado.

— Sou o novo dono do bar da cidade. Quando puder, passar por lá...

— Pode deixar, que eu vou sim.

— É... nós vamos — o xerife declara, ao puxar meu ombro para próximo dele.

— *Eita*, que o guarda *tá* bonito — Maldonado chama nossa atenção para a arena.

Sob aplausos, fogos de artifício e ovações acaloradas, o guarda Josias entra na arena, acompanhado da rainha do rodeio e acena para todos de forma imponente.

Fico tão feliz por ele, o rapaz é atrapalhado, meio desengonçado, mas tem bom coração e merece ter seu momento de glória.

— Então *tu* só *tá* me enrolando, diaba? — Ouço a voz baixa e rouca

do homem que me enlouquece, bem próximo do ouvido.

Suas mãos deslizam pela minha cintura e pairam na barriga, sua arma cutuca minha lombar e posso apostar que não é a que ele usa para pegar bandidos.

— Posso dizer o mesmo de *tu*. — Encolho os ombros, mas um sorriso zombeteiro alcança meus lábios.

— Diacho! O que mais eu preciso dizer ou fazer *pra tu* entender que te quero na minha vida? — Seu tom é quase indignado.

Giro no lugar, enlaço seu pescoço com um sorriso radiante para o tormento que vejo em seu rosto.

— *Tu* nunca disse que me ama, xerife.

— E nem *tu* — ele devolve.

— Então ficamos assim, uai.

— Mas se eu disser, *tu* vai pensar em juntar os trapos comigo, diaba?

Pendo a cabeça de lado e miro os olhos mais penetrantes que já pousei. É quase como ímã que atrai sem qualquer resistência para si.

— Não precisamos ir tão longe, xerife. Uma coisa de cada vez.

— *Tu tá* me enrolando, loira. — Vejo o canto da sua boca erguer.

— Promessas... — Pisco um olho e aceito seu beijo esfomeado.

A festa foi linda, Josias se tornou o homem mais cobiçado em Santino, o xerife cumpriu sua promessa sobre as algemas na delegacia e dormi na minha cama, aconchegada no seu peito quente e forte e ouvindo sua voz baixa dizer que me amava, quando pensou que já tinha dormido.

Deixei de viver por rótulos há muito tempo, mas confesso que a pegada desse homem me fez enxergar que é sim possível dividir o caminho

com alguém, sem ser anulada no processo.

FIM

Sobre a Autora



Agatha Santos, casada, sem filhos, umbandista na alma e no coração. É natural de Taubaté, interior de São Paulo.

Formada em Administração de Empresas, ex-gerente administrativa no ramo de varejo de combustíveis e atualmente trabalha como escritora.

Sempre gostou de leitura, mas sua paixão se enraizou com a Série Cinquenta Tons. É uma devoradora de romances eróticos e há algum tempo descobriu o encantamento pela escrita.

Suas obras trazem uma temática leve e regada de comédia, hoje conta com mais de 9 títulos publicados, todos disponíveis na Amazon.

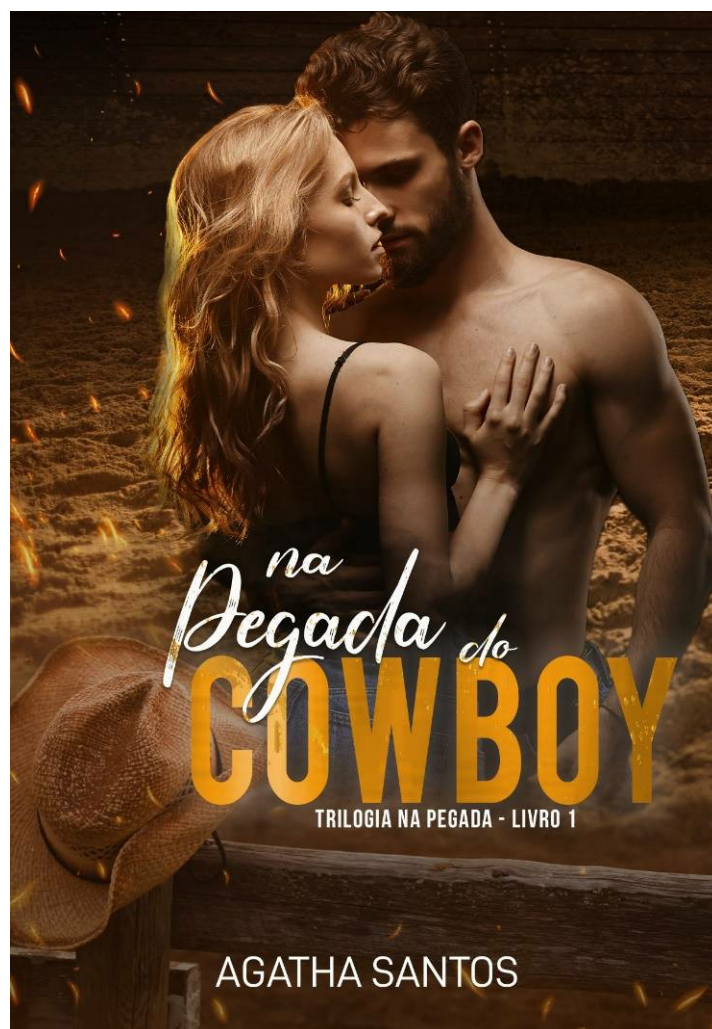
A frase que leva para a vida: “Se você sonha, você pode fazer.”

Me siga nas redes sociais!

Instagram: [Ágatha Santos \(@agathasantosautora\)](#)

Facebook: [Ágatha Santos | Facebook](#)

Outras Obras



Na Pegada do Cowboy:

<https://amzn.to/3iBomzZ>

Sinopse: Uma decepção amorosa levou o peão de Palomino, Lucio, para caminhos gloriosos e bem distantes da cidade natal.

Depois de cinco anos como peão de montaria profissional, dois títulos mundiais conquistados, Lucio retorna para o Brasil com a proposta de competir em um novo circuito, na cidade de Santino.

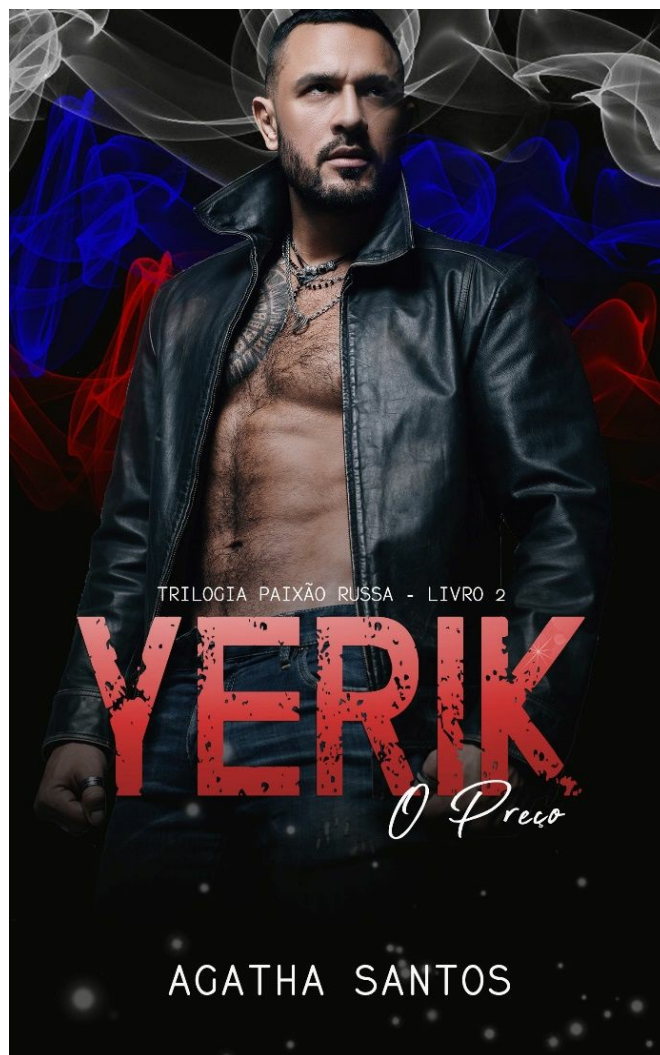
O que ele não esperava era encontrar com a mulher que lhe proporcionou uma noite quente dentro de um carro e a tempestade como testemunha.

Barbara, uma mimada, herdeira de um império do agronegócio, é forçada a retornar da capital para ajudar seu pai a promover o torneio de montaria em que é patrocinador.

Como rainha da competição e Lucio a estrela principal do evento, são obrigados a manter bom convívio perante todos, mas nos bastidores se provocam e engalfinham a cada chance.

O desejo cresce na mesma proporção que a implicância e ambos precisaram entender o que realmente sentem um pelo outro.

Será que a pegada do cowboy é capaz de domar a dona onça?



Yerik: O Preço:

<https://amzn.to/30YyRn0>

Sinopse: Como traçar planos para a vida, quando ela só lhe atribui o peso do passado? De que forma você enxerga esperança onde o preço dos seus atos custou alto demais?

Um homem marcado pelo preço das suas escolhas.

Yerik conseguiu reerguer a vida e tornar-se um empresário de sucesso em Moscou. Reinaugurou o bar que herdou do pai e o transformou no Clube Lenusya, uma boate badalada e com entretenimento adulto.

Seu passado é complicado, filho de cafetão, abandonado pela mãe, seguiu o caminho errado até perceber que isso influenciava seu irmão mais novo, Mickail.

Nunca foi adepto a relacionamentos, ultimamente sua vida é pautada em viver para o clube e se divertir vez ou outra com uma das dançarinas. Em um desses momentos tórridos, ele conhece Katrina, que caiu de paraquedas em sua vida, um engano cometido por ele desperta a ira da mulher e isso não poderia ser mais encantador a seus olhos.

Impetuosa, sensual e atrevida, Katrina contradiz tudo que uma russa dentro dos padrões deveria ser. Aos 23 anos, está no momento certo para pensar em casamento, algo muito comum na Rússia, mas inaceitável nos seus objetivos.

O fato de sempre se colocar à mercê do perigo, leva Katrina direto para os braços de Yerik. Uma relação tortuosa começa da forma mais contraditória, quase irreal, mas perfeita em sua mente perturbada.

Na vida, tudo tem um preço, chame de cobrança divina, vontade do destino, mas o que tem começo, precisa de fim e, eles não faziam ideia do quanto suas escolhas os levariam de encontro ao acerto de contas.



Pai& Solteiro& Chefe& Fofo:

<https://amzn.to/2KZ7Jj6>

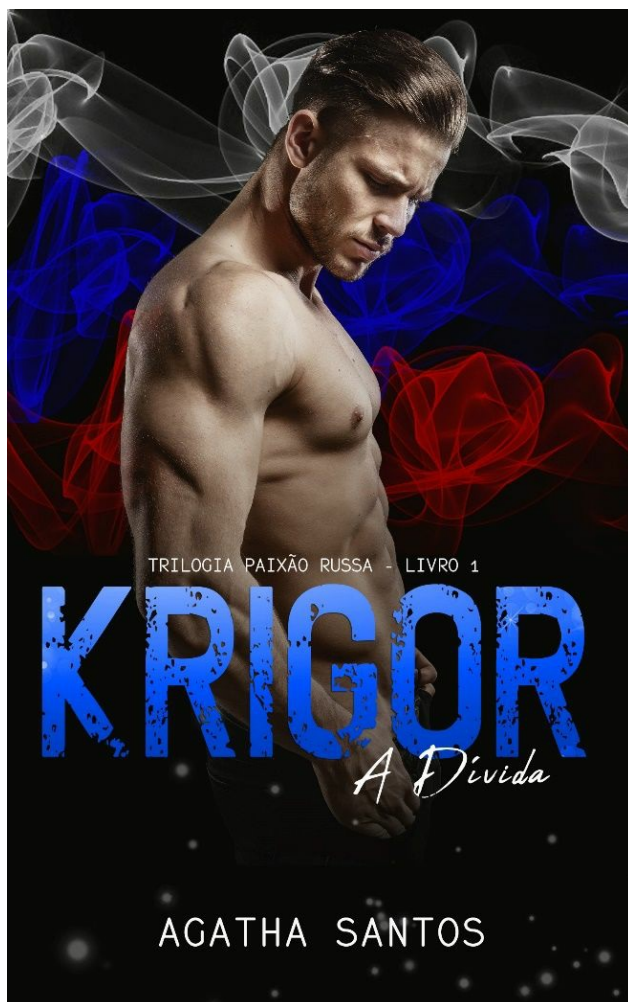
Sinopse: Túlio é um homem com valores familiares bem arraigados, que tem duas paixões em sua vida: o trabalho e seu filho, Thales.

Convencido de que sua missão é cuidar do seu pequeno garoto, Túlio divide sua rotina entre comandar a PROPAGUE, ao lado do seu amigo desde a faculdade, Álvaro, e criar seu filho da melhor forma para que ele cresça feliz e saudável.

Um envolvimento amoroso está fora de questão, isso interferiria no relacionamento com Thales e ele jamais permitiria que o pequeno fosse colocado em segundo plano.

Quando Isadora, uma publicitária linha dura e muito competente é contratada para suprir a alta demanda que a agência se comprometeu, a vida do pai zeloso se torna conturbada.

Sua rotina como pai sofre um imprevisto, a vida de solteiro está uma vergonha de tão monótona, a empresa exigindo muito dele e nesse turbilhão, ele só consegue pensar em como conquistar a morena que lhe encantou.



TRILOGIA PAIXÃO RUSSA - LIVRO 1

KRIGOR

A Dívida

AGATHA SANTOS

Krigor: A Dívida

<https://amzn.to/39M5tEh>

Sinopse: Como traçar planos para a vida, quando ela só lhe atribui obrigações? De que forma você enxerga esperança onde o preço dos seus atos custou alto demais?

Krigor nunca se apegou a ninguém. Impetuoso e destemido, cumpria o carma de lidar com as consequências de suas ações imprudentes no passado, no entanto, o olhar desafiador de Sacha tirou seu sossego.

Há alguns anos, Sacha aceitou seu destino de viver para trabalhar, uma rotina cansativa, monótona e entediante, mas necessária, para ajudar sua família que dependia exclusivamente de seu ganho.

A vida lhe impôs essa condição e resignada, simplesmente aceitou, até ventos perturbadores soprarem a presença de um lutador inconveniente para agitar sua rotina.

O temperamento parecido fez ambos se desafiarem desde o começo e, uma ação imprudente, coloca em risco a garota por quem Krigor se encantou e ambos tem o destino completamente mudado.

No mar de acontecimentos, ele tentando protegê-la e ela querendo desvendar todo seu mistério, chegarão a um pesado dilema: algumas dívidas são pagas em valores que dinheiro algum pode comprar, no entanto, é bom estar ciente do quanto está disposto a perder.



Se Entregando ao Amor + Uma Quadrilha em Vegas (Box e Conto):

<https://amzn.to/2xKML12>

EXPLOSIVA & ARROGANTE – LIVRO 1

Vega Velasquez, uma mulher linda, forte, inteligente e decidida, que sempre soube o que quis da vida, que é tornar-se a CEO na empresa do seu pai.

Antônio Machado, CEO, lindo, sexy, gostoso e muito arrogante. Ele sempre gostou de ter controle de suas emoções e não se deixava levar por uma vida de aventuras.

O encontro deles não começou bem.

Podem duas pessoas com personalidades tão fortes, se permitirem viver um grande amor?

OBSTINADO & ATREVIDA – LIVRO 2

No auge dos seus vinte e oito anos, Aldria Garcia jamais imaginou viver as confusões que a cercam. Dona de uma boca muito atrevida, uma personalidade marcante e um corpo avantajado, ela se vê confusa e atrapalhada, quando o grande amor de sua vida resolve que a quer de volta.

Um homem obstinado e de opinião determinante, Júlio Gouvêa, após sete anos longe da mulher de seus sonhos, resolve que é o momento de

resgatar o amor perdido.

Entre confusões e mal-entendidos, eles constroem sua história à base de muitas risadas, algumas incertezas e uma boa dose de erotismo.

PETULANTE & INSENSÍVEL – LIVRO 3

Caio Alencar Barreto, ex-Oficial da Marinha Brasileira, um homem de caráter e opinião concisa.

Dono de uma firma de segurança e braço direito de Antonio Machado, ele leva sua vida de forma direta, sozinha e sem perspectivas para ter um relacionamento.

Amanda é apaixonada por dança e nutre um grande amor por Caio, desde adolescente.

Ela sempre fez questão de provocá-lo com sua boca petulante e seu jeito menina-mulher, mas não imaginava que seu grande amor poderia se revelar totalmente avesso aos seus sentimentos.

Quando o desejo grita em ambos, os conflitos começam.

DOCE & LIBERTINO – LIVRO 4

Um homem convicto de sua vida desregrada, Olavo Gouvêa tem tudo que almeja aos seus pés. Mulheres, dinheiro, poder e a promessa de assumir a cadeira do império dos Gouvêa.

Tudo cai por terra quando sua família o pressiona para mudar seus hábitos nada discretos.

Sua única saída é convencer a pessoa que ele mais magoou, devido a

sua vida promiscua, a ajudá-lo com a pressão familiar.

Lola, a menina do interior que conseguiu a duras penas conquistar seu espaço no mercado de trabalho, se encontra linda, forte e determinada em perseverar na vida. Só há um porém: ela não consegue esquecer seu amor descabido por Olavo.

Em um pedido nada convencional ela vê a oportunidade de mostrar ao cafajeste do ex o que ele perdeu. Mas ela será capaz de fazer isso sem envolver seus sentimentos e coração?

Com muitas confusões, negações e doses cavalares de humor, venha conferir o último livro da série Se Entregando ao Amor.

BÔNUS - UMA QUADRILHA EM VEGAS

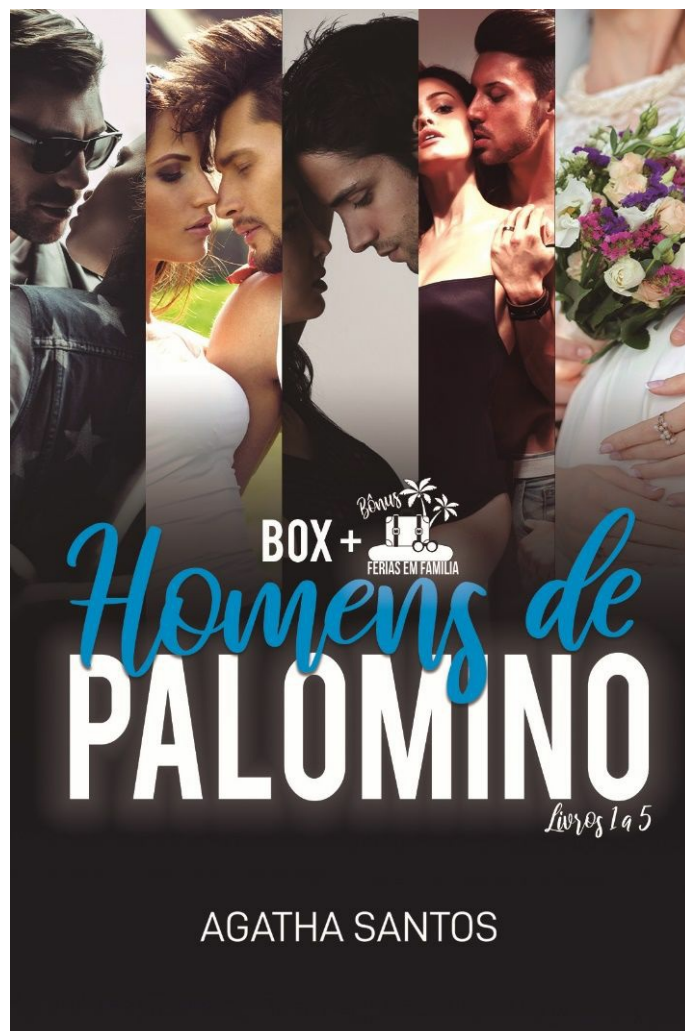
Cinco anos se passaram e a vida não poderia estar mais perfeita para todos aqueles casais. Ou será que não?

Casa, filhos, maridos dominantes e esposas tão temperamentais, fez cada uma deles questionar o quanto ainda mereciam aproveitar a vida.

Numa decisão impulsiva, Vega; Aldria; Amanda; Lola e Lucca, embarcam para Vegas a fim de respirarem um pouco e sair da rotina de suas vidas.

Quando a vida começa a cobrar o preço das responsabilidades, eles arrumam um jeito de bagunçar tudo e fazer os maridos ficarem loucos e desesperados.

Se a entrega ao amor foi verdadeira, agora é chegado o momento de ver o quanto é resistente.



Homens de Palomino:

<https://amzn.to/393PNx0>

Sinopse: Esta obra compõe os cinco livros da série Homens de Palomino e conta com um bônus da família Queiroz anos depois.

Detestável Para Mim - livro 1

Perfeito Para Mim - livro 2

Criado Para Mim - livro 3

Eterno Para Mim - livro 4

Devotado Para Mim - livro 5

BÔNUS

A vida em Palomino não poderia estar mais perfeita. Os cobiçados Queiroz continuavam casados, procriando e felizes com a nova família formada.

Em se tratando das filhas de dona Lélia, nem tudo eram flores, havia momentos, vários deles, que prefeririam estar a quilômetros de distância dos maridos, ora por motivos sérios, ora por puro charme e provocação.

Quando um dos casais programa uma viagem de férias para a família, tudo poderia ser perfeito, da forma que planejaram por meses, mas privacidade é algo não muito respeitado entre o bando, assim como os segredos.

Bem-vindos às férias em família dos Queiroz, mesmo que a contragosto de um ou outro.

-
- [1] **Alugar** - com o mesmo sentido de conversa fiada.
- [2] **Manguaça** — Termo usado para dizer que uma pessoa está bêbada.
- [3] **Baú** – o mesmo que ônibus.
- [4] **Mocorongo** - é aquela pessoa boba, distraída.
- [5] **Trupica** - é o mesmo que tropeçar.
- [6] **Tem base** — o mesmo que “Pode uma coisa dessas?”.
- [7] **Catilanga** — mulher feia.
- [8] **Ferradura** – anel de compromisso.
- [9] **Arribou** – Subiu.
- [10] **Arredo** – Arrastar, tirar.
- [11] **Bota** – o mesmo que colocar.
- [12] **Custoso** — algo difícil.
- [13] **Sova** — o mesmo que apanhar.
- [14] **Pegar no batente** — o mesmo que trabalhar.
- [15] **Carquei** — enfiei.
- [16] **Encrespar** — brigar, encrencar.
- [17] **Viola em caco** — uma situação complicada.
- [18] **Salteadores** — ladrões, assaltantes.
- [19] **Põe** — o mesmo que colocar.
- [20] **Bandas** — o mesmo que “para sua região”.
- [21] **Aporrinhado** — aborrecido, afligido.
- [22] **Pivete** – criança.
- [23] **Dá ponto sem nó** — Não fazer nada de forma desproposital, não fazer coisas sem segundas intenções.
- [24] **Carece não** — o mesmo que “não precisa”.
- [25] **Arrocha** — dança.
- [26] **Se lasquem** — Dar-se mal, ficar no prejuízo, levar ferro.
- [27] **Meter o pé** — Sair, partir, afastar.
- [28] **Peia** — surra.
- [29] **Apertume** — Muito apertado.
- [30] **Tome teu rumo** — vá embora.
- [31] **Jeito maneira** — o mesmo que “de jeito nenhum”.
- [32] **Mané Pelado** — bolo tradicional feito com mandioca.

- [33] **Carco** — enfiar, colocar, pôr.
- [34] **Escafedeu-se** — O mesmo que fugir, safar, esgueirar, escapulir, desaparecer, evadir.
- [35] **Paia** — sem graça.
- [36] **Num dô conta** — Não consigo.
- [37] **Tirar água do joelho** — ir ao banheiro.
- [38] **Rodeia** — Dar volta.
- [39] **Mocorongo** — é aquela pessoa boba, distraída.
- [40] **Sandice** — qualidade ou caráter de quem age ou fala como um tolo ou como um simplório.
- [41] **Encucada** — que se deixa dominar de maneira obsessiva por uma ideia fixa, por uma preocupação; cismado, desconfiado, preocupado.
- [42] **Apiar** — o mesmo que descer.
- [43] **Desenxabido** — envergonhado, sem graça, sem gosto, aborrecido, desanimado, triste.
- [44] **Pingado** — café com leite.